

Páginas de Vida Cristã



do Venerável Servo de Deus

Pe. Gaspar Bertoni

**FUNDADOR DOS PADRES DOS SAGRADOS
ESTIGMAS DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO**

Edição e adaptação para o Idioma Italiano moderno:

Pe. Giuseppe Stofella, CSS – 1947

Edição Eletrônica – 4 de Julho de 2005

Com última revisão em 23/07/2005

Dados da Obra original em Italiano:

Título:

Pagine Di Vita Cristiana

Impressão:

Romae, die II Octobris 1947
Nihil obstat.
S. Natucci Fidei Promotor Gen.

Nihil obstat quominus imprimatur.
Vicetiae, die 31 Octobris 1947
Can. Candidus Giacomello - R. E.

IMPRIMATUR
Vicetiae, d. IV Nov. 1947
Franciscus Snichelotto - V. G.

Officina Tipografica G. Stocchiero - Vicenza, Via Carpagnon, n° 5

29 de novembro de 1947

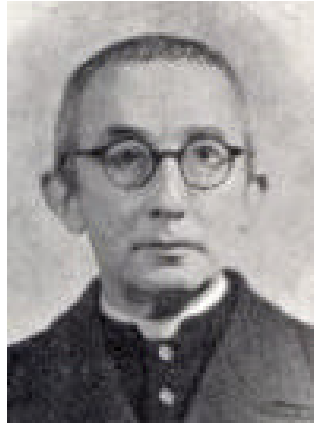
Dados da Tradução para a Língua Portuguesa:

Tradutor:

Pe. Benedito Andrade Bettini, CSS
1992

Editoração Eletrônica:

Pe. Ésio Fernando Juncioni, CSS
1995

DADOS DO EDITOR

Pe. Giuseppe Stofella, CSS nasceu em Aldeno, Província de Trento, na Itália, no dia 13 de novembro de 1885. Foi ordenado sacerdote em Verona no dia 8 de novembro de 1909.

Foi certamente um dos maiores Historiadores Estigmatinos. Dotado de prodigiosa inteligência, Pe. Stofella sempre trabalhou no campo histórico, e especialmente em favor da Causa do nosso Fundador.

No final de sua juventude, revelou um extraordinário talento musical.

É autor de grandes obras-primas, como a "***Collectanea Stigmatina***", "***Vita del Fondatore***", editor do "***Epistolario***" do Fundador e "***Pagine di Vita Cristiana***".

Faleceu em San Leonardo, Verona, no dia 22 de março de 1966, nove anos antes de ver realizado o mais belo fruto de seu trabalho: a Beatificação de nosso Fundador.

Podemos encontrar maiores informações sobre Pe. Giuseppe Stofella e demais confrades falecidos no website: www.confrades.com.

ÍNDICE

PREFÁCIO	6
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	9
PRIMEIRA PARTE	10
I O desapego do coração dos falsos bens terrenos	10
II Em que consiste a verdadeira felicidade da nossa vida	15
III Quão feliz é o nosso estado na Lei Evangélica	19
IV A liberdade do pecado e do Demônio	24
V O desespero de converter-se	27
VI A conversão deixada para o momento da morte	33
VII O pecador emudecido pela vergonha convidado à confissão	38
VIII A morte está próxima	43
IX A morte é terrível para cada homem	49
X O Juízo universal	55
XI O fruto suavíssimo da penitência	61
XII A Comunhão freqüente	66
XIII Perseverança	72
XIV A beleza da graça	77
XV Os benefícios divinos	83
XVI A soberba	88
XVII A humildade	92
XVIII O temor de Deus	97
XIX A pureza	102
XX O amor para com Deus	107
XXI A caridade para com o próximo sugerida pelo exemplo de São Luiz Gonzaga	111
XXII Amor e respeito aos ministros de Deus	116

XXIII	As almas do Purgatório	120
XXIV	A devoção	126
XXV	O culto exterior	130
XXVI	As Bem-aventuranças	136

SEGUNDA PARTE **142**

I	O Advento de Nosso Senhor Jesus Cristo	142
II	O SS. nome de Jesus	147
III	O SS. nome de Jesus	152
IV	Epifania - A regra do nosso pensar e agir	157
V	Preparação à Santa Páscoa - o jejum quaresmal deve ser encarado com alegria	163
VI	A Paixão	167
VII	A santa Páscoa - Vida espiritual	178

TERCEIRA PARTE **183**

I	Festa da Transladação da S. Casa de Loreto - Graças à Nossa Mãe Maria, o nosso coração tornou-se templo de Deus	183
II	O nome de Maria	189
III	A pureza de Maria	195

PREFÁCIO

O Venerável Servo de Deus Pe. Gaspar Bertoni nasceu em Verona aos 09 de Outubro de 1777, onde foi ordenado sacerdote aos 20 de setembro de 1800, e morreu aos 12 de junho de 1853.

Sua ação foi desenvolvida contra os imensos danos que a grande Revolução, despejada entre nós com os escritos e os exércitos franceses, já havia produzido ou estava produzindo; ação calma e tranqüila, mas incansavelmente destinada a reavivar ou formar na juventude e em todo o povo o espírito e a prática da verdadeira vida cristã, e a promover com todo cuidado a renovação e a santificação do Clero.

Em 1802 iniciou em sua paróquia natal (S. Paulo in campo Marzio) o primeiro Oratório-Recreativo Mariano; em 1816, um segundo na paróquia de S. Firmo Maior; em 1819 um terceiro na igreja dos Estigmas de S. Francisco; Oratórios que foram regra e norma dos muitos outros que naqueles anos chegaram a cobrir quase toda a diocese, não raramente pelo trabalho do Servo de Deus, muitas vezes por seu conselho, sempre pelo seu exemplo. Por isso em Verona ele foi considerado e chamado por todos "Pai dos Oratórios Marianos".

Um verdadeiro e especial apostolado entre o Clero, o Servo de Deus exerceu no meio dos seminaristas e sacerdotes companheiros desde os primeiros anos do seu sacerdócio. Mas depois de 1810, isto, devagar, se tornou, debaixo de vários títulos e formas, quase um ministério oficial.

Pregador de Exercícios e Retiros Espirituais de fundo estritamente Inaciano, orientador de meditações e de catequeses festivas, enfim diretor espiritual do Seminário diocesano e examinador oficial das vocações eclesíásticas, encontrou-se naturalmente, ao menos de tempos em tempos, a cuidar também do restante do Clero. E o Clero, começando dos Bispos, não parou de recorrer a ele, vendo-o sempre até o final como "O Anjo do conselho" nas mais delicadas circunstâncias.

Cuidou incansavelmente do povo em geral" com todos os ministérios eclesíásticos, especialmente com os Exercícios espirituais, também em forma de solenes Missões: atividade que lhe obteve de Roma (1817) o título de Missionário Apostólico.

Mas desde 04 de novembro de 1816, ao lado da igreja - então fechada e em péssimo estado - dos Estigmas de S. Francisco, ele havia silenciosamente iniciado um Instituto Religioso de Padres que se chamavam dos Estigmas, exatamente com a finalidade precisa de Missionários Apostólicos a serviço dos Bispos: compreendendo na Missão apostólica todo ministério eclesíástico, exceto as dignidades, as residências, o cuidado perpétuo de pessoas e de freiras; porém

escondendo tudo aos profanos com o exercício legal de um ginásio absolutamente gratuito para os filhos do povo.

Restaurou e depois abriu ao culto a igreja, construiu um oportuno convento, dotou-o de biblioteca e patrimônio, tudo por conta própria, recusando heranças e ofertas espontâneas; compilou constituições adaptadas, e, sobretudo, educou e formou seus religiosos de tal modo que foram qualificados como edificação e exemplo de toda cidade, "e o espelho e flor" e "a pérola escondida da igreja de Verona".

Colaborou ativamente com o conselho e o trabalho da instituição ou restauração em Verona e fora, de muitos outros Institutos. Enfim foi universalmente considerado o oráculo da cidade.

Foi provado muitas vezes por longas e mortais enfermidades. Sofreu em uma perna mais de duzentas intervenções cirúrgicas e tratamentos dolorosíssimos. Sua última doença, podemos dizer que foi de onze anos; nos três últimos dos quais, jamais pôde sair da cama; ao contrário, ficou nela pregado, em absoluta imobilidade.

Enfim, quando morreu, a voz em Verona foi uníssona: "Morreu um santo: Bertoni é um santo". O seu duplo enterro dos Estigmas à igreja paroquial, e, depois de treze meses, da paróquia aos Estigmas, onde hoje seu corpo descansa, transformou-se em duplo triunfo.

Seu espírito rescinde das frases que lhe foram familiares: "Não prevenir, mas sempre seguir o Senhor". Humildade e discrição: "Escondidos, escondidos", e a frase dos garotos caçando grilos: "Buraquinho e toquinha": pois a Pe. Gaspar foi sempre caro o retiro habitual da alma no fundo de um buraco ou de uma toquinha de grilo. E em todas as circunstâncias: "Bendito seja Deus!" E "mesmo debaixo de facas e bisturis 'Bendirei ao Senhor em todo tempo': basta que Ele seja servido, e isto me basta". De fato "a presente vida, além de servir a Deus e padecer por Ele, vê-se por experiência que não tem outros atrativos que empenhem nossos desejos" E pregado no leito: "Eis-me aqui - dizia - na escola": "na escola que o Senhor se digna dar-me". E sempre: "Confiemos, que é uma bela confiança, confiemos em Deus que tudo pode". A espiritualidade de Pe. Gaspar pode-se resumir no absoluto despojamento de si mesmo e na prática atual, em tudo, no santo abandono ao beneplácito do Senhor.

* * *

As páginas que apresentamos aos leitores são extraídas das pregações que o servo de Deus fez na igreja de sua paróquia natal, do domingo 08 de junho de 1800 ao domingo "in Albis" de 1807. A nossa finalidade ao apresentá-las não é científica nem literária. Queremos somente trazer hoje para conhecimento do povo as reflexões de um sacerdote que, há mais de um século pareceu, a todos, excepcionalmente maduro desde os primeiros anos do seu apostolado.

Tanto mais que com as fortes chamadas às verdades eternas também terríveis - mas certamente fundamentais para toda vida verdadeiramente cristã, - e com as exortações e os convites à prática das diversas virtudes cristãs, não faltam nestas páginas temas que muitas vezes e de boa vontade encontram-se na literatura ascética de hoje: a beleza da Graça na alma (XIV), a praticidade, para todos e cada um, da devoção, entendida como atual serviço de Deus (XXIV), a habitação divina nos corações e a felicidade das almas tornadas templos de Deus (terceira parte, 1): tudo isto proposto por uma alma inflamada de zelo e enamorada de Deus, há quase um século e meio, para todo o povo de uma paróquia.

Por isso nos convém omitir tudo o que nestas pregações parece exclusivamente ligado às circunstâncias e aos gostos do tempo em que foram pronunciadas; como também convém dispor cada coisa em uma ordem, quanto possível lógica, mesmo a despeito de uma relativa desordem cronológica. A subdivisão em vários números com os respectivos subtítulos é coisa nossa.

Alguma vez resolvemos retocar um pouquinho a forma: para tirar certas expressões que pelo gosto de hoje parecem estranhas; para ligar ao período alguma coisa, já estando hoje bastante distante; para reduzir algum excesso de interrogações retóricas; para substituir com um sinônimo algum vocábulo fora de uso. Contudo, sem modificar a substância ou o pensamento do autor.

Este livro não quer ser um tratado. Os escritos do Servo de Deus não ofereciam elementos homogêneos que fossem suficientes para compilá-los como tal. Intitulamo-lo "Páginas", e não páginas da juventude: justamente de um servo de Deus, sacerdote com menos de trinta anos.

Pe. Giuseppe Stofella, C.S.S.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Os números que aparecem entre parêntesis no decorrer do texto apontam para referências bibliográficas no final de cada capítulo.

Assim, por exemplo, o número (1) após o título do primeiro capítulo:

“I – O Desapego do Coração dos Falsos Bens Terrenos (1)”,

na página 10, tem a sua referência bibliográfica no final deste mesmo capítulo, na página 14:

‘1. - V pregação: L'Ascensione: 14 de maio de 1801.’

PRIMEIRA PARTE

I - O DESAPEGO DO CORAÇÃO DOS FALSOS BENS TERRENOS (1)

1. - "Quanto é grande a insensatez de quem quer gozar os bens presentes, mesmo a custo de uma irreparável perda dos futuros"

Ó meu irmão pecador, finjamos um pouco que nos fosse dado escolher uma destas duas coisas: ou gozar por uma noite um sonho feliz, e depois despertardes pela manhã encontrar uma série de males que devam durar toda a vida; ou privar-se daquele breve e aparente prazer, até mesmo, se quisermos, sentir um sonho um pouco triste, com a segurança, porém, de ter em nossas mãos até a morte todos os bens que a terra pudesse dar.

Se houvesse alguém que iludido pela vã felicidade de um breve sonho, se contentasse de perder uma vida inteira de felicidade, não sei se em uma escolha tão extravagante mereceria ser lamentado como imprudente ou antes ser escarneado como louco. (2)

Mas o que é a vida presente - diante da eterna, se não um sonho fugaz, uma fumaça, uma sombra, um vapor que se dissipa?

Agora lhe é oferecida a escolha: ou gozar neste breve sonho algum deleite arrancado quase a força das criaturas, ou gozar uma vida feliz sem fim.

Que lhe foi dada esta escolha, você pode ouvir de Cristo: "O mundo se há de alegrar - diz Ele -, e vocês hão de lamentar e chorar, mas sua tristeza se há de transformar em alegria (Jo 16, 20). E você resolve gozar agora com o mundo, e perder assim uma alegria eterna?

Conheça bem a qualidade dos bens terrenos e dos celestes, e tanto mais discernirá a loucura de uma tal determinação: entretanto você não só escolhe um bem e um prazer brevíssimo diante de um eterno, mas ainda mais um bem só aparente em confronto com o verdadeiro.

2. - Os bens deste mundo não são senão bens aparentes

Que são de fato os bens que se gozam no breve sonho desta vida senão justamente bens sonhados?

O avarento sonha ter as mãos repletas de ouro e prata; mas ao raiar o novo dia, quando acredita ainda ter em mãos aquela riqueza, encontra-se com as mãos totalmente vazias.

Assim são os bens deste mundo, diz o Espírito Santo, que porém - falando daqueles homens que são muitos - assim se exprime: "Dormiram seu sono e depois nada encontraram em suas mãos" (Sl 75, 6).

E como a ilusão do sonho não acrescenta nada ao estado daquele pobre que sonhou ser rico - aliás aumenta-lhe a tristeza vendo-se dolorosamente privado daquilo que com tanto prazer havia imaginado possuir, - assim nem os bens presentes satisfazem o nosso coração: sinal evidente que eles não são o que parecem ser.

Diga-me. E o que quer dizer a amargura que você prova depois de haver satisfeito suas paixões, depois de não haver negado a seus sentidos todo prazer proibido? O que é aquela ânsia sempre ávida de novos bens, de novos prazeres, que quando depois de muito esforço se consegue, percebe com seu desprazer que o coração não ficou satisfeito, enquanto aumentam as inquietações e mais desejos? Como um febricitante, que acredita com um pouco de água acabar com o ardor da febre, quando na realidade mais a aumenta.

3. - Os bens deste mundo não são proporcionais ao coração humano

Mas eu quero dizer que estes bens embora verdadeiros: não são, porém, adequados ao nosso coração: por isso é que não podem jamais saciá-lo.

O deleite de fato e o prazer em que repousa o espírito movimentado por seus desejos nasce da aplicação das potências aos objetos que lhe são convenientes. Mas o objeto de um coração nos seus desejos quase infinitos não pode ser senão um bem infinito.

Como queremos, pois, que bens tão pequenos, tão limitados o satisfaçam? Se o nosso coração é tão vasto como um outro mar, como poderão pequenos regatos preencher a imensidão de suas ânsias? Ah! no Céu, no Céu encontraremos um objeto conveniente ao nosso coração, um Deus totalmente infinito.

Ah meu Deus, então, "então serei saciado, quando aparecer a vossa glória". Sim, só Vós podeis "com a torrente dos vossos deleites matar a sede das minhas ânsias" (Sl 16, 15). E para isso me haveis dado um coração insaciável: a fim de que eu entenda que só para Vós foi feito o meu coração, e que "ser sempre inquieto até que em Vós repouse". (3)

Coração humano, conheça sua loucura; para gozar um sonho perde uma felicidade eterna. Você corre atrás da sombra, da vaidade, e deixa a verdadeira Bondade, a Beleza não criada, perde aquele Deus que é tudo.

4. - Não se pede a renúncia de todos os bens desta vida

Estes argumentos que eu trouxe até agora provam por si mesmo que quando se tratasse de renunciar a todos os bens desta vida para assegurar-se dos eternos, seria grande loucura preferir a presente alegria à futura: mas não se exige tanto.

Deus não proibiu a Adão todos os frutos do Paraíso terrestre; mas só uma árvore. E quanto era fácil a Adão a condição de poder assegurar a si mesmo e a todos os seus descendentes a felicidade, tanto mais deplorável foi sua loucura em havê-la perdido por tão pouco.

Assim é o nosso caso. São honestos os bens, inocentes os prazeres que você desfruta? Continue a desfrutá-los em paz. Se por más intenções de sua mente, ou por um desregrado modo com que os usa e os ama, se tornaram ilícitos o que, ligado a outras circunstâncias, pode se tornar lícito, nada mais se exige de você senão que reforme o coração e regularize o uso.

Porque também depois de haver gozado nesta vida dos dons e prazeres que ou são honestos em si, ou tais se podem tornar pelo modo de usá-los, pode-se passar deles à felicidade eterna do Céu como do imperfeito ao mais perfeito. Tudo se resume na necessidade de privar-se dos falsos bens e prazeres que em si são torpes, de tal modo que nada pode mudar-lhes a natureza que intrinsecamente é má.

Quando se trata somente de privar-se de um prazer péssimo que desonra a razão com sua malícia, enquanto se pode com abundância gozar de outros bens permitidos, tanto maior será sua loucura em querer perder os eternos, os quais lhe prometem uma compensação incomparavelmente vantajosa. Antes, sem esperar tanto, nesta mesma vida será recompensado com superabundância de alegria.

5. - O desapego dos falsos bens terrenos é recompensado com superabundância de alegria mesmo nesta vida

E de fato assim como o vício se torna aqui na terra aos seus sequazes um grave tormento de amargura e de aborrecimento antes ainda do inferno, assim ao contrário, a virtude não demora a premiar os que a seguem, não esperando o céu para coroá-los com glória imortal; mas antecipadamente esparge delícias em toda sua vida, nutrindo-a com suaves esperanças e prazeres puros. (4)

Você talvez, que está acostumado a ver a vida mortificada e virtuosa como melancólica e triste, não acredite em minhas palavras. Eu não fico espantado. Quem está doente acredita que o vinho seja amargo e a música enjoativa, enquanto o são sente o gosto e a satisfação.

Enquanto Agostinho permanecia na imundície dos seus prazeres, ele mesmo confirma que lhe parecia impossível poder viver - e nem mesmo achar conforto - fora deles; mas depois que conseguiu com generosa resolução privar suas paixões daquela vida imunda: "Oh, quanto - é ele quem fala - oh, quanto me senti aliviado de estar livre daquelas vãs suavidades! E aquilo que pouco antes temia perder, já me era prazer deixar; pois o Senhor, ó meu Deus, verdadeira e suma suavidade, as afastou de mim; o Senhor mesmo as afastou e entrou em seu lugar, mais doce que qualquer prazer. (8)

Neste santo você pode acreditar, pois, após ter provado do mal da doença, tornou-se-lhe mais evidente a doçura da saúde.

Concluamos, pois. Se a privação de um bem e de um prazer péssimo é recompensada não só com um excesso imenso de felicidade lá no Céu, mas com superabundância de alegria também aqui na terra; qual será a loucura de quem prefere não livrar-se deles, mesmo a custo de perder para sempre sua perfeita e última felicidade?

6. - Calorosa exortação ao coração do pecador

E eis, então, ó pecador, que todos esperam sua resolução. A esperamos com desejo impaciente, pois a salvação de sua alma é tão importante para nós, como a nossa. Deus sabe com quanto afeto, prostrados em espírito diante do trono de Sua misericórdia, pedimos a sua conversão, e não cessamos ainda com as instâncias mais fervorosas para obtê-la.

Espera-o o Céu, que eu "vejo aberto sobre sua cabeça, e Jesus sentado à direita de Deus" (At 7, 55), tendo nas mãos uma coroa convida-o a conquistá-la com a vitória sobre suas paixões.

Vejo os pontos que desejam vê-lo onde eles já estão: "Não tema - dizem - não desconfie. A nós também parecia um dia difícil esta subida; mas a Graça, na qual colocamos toda nossa confiança, no-la tornou fácil, agradável, carregando ela mesmo em seus braços amorosos a nossa fraqueza. Muitos de nós, ainda na terra, pecamos como você e até mais ainda; mas porque afortunadamente ainda em tempo renunciamos os vãos prazeres do mundo, confiados na misericórdia de Deus, eis que agora estamos aqui a louvá-Lo eternamente.

Vejo os Anjos que se preparam para colocar em festa todo o Paraíso pela próxima conversão que esperam do seu coração.

Que mais? O inferno também espera, com frêmitos de indignação e de temor, suas resoluções: e já parece-me vê-lo por isso aberto debaixo de seus pés. Este é o momento que decide talvez para sempre de vê-lo perdido: temem muito, seus inimigos tentadores, que a vista do Céu e de tantos bens eternos e incomparáveis que aqui lhe são prometidos, não o façam finalmente desprezar estes bens terrenos e vãos, que até agora iludiram seu coração.

O que pensa, então? O que delibera? O que resolve? Está ainda incerto? Ainda duvidoso?

Mas se você quer seguir vivendo como vive, não é preciso resolver outra coisa. O inferno é seu. E já vejo que os demônios se esforçam para apertar cada vez mais suas correntes enquanto você se demora em resolver escapar de suas mãos.

Vamos, pois, se você resolver, resolva agora: "a graça de Deus não reconhece preparativos tardios" (6).

Você resolveu esmagar suas paixões desregradadas? sim: eu não duvido mais; seria coisa estulta se não o houvesse feito antes; impossível totalmente que não o faça neste ponto.

Levante pois seus olhos livres para o Céu. Sim: o Céu é seu. Desde este momento os santos do Céu o reconhecem como seu concidadão. Jesus já preparou o lugar que você deve ocupar, a glória com que o quer recompensar; já dispõe as graças para ajudá-lo até a feliz consecução.

7. - Oração

Ah meu Deus, meu Jesus, se é assim; se é realmente firme - como eu não duvido mais - o propósito dessa alma que se rende ao Senhor ; se as palavras de um miserável pecador como eu, ajudadas pela Sua graça, pela intercessão das orações de tantas almas piedosas, ajuntaram ainda que uma só alma à companhia daquelas almas eleitas, que como prisioneiras felizes na conquista da Sua graça formam a pompa mais solene de Sua gloriosa Ascensão ao Céu; eu não lhe peço para mim outras consolações, outros confortos nas angústias da minha vida e do meu espírito; somente esta me basta, unida à esperança confiante de que me são perdoados meus inumeráveis pecados, estarei juntamente com todos meus piedosos irmãos, depois destes breves dias, gozando a sua glória por todos os séculos.

Referências Bibliográficas:

1. - V pregação: L'Ascensione: 14 de maio de 1801.
2. - S. João Crisóstomo, Ad Theodorum lapsus, II, 9.
3. - S. Agostinho, Confessioni, 1. I. c. 1.
4. - S. João Crisóstomo, Expositio in Ps, 124, 2.
5. - S. Agostinho, Confessioni, 1. 9, c. I.
6. - S. Ambrósio, Expositio Evangelii sec. Lucam, 1. II, 19.

II - EM QUE CONSISTE A VERDADEIRA FELICIDADE DA NOSSA VIDA (1)

A verdadeira e única alegria do coração é fim e objeto querido e agradável a todos igualmente. Aos que vivendo em perfeição seguem Cristo, e àqueles que ainda escravos da vaidade amam o mundo. Com uma única diferença, porém, que onde os primeiros acertam a eleição prudente dos meios, os segundos erram bisonhamente e com grande prejuízo. Qual é pois, o verdadeiro caminho para atingir a verdadeira alegria?

1. - A felicidade do mundo é coisa vã

Antes, vejamos o caminho dos mundanos. Eu penso que por juízo comum do mundo toda delícia, toda alegria consista naqueles bens seculares já enumerados pelo salmista, isto é, saber falar bem das coisas do século e ter aptidão para conduzi-las; arrebatat ou comprar honrarias, e debaixo de um falso preço enriquecer; gloriar-se nos florescentes anos da própria juventude; estimar a beleza do corpo, orná-lo, enfeitá-lo quase como um templo; ter cheios e abarrotados os celeiros; nutrir gordos e fecundos os rebanhos nos estábulos; as terras, os palácios bem ordenados e bem fornecidos de tudo; nada de prantos, de luto, de gemidos, mas no curso próspero de sua felicidade não ser perturbado por nenhuma adversidade; estas são as alegrias do mundo: "Feliz o povo agraciado com tais bens" (Sl 143, 9-15).

Mas o Espírito do Profeta sabe quanto seja falsa essa opinião de felicidade e por isso, para desengano de todos, acrescenta logo a sua opinião: "Feliz o povo cujo Deus é o Senhor" (Id 15). Eis onde está a verdadeira fidelidade, enfim viver segundo Deus. Esta sentença é repetida nas Escrituras.

2. - A verdadeira felicidade consiste na virtude

Feliz o homem que não procede conforme o conselho dos ímpios, não trilha o caminho dos pecadores. Feliz o homem a quem ensinai, Senhor, e instruí em vossa lei. Felizes aqueles cuja vida é pura, e seguem a lei do Senhor. Felizes os que caminham com pés imaculados no caminho dos mandamentos divinos. Felizes os que confiam em Deus. Feliz o homem que teme o Senhor (Sl 1, 1; 93, 1; 2,13; 111, 1).

E assim não se encontra nas sagradas Escrituras ser chamado de feliz quem é muito rico, quem é resplandecente por nobreza de nascimento ou de amizades, quem é circundado de glória, quem vive em comodidades e delícias; mas antes encontramos chamados de felizes no Evangelho os humildes, os mansos, os que choram, que padecem perseguições por causa da justiça (Mt V, 3, 4, 5, 10). Tanto é verdade que só a vida bem ordenada segundo a lei divina é feliz, e que só a virtude - embora áspera e destituída de alegrias externas e de honras, mas circundada ainda de tribulações - é agradável, contente, alegre.

3. - A verdadeira felicidade consiste no testemunho da consciência tranqüila

Se vocês olharem os frutos de algumas árvores, são de cor e aparência indeterminadas; se vocês os provarem são deliciosos ao paladar; porém a raiz da qual provém tanta beleza e doçura jaz debaixo da terra feia aos olhos, muito amarga para o gosto.

Assim - diz S. João Crisóstomo - a tristeza de quem vive segundo Deus é para produzir suavíssimos frutos de alegria. Sabem muito bem, por experiência, os que se afligiram por algum tempo para arrepender-se das próprias faltas, e choraram com muitas lágrimas na oração diante de Deus. Purificaram sua consciência (2); e quem sabe dizer a alegria que daí provém? "Esta é a nossa consolação, o testemunho da boa consciência" (2Cor 1, 12). E em outro lugar a Escritura compara a alegria de uma boa consciência com um "perpétuo festim" (Pr 15, 15).

Da consciência bem limpa surge a boa esperança. E se os que esperam ser herdeiros de muito dinheiro, ou de rica posse, ou de algum principado, são tão alegres na sua esperança: quanto mais não deveria ser a alegria de uma alma que espera com bem fundada confiança a herança de um reino eterno, celeste! Se pois esta alma eleva os olhos para o céu, e a Fé lhe mostra as grandes honras, as sobre-humanas riquezas, as puríssimas alegrias daquela pátria feliz, a Esperança logo no seu coração responde: E estes bens são tidos para mim, aliás são meus. Quanto conforto! Quanto júbilo! Quanta exultação!

4. - A verdadeira felicidade perdura também na falta de toda alegria terrena

Se nós mantivermos bem em ordem nossa vida, gozaremos também uma doce, tranqüila, perpétua alegria, que nem mesmo as tribulações externas no-las poderão tirar, mas que permanecerá sempre igual mesmo na falta de toda alegria terrena. Pois já não são as coisas fora de nós, ou prósperas ou adversas, que nos consolam ou nos afligem, mas sim as internas disposições do espírito.

E como quem tem o corpo enfermo ou febricitante, quer repousem em macios leitos, ou sentem em tronos preciosos, ou passeiem por jardins amenos, ou sentem-se em mesas lutas com músicas suaves, daí não tira alegria, mas tristeza; enquanto quem tem saúde dorme feliz mesmo sobre duro colchão, mesmo numa mesa pobre come com sabor e com gosto; assim também é na alma e muito mais; assim se quisesse viver alegre, como se estivesse são, estando doente, não posso: mas posso bem curar a alma a fim de alegrar-me.

5. - A felicidade de quem se abandona em Deus

"Eia, pois, - prossegue S. João Crisóstomo (3) - dai-me um homem que não tenha em si nada que o condene, mas certo de sua boa consciência, aspire com fervor coisas futuras, aguardando a feliz esperança: que poderá haver - pergunto eu - que possa contristá-lo?"

"Não parece que a morte seja a coisa mais intolerável do mundo? Mas a expectativa da morte não o contrista, antes o consola; pois sabe que a morte é a libertação das atuais fadigas, o caminho para chegar à coroa e aos prêmios preparados para quem luta pela virtude".

Talvez a morte prematura dos filhos o entristecerá? Ele aceitará com ânimo forte também esta e dirá com Jó: "O Senhor deu, o Senhor tirou; como lhe agradou foi feito; bendito seja o nome do Senhor" (Jó 1, 21).

Pois se nem a morte, nem a perda dos filhos o podem entristecer, muito menos a perda das riquezas poderá golpear esta alma generosa.

Cai enfermo? Pois bem: ouça ainda o sábio que adverte dizendo: "Na doença e na pobreza, confia em Deus. Pois é pelo fogo que se experimentam o ouro e a prata, e os homens agradáveis a Deus, pelo caminho da humilhação" (Eclo 2, 4-5).

6. - Um exemplo

Chega de raciocínio, de hipóteses. Vamos ao fato, no qual não só se entende, se vê, mas se apalpa.

Conta S. Gregório (4) que no seu tempo havia em Roma um homem chamado Sérvulo, bem conhecido por ele e por seus ouvintes, pobre e ao mesmo tempo enfermo, quase moribundo pela delonga da doença. Pois desde os mais tenros anos até o fim da vida permanecia paralisado com grandes dores. Não podia ficar de pé; não podia nem mesmo levantar-se e sentar-se na cama; não podia virar para nenhum lado. Que mais? Não podia nem mesmo levar a mão à boca para comer. Mas precisava que a mãe ou o irmão o alimentassem quando voltavam para casa depois de haver procurado para si e para ele um pedaço de pão ou algum dinheiro por esmola.

Eis compendiadas num só homem as maiores calamidades desta vida. Quem poderia acreditar que em tal estado pudesse haver alegria e satisfação? Porém ouçam. Ele não sabia ler, mas economizando algum dinheiro a custo de sua fome, comprou livros da Sagrada Escritura; e quantos religiosos apareciam em sua casa pedia-lhes que lessem para ele sem interrupção. E aconteceu que, quanto permitia sua capacidade, aprendeu totalmente a S. Escritura. Era esta, pois, a sua ocupação dia e noite no meio de suas dores: cantar salmos, hinos, louvores, e ações de graças a Deus.

Oh Deus! Imaginem quanta doçura, quanta alegria passava do coração à língua, que transformava em louvor também aquele ponto em que as dores e as reclamações, e convertia em dulcíssimo mel de alegres cantos o amaríssimo fel de tantas tristezas.

Chegando, portanto, o tempo que Deus queria remunerar tal virtude daquele seu servo, e sentindo-se ele aproximar-se da morte, convidou algumas pessoas que

se encontravam em sua casa a cantar Salmos com ele à espera da passagem. E enquanto ele embora moribundo cantava com eles, de repente elevando a voz com um forte grito interrompeu a salmodia dizendo: "Calem-se! Não ouvem quantos louvores ressoam no Céu?" E prestando atenção no coração àqueles louvores que ouvia lá dentro de si, sua bela alma libertou-se do corpo. Mas ao sair espargiu naquele lugar tanto perfume que todos os presentes ficaram cheios de inestimável suavidade: sinal claro que no meio daqueles louvores aquela alma bendita já estava no Céu. E certamente era bem digno de ser agregado ao coro dos cantores celestes aquele que na vida tinha sempre emulado o fervor, a alegria, o espírito, cantado como um anjo, sem descanso, os louvores de Deus.

7. - Sigamos a virtude se desejamos ardentemente a verdadeira alegria

Sigamos a virtude, se desejamos ardentemente a verdadeira alegria. Harmonizemos bem nossa vida, e jamais nos faltará uma sólida, estável alegria, que as adversidades do mundo não nos poderão nem tirar nem diminuir. Limpemos bem a nossa consciência, e com este bom testemunho não só viveremos dias tranquilos, pacíficos, alegres, mas mesmo no terrível momento da morte - no qual a vã alegria do mundo se transforma em luto assustador - não tendo nós que temer, se robustecerá a nossa segurança, a nossa alegria será redobrada. E aos breves e felizes anos passados aqui na terra, se ajuntarão séculos eternos de total alegria na própria satisfação de Deus.

Referências Bibliográficas:

1. XXII pregação: La vera allegrezza, 21 de março de 1804.
2. S. João Crisóstomo, Ad populum Antiochenum; Hom XVIII, 3.
3. Ad populum Antiochenum, Bom. XVIII, 2.
4. Hom. in Evang. XV; Dialoghi, 1. IV, 14.

III - QUÃO FELIZ É O NOSSO ESTADO NA LEI EVANGÉLICA (1)

1. - Felizes os olhos que vêem o que vocês vêem

"Felizes os olhos que vêem o que vocês vêem" (Mt 16, 13.). Estas são as palavras de Cristo aos seus discípulos, não só os presentes, como eram então os Apóstolos e os que o seguiam, mas também os futuros, em cujo número também nós somos chamados.

A nossa sorte não é realmente em nada inferior à deles. Que viam eles, porque foram chamados "felizes"? E o que vemos nós para que não possamos ser como eles também "felizes"? "Seus olhos viam o seu Mestre, segundo o que foi profetizado por Isaías. Mas ao mesmo tempo foi também predito a toda a futura Igreja, "que jamais será tirado dela o seu Mestre (Is 30, 20). E a nós também Cristo prometeu: "Eu estarei com vocês todos os dias até a consumação dos séculos" (Mt 28, 20).

Talvez os "que segundo a carne conheceram o Cristo", serão mais felizes do que nós, "que segundo a carne já não o conhecemos"? Ao contrário eu leio: "Felizes os que não viram e creram" (Jo 20, 29). Como, portanto, "felizes os olhos que vêem"?

Existem dois modos com que se pode ver Cristo: pelos sentidos e pela fé. No primeiro modo Cristo foi visto também pelos seus inimigos; e tanto é falso que esta visão tenha podido fazer-lhes bem, que ao contrário os fez mais miseráveis, dizendo Ele mesmo: "Se eu não viesse e não lhes tivesse falado, não teriam pecado" (Jo 15, 22).

Nos dois modos os viram os Apóstolos, e por isso mereceram seus olhos serem chamados felizes. No segundo e mais perfeito o vemos nós agora, isto é, pela fé; e por isso se a nós falta a visão sensível, não somos menos "felizes" que eles.

Consideremos porém brevemente esta nossa felicidade, que consiste em Deus nos "ter chamados à sua luz admirável, junto aos Santos" (1Pd 2, 9) e "por ter iluminado os olhos da nossa mente" (Ef 1, 18) e "justificados os nossos corações por meio da lei da Fé" (Rm 3, 26-27). Vejamos finalmente quanto seja feliz o nosso estado no seu Evangelho e na sua Graça.

Para realçar um tão grande benefício - quase esquecido por muitos - empenha-nos a gratidão que devemos a Deus: o amor da nossa salvação necessariamente nos une a ele para tê-lo e usar sempre em aumento da nossa justiça, para não abusar mais em aumento do nosso suplício.

2. - A condição dos cristãos na lei evangélica é a mais honrosa e digna

Três coisas concorrem para fazer um homem feliz sobre a terra: honra, riqueza, diversão. Mas que estado jamais foi ou será mais honrado ao mundo do que o nosso?

Eu sei que em louvor da nação Hebréia foi dito pelo Salmista, que "Deus com nenhum outro povo agiu assim, a nenhum deles manifestou os seus mandamentos" (Sl 147, 20) como a ela. Disse também o Apóstolo que aos Hebreus foi confiada a eloquência divina. Moisés de fato recebeu a Lei por todo aquele povo, escrita por Deus "Sobre tábuas de pedra, e foi tão gloriosa essa 'missão' que os filhos de Israel não podiam olhar o rosto de Moisés pelo grande esplendor que dele saia" (Ef 1, 17-20).

Mas muito inferior que a nossa é essa glória. Pois aquela Lei foi dada a eles num mármore externo; nós a temos escrita internamente nos corações: para eles a letra, para nós o Espírito (2Cor 3, 3, 7).

"Eis - diz Deus por meio de Jeremias falando dos nossos tempos - dias hão de vir - oráculo do Senhor - em que firmarei nova aliança com as casas de Israel e de Judá. Será diferente da que conclui com seus pais no dia em que pela mão os tomei para tirá-los do Egito, aliança que violaram embora eu fosse o esposo deles. Eis a aliança que, então, farei com a casa de Israel - oráculo do Senhor: - Incutir-lhe-ei a minha lei; gravá-la-ei em seu coração. Serei o seu Deus e Israel será o meu povo. Então ninguém terá encargo de instruir seu próximo ou irmão, dizendo: 'Aprende a conhecer o Senhor', porque todos me conhecerão, grandes e pequenos - oráculo do Senhor, - pois a todos perdoarei as faltas, sem guardar nenhuma lembrança de seus pecados" (Is 31, 31-34).

3. - A nova lei é a própria graça do Espírito Santo

Para maior clareza do assunto não será talvez inoportuno apresentar uma doutrina muito clara do Doutor Angélico, que antes foi de Santo Agostinho. Na Lei evangélica deve-se considerar duas coisas: "A principal é a graça do Espírito Santo e se dá por meio da fé em Cristo. A segunda é letra, ou seja a escritura do S. Evangelho, na qual se contêm as coisas pertencentes à graça, ou como disposição para recebê-la, ou como meio em relação ao uso da mesma. (2.)

Como dispositivas quanto ao intelecto pela fé, por meio da qual se recebe a graça, se contêm no Evangelho aquelas coisas que dizem respeito a manifestar a Humanidade de Cristo; quanto ao afeto, se contêm no Evangelho aquelas coisas que dizem respeito ao desprezo do mundo, pelo qual o homem se torna capaz da graça do Espírito Santo; pois "o mundo - isto é os amantes do mundo - não pode receber o Espírito Santo", como se lê em S. João (Santo Tomás, citando Jo 14, 17).

O uso, pois, desta graça espiritual está nas obras da virtude, às quais de muitas maneiras a Escritura no Novo Testamento exorta os fiéis.

Ora assim como toda outra coisa se define e parece que seja constituída por aquilo que nela é principal, como a "razão" ao homem, assim "principalmente a nova Lei é a própria Graça do Espírito Santo dada aos fiéis; daí o Apóstolo a chama "Lei de Fé, Lei de Espírito e de vida em Cristo Jesus" (Rm 3, 27; 8, 2).

E o acima louvado S. Agostinho: "Quais são - diz - estas leis de Deus pelo próprio Deus escritas nos corações, se não a própria presença do Espírito Santo?" (3). Eis até que ponto se eleva a "glória" do nosso estado.

4. - Não pode haver estado de maior excelência e dignidade

Não só não houve jamais estado no mundo mais digno do que este, mas o que é mais - não pode nem menos existir, como dizia no princípio. Pois "tanto é mais perfeita uma coisa quanto mais próxima do fim último. E nenhuma coisa pode ser mais próxima do fim último do que aquele que ao último fim introduz imediatamente. Mas isto é justamente o que faz a Lei nova segundo o que diz o Apóstolo: "Tendo portanto, ó Irmãos, confiança no intróito dos Santos no Sangue de Cristo, aproximemo-nos pelo caminho em que ele nos iniciou". Daí que na presente vida não pode haver estado de excelência e dignidade maiores. (4)

5. - A condição dos cristãos na Lei Evangélica é a mais rica promessa de uma felicidade não terrena, mas celeste.

Vejamos se este estado - tão ilustre pela honra - seja abundante igualmente pela riqueza. Falando dela o Apóstolo aos Efésios: "Rogo ao Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória vos dê um espírito de sabedoria que vos revele o conhecimento dele; que ilumine os olhos do vosso coração, para que compreendais a que esperança fostes chamados, quão rica e gloriosa é a herança que Ele reserva aos santos, e qual a suprema grandeza de seu poder para conosco, que abraçamos a fé" (Ef, 17-20).

Os Hebreus tiveram na antiga Lei promessas temporais, riquezas terrenas, opulências visíveis; uma terra fértil onde corria leite e mel, ricos espólios, copiosos tributos dos seus inimigos vencidos, os palácios de seus reis repletos de preciosos tesouros de ouro e de gemas e de tudo que é mais raro no mundo. E para eles estava bem, pois eram "servos"; assim Deus pagará prontamente cada dia seu salário.

Nós somos "filhos"; e como tais nosso Pai celeste não nos oferece agora o salário diário que não se convém, mas nos prepara a herança que nos convém.

Talvez porque o mercenário pode mostrar na mão algum pagamento, diremos que ele é mais rico do que o filho que aguarda a herança, ao qual o Pai diz: Tudo que é meu é teu? Não certamente.

E se existe alguma mesmo entre os cristãos que nesta vida estime mais alguma coisa do bem presente que a glória futura, eu não me espanto, dizendo S. Agostinho, que na lei evangélica existem muitíssimos que, cristãos de nome e não de espírito, vivem debaixo da Lei, e não da Graça, e "pertencem ao Antigo Testamento que gera na escravidão" (5).

Aqueles, pois, que pertencem ao Novo Testamento entendem bem e gostam de ouvir o que a cada um deles grita o mesmo santo Doutor: "Não foi chamados a abraçar a terra, mas a conquistar o céu, não a uma felicidade terrena, mas celeste, não a sucessos temporais a prosperidades fugazes, mas a uma vida eterna com os Anjos" (6). Antes de boa vontade ouvem ainda o que diz S. Paulo: "Ninguém se amedronte em meio às tribulações presentes, pois vós bem sabeis que esta é a nossa sorte" (I TS, 3, 3). Que é o mesmo que dizer: Isto é aquilo que agora nos convém.

6. - A riqueza dos cristãos é também atual pela posse de eminentes bens

A nossa riqueza não é somente direito à futura herança; temos aqui também a posse de muitos eminentes bens.

Quem de fato dirá que não possui uma grande riqueza, quem possui uma coisa "da qual não se pode saber o valor, a cujo confronto não podem se manter o ouro ou a prata, e que supera em valor quanto mais são as coisas excelsas em valor e admiração dos homens?" E esta é a "sabedoria" (Jó 27, 15; Pr 8, 2; Sb 7, 9); que por outro lado é assim própria de todos aqueles que neste estado receberam o "Espírito e a infusão dos seis dons ou da unção do próprio Espírito", segundo o que diz S. João: "A unção vos ensina todas as coisas" (1Jo 2, 27) .

Que direi pois da "caridade infundida em nossos corações?" (Rm 5, 5) O Anjo do Apocalipse falando desta ao Anjo de Laodicéia, que de fato era pobre, embora abastado de riquezas temporais, assim se exprime: Pois dizes: sou rico, faço bons negócios, de nada necessito - e não sabes que és infeliz, miserável, pobre, cego e nu. Aconselho-te que compres de mim outro provado ao fogo, para ficares rico" (Ap 3, 17).

E em outro lugar: "se alguém desse toda a riqueza de sua casa em troca do Amor, só obteria desprezo" (Ct 8, 7) ; tanto é inestimável.

Bem pois se pode dizer com o Apóstolo a todos os que são fiéis da Nova Lei em Cristo: "Nele fostes ricamente contemplados com todos os dons... Assim, enquanto aguardais a manifestação de nosso senhor Jesus Cristo, não vos falta dom algum" (1Cor 1, 5, 7).

7. - A condição dos cristãos na Lei Evangélica é a mais agradável

Resta agora que para provar completa a felicidade de um estado tão nobre e rico, eu passe a demonstrar ainda o doce, o "agradável".

"Vinde a mim vós todos, assim suavemente nos convida o Cristo, vinde a mim vós todos que estais aflitos sob o fardo, e eu vos aliviarei. Tomai meu jugo sobre vós, porque meu jugo é suave e meu peso é leve" (Mt 11, 2 , 30). Que é justamente o que diz S. João: "Os preceitos dele não são penosos" (1Jo 5, 3). "Não são penosos - comenta S. Agostinho - a quem ama, embora sejam graves a quem não ama" (7). E a razão é clara, porque - como diz o Filósofo - "fazer aquilo que faz o justo é fácil, mas fazer do modo como faz o justo - isto é com amor e prontidão - é difícil para quem não tem a justiça" (Id).

E justamente "na justiça, na paz, na alegria do Espírito Santo está o reino de Deus", atesta S. Paulo (Rm 14, 17). A quem ama, pois, tudo é suave, tudo é fácil.

De modo que "as próprias adversidades - continua S. Tomás - que sofrem os observadores da nova Lei, embora não sejam impostas pela própria Lei, todavia pelo amor no qual consiste a própria Lei, facilmente são toleráveis" (Rm 8, 15). De resto o que há de mais doce, mais agradável, mais alegre que o amor? Que coisa mais suave que ser guiados e dirigidos pelo Espírito de Amor? Este é o especial sinal característico daqueles que na nova Lei receberam a "adoção dos filhos"; pois "os que agem pelo espírito de Deus, estes são Filhos de Deus" (Rm 8, 14).

"Ó quão suave é o teu Espírito, ó Senhor", exclamava o Salmista" (Sb 12, 1). Que coisa mais agradável que agir conforme o instinto da graça interior, a qual nos inclina a agir retamente e nos faz livremente agir como convém à graça, e evitar tudo o que a ele repugna. Onde se possa dizer que "onde existe o Espírito de Deus, aí está a liberdade" (2Cor 2, 17). Liberdade verdadeira, liberdade santa, liberdade "pela qual Cristo nos libertou segundo o juramento que Deus havia feito aos antigos Pais; que sem temor, livres das mãos dos nossos inimigos, sirvamos a Ele em santidade e justiça diante Dele todos os dias da nossa vida" (Gl 4, ,31; Lc 10, 17).

Este é o estado feliz de quem "habita no monte santo de Deus" (Lc 10, 23), isto é na sua Igreja, plantada com o sangue do seu Filho, que pertence à Lei nova do seu Evangelho. Feliz pela honra, feliz pela riqueza, feliz pelo amor. "Felizes os olhos que vêem o que vocês vêem".

Referências Bibliográficas:

1. XX pregação: La Legge Evangelica, 05 de junho de 1803.
2. S. Tomas, I -II, q. 106, a. I.
3. De spiritu et littera, c, XXI.
4. S. Tomas, I -II, q. 106, a. 4 c. Hb 10, 19-20.
5. Sermo III de Agar et Ismaele.
6. Sermo 296, 7.
7. In S. Tomás, I -II, q. 107, a. 4, c.

IV - A LIBERDADE DO PECADO E DO DEMÔNIO (1)

1. - Dignidade do Cristão

Digam-me, ó irmãos, se verdadeiramente todos já estão livres por aquela nobre liberdade "com que Cristo os quer libertar" (Gl 4, 31). Parece-me ver - perdoem-me ao meu amor este passo avançado - alguns de vocês ainda entre as ignóbeis correntes da sua servidão; enquanto outros - que se crêem livres - os vejo ainda entretidos por uma vã ilusão dos seus próprios adversários, os quais todavia os rodeiam e os apertam, embora mais de longe.

Agora eu lhes pergunto: Quem são vocês? Não olhem ao redor e fora de vocês. Entrem dentro: na sua parte mais sublime. Não são talvez uma imagem claríssima da Divina Face? Os patrões constituídos por Deus sobre a terra a fim de que todas as criaturas os sirvam? Os próprios céus com sua luz brilhante estão em seu obséquio; e isto pela própria natureza.

Pelas graças - vocês foram elevados à própria ordem da natureza divina que vocês participam. Sejam filhos de Deus. Cristo é seu irmão. São declarados herdeiros de Deus. Suas almas são esposas do Espírito Santo. Não lhes deu ele um penhor riquíssimo de preciosos dons? Não foram destinados Príncipes sublimes do céu para cortejá-las aqui na terra? Que mais? O próprio Filho de Deus não desceu talvez do Céu vestindo sua natureza, para conviver com vocês? E eu poderei ver com olhos indiferentes, com coração tranqüilo, os patrões da terra, os príncipes dos céus, os filhos de Deus, os herdeiros de Deus, as esposas de Deus, aviltados debaixo da torpe escravidão de seus vis escravos, feitos senhores e tiranos?

2. - O pecado e o demônio

E quem são estes tiranos que subjugaram sua natural liberdade? O pecado, o demônio.

O que mais horrível que o pecado? Ele se contrapõe às próprias perfeições de Deus, que bem pode dizer que quanto Deus é belo, bom, amável, tanto o pecado é disforme, péssimo, abominável.

O demônio é o eterno inimigo de Deus confirmado no mal, condenado a arder perpetuamente nas chamas, desterrado, banido do céu em que foi criado e galardoado pela divina magnificência do mais sublime lugar entre aquelas celestes delícias. Ingrato, soberbo, voltou-se contra Deus, arrastando na sua ruína, a terça parte daquele belíssimo exército de espíritos tão sublimes; e não domada ainda a sua soberba pela altíssima humilhação da sua pena, continua a fazer guerra a Deus, depois de tantas derrotas sempre obstinado, com os impotentes esforços de sua ira, para contrastar na terra o soberano domínio e a glória.

É implacável inimigo, também do homem, que substituído para ocupar aqueles lúcidos tronos dos quais ele foi deposto, tornou se o objeto mais queixoso da sua inveja, do seu desespero.

Tentou no primeiro homem, com um só golpe, precipitar todos nós da bem-aventurada sorte na sua condenação; e se fomos pela Benignidade do nosso salvador recuperados para futuras esperanças, perdemos porém a felicidade terrena, inundando a terra uma formidável cheia de males. "Pela inveja do Demônio entrou a morte no mundo" (Sab 2, 34).

Não satisfeito com isto, rodeia cada um de nós com particulares insídias, renova a cada momento seus assaltos, reforça os assédios; e intolerante no seu vergonhoso destino - pelo qual sua fronte soberba deve um dia ser pisada pelos nossos pés - se esforça com artes, ilusões, violências para nos envolver no mesmo opróbrio, nos arrastar à sua perdição.

3. - A escravidão do pecado e do demônio

E se poderá ver sem lágrimas um mostro tão horroroso de malícia, um inimigo tão injusto de Deus e das nossas almas, assumir orgulho, subir no trono, exercer tirania? E onde mais? No seu coração. Naquele mesmo coração onde antes, quase um templo eleito, habitava Deus com nobre cortejo de seus dons e de santas virtudes. Oh! terrível mudança que se fez em vocês! Antes, sua alma decorada com a presença do Senhor dos Céus; agora, deturpada pela habitação infame dos escravos mais vis do inferno. Antes, reverenciada, amada pelos Anjos como filha e esposa do seu Rei, agora, abominada, confundida como serva, como prostituta.

4. - Degradação da alma no pecado

Mas isto é pouco. Considerem, ó míseros escravos do pecado e do demônio, a ignominiosa maneira com que os trata o seu patrão. Não só os faz servir ao seu fausto quase como bestas as mais vis de sua estrebaria, mas - isto que é inaudito e quase incrível se não se visse com os olhos - os transforma e os muda em bestas; aliás os desnatura tanto que os coloca mais embaixo.

Julguem vocês mesmos. Olhem aquele avaro, aquele iracundo. Enquanto os próprios animais respeitam os da sua espécie e vivem em paz com eles, o avaro, o iracundo, justamente com seus próximos, usam as maiores ferocidades. Olhem aquele homem libidinoso, se é mais que um jumento! Olhem aquele jovem impudico, seus atos, sua feição; olhem aquela mulher impudente, aquela donzela lasciva... Vocês ficam envergonhados e quase enfadados contra mim. E não ficam aliás envergonhados ao reconhecer em você a sua vergonha? Ficam envergonhados pelas minhas palavras; não ficam envergonhados pelas suas ações! Onde está a generosa e nobre índole do seu ânimo? Onde está o amor inato da sua natural liberdade?

5. - Deus está com vocês; basta só um "quero" para reconquistar a liberdade

Eia pois! Reconheçam quem lhes fala; reconheçam em mim um ministro de Sua divina Majestade à qual indignamente sirvo e em cujo nome cumpro solene embaixada junto de vocês. Eis quanto Sua divina Majestade se compraz em prometer por meu intermédio a quantos entre você estão confundidos e arrependidos de sua ignominiosa escravidão, eficazmente desejam a restituição do seu grau, da sua glória, da sua liberdade.

Irmãos, basta só um "quero" que cada um de vocês diga com toda eficácia do coração; e vocês ficarão livres, acorrendo em seu auxílio a própria onipotência de Deus. Não temam seus adversários que Deus está com vocês. Não temam suas fraquezas, se Deus está com vocês. Não temam suas fraquezas, se Deus está com vocês. Resolvam, determinem, proponham. Já o glorioso triunfador, Cristo Jesus, ressuscitou depois de haver vencido com sua morte o pecado, e o demônio. Acrescentem a glória do seu triunfo fazendo que Ele vença o pecado, o demônio, também em cada um de vós em particular.

Oh! a festa solene que se fará no Céu! Oh! a paz que passará a gozar na terra a vossa boa vontade! Oh! as abundantes consolações que o seu amoroso Senhor lhes preparou! Oh! as doces congratulações que nós também faremos com vocês!

Eia pois, acompanhem-me com o coração, que eu lhes precederei com a língua: Maldito pecado, eu o detesto! Maldito demônio, eu o renuncio! Malditas correntes de modas desonestas, de imodestos vestidos, de devassidões, de embriaguez, de lascívia, de danças imorais, de amores infames, de avarezas, de fausto, de ambições, de vaidades! Malditas correntes, odiosos vínculos, abomináveis grilhões, eu os rompo neste dia, eu os rompo para sempre, e a Vós, meu Jesus, meu Deus, me submeto, me entrego, me abandono.

Referências Bibliográficas:

1. XXIII pregação: La libertà dal Peccato e dal demonio, 2 de abril de 1804.

V - O DESESPERO DE CONVERTER-SE (1)

1. - Pela graça do salvador nenhuma doença da alma é incurável

Lendo no Santo Evangelho sobre um leproso que reza: "Senhor, se queres podes curar-me (Mt 8, 2), e tocado por Cristo imediatamente é limpo; sobre um Centurião que se achega dizendo: "Basta, senhor, uma só palavra para curar meu servo que está em casa parálítico" (Mt 8, 6); e de acordo com sua fé naquele mesmo momento o servo sara; os dois milagres me fizeram acreditar que não existe doença em nosso espírito nem incurável nem desesperada que um fácil e fiel recurso à graça benigna do nosso Salvador não possa imediata e prodigiosamente curar.

Porém se não nos sai de cima a fétida lepra dos nossos vícios, nem ressuscita o nosso coração do mórbido leito dos seis terrenos prazeres, sobre o qual jaz apodrecendo por tantos anos abandonado por suas forças; a causa não é outra senão a nossa imbecilidade, preguiça ou desconfiança.

Ó quanto mais é deplorável ver tantos pecadores, que embora ressintam do seu mísero estado, todavia não resolvem eficazmente sair dele! Sua própria miséria em vez de levá-los a livrar-se deles, desespera-lhes seus ânimos, levando-os a agravarem-se sempre mais.

Introduzir a confiança nestes ânimos tão abatidos é na verdade muito difícil. Eu gostaria de conseguir reaver ao menos um se aqui se encontrasse; mas se convém proceder bem diferente que com razões. Com a mente perturbada pelos prejuízos da sua grave apreensão ou o atingem a força dos argumentos, ou os julgam insuficientes para seu mal. Só a autoridade pode neste caso agir melhor. E se esta falta a mim, virá no seu lugar a autoridade do S. Padre e Doutor, João Crisóstomo, do qual a minha palavra tira gravíssimos sentidos (2).

2. - A conversão da alma é fruto da confiança em Deus

Pecadores, meus irmãos, como podeis desesperar de ressurgir dos vossos pecados? Antes de subir ainda mais alto de onde haveis caído, de se tornarem perfeitos cristãos, mesmo santos? Não sabeis que a Deus nada é impossível, nada é difícil? "Ele levanta do pó o indigente, e tira o pobre do monturo, para, entre os príncipes, fazê-lo sentar, junto aos grandes de seu povo" (Sl 112, 7-8).

Se o demônio pôde fazer-vos cair e precipitar-se em tanta miséria, não poderá Deus fazer-vos ressuscitar e reparar vossa ruína com maior ressarcimento? Atendei ao que fazeis desconfiando. Porque fazeis maior ofensa a Ele desconfiando, que não fazeis pecando. De fato não é a multidão ou a gravidade dos pecados que leva o homem ao desespero, mas sim um ânimo já cheio de impiedade. E por isto já Salomão disse advertindo: "o ímpio quando atinge o fundo despreza" (Pr 18, 3).

Quem caiu mesmo em culpas muito torpes, e as multiplicou quanto queira, mas não chegou à impiedade de renegar a Deus, negando seus atributos de onipotência e misericórdia, jamais se desespera, antes tem voltado os olhos ao seu piedoso Senhor até que tenha misericórdia. "Olhai-me e tende piedade de mim - vai gritando com Davi - ó Senhor, porque estou só e na miséria. Mas nem por isso deixarei de voltar-me a ti" (Sl 24, 16), nem jamais deixarei de pedir, até que tenha certeza de que tua bondade me ouviu.

Eis, irmãos, onde levam todas as artes do demônio: tolher esta feliz esperança do vosso ânimo, pois esta vos pode salvar por mais que estejais perdidos. "Porque fomos salvos pela esperança" (Rm 8, 24): é a sentença do Apóstolo. O demônio, porém vos coloca aqueles pensamentos de aviltação, de desconfiança, de desespero para que deixeis escapar da mão esta âncora tão firme, para que agitados pela procela, afoqueis no fosso da malícia.

3. - A conversão da nossa alma é querida por Deus

Nós cremos, dizeis, que Deus possa; mas o ponto está em que queira voltar para nós o seu rosto sereno e pacífico, já cheio de ira e inspirando vingança pelas nossas culpas.

Entendi. Vós medis o desdém de Deus pelo dos homens. E assim fazeis um erro de grande dano a vós, e de suma injúria a Deus, se o enfado de Deus fosse paixão como o dos homens, teríeis motivo para desesperar de poder extinguir um incêndio de ira tão vasto excitado pela vossa iniquidade. Mas como aquela bem-aventurada Essência é vazia de toda perturbação, e embora puna, não o faz movido pela ira, mas sempre mantém um cuidado amoroso por nós; devemos criar ânimo e confiar no valor da Penitência.

Persuadamo-nos que Deus nos ama mesmo quando se mostra irado, e então mais nos quer atrair a si quando tendo nós saído fora, mais nos ameaça.

Ah! irmãos! Pensemos melhor de Deus depois de termos visto que ele não poupou nem mesmo seu Unigênito Filho por nosso amor; mas o entregou aos mais cruéis tormentos e a uma morte ignominiosa para redimir-nos de nossas iniquidades.

E se por trinta e três anos o Verbo feito homem correu atrás dos pecadores fugitivos Dele; e se Ele continua ainda a mandar seus embaixadores e legados, chamando, exortando, oferecendo seu nome de misericórdia; como - agora que voltamos a Ele com o desejo embora fraco de convertermo-nos, - nos repelirá? Não, não é possível.

4. - A divina Benignidade jamais rejeita uma penitência sincera

Deus jamais rejeita uma penitência sincera, mesmo se o homem tenha caído no fundo de todos os males; mas o acolhe, o abraça, o ajuda a levantar-se, e a recuperar sua primeira dignidade. Antes - o que é indício de maior benignidade - os

primeiros passos que dá no caminho da penitência, embora poucos, embora imperfeitos embora sós, nem mesmo estes recusa, mas os recompensa com ricos prêmios. Eis como Ele mesmo fala, pela boca de Isaías ao seu povo: "Pelo crime do meu povo me irritei um momento, feri-o dando-lhe as costas na minha indignação, enquanto o rebelde agia segundo sua fantasia. Vi sua conduta, diz o Senhor, e o curarei. Vou guiá-lo e consolá-lo" (Is 57, 17-18).

Acab havia chegado ao sumo da impiedade, e o sangue inocente de Nabot, traído enquanto subia para tomar posse de sua vinha, fumegava ainda sobre a terra. Deus, profundamente indignado, mandou seu Profeta ao encontro do pérfido rei, dizendo: "Mataste e agora usurpais. E depois disto estais para fazer ainda pior. Agora te diz o Senhor: No mesmo lugar em que os cães lamberam o sangue de Nabot, lamberão também o teu. Farei cair o mal sobre ti, varrer-te-ei, arruinarei tua casa e exterminarei todos os teus, porque me irritaste muito" (3º dos Reis 21, 19-20). E acrescenta a Escritura que não houve quem ultrapassasse Acab na iniquidade, tanto que "parecia vendido para fazer todo mal e era objeto de abominação de Deus" (Id, 25-26). Porém tendo este ímpio ouvido as ameaças do Profeta, cheio de terror, deu alguns sinais de arrependimento e humilhação, e "caminha triste e com a cabeça baixa" (Id, 27- 28). Quereis mais? Deus não pôde conter seu coração, se não procura logo o Profeta, dizendo com afeto de compaixão: "Tu não viste Acab humilhado diante de mim? Porque, pois, se humilhou por minha causa, suspenderei em sua vida aqueles males com que o ameacei" (Id, 28-29). Ó piedosas vísceras de misericórdia!

5. - Urgência da conversão

Somente isto bastaria, ó pecadores, para mover-vos imediatamente à penitência, seguros da benignidade de Deus em vos acolher convertidos, e do seu poder para restabelecer-vos caídos. Porém para fazer-vos resolver de fato convém que eu bata em outro ponto de não menor necessidade.

O tempo passa, e logo desaparece a aparência deste mundo. Será preciso pois deixar aqueles prazeres que agora não abandonais por eleição. Não vistes tantos que viveram entre delícias, prazeres, satisfações mais apetecíveis dos seus apetites, que agora estão mortos? Onde está agora o seu prazer? Onde estão aqueles amigos? Onde aquelas riquezas? Onde está seu corpo tão acariciado? Abramos um sepulcro; eis cinzas, ossos descamados, vermes, horror, mau cheiro. E a alma onde está? Sepultada no Inferno, em um fogo inextinguível, em trevas eternas, em aflição, em angústias perpétuas. Que adianta gozar um pouco aqui, divertir-se, enriquecer, e depois sofrer, chorar, angustiar-se eternamente do outro lado?

A vossa vida presente é semelhante a um belo sonho que dormindo se alegra de ter muitas riquezas e de encontrar-se entre delícias. Passa depressa a noite, e de manhã dolorosamente se encontra com as mãos vazias. E quisesse Deus que vos encontrásseis somente com as mãos vazias. O pior é que vos encontrareis entre tormentos inexplicáveis, sem esperança de sair jamais.

Ora, quanto tempo quereis para gozar vossos prazeres? Quantos anos quereis que vos sobrem ainda de vida? Trinta, quarenta, cinqüenta? Antes como podeis prometer-vos, se não podeis assegurar nem mesmo chegar até a tarde? E antes ainda que terminem estes anos pode terminar o vosso prazer por aquela grande mudança que ocorre nas coisas humanas, pela qual os acontecimentos mais agradáveis e mais queridos são também os mais rápidos em chegar ao fim e extraviar-se totalmente.

Mas dado que consigais gozar todos estes anos que vos prometeis, que são trinta, quarenta, cinqüenta anos diante da Eternidade? Aqui o bem e mal termina logo; lá tanto o tempo como o mal é eterno. E nesta vida gozamos quase em imagem e em sonho, e lá penaremos de fato e de verdade. É tendo podido nesse brevíssimo tempo e com pouquíssimas fadigas fugir daquelas penas acerbadas acima de todo pensamento e irremediáveis, e ganha um Paraíso de eternas e verdadeiras delícias; o outro lado será para nós um tormento pior que o fogo.

Pensai um pouco, ó pecadores, naquela bem-aventurada felicidade que Deus tem preparado também para vós; e como o amoroso e bom Senhor espera com ansiedade que vos convertais, para poder dá-la em perpétua posse. Lá não haverá mais dor, nem gemidos, nem tristezas, nem pobreza, nem doenças. Tudo paz, alegria e prazer; tudo tranqüilo, tudo sereno. Um dia perpétuo. Uma vida sem fim. Uma doce conversa com os Anjos. Uma suave concórdia com todo o coro dos Santos. Uma alegre convivência com Cristo, uma feliz visão e fruição do nosso Primeiro Princípio e Último fim que é Deus.

6. - Facilidade da conversão e suas vantagens

Ah! irmãos! Se S. Paulo julgava de pouca importância toda tribulação que ele sofria, em confronto com o peso imenso da glória (2Cor 4, 17), como não será coisa muito mais fácil acalmar as nossas paixões? Nós não vos exortamos àqueles perigos, àqueles mortes diárias, àqueles pancadas, àqueles prisões, àqueles dificuldades; mas somente para libertar-vos da escravidão do pecado, e para voltar-vos ao primeiro estado.

Porque quereis vós abater o ânimo e desconfiar? Aqueles mercadores que procurem do outro lado do oceano suas riquezas muitas vezes sofrem naufrágios; porém recomeçam animados desde o início e continuam sua viagem incerta e perigosa. Nós, certos de um êxito feliz, porque não retomaremos o curso? Permaneceremos deitados de costas com as mãos juntas a considerar inutilmente nossas perdas sem repará-las com toda solicitude?

Caíram também muitos santos; e caíram também muito grave. Caiu Davi, caiu S. Pedro e tantos outros. Permaneceram eles abatidos e prostrados? Não; antes levantaram com maior fôlego e se tornaram também mais santos do que eram antes.

Nas doenças do corpo nós jamais perdemos a esperança, como então a perderemos nas da alma que sempre têm remédio, o que nem sempre acontece

com as do corpo? Se não fosse assim, que quem pecou gravemente não pudesse mais reabilitar-se, eu diria que ninguém, senão talvez pouquíssimos, colocariam os pés no Paraíso. Mas ao contrário se vê que os Santos mais ilustres foram aqueles que antes caíram, como, além de S. Pedro, foi Madalena, foi São Paulo. Porque aquele ardor que antes os levaram a fazer o mal depois os levaram a fazer o bem. E por isso o Demônio põe todo o esforço para impedir-lhes as conversões; pois sabe que se iniciam a empresa e a penitência, não podem mais ser contidos, e se empenham com tanto fervor a servir Cristo, conscientes das suas dívidas, que se tornam eles mesmos inocentes e imaculados. "E os últimos serão os primeiros (Mt 19, 30)".

7. - Não é difícil perseverar na penitência

Não, não, meus queridos, não é difícil perseverar na penitência como quem no momento de deliberar a conversão gostaria o demônio de o fazer temer. Toda a dificuldade está somente em iniciar e em vencer a primeira vez o inimigo que com todo ardor e esforço se opõe. Pois ele também se enfraquece logo, primeiro porque foi superado uma vez, segundo porque foi batido naquela parte na qual mais forte. E vós, tomando coragem e ardor, correreis com grande alacridade e vigor este campo tão glorioso.

Eis pois, saí a campo. Não temas vossos inimigos; não olheis vossa fraqueza. Deus combaterá convosco. Ele vem em vossa defesa atraído pelo amor que vos consagra. Vem comovido pela causa tão honesta e tão interessante da virtude, da vossa salvação, da sua glória. Vem impelido pelo ódio que tem essencialmente ao pecado, para destruí-lo.

Vem obrigado pela sua própria palavra, pela qual prometeu circundar com o auxílio de sua misericórdia o pecador que a Ele volta suas esperanças; "Quem espera no Senhor, sua misericórdia o envolve" (Sl 31, 10). Esse Deus combate convosco e por vós, de que temeis? A Ele é fácil vencer tanto a poucos como a muitos inimigos. Tanto aos velhos e astutos como os novos e inexperientes. Tanto os fortes como os fracos. Caminhai pois com ânimo, combatei com energia, desde já seguros do triunfo.

Eis que, ao odor das vossas resoluções, a trepidação, se espalha no peito dos vossos infernais adversários, que temem não só perder para sempre a posse de vossa alma, por tantos anos usurpada, mas temem ainda de vós aquelas derrotas que tiveram tantas vezes de outros penitentes tão generosos.

Eis que o Céu começa a se engalantar, e afinam os Anjos suas cítaras de ouro para celebrar com alegria vossa desejada vitória. Todos nós temos os olhos voltados para vós para sermos espectadores da vossa coragem, e para congratularmo-nos e exultar ao mesmo tempo no desejo que temos de ver-vos livres da escravidão, sair cheios de honra e de espólios inimigos, restituídos ao vosso posto de altivez e de glória, que convém a filhos de Deus, a irmãos de Jesus Cristo, a cidadãos do céu.

Levantai os olhos. Vede quanto é belo o Paraíso. Se hoje vos resolverdes, vós o reconquistareis, vos recuperareis o direito perdido. Olhai lá o Cristo que vos mostra a nobre coroa que ele mesmo vos quer colocar sobre a cabeça.

Inclinai o olhar para baixo de vós. Vede o inferno aberto e debaixo de vossos pés, que já esperava um só instante para engolir-vos em uma noite eterna. Considerai de que lugar vos convém absolutamente fugir. Qualquer penitência que empreendais, será sempre menor, e muito, que o inferno que merecestes e no qual infalivelmente teríeis caídos para lá permanecer por toda a eternidade; se agora não tivésseis proposto converter-vos.

Eu me lanço aos vossos pés, e abraçando-vos com afeto, não me soltarei mais, nem pararei de chorar, nem desistirei de implorar-vos até que não tenhais misericórdia de vossa alma deliberando salvá-la a todo custo; até que não tenhais piedade de tantas almas que escandalizastes com os vossos maus costumes, reformando-os logo para edificação; até que não tenhais satisfeito o amor de Deus que deseja o vosso bem como a filhos; para glória de Cristo que derramou todo o seu Sangue para merecer-vos esta vitória; e aos nossos anseios que desejam ardentemente serem satisfeitos.

Referências Bibliográficas:

1. XXVII pregação: La Disperazione di convertirsi, 27. 01 .1805.
2. Cf AD THEODORUM LAPSUM, I. II. Pe. Gaspar escolhe alguns trechos, aqui e ali, compendiando-os, ampliando-os ou simplesmente traduzindo-os, como melhor lhe parece; adapta-os ao seu assunto e os coloca nos números 2 - 6. A peroração (n. 7) parece original.

VI - A CONVERSÃO DEIXADA PARA O MOMENTO DA MORTE (1)**1. - Não morre como justo senão quem vive como justo**

Preciosa é a morte do justo! Morre Estêvão, primeiro dos mártires, cheio do Espírito Santo; e vê os Céus abertos e Jesus sentado à direita de Deus. Morre com a alegria mais serena no espírito: "Senhor Jesus, recebi o meu espírito"; Com a consciência mais tranqüila no coração; "ajoelhado, clamou com grande voz"; com o mel mais doce nos lábios: "Senhor não lhes imputeis este pecado"; morre, ou melhor, dorme no seio do seu Senhor: "Adormece no Senhor". (At 7, 59-60). Oh! "como é preciosa diante de Deus a morte dos seus santos!" (SI 115, 6).

Quem é que não deseja ter a morte dos justos? "Que eu morra da morte dos justos" (Nm 23, 10), disse até aquele que depois morreu como ímpio. E, todavia dizem, e desejam incessantemente morrer como justos aqueles que porém querem viver como ímpios. Mas é vão este seu desejo: "o desejo dos ímpios perecerá" (SI 111, 10). Não morre como justo senão quem vive como justo. Não morre como santo senão quem vive como santo. Quem vive mal, morre mal; quem vive em pecado morre em pecado.

Sei o que me quererei opor, ó pecadores: que espereis morrer bem embora agora vivais mal, porque quereis converter-vos no momento da morte. Vãs esperanças; na morte vós não vos convertereis. Vós podeis morrer repentinamente, como em nossos dias muitos morrem. Mas eu quero que vós tenhais todo o tempo. E não obstante vos provo que não vos convertereis. Tenhais toda a oportunidade de sacerdotes entendidos que vos ajudam; vós não vos convertereis.

2. - Quem não quer converter-se agora não se converterá nem mesmo nas últimas

E por primeiro vós não vos convertereis, porque não quereis converter-vos. Parecerá talvez a vós que desde o princípio eu saia do caminho tendo de falar com tais pecadores que querem converter-se na hora da morte. Sei muito bem que vós quereis converter-vos então; mas sei ainda que vós não quereis converter-vos agora. Portanto eu deduzo: não quereis usar bem do tempo nem mesmo nos extremos.

Quem não conhece a força prodigiosa dos hábitos, radicados profundamente para inclinar e arrastar irreversivelmente a vontade aos atos convenientes a ele? Vós, resistindo agora aos convites da graça tão freqüentes, aliás, contínuos, habituais o vosso coração a uma dureza, que multiplicada por alguns dias, e agravada incomensuradamente por tantos anos, no momento da morte se encontrará ter chegado a um grau de aumento realmente monstruoso; de modo que se agora o vosso coração é duro, então será duríssimo. Como pois o quereis romper, como dobrar, como amolecer?

Não é esta simples conjectura, quando o Espírito Santo ajuntar sua sentença. É verdade irrefutável: "O coração empedernido acabará por ser infeliz" (Eclo 3, 27). Um coração duro, como usa mal do tempo agora, assim o usará mal também. Continuará na sua obstinação, na sua dureza: "acabará por ser infeliz". Atingido por tantas dores, por tantas angústias, por tantas tribulações, poderá sim blasfemar; humilhar-se, compungir-se, converter-se, não. "Acabará por ser infeliz": fará mal até o último instante.

Quantos não morreram em nossos dias como cães! Não são conjecturas estas, são fatos. Não são fatos acontecidos somente no passado; neste tempo tão depravado vêm-se acontecer quase diariamente.

Batidos, afligidos, angustiados pelos males - diz a Escritura - estrebucham, retorcem-se horrivelmente mais que mares agitados; e longe de fazer penitência para dar glória a Deus, blasfemam o Altíssimo que com tanto poder os flagela. "E blasfemaram o nome do Deus Todo-Poderoso sobre estas pragas, e não fizeram penitência para dar-lhe glória". "E comem sua língua pelas dores". E tornam a blasfemar o Deus do céu. "E blasfemaram o Deus do céu pelas suas dores e feridas". Não se convencem nem mesmo nas últimas, de arrepender-se de tanta iniquidade; "e não fizeram penitência pelas suas obras" (Ap 16, 9-11).

3. - No momento da morte não podereis converter-vos porque não estais em condições de fazê-lo

Mas vamos! Quero a todo custo o vosso bem. Tendes não só todo o tempo e toda oportunidade, mas mais ainda, todo o desejo de converter-se, como desejais tê-lo então? Será vã a vossa vontade, porque então não podereis.

Como? Oh! Deus! Você então nos desespera?

Não; antes quero que previniais o perigo de desesperar-vos não deixando para aquele momento a vossa conversão, mas fazendo logo, aquilo que não podereis então.

De fato, dissei-me, por favor: se uma dor de cabeça, uma dor de dentes, que depois de alguns dias passa, vos abate e vos ocupa a mente que não podeis pensar em outra coisa, nem fazer algo senão sentir vosso desgosto e padecer; que farão as dores e os espasmos da morte? Com as forças exauridas, nada, com o corpo arruinado, se não podeis ser aptos à menos ação, como o sereis à maior cheia de enormes dificuldades que é converter-se num momento de uma vida má e acostuada durante tantos anos ao mal? Se os próprios bons, quando a doença se agrava, se encontram incapazes, e são acostumados sempre a orar, a fazer atos de contrição, de esperança, de amor; e apesar disso sentem então grande dificuldade; como não a sentirão maior e insuperáveis os pecadores, habituados sempre ao mal e sem nenhum exercício ao bem?

A fantasia agitada, escurecida, estranhamente alterada, não apresentará ao intelecto senão imagens de terror, fantasmas de confusão, visões medrosas de objetos estragados e desfigurados.

A apreensão do juízo iminente e da eternidade próxima, os atrocíssimos remorsos de consciência que farão ver o pecado muito diferente daquele que parecia durante a vida; porque aqui se via quase como um cãozinho festivo que se acaricia nos braços, e lá aparecerá como uma enorme serpente ou como um dragão poderosíssimo e venenoso.

O demônio que andarà à roda com grandíssima raiva para devorar, como diz S. Pedro (1Pd 5, 8-9), duplicará suas tentações, apertará o cerco, se esforçará com os assaltos para fazer desesperar; farão chegar aos últimos degraus o temor, o espanto, a consternação. O temor, quando é moderado - diz S. Tomás - torna os homens solícitos para consultar e agir; mas quando se torna excessivo, tolhe de fato não só a ação, mas também o pensamento (S. Tomás, I - II, q. 44, a. 4 c.). Imaginai o que fará então aquele temor que é levado ao mais alto grau, isto é, a agonia.

4. - Exemplos

Ouvi da própria boca do Pontífice S. Gregório Magno um fato horrível de ser ouvido, acontecido na sua época, não só, mas em Roma, debaixo dos seus olhos, no seu próprio mosteiro poucos anos antes que ele o narrasse ao povo romano em uma homilia, e o tornasse conhecido a todo o mundo cristão registrando-o nos seus Diálogos.

Assim diz o Santo: "Houve um certo Teodoro, jovem muito inquieto, que mais por necessidade que por vontade veio seguindo um seu irmão ao meu mosteiro. Ele afirmava com juramento, com raiva, com escárnio que por si não chegaria jamais ao hábito da santa conversação. Agora no meio daquela pestilência que logo consumiu uma grande parte da população desta cidade, atingido pelo mal ele mesmo, chegou à morte. E estando para dar o último suspiro, reuniram-se os irmãos para proteger com a oração o seu pensamento. Nas extremidades do corpo já estava morto; somente no peito ainda continuava o desejo de calor vital. Começaram, portanto, os irmãos a reforçar as preces, quando já o viam partir a qualquer momento. De repente começou ele a gritar aos confrades assistentes e a interromper com grandes gritos suas orações dizendo: ide embora, ide embora daqui. Eis que eu fui dado para ser devorado por um dragão, que não acaba de devorar-me. Já absorveu minha cabeça na sua boca. Que se faça logo, para que eu não sofra mais aquilo que se é para fazer. Se fui entregue a ele, que me devore; porque vós me fazeis sofrer demora tão amarga? Então os irmãos começaram a dizer-lhe: Irmão, o que é isto? Faça o sinal da S. Cruz. Mas ele respondia com gritos agudos: Sim eu quero persignar-me, mas não posso. As escamas deste dragão me oprime, não posso, não posso" (2).

Oh! Deus! Pecador, pecadora, que estais aqui para ouvir estas coisas e outras acontecidas, cuidai, cuidai. Que não aconteçam para vós, que tendes que

gritar por desespero: Não posso, não posso! E certamente vos acontecerá não poder então, se agora, quando podeis, não quereis.

5. - Aquele que não quis fazer bem quando podia, não encontrará possibilidade de fazê-lo quando quiser

Mas concedamos por último que vós, tendo todos os sentidos livres, possais também valer-vos dos auxílios que Deus possa dar-vos naqueles extremos instantes para converter-vos. O mais terrível, será se vós não o tiverdes; e se os tiverdes suficientes, não os tereis eficazes, porque Deus não vo-los fará; e por isso não vos convertereis.

Deus mesmo protesta não querer dá-los a vós. "Eu vos chamei - diz Ele - tantas vezes nesta vida, e vós não me quisestes responder" (Jr 7, 13). Eu vos procuro e vos persigo amorosamente com a minha graça; e vós fugis sempre mais longe. Pois bem virá o tempo, virá a morte. "Procurar-me-eis; naquele momento procurareis a mim; e não me encontrareis" (Jo 7 34, 36), "morrereis no vosso pecado" (Id 8, 21). Levantem-se para dar-vos auxílio e defender-vos aqueles amigos que para agradá-los não duvidastes ofender-me. Levantem-se para proteger-vos aquelas criaturas em que colocastes o vosso afeto, vossas esperanças, vosso coração, tirando-o ingratamente de mim que o pedia: "Levantem-se para vos socorrer" (Dt 32, 38). Eu fecharei meus ouvidos aos vossos clamores; não mais me deixarei encontrar naquele dia; encherei o meu templo de fumaça pela majestade e pelo poder da minha justiça, a fim de que nenhum santo possa ir e interceder por vós até que não seja consumada a minha vingança" (Ap 15, 8).

Mas então o senhor não é misericordioso?

Sim, irmãos, mas Ele é também justo. Como misericordioso vos procura, vos espera, vos promete perdão agora; como justo fugirá de vós, vos repelirá, vingar-se-á até a morte de um abuso tão longo que vós fizestes das suas misericórdias.

Como misericordioso vos faz exortar agora: "porque não se alegra com a perdição dos ímpios, nem quer a morte do pecador, mas que se converta e viva" (Ez 33, 11).

Como justo vos deixará abandonados ao vosso desespero, ou endurecidos na vossa cegueira ir a té a perdição e morrer eternamente, porque se compraz da sua justiça: "Porque o Senhor é justo e ama a justiça" (Sl 10, 18). Como antes pela sua misericórdia, alegrou-se o Senhor sobre vós fazendo-vos o bem e multiplicando sobre vós suas graças; assim pela sua justiça se alegrará em pender-vos, em destruir-vos para tirar-vos de fato da posse daquela terra feliz de alegria e de repouso eterno, em que, estando com os pés na soleira, vos confiareis em vão colocar os pés.

Concluo com S. Agostinho: "Esta pena é justíssima com aquele que não quis fazer o bem quando podia, não encontre mais possibilidade de fazê-lo quando quiser" (3).

6. - Apressar a conversão

Se vã é a ilusão de morrer bem para o pecador que não quer converter-se logo enquanto está são e tem todos os meios oportunos, daí segue que vós não deveis deixar escapar da mão a ocasião favorável destes dias de graça e de reconciliação, para colocar vossa alma na amizade com Deus, e assegurar a vossa salvação. Portanto entenderéis porque eu quis entristecer-vos com um arrazoado sobre morte; porque eu olhei mais ao útil, antes à necessidade de alguns, que ao agrado, embora santo, de muitos e à minha própria inclinação. O que adianta, irmãos caríssimos, que vos digamos coisas bonitas se muitos de vós permaneçam em pecado mortal? E perseverem nas suas práticas? Nas suas dissoluções? Nas suas iniquidade? Vêm à igreja e à pregação pecadores, e depois voltam a pecar. Vêm às santas solenidades com pecado na alma e com ele continuam depois. Oh! Deus! E depois querem fazer uma boa morte? Engano, presunção, audácia detestável.

Ah! irmãos, acolhei esta luz que vos deram minhas palavras, e que eu por vós implore do nosso Pai que está nos céus com toda a instância do meu coração. Levantai-vos das trevas! "Levantai-vos do sono agora que está próxima a vossa salvação" (Rm 13, 11). Não percais tempo. Chorai, parti o vosso coração endurecido com uma salutar contrição. Resolvi mudar estavelmente de vida, mas logo, neste mesmo instante. Confessai vosso pecado; mas o mais depressa! Empreendi, fugi da má morte, já próxima de vós de modo que começa a cobrir-vos com sua sombra; assegurai-vos antes que consiga colocar sobre vós suas gélidas mãos. Pois então não tereis mais salvação; mas perecerão eternamente convosco todos os vossos bons desejos jamais conseguidos, por vossa culpa, com efeito.

Referências Bibliográficas:

1. XXVI pregação: La morte cattiva inevitabile ai Peccatori che su quel punto aspettano a convertirse, 26 de dezembro de 1804.
2. L. IV, c. 38. Narração truncada. As orações dos irmãos, fizeram fugir o dragão e o enfermo convertendo-se de todo coração, sobreviveu ainda algum tempo e terminou com uma boa morte.
3. De libero arbitrio, 1. III, c. 18.

VII - O PECADOR EMUDECIDO PELA VERGONHA CONVIDADO À CONFISSÃO (1)

1. - Mísera condição do pecador mudo

Mísera é a condição daquela alma que seduzida pelo mundo e pela carne concebeu no coração o pecado e traiu sua fé e seu Deus.

Porém mais mísera ainda, se atormentada pelos remorsos da consciência, ou comovida pelos estímulos da graça, porém vencida por um vil pudor, mantém fechado os lábios para uma sincera confissão, e se obstina em fechar no seio daquele monstro infame, de onde se deve esperar morte certa.

E todavia quantos e quantos dos nossos irmãos pecadores permanecem neste tão deplorável estado! Quem mais tardará a prestar-lhes auxílios em tão grande necessidade?

Somente vos peço e esconjuro, ó pecadores, se neste dia ouvirdes a voz do vosso Deus, não deixeis endurecer os vossos corações (Sl 94, 8).

De resto eu não duvido que, expulso todo vão temor, aquele mesmo Jesus que afugentou o demônio mudo do energúmeno no Evangelho, não esteja para desatar também salutarmente vossa língua (Lc 11, 14-28).

2. - O convite de Deus e o engano do demônio.

Os exploradores enviados por Moisés à Terra prometida referiram tanto mal daquele país aos muito crédulos Hebreus, chegando a dizer-lhes que aquela terra devorava seus infelizes habitantes (Num 13, 33).

Assim também eu penso ter acontecido no vosso caso, ó pecadores. Deus vos chama desejoso de perdoar vossos pecados e restituir-vos na sua graça; vos excita, vos convida a confessar-se. Mas que! Não assim rapidamente vós mandais adiante algum bom pensamento a esta terra prometida e vós mostrais pela divina misericórdia, que já vos torna notícia de vãos terrores, quase de uma insofrível ignomínia que lá vos espera.

O próprio demônio amplifica, exagera, pinta tão vivo a tímida fantasia, estas falsas apreensões, que obtém finalmente fazer prevalecer em vós, à verdade das divinas promessas, seus enganos, com enorme dano para vossa alma. E aquele que pouco antes vos levava toda vergonha para pecar com mais franqueza, agora vos duplica a confusão para impedir-vos de confessar o vosso erro. E será verdadeiro portanto que em um negócio de tão grande conseqüência pela vossa salvação vos deixeis enganar pelos falsos relatos de um vosso tão jurado inimigo?

Merece talvez um Deus que tão ternamente vos ama, um Deus tão fiel em manter suas promessas, merece, digo, menor fé de vós que um mentiroso traidor?

3. - Vantagens de uma boa confissão

Deus vos assegura - no momento em que resolvais depor com viva dor e com ingênua sinceridade vossas culpas aos pés de um seu ministro - tirar de vós toda confusão não só, mas de trocá-la por outra glória igual.

Não se pode de fato negar, sem negar ao mesmo tempo a fé, que ele não esteja para restituir amplamente e apagar totalmente na alma toda mancha de culpa por mais grave que ela seja, - verdadeira e única razão de pudor e de vergonha - fazendo nela rejuvenescer, quase reflorir o espírito mortificado pelo cruel gelo do pecado. Aqui é onde a alma fica limpa, purificada, embelezada com um raio daquela luz puríssima que a divina face, amorosamente a ela de novo voltada, lhe difunde. A reveste do hábito precioso da graça, coloca-lhe de novo na cabeça esplêndida coroa entrelaçada de raras gemas de todas as virtudes, lhe coloca no dedo o anel de ouro da caridade, e todos os outros nobres dons e ricos tesouros de merecimentos de que lhe havia espoliado o pecado, como tinha antes de pecar. Antes pode acontecer que ela ressurgindo conquiste um grau maior de graça do que quando caiu: servindo assim a muitos este sacramento da confissão quase de fúlgida vestimenta para recobrir não só sua nudez, mas para circundá-los de muita glória.

Porque temer então ficar confusos, onde antes vos espera suma honra e glória inestimável.

4. - Vão temores

Tudo bem, dirá todavia alguém; mas o dever descobrir todos os males os mais tenebrosos segredos do nosso coração ao Sacerdote, é um peso insofrível ao nosso pudor. Que triste conceito ele formará de nós! Com quantas amargas repreensões não nos repreenderá gravando assim muito mais a nossa ignomínia!

Entendo, entendo a vós. Quero, porém, que entendais bem ainda vós de que lado procedem estes vossos temores. Na verdade outra coisa não é senão uma névoa funesta colocada diante de vossos olhos, com que o inimigo infernal, como sabe ter obcecado tantos outros, assim agora confia cegar também vós; enquanto eu vos mostro que antes deveis esperar ser acolhidos pelo confessor com muita amabilidade, e na sua opinião muito honrados.

5. - No confessor está a bondade e a misericórdia de Cristo

O sacerdote, na verdade, quando senta no sagrado tribunal da penitência, representa a pessoa do próprio Cristo, e faz sua vez. Ora se Cristo longe de rejeitar com desprezo algum pecador por mais infame, que demonstrando sinais verdadeiros de arrependimento a Ele recorreram, trata sempre com muita afabilidade os Publicanos, acolhe, amoroso, as lágrimas das perdidas Madalenas,

devolve absolvidas em liberdade as adúlteras já condenadas à morte, promete levar consigo no mesmo dia ao belo Paraíso um ladrão que se dirige a Ele da cruz pouco depois de havê-lo antes blasfemado; como poderá seu ministro não tratar com o mesmo espírito de ternura e de mansidão os penitentes mais tímidos que a Ele se apresentam? Como poderia ter horror àquelas chagas sobre as quais o divino Médico, para curá-las, derrama com igual suavidade e eficácia, não já óleo e vinho, mas - quase bálsamo celeste - todo seu Sangue precioso?

6. - No confessor está todo conhecimento das misérias humanas

Finalmente o vosso confessor é um homem semelhante a vós, sujeito aos mesmos perigos de cair, rodeado de enfermidades, tornado compassível pela experiência das próprias e alheias faltas, devendo também ele apresentar-se então a este salutar banho de penitência para lavar suas culpas. Conhece totalmente a fragilidade humana; sabe também que os próprios homens mais espirituais e santos caíram talvez gravemente. Pelo que vendo no penitente o coração aberto e desejo da eterna salvação, concebe-lhe terna comiseração, cálido zelo e fervoroso desejo de assisti-lo, ajudá-lo. Vê com ternura a vossa humilhação onde vos transformais em justos no próprio ato de acusar-vos como pecadores, segundo aquela áurea sentença de S. Ambrósio: "Sendo todos nós pecadores, é mais louvável o que é mais humilde; é mais justo quem se conhece mais indigno" (De Poenitentia, 1, II, c. 10); testemunhando o Espírito Santo que o justo é o acusador de si mesmo.

7. - A confissão sincera se transforma em honra ao penitente

Se vós não apresentastes ao sacramento senão uma matéria apenas suficiente de levíssimas culpas, o confessor, sabendo de quão graves tentações e perigos sejam circundada a vida humana poderia porventura ter qualquer suspeita que a vossa confissão não fosse totalmente sincera. Ora, ao contrário, quanto mais graves são as culpas que apresentais, tanto maior são as dificuldades que tendes que vencer, assim como ele se consola em ver-vos prevenidos por uma graça efficacíssima e superabundante, assim tem um fundamento quase seguro para acreditar que vós pertenceis já por divina determinação ao belo grupo daqueles eleitos vistos já pelo contemplativo de Pátmos, vestidos de branco diante do trono de Deus por "ter já lavado e branqueado suas estolas no Sangue do Cordeiro (Ap 7, 14).

8. - Melhor a confissão secreta no sacramento da penitência que a confissão pública no dia do júizo

Todas estas razões são na verdade, a quem bem as considera, mais que suficientes para mandar embora todas as trevas de um vão temor. Mas se por acaso acontecer - o que posso muito bem supor que o temor de uma pretensa vergonha predomine em vós a ponto de tornar-vos mudos mesmo a custo da alma, eu quero que este mesmo temor seja aquele que vos obrigue a falar.

De fato se pensardes bem, muito maior ignomínia, no vosso caso, vos deve custar o calar que custaria o falar. Se vós falais, trata-se enfim de descobrir-vos a um homem só, a um sacerdote que não vos conhece, que se também vos conhecesse, vos deveria compadecer; e quando ainda devêsseis sofrer alguma confusão, esta é breve e momentânea, sucedendo bem depressa uma grande paz, uma alegria jamais provada, uma glória sincera.

E quanto às culpas passadas, elas ficam tão sepultadas no mais alto silêncio, debaixo de um rigoroso sigilo sacramental, que em nenhum caso possível pode o sacerdote, nem com a língua, nem com um gesto embora mínimo, nem com qualquer outro comportamento, nem aos outros nem a vós mesmos fora do sacramento, fazer menção, ou dar só impressão de ligeiríssima suspeita.

Pelo contrário se muito mal vos resolverdes calar, além de provar um interior muito amargo e perpétuo rubor - remoendo sempre a vossa consciência o mal cometido - virá depois um dia em que será descoberto e publicado em face de um mundo inteiro que será testemunha da vossa confusão; protestando-se Deus nas Escrituras de querer no dia do último juízo envergonhar profundamente os pecadores, revelando diante do Céu e da terra suas mais ocultas e torpes ignomínias (Lc 12, 2; 1Cor 4, 5).

Considerai agora com S. Agostinho "se não seria melhor tolerar agora um pouco de vergonha diante de um, ou no dia do juízo, diante de tantos milhares de homens e de Anjos, ter de apodrecer na desonra de uma grave repulsa" (De Visitacione Infirmorum, 1.II, 5).

Aqueles mesmos a quem mais vos preocupa agora de manter oculto vossos pecados, não o saberão eles naquele dia? Vosso confessor de quem tanto tendes medo agora, não o verá ele também naquele dia? Que dirá, portanto, da vossa loucura vendo ter vós feito mais conta de uma pequena confusão que da vossa eterna salvação? Que dirão tantos vossos conhecidos, amigos, familiares, que tiveram talvez durante a vida boa opinião de vós, espectadores então da vossa infâmia e do vosso desespero?

Avante pois, já que vós por haver pecado deveis sofrer a confusão, eleger ao menos a menor, confessando agora a vossa falha, se a vós agrada ainda chamar com este nome de confusão aquela que na verdade para vós é mãe de tanta glória.

9. - Ou confessar-se ou condenar-se

Eia, pois, pecadores, que resolveis? Vede a que angústia final está reduzida a vossa escolha: "ou vencer, ou morrer"; ou vencer generosamente todo o pretenso rubor, ou perder a alma eternamente; sim, ou confessar-se, ou condenar-se.

Pensareis vós que vos haja outro meio para esquivar-se do inferno? Jejuai, pois, flagelai o vosso corpo, condenai-o a dormir no chão, vesti-o de pungentes cilícios, alimentai-o de lágrimas e de cinzas, fazei obras de santos e maior ainda que

de santos; que vos valerá tudo isto? Estais totalmente perdidos. Ou confissão ou condenação; não há outro meio: ou condenação ou confissão.

Confessareis, porventura, todos os outros pecados, guardando consigo aquele que vos dá mais vergonha? Mas vós sabeis também que o não dizer tudo é o mesmo que não dizer nada; é um voltar do Sacramento com os mesmos pecados de ontem, ou com um maior do que os de antes; com um horrível sacrilégio na alma. Eis: "ou vencer ou morrer"; ou confessar todos ou condenar-se.

O que, então? Esperar-se-á talvez confessá-los na hora da morte? Mas aquilo que vós conheceis dever fazer naquele ponto, porque não o fazer agora? E se estais resolvidos confessar-vos uma vez, porque não agora? No entanto se renovam as quedas, se multiplicam os sacrilégios, e se duplica assim a confusão de manifestação depois ao mesmo tempo.

Que mais? Do reter e do oprimir no coração o pecado vergonhoso nasce uma tal cegueira, uma tal névoa que leva finalmente à obstinação, portanto ao endurecimento, e este é o último passo para chegar à impenitência final.

Eu vos pergunto pela última vez: que resolveis fazer? Escarnecer talvez todas as artes do vosso maligno adversário? Vencer corajosamente todo vão temor, assegurar de uma vez a vossa eterna salvação? Felizes de vós! Se assim firmemente haveis proposto, felizes de vós. Começai agora para não parar mais depois de render, quanto mais fervorosas possais, as devidas graças àquela misericórdia que vos conduziu neste dia a ouvir suas vozes, e vos moveu o coração com tanta eficácia. Não tardeis um só momento para cooperar com um tão poderoso e extraordinário auxílio de Deus.

Eis já esta divina misericórdia, por meio do seu ministro, está esperando que vós quais filhos pródigos, mas arrependidos, vos atireis dolentes aos seus pés para levantar-vos bem depressa e esconder no amoroso aperto de seu seio a vossa nudez. Nada mais deseja que restituir-vos, junto com a paz da vossa consciência, toda a honra, toda a glória, todos os direitos de verdadeiros filhos de Deus. Que suave e substancial banquete não prepara para vós! Que festa mais alegre não se prepara no Céu pela vossa conversão! "Haverá mais júbilo entre os Anjos de Deus por um só pecador que faça penitência" (Lc 15, 7).

Referências Bibliográficas:

1. X Pregação: Il peccatore reso muto dalla vergogna invitato alla Confessione, 21 de março de 1802.

VIII - A MORTE ESTÁ PRÓXIMA (1)

1. - "Muitos são chamados, poucos na verdade escolhidos" (Mt 20,16)

Muitos são os chamados, poucos os escolhidos. Pensai bastante, refletai, considerai que se trata da alma, trata-se de uma eternidade; ou uma eterna alegria ou um eterno pranto. No entanto, a um eterno gáudio, que haverá no Céu, muitos são chamados, poucos escolhidos.

O ter nascido na Igreja católica, a quem foram feitas promessas de vida eterna, quer dizer, vós terdes sido chamados com muitos, já não eleitos com poucos, quantos balizados se perdem! Quantos que professam a verdadeira religião se perdem!

Mesmo no santo Evangelho entre muitos, tinha sido convidado às núpcias reais, antes, introduzido e admitido à sala, aquele que foi excluído do banquete no instante que estava para sentar-se à mesa com os outros, porque foi encontrado sem a veste nupcial (Jo 22, 11-14).

Oh! Deus! Quantos convidados para a glória, que já a esperam, que já estão preparados e prontos para assumir, no último instante da vida a perfeita posse, serão ao invés atirados nas trevas a ranger os dentes e chorar para sempre, como aqueles que foram surpreendidos sem a veste conveniente àquele celeste banquete, isto é, sem a graça de Deus! Pecadores, pecadores, se Cristo viesse a vós neste instante, como virá certamente no da vossa morte, que vos adiantaria ter sido chamados, convidados e quase levados à força até a soleira do Paraíso, se encontrando-vos agora despidos da graça sereis banidos eternamente? Muitos são os chamados, poucos os eleitos.

Vós pensais ter muito tempo ainda deixando para o fim, o atender o propósito da salvação. Falso, falso. Não tendes mais que o tempo presente; porque a morte já está à porta, está próxima, está iminente.

2. - Iminência da morte

Eu não falo com aqueles que, já transcorrida a maior parte de suas vidas, percebem facilmente estarem para sair daqui bastante próximo.

É muito claro que estes não têm tempo a perder, se querem pensar na alma.

Falo convosco, jovens floridos, donzelas vivazes, homens, mulheres fortes de compleição, vigorosos pela saúde. A vós eu lembro, a vós anuncio que a morte não somente virá, não somente está para vir, mas vem: "Eis que venho". E vem tão depressa, que se quiserdes esperar, podeis dizer como de um que se sabe que vem e se espera na rua, e chegando e sendo avistado, se diz: "ei-lo, ei-lo, é ele que

vem". E a morte poderá dizer levantando a voz para vós: vós não me esperáveis assim tão depressa; mas eis-me aqui, eis-me aqui: eu estou aqui, olhai-me, reconhecei-me. "Eis que venho, que venho depressa" (Ap 22, 12, 20).

Nem penseis que havê-la descoberto com os olhos ainda distante de vós, embora vindo para vós, deva demorar grande tempo para chegar.

Não, vem logo: "depressa"; pois vem a cavalo. "Olhei e vi um cavalo amarelo. O que estava montado sobre ele tinha por nome Morte" (Ap 6, 8). Corre com tanta agilidade que vence os corredores mais ligeiros e mais velozes. Antes não corre não, mas voa como os pássaros que fendem os ares com asas ligeiras: "como a águia voando para a presa"; mas foge como navio que rasga o mar impelido pelos ventos: "passaram como navios" (Jó 9, 25-26): mas passa como não deixando marca ou visão de sua rapidíssima passagem: "foge como a sombra" (Jó, 14, 2).

3. - Lembra-te que a morte não tarda

E notai que ele não para mais, nem se atrasa pela viagem. A este respeito foi muito solícito o Espírito Santo: "Lembra-te de que a morte não tarda" (Eclo 14, 12). A morte não tem necessidade de repousar, de restaurar-se ou de se refrescar, porque jamais se cansa de correr. Antes - o que é mais admirável - quanto mais - viaja, mais corre e se fortifica. Como uma rápida torrente que quanto mais avança pelo caminho, recebendo de várias partes no seu curso mais água, cresce de vigor a cada passo, de ímpeto, de ação. "Nós todos estamos morrendo, e corremos pela terra como as águas.](2Re 14, 14).

Vede, pois, se a morte já está em viagem para vós, se é chegada até vossa vista, se vem correndo com indizível velocidade, e jamais para, e não atrasa um passo, quão perto ela está para chegar, e surpreender-vos!

4. - Nada pode deter a morte

Sei no que confiais; na esperança de poder detê-la pelo caminho, de modo que não vos aflija senão tarde.

Acreditais que seja boa oposição à morte a robustez, o vigor dos membros? Mas quantos fortes e bem robustos, muito sadios como vós, não morrem todos os dias! Pensais que as comodidades da vida, o lucro que vos dá o vosso estado ou o amor próprio vos procura, sejam defesas suficientes contra seus assaltos. Mas quantos abastecidos abundantemente destas coisas não devem ceder apenas ela se aproxima!

Vós confiais nos segredos e preciosas descobertas da arte. Mas quantos, consumido todos seus haveres em procrastiná-la, quando se acreditavam mais preparados que nunca, se encontraram descobertos e inermes entre suas mãos! Não existe remédio contra a morte, não há defesa, não há impedimento que a detenha um só ponto.

5. - "Na hora em que não esperais"

Se vós vos assegurais que nesta idade a morte não virá a vós, quereis fazer parecer mentiroso o Evangelho, mentiroso o próprio Cristo que vos nega abertamente a segurança de um dia e de uma hora só: "Não sabeis nem o dia, nem a hora" (Mt 25, 13). Antes na hora que vós menos temeis a morte, que menos nela pensais, aquela é a hora em que ela mais provavelmente virá: "Na hora em que não esperais o Filho do homem virá" (Lc 12, 40). "Vigiai, pois" (Mt 25,13). Não percais tempo. Ficai alerta. Não confieis na idade, não confieis na robustez, na compleição, presumindo quase deter a morte já a caminho. Ela vem trazendo na mão os decretos marcados pelo Onipotente. Não pode ser retardada de um só dia, de uma hora, de um momento. Pouco vale fechar-se numa fortaleza inexpugnável, se, chegando ela, é preciso abrir as portas mesmo as mais fechadas, ou antes, estas se abrem por si mesmas, fossem do mais forte bronze e do mais sólido jaspe. Não há coisa que resista os decretos imutáveis de Deus.

6. - A morte vem em qualquer lugar, em qualquer tempo, de qualquer modo

Não há, portanto, outra salvação que fugir dela. Mas em que lugar estaremos seguros se ela reina em todo lugar com domínio absoluto e universal? Jó no-la descreve quase como um rei que calca sob seus pés os súditos medrosos sem que estesouse mover-se ou revoltar-se: "e a morte como um rei o calcará" (Jó 18, 14).

Ela nos pode pegar na terra, no mar, em casa, na rua, no quarto, na praça, na cidade, nas planícies, nos montes, nos jardins nas matas.

Não só em qualquer lugar, mas em qualquer tempo, de dia, de noite, de manhã, à tarde, na primeira ou na última vigília.

Não só em todo lugar, em qualquer tempo, mas de qualquer modo. Pode nos assaltar com alguma doença, com febres, com catarro, com dores, com paralisias, com convulsões, com cálculos, com apoplexias, com cânceres, e com infinitos outros tipos de doenças e de acidentes. Pode servir-se de todas as criaturas, como de causas externas, para levar-nos a vida de um momento para outro, mesmo de improviso. Eis pronta a terra com seus terremotos, o mar com suas procelas, os rios com seus remoinhos, os ares com seus hálitos mortíferos, o fogo com seus incêndios. Entre os animais, alguns ferozes saem das selvas para dilacerar com unhas e dentes, outros venenosos ora se escondem entre as flores e ervas de um jardim, de um vaso florido, como a víbora; ora se alimentam em vossa, própria casa, como aquele cachorro que uma mordida improvisa transmite para vós o veneno de sua raiva, e vos mata. Entre os próprios homens alguns vos atravessam com armas, outros com traições; lá os assassinos, aqui os ladrões noturnos, na rua um rival, em casa um amigo ou um criado infiel.

Embora a morte não tenha necessidade nem de ferro, nem de fogo, nem de veneno para tirar-vos a vida num instante. Dentro de vós há o quanto basta para

matar-vos. Como as roupas geram suas traças, assim o nosso corpo gera a podridão de que deve ser consumido: "Serei consumido como a podridão, como uma roupa que é comida pela, traça" (Jó 13, 28). Isto é próprio da traça: roer a roupa sem barulho, assim que se percebe roído, antes que se perceba que ela a rói. Quem sabe se dentro de vós a vossa vida, insensivelmente enfraquecendo-se, não esteja próxima de ser consumida?

Nada de esperar a morte distante! Nada de temê-la como em viagem! Nada de suspeitá-la próxima! Já podeis estar atingidos. Pode ser que já há muito tempo em vossas vísceras esteja trabalhando uma improvisa, dissolução. Pode estar já iminente a hora em que vos vejais consumido no corpo, sem jamais ter percebido os dentes atrozes que dia e noite maldosamente o roíam.

E se é assim, parece-vos que há tempo para perder? Que prudência é a tua, ó pecador, sejas quem for, confiar no tempo para não se converter logo e salvar a alma agora que tu podes, em um perigo tão grave que não possas mais fazê-lo e perder-te para sempre? Tanto mais que para ti a morte não deve vir no curso normal e por via ordinária, mas deve vir antecipada, deve chegar improvisa.

7. - A morte do pecador será antecipada

A proposição de que tu morras antes do teu tempo é, em termos expressos, do próprio Deus. Estas são suas palavras no Eclesiástico: "Não sejas insensato, para que não venhas a morrer antes do tempo" (2). E em Jó: "O ímpio perecerá antes que se completem seus dias" (Jó 15, 32). E ainda: "Os ímpios foram levados do mundo antes que cumprissem seu tempo" (Jó 17, 16). E no Eclesiástico de novo: "A quem aborrece a correção terá abreviada a sua vida" (Eclo 19, 5). E nos Provérbios: "Os anos dos ímpios serão abreviados" (Pr, 10, 27). E finalmente : "O aguilhão da morte é o pecado: o estímulo da morte é o pecado" (1Cor 15, 56).

8. - A morte do pecador virá repentinamente

Quanto à segunda proposição de que morrerás de repente, eis as provas das Escrituras; "O homem que despreza com cerviz dura o que o repreende, cairá de repente em total ruína, e não terá mais remédio" (Pr 19, 1); isto é aquele pecador que obstinado persevera no mau costume diante de tantos que o advertem, será colhido por morte improvisa - isto é, quando se tiverem por seguros - então lhes sobrevirá uma destruição repentina" (1Ts 5, 3). E estes são aqueles aos quais sobrevirá de repente a morte "como um ladrão de noite", como temos no Evangelho (Mt 14, 43; Lc 12, 39), pois vivem nas trevas. E no Salmo: "Ó como foram reduzidos a tal desolação! Repentinamente feneceram; pereceram pela sua maldade" (Sl 72, 19).

Mas isto é coisa de fato. Encontraremos nas histórias sagradas que os ímpios pereceram horrivelmente, repentinamente. Repentinamente morreu Faraó com todo seu exército, afogado nas águas. Repentinamente morreram no deserto aqueles Hebreus que desejavam retornar ao Egito. Repentinamente morreram aqueles

rebeldes contra o sacerdócio de Aarão. Repentinamente os murmuradores da Terra prometida, e tantos outros sem número repentinamente levados pela morte por causa de seus pecados.

Dirás que também aos justos acontece a morte imprevista.

9. - Porque também os justos às vezes se submetem à mesma morte dos ímpios

Respondo que Deus às vezes permitiu e permite isto por altíssimos fins da Providência; como permite também que os justos sejam submetidos a outras penas próprias dos ímpios nesta vida temporal. Isto, porém, não impede que a morte imprevista não seja êxito mais freqüente e mais comum aos ímpios; os quais "passam seus dias em delícias, e num momento descem ao sepulcro" (Jó 21, 13). Respondo enfim que quando em uma nação os pecados são fatos já comuns e públicos os escândalos, Deus costuma castigar nesta vida todos igualmente, e todos envolve na mesma pena; pois - como refletem S. Agostinho e S. Gregório e outros santos - todos, se poderia dizer, que de algum modo são moralmente culpados; ou porque cometem o mal, ou porque participam consentindo ou aprovando ou não impedindo com todo seu poder o mal nos outros com a correção fraterna, com o bom exemplo, ou ao menos com as mais cálidas orações; como é dever de muitos por justiça, de todos por caridade (3). "Não de outro modo - diz S. João Crisóstomo - que num bairro onde existem muitas casas juntas, quando se pega fogo em uma, se todos os vizinhos não concorrem para extingui-lo, não queima só esse, mas em um só incêndio que se espalha, ficam todas queimadas" (4). E esta é a origem das mortes repentinas acontecidas hoje, não só freqüentes, mas ordinárias e comuns.

10. - "Se queremos pensar na alma, não nos resta tempo a perder"

É preciso, pois começar a obra. É preciso logo se converter a Deus, detestar o pecado, confessá-lo aos pés do sacerdote, chorá-lo, deixá-lo, abandonar as ocasiões, apegar-se a todos os meios que forem úteis para manter firme a nossa resolução; especialmente com freqüentes e assíduas orações pedir a Deus luz e força para resistir às tentações e velar sobre nós mesmos com o exercício das virtudes cristãs; dar-nos enfim solícitude para satisfazer com voluntárias penitências e mortificações os nossos pecados até agora cometidos. Em suma reformar os costumes, instituir uma nova vida, para nos vestir com a veste nupcial que só ela nos introduz no número dos eleitos.

Trata-se da alma, trata-se da eternidade. É preciso que ceda o amor às coisas caducas e terrenas.

Trata-se de comparecer em breve diante de um Juiz terrível e inexorável. É preciso que cedam as conveniências e os respeitos do mundo.

Poucos são os escolhidos. Aquela grande multidão que segue o mundo, se porém é entre o número maior dos chamados, não é porém entre o menor e

escasso dos eleitos, antes é abertamente excluída, como vimos pelo Evangelho. Quem quer salvar-se com os poucos, viva com os poucos.

A graça de Jesus Cristo, que pelo meu ministério vos chamou novamente, vos ajude a começar, e vos conforte a perseverar. Assim

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XXIV: La morte imminente, 29 de setembro de 1804.
2. O texto está no Eclesiastes, VII, 18.
3. Citação resumida de textos esparsos. Cf S. Agostinho, De civitate Dei, 1. 1, c. 9.
4. Citação resumida. Cf. Hom. X, in ep, ad Ephesios, 2, 3.

IX - A MORTE É TERRÍVEL PARA CADA HOMEM (1)

1. - O fim universal do mundo

O santo Evangelho no capítulo 21 de S. Lucas nos convida a pensar no fim universal deste mundo. Este pensamento deve atemorizar todas as nossas paixões e fazer-nos entrar seriamente em nós mesmos. Os sinais pavorosos do formidável e último juízo nos vêm descritos por isso pelo próprio Cristo. "Haverá sinais no sol, na lua e nas estrelas; na terra, consternação dos povos pela confusão do bramido do mar e das ondas, mirrando-se os homens de susto, na expectativa do que virá sobre todo o mundo, porque as virtudes dos céus se abalarão" (Lc 21, 25-26).

Oh! Deus! Que dias funestos! Oh! que tempo espantoso será aquele! Cada um de nós vai dizendo: Peço ao Senhor que me tire a vida antes daqueles terríveis momentos. E assim esperando cada um de morrer antes, industria-se para tirar de si o medo daquele dia tremendo.

2. - O dia em que eu morrer será para mim o fim do mundo

Mas eu queria que refletíssemos um pouco melhor. Não será talvez a morte para cada homem, em particular, o que para todos os homens deverá ser o morticínio universal? Aquele dia em que eu morrer, que cada um de vós morrer, é para mim, para cada um de vós, o fim do mundo. Como, portanto, é tão temido por todos aquele dia, e tão pouco pois comumente este? Talvez podemos fugir deste dia que possamos não morrer? Ou que este dia deve ser menos temido?

Eis que vos apresento rapidamente somente três efeitos terríveis da morte: a perda do corpo, a perda dos bens temporais, o perigo de perder a alma. Veremos se a morte é para ser menos temida que o fim do mundo; e o veremos pelo efeito deste temor, que é abandonar toda vaidade da mente, desapegar o coração dos afetos terrenos, e colocar o homem no ponto de providenciar seriamente a salvação.

3. Estamos condenados à morte

Entre os outros dons sublimes de que foi adornada a natureza humana apenas saída das mãos do seu excelso Criador, é a imortalidade: "Deus criou o homem imortal" (Sb 2, 23). Nós fomos criados por Deus para viver sempre. E se agora nós devemos morrer, isto é por sentença de pena estabelecida: "está escrito que os homens morram uma só vez" (Hb 9, 27). Somos condenados à morte.

A morte não existia no mundo; aquele primeiro homem que introduziu o pecado trouxe também a morte: "Como por um só homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado a morte" (Rm 5, 12).

Acreditava aquele nosso primeiro pai poder tornar-se igual a Deus: "sereis como deuses" (Gn 3, 5). E Deus o condenou a tornar-se pó: "em pó te tornarás" (Gn 3, 19); para que se esclarecesse com o fato de ser pó e não Deus, e a Deus se sujeitasse com a humilhação, quando tolamente queria engrandecer-se com a soberba: "porque és pó".

Sim fomos condenados à morte pela soberba dos nossos progenitores e somos condenados também todos nós, filhos, para que aprendamos a ser humildes diante de um Senhor tão poderoso: "humilhai-vos pois sob a poderosa mão de Deus" (1Pd 5, 6).

Parece-vos que um condenado à morte deva andar de cabeça erguida e arrogantemente? Olhai aqueles que são levados à forca: pálidos, trêmulos, cabeça inclinada! Nós estamos neste caso. Se o caminho para o patíbulo é porventura um pouco mais longo, não teme, porém, menos aquele infeliz que é levado para ele. Não são como bestas insensatas e animais irracionais, que pulam nos prados e brincam nas ruas mesmo indo para o matadouro. O homem teme à vista de um mal gravíssimo, irreparável, iminente.

4. - O aspecto da morte

Devo morrer. É preciso que deixe este meu corpo. Deverá reduzir-se em um cadáver corrupto, horrível, nauseante.

Não posso me ensoberbecer, nem sei do que. Talvez da beleza, da vivacidade, do brio? Mulher vaidosa, jovem bela, admirai-vos no espelho; eis um daqueles ídolos que são adorados por vós, aterrorizados pela morte. "Eis um cadáver mudo, esquelético, descarnado, os cabelos eriçados, os cílios hirsutos, os olhos abatidos e igualmente cerrados, a face transfigurada, a cor lívida, os membros enregelados e rígidos e toda a pessoa decadente; um esqueleto horrível, uma sombra noturna, um fantasma aterrador". Este é um retrato ao natural do vivo pincel de Bartoli. (2).

E onde está a pompa das vestes, dos ornamentos? Envolto em uma mortalha se coloca fora de casa porque não podem agüentar seu mau cheiro. E para onde vai? Para uma fossa. Aqui estão reduzidas as amplas posses, os majestosos palácios. Os perfumados jardins se transformam em fétido sepulcro; o esplendor do ouro e da prata se muda na imundície e na sujeira. À nobreza, da parentela sucede a fraternidade com os vermes e com a podridão. Aquele que todos predominava com a prepotência e com o luxo jaz sob a terra e é pisado pelos pés de cada um que passa. "Porque se ensoberbecem a terra e a cinza? (Eclo 10, 9).

5. - O amor às coisas terrenas torna mais amarga a morte

Vai não obstante, ó mísero, e apostatando pela tua soberba do teu Deus, único e verdadeiro bem, teu último fim, coloca tua felicidade, tua paz, nestes

ilusórios bens do mundo. "Ó morte quão amarga é tua memória para um homem que tem paz no meio de suas riquezas!" (Id 41, 1).

Se só o pensamento de morrer te amargura a posse, provarás como será para ti amaríssima a morte que de todos estes bens igualmente e para sempre e à força te separará. Reflete que mais te será dolorosa esta perda quanto mais é agora amado aquilo que deves perder. E, porém, não é verdadeiro que tu amas as coisas terrenas e caducas, não só mais que teu corpo - que seria pouco - mas mais ainda que tua própria alma? Tu estás pronto para perder esta, muitas vezes, para não perder aquelas. Que será pois quando apesar de tudo as perca? Aumentará a dor da separação quanto mais te custaram a posse e a conservação. Quantos pensamentos, quantas fadigas, suores, perigos, quantas lidas, quantas vigílias, quanto tempo, quanta, solicitude: tudo perdido!

Multiplicar-se-á a amargura desta separação quanto mais forem as coisas amadas de que te deverás separar. Tantas divisões, tantas dores. Dores pela riqueza, pelos prazeres, pelas honras. Dores pelos parentes, pelos amigos, pelas conversações. Dores pelos palácios, pelas vilas, pelas terras. Dores pelos festins, pelas músicas, pelos amores. Dores por tudo aquilo ao qual era antes afeto, delícia, prazer.

6. - A separação é tanto mais dolorosa quanto menos prevista

Será muito maior a dor desta perda, por chegar impensada e totalmente imprevista. Pensava-se, quase, que este mundo devesse durar eternamente.

Tinha reunido muitas riquezas aquele tal e dizia entre si: "Minha alma, tens muitos bens em depósito para largos anos, descansa, come, bebe, regala-te". E eis uma voz que intima: "Néscio, esta noite te virão buscar a alma; e as coisas que juntaste, para quem irão? (Lc 12, 20).

Outros então gozarão aquilo que preparei para gozar; e eu devo deixar? E nem mesmo saberei quem gozará o que deixo?

Perco estes bens falazes que tanto amei; e por haver amado estes bens falazes perco, perco ainda para sempre o verdadeiro bem que podia e devia eu amar e não amei.

Se eu tivesse amado a Deus! Deus não me teria faltado; e com Ele não me teria faltado nenhum outro bem.

Perco agora todo bem e vou encontrar - pelos bens falsos e defeituosos que amei - verdadeiros males, infinitos intermináveis.

O temor de perder a alma, de que angústias, de que penas, de que ânsias não deve atormentar o homem colocado neste terrível momento! À vista do iminente extremo perigo!

7. - O momento terrível do qual depende a eternidade

"Cercaram-me dores de morte" (Sl 17, 5; 114, 3). Vede uma cidade cercada por forte assédio. É batida, abalada por toda parte. Ruídas finalmente em muitos lugares as muralhas, abertas as brechas, o exército vencedor dispõe furibundos assaltos. Que confusão! Que perturbação! Que desespero na mísera população!

Tal será a alma assediada no seu corpo por aquele feroz bando de males que militam sob as bandeiras sempre vitoriosas da morte. Sem jamais dar trégua e repouso, esta implacável inimiga combate com tal furor, com tanto ímpeto agita os membros, que a alma desesperando de poder se defender, abandona a amada morada aos direitos da conquistadora. "Pisa sobre ela como um rei vencedor". (Jó 12, 14).

Ó Deus! E a alma infeliz para onde fugirá? Para o outro mundo, para a eternidade! E que espaço se destina para esta fuga? Quando tempo se concede? Um ponto só, um só instante, um momento. Este é "o momento de que depende toda a eternidade". "E estas são aquelas portas horríveis" (Jó 37, 17), que num só passo mudam a alma do tempo para a eternidade. Este é o ponto em que se decide a sorte do homem estavelmente, imutavelmente, para sempre. O momento terrível! Ó passo terrível! Ó instante tremendo!

Em um momento, eis que extremos se apresentam: ou Céu, ou inferno; ou suma glória, ou suma ignomínia; ou perpétuo prazer, ou perpétuo padecer; ou eterna felicidade, ali eterna miséria.

Ó Deus! Que perigo! Que perigo enorme de perder-se!

8. - Motivos de terror

Acrescentai que a suma dificuldade de esquivar-se do mal iminente ocupará então a apreensão do ânimo.

E antes de tudo pela consciência dos próprios pecados. Estes horríveis monstros, presentes vivamente no pensamento não nó seu gênero, mas nas várias espécies, no número, na gravidade, na pena correspondente, ocuparão de tal maneira a mísera alma amedrontada, que, vendo-se rodeada e carregada de tanta malícia, de tanta feiúra, de tanta deformidade, será constrangida a odiar-se a si mesma. "Comparecerão medrosos com a lembrança dos seus pecados, e as suas iniquidade se levantarão contra eles para os acusar" (Sb 4, 20).

O espanto, a perturbação, a consternação que lançara no ânimo uma visão tão horrível, é descrita pelo salmista com a semelhança de uma torrente cheia de ímpeto e ruína: "As torrentes da iniquidade se conturbaram" (Sl 17, 5).

Tem medo a alma de sair; teme por os pés na eternidade; quereria retirar-se, mas em vão; a morte já a empurra.

Ela procura quem a possa salvar, e ninguém há que a liberte. Procura companhia, e ninguém há que a acompanhe. Procura advogados e protetores, ninguém que a defenda. Totalmente sozinha deve caminhar, seguida de suas obras: "suas obras o seguirão" (Ap 14, 13).

Quem devesse caminhar no escuro por lugares desconhecidos e perigosos e devesse andar entre horrores em silêncio e de trevas totalmente sozinho: que medo! Mas quanto maior medo não será encaminhar-se ao outro mundo, onde não sei a qual sala meus merecimentos me conduzirão! E o horrendo tribunal que me espera! E o Juiz, que temo, desprezado por tantas ofensas! E a Misericórdia que cede lugar à Justiça! E aquela decisão inexorável e, além do mais, severa!

As próprias obras do justo serão sutilmente pesadas com justiça: "eu temia todas as minhas obras" (Jó 9, 28). Os próprios santos tremiam! "Apenas o justo se salva" 1Pd 4, 18).

E estes inimigos que agora me combatem mais ferozes que nunca, e me aviltam, e me apertam como leões famélicos para devorar-me! "Porque o demônio, vosso adversário, anda ao redor, como um leão que ruga, buscando a quem devorar" (1Pd 5, 8) em todos os tempos! mas sabendo ele então não ter mais tempo, põe em ação todas suas forças e dá as últimas provas de sua astúcia e do seu furor: "com grande ira, sabendo que lhe resta pouco tempo" (Ap 12, 12).

Ó Deus! Em tanto perigo de perder-me, em tanta dificuldade de salvar-me, entre tantos raivosos inimigos que me levam à ruína, oh! Deus! E se me perder? Perco o Céu, caio no inferno. Perco um Paraíso de todo bem, perco aquela felicidade última e suma para a qual fui criado. Perco o meu Deus, minha verdadeira felicidade, por um mísero bem aparente, que eu, estulto, na vida amei e que logo desapareceu. Encontro um inferno repleto de todo mal. Encontro um sofrimento intolerável, sem conforto e refrigério. Encontro uma miséria extrema que eu podia facilmente evitar quando havia tempo para converter-me, e Deus mesmo oferecia sua graça, sua misericórdia.

9. - Se só uma vez se perde a alma, perde-a para sempre

Coitado de mim! Se me perco agora esta perda é irreparável. O machado já está colocado à raiz da árvore; de qualquer lado que ela caia, aí ficará para sempre: "Se a árvore cair para a parte do meio-dia, ou para a do norte, em qualquer lugar onde cair, aí ficará" (Ecl 11, 3).

Aquele fogo inextinguível queima qualquer botão de esperança que eternamente possa mudar de lugar e sorte: "inflamabit eos dies veniens quae non derelinquet eis germen" (Mt 4, 1).

Abrir-se-á - diz S. Agostinho - o Inferno como um poço de fogo ardente. "Se poderá descer, sair não se poderá" (3).

Assim pois rezava Davi atemorizado para que aquele poço horrendo não fechasse sobre ele a sua boca: "nem a boca do poço se feche sobre mim" (Sm 68, 16).

Ó vós que viveis agora esquecidos de Deus, prestai atenção a estas coisas: pois se uma vez só se perde a alma, está perdida para sempre: "Entendei isto, vós que vos esqueceis de Deus, não suceda que vos arrebate, e não haja quem vos livre" (Sl 49, 22).

10. - Salvai vossa alma

Creio ter provado suficiente quão terrível seja a morte para qualquer homem, pois com ela termina todo bem do corpo do qual o homem loucamente se envaidecia; e termina todo bem na terra, no qual colocava fora de ordem o coração; e agora corre grande risco de encontrar um grande mal e sem fim.

Para mim a conferência está concluída: a vós cabe deliberar. Não há necessidade que alguém vos ensine o que deveis fazer. Tendes bastante argumentos para julgá-lo vós mesmos; em outro lugar vos foi dito e agora se vos diz novamente. Dizê-lo mais uma vez seria perder tempo.

O que se requer agora é unicamente resolver-se com eficácia e começar a trabalhar. Tudo isto está em vós, como também a alma é vossa. Se vós não pensardes nela, quem pensará? se vós não a salvais, quem a salvará?

Referências Bibliográficas:

1. Pregação 32: La Morte terribile a ciascun uomo, 8 de dezembro de 1805.
2. P. D. Bartoli S.J., L'uomo in ponto di morte. Introdução.
3. Sermo 252 in Append. No lugar de REDITUS o texto registra ASCENSUS.

X - O JUÍZO UNIVERSAL (1)

1. - Temei a Deus e a Ele honrai, porque já se avizinha a hora do seu juízo (Ap 14,7).

"O grande dia do Senhor está próximo; está próximo, vai chegando com velocidade; amargo é o ruído do dia do Senhor; o forte se verá gele em grande aperto. Esse dia será um dia de ira, de tribulação e angústia, um dia de calamidade e miséria, um dia de nuvens e tempestades, um dia de trombeta e de gritos guerreiros contra as cidades fortificadas e contra as torres elevadas" (Sf 1, 14-16).

"Soltai gritos, porque o dia do Senhor está perto; virá do mesmo Senhor uma como total assolação. Por esta causa todas as nações perderão o seu vigor, todo o coração do homem desanimará e ficará quebrantado. Apoderar-se-ão deles convulsões e dores, e gemerão como a mulher que está de parto; cada um ficará atônito, olhando para seu vizinho, os seus rostos tornar-se-ão inflamados. Eis que virá o dia do Senhor, o dia cruel e cheio de indignação de ira, de furor, para transformar a terra numa solidão e para exterminar dela os pecadores. Porquanto as estrelas do céu e o seu resplendor não espalharão a sua luz; cobrir-se-ão de trevas o sol no seu nascimento, e a lua não resplandecerá com a sua luz" (Is 13, 6-10).

"Grande, terrível dia e quem jamais o agüentará?" (Jo 3, 2).

Oh! Deus! Como e quando virá este dia?

"Todavia como um ladrão - diz S. Pedro - virá o dia do Senhor, no qual, passarão os céus com grande estrondo, os elementos com o calor se dissolverão e a terra e todas as obras que há nela serão queimadas" (2Pd 3, 10).

E quando virá este dia?

Responde o Apóstolo: "Quando disserem paz e segurança, então lhes sobrevirá uma destruição repentina" (1Ts 5, 3).

Porém quando será? Quando?

"Mas quanto àquele dia e àquela hora, ninguém sabe, nem os Anjos do Céu, nem o Filho, mas só o Pai. Assim como foi nos dias de Noé, assim será também à vinda do Filho do homem. Porque, assim como nos dias antes do dilúvio (os homens) estavam comendo e bebendo, casando-se e casando seus filhos, até o dia em que Noé entrou na Arca; e não souberam nada até que veio o dilúvio, e os levou a todos; assim será também na vinda do Filho do Homem" (Mt 24, 36-39) .

Temei a Deus pois, e a Ele honrai, porque já se avizinha a hora do juízo".

Aliás não me contento que vejais o juízo como próximo, mas mais ainda eu quero que o considereis como presente.

2. - Levantai-vos ó mortos!

Eis, portanto, um mundo já feito um deserto, o céu coberto de um véu tenebroso, funéreo. Sobre a terra queimada, fumegante ainda do vasto incêndio nada mais passeia senão um formidável silêncio.

Onde estão agora aquelas cidades tão fortes e populosas? Onde aqueles monumentos e aqueles troféus soberbos levantados pela ambição e pelo fausto. Onde aqueles campos tão férteis e deliciosos! Ó terra, onde estão agora os teus avaros possuidores? Onde estão teus mais fanáticos amantes?

"E não se ouvirão mais em ti a voz dos tocadores de cítara, dos músicos tocadores de flauta e de trombeta; não se encontrará mais em ti artista algum de qualquer arte; e não se tornará mais a ouvir em ti o ruído da mó" (Ap 18, 22).

Assim pois passou a glória deste século?

Eis que Deus já tem "quatro Anjos nos quatro ângulos da terra" (Ap 7, 1) para chamar com forte toque das sonoras trombetas o mudo sonolento mundo. "Levantai-vos, mortos, levantai-vos! Abrem-se os sepulcros: a terra, o mar, os abismos se apressam em devolver seus mortos" (Ap 20, 13). Ouviu-se um ruído, depois fez-se um reboliço; os ossos se aproximaram uns dos outros, pondo-se cada um na sua juntura. Olhei e eis que se formaram sobre eles nervos e carnes para os revestir e a pele se estendeu por cima" (Ez 37, 7-8).

"Levantai-vos mortos!" Abre-se o céu, fecha-se o inferno.

Voam as almas bem-aventuradas com alegria para revitalizar aqueles membros que um dia foram ministros da sua santificação e agora são companheiros da sua glória.

Desencovam-se as almas condenadas, e são com violência obrigadas a aprisionar-se nos seus antigos corpos.

3. - O desespero dos ímpios

Horrorizam-se ver ao redor uma tão fétida monstruosa carniça, que empesta o ambiente com grave fedor e espanta com horrenda máscara. Porém é aquele o teu corpo, senhora vaidosa, jovem estulta, que tu acariciavas com tanto trabalho, que tu vestias com tanta delicadeza, que tu amavas com tanta perdição. Mísero! No que mais empregastes os teus pensamentos, teus cuidados, teus amores! "Levantai-vos, levantai-vos vinde ao juízo". Ao grande vale: "pois eu congregarei - diz Deus - todos os povos e os conduzirei ao vale de Josafá, e aqui discutirei com eles" (Jl 3, 2).

Fugi, ó pecadores, fugi da espada de um Deus irado. Mas para onde irão longe do teu espírito, ó meu Deus, e para onde fugirei da tua face"? (Sl 138, 7). Que fareis, pois em um dia de visita tão grave e de tão acerba calamidade? A quem voltarei esperando socorro?

Mísero! Que poderei fazer, quando Deus aparecer para julgar-me e quando Ele me pedir contas, que poderei responder-lhe? Onde me esconderei do seu semblante indignado? "Quem me dera que eu pudesse fechar-me no Inferno até que passe o teu furor"? (15, 13). Em vão "gritam os pecadores aos montes: Caí sobre nós?" Em vão às colinas, cobri-nos!" (Ap 6, 16; Lc 23, 30).

4. - O comparecimento do Juiz divino

Já cintila do oriente até o ocidente improvisa luz fulgurante (Mt 24, 27). Já se percebe no alto do céu a cruz elevada: Pecadores, eis "o Legislador, eis o Juiz, o único que pode salvar e perdoar" (Tg 4, 12) . "Eis que já vem sobre as nuvens e verão os vossos olhos Aquele que haveis ferido" e crucificado tantas vezes com vossos pecados. "E haverão de chorar e baterão no peito ao vê-Lo todas as tribos da terra" (Ap 1, 7). "Diante de sua face um fogo devorador o precede" (Jl 2, 3) "Para queimar ao seu redor os seus inimigos" (Sl 96, 3). "Porque o Senhor virá no meio do fogo, o seu carro será como um torvelinho, para espalhar a sua indignação, o seu furor e as suas ameaças em labaredas de fogo" (Is 66, 15). "Eis que o nome do Senhor vem de longe, o seu furor é ardente e insuportável; os seus lábios estão cheios de indignação e sua língua é como um fogo devorador. O seu sopro é como uma torrente que, inundando chega até o meio do pescoço, para perder e aniquilar as nações e (quebrar) o freio do erro, que estava nos queixos dos povos" (Is 30, 27-28).

5. - A amarga separação

Com fulgurantes espadas "saem os Anjos para separar os bons dos maus, os cabritos dos cordeiros" (Mt 13, 49; 25, 31-33). Amarga separação! Divide-se para sempre o filho do pai, a mãe da filha, o irmão, o parente do irmão e do parente, o amigo do amigo. Estes à direita, aqueles à esquerda. Dois viviam na mesma família, dois trabalhavam na mesma oficina; um "se eleva" entre os eleitos, o outro se "abandona" entre os réprobos (Mt 24, 40-41; Lc, 17, 34).

Elevam-se arrebatados no vôo sobre brancas nuvens os eleitos ao encontro de Cristo, que com pacífico e alegre semblante os convida ao seu seio e ao repouso: "Vinde, benditos de meu Pai, possui o reino que vos está preparado desde a criação do mundo" (Mt 25, 34). E assim, sentarão fazendo majestosa cerca ao trono de Cristo, e "calcarão os ímpios como a cinza debaixo dos seus pés" (Mt 4, 3), segundo o que está escrito: "Os Santos julgarão os deste mundo " (1Cor 6 , 2).

Agora é que se vêem "os ímpios já decaídos sem honra e na confusão entre os condenados à morte perpetuamente"; "dilacerado rotos, em desordem, os pecadores, já inchados de ira, se vêem arrebentar sem falar nem gritar" (Sb 4, 19).

6. - Os remorsos dos ímpios

"Abatidos e atemorizados até os fundamentos despencam ao fundo de uma extrema desolação. Tímidos e lamentadores pensando em seus pecados vêem todos perfilados em distinta e horrível formação para acusá-los (Sb 4, 19-20). "Os próprios Céus revelam sua iniquidade, e a terra se levanta contra eles" (Jó 20, 27) quase testemunhando. E aqueles que não souberam vencer um respeito humano para mudar de vida e costumes, nem superar uma pequena vergonha confiando ao ouvido de um ministro de Deus um pecado pela sua salvação, sofrem agora a confusão inútil de ver descobertos diante de um mundo inteiro suas mais ocultas ignomínias.

Distinguem num só momento todos os inumeráveis e grandiosos benefícios divinos em confronto com a ingratidão da sua correspondência; notam os estranhos abusos feitos dos dons mais assinalados do céu, descobrem todo o artifício admirável de uma infinita benignidade, que procurou sempre conduzi-los à penitência e à salvação. E vêem que a graça jamais faltou a eles, embora eles mesmos faltaram à graça. Conhecem bem agora quanto foi vã desculpa para eles o costume ou a moda contra o Evangelho de Cristo, ou a fragilidade e a debilidade humana tão exagerada contra a lei de Deus.

Também nós - gritam contra os pecadores os eleitos - estávamos vestidos da mesma natureza, rodeados das mesmas enfermidades. Porém nós levamos e sempre como doces e leves aquele peso que vós, como insuportáveis não quisestes nem mesmo olhar.

Nós também, pecadores - acrescentarão outros santos - e grandes pecadores fomos um dia; porém vencemos ocasiões, hábitos, e cuidados para converter-nos de todo coração a Deus. Assim falam os justos "com grande afoiteza, contra aqueles que os atribularam, e que lhes roubaram o fruto dos seus trabalhos" (Sb 5, 1).

"Vendo-os assim, os maus perturbar-se-ão com temor horrível e ficarão assombrados, ao verem a repentina salvação dos justos, a qual eles não esperavam: e dirão dentro de si, tocados de arrependimento, e gemendo com angústia do espírito: Estes são aqueles a quem nós outrora tínhamos por objeto de zombaria e por motivo de vitupérios, nós insensatos, considerávamos a sua vida uma loucura, e a sua morte uma ignomínia. E ei-los que são contados entre os filhos de Deus, e entre os santos até a sua morte. Logo, nós nos extraviámos do caminho da verdade, a luz da justiça não raiou para nós, e o sol da inteligência não nasceu para nós. Cansamo-nos na senda da iniquidade e da perdição, andamos por cominhos ásperos, e ignoramos o caminho do Senhor. De que nos aproveitou a soberba? De que nos serviu a vã ostentação das riquezas? Todas aquelas coisas

passaram como sombra, como um mensageiro fugaz" (Sb 5, 2-9). Mas agora não há mais tempo.

7. - A inexorável condenação

Mas e a vossa misericórdia, ó divino Juiz? - Abusaram em vida. Agora me provem e me chamem também "sem misericórdia" (Os 1, 6).

Mas e o vosso sangue? - Não o quiseram usar para a salvação; sirva-lhes pois agora para a eterna condenação .

E vós, Anjos da Guarda, Santos advogados? E Vós, ó Maria? - Sim, todos cooperaram, todos por eles pediram em tempo oportuno, quando ainda viviam. Agora em um dilúvio tão grande da ira de Deus ninguém há que queira ou que possa aproximar-se deles. Antes, todos glorificando sua Justiça, gritam: "Justos são teus juízos, ó Senhor, justos os teus juízos" (Ap 16, 7). Eis pois, ó Rei, ó Senhor, vingança, vingança contra os nossos inimigos!

Pecadores, pecadores, já troveja o Juiz contra vós a última imutável sentença: "Afastai-vos, afastai-vos de mim, malditos, ide para o fogo eterno já preparado para o demônio e aos anjos seus sequazes" (Mt 25, 41).

Abatidos e derrubados por este raio sobre a terra que treme debaixo de seus pés e se escancara, os pecadores tombam como pedra até o profundo abismo: a terra de novo se fecha sobre eles e os eleitos ficam assim sozinhos com Cristo!

Ó bem-aventurada sorte dos justos, que ficarão sempre com Deus! Oh! mísera sorte dos pecadores a penar sempre separados de Deus! Ó sorte muito desigual, porém igualmente imutável! Ó eternidade! O homem estabelecido em tua casa: aí estará para sempre. Ó eternidade! Ó eternidade!

8. - Lancemo-nos nos braços da divina misericórdia

Que mais se espera, portanto, para atirar-se nos braços desta divina misericórdia enquanto ainda é tempo, antes que ela dê lugar à tão por nós ofendida, irritada justiça? Agora é o tempo para ser aceita a nossa penitência; então será de fato vã e inútil. Estes são os dias para assegurar a nossa salvação; naquele dia estará perdida toda esperança. Não nos confiemos no tempo, porque ainda um pouco, e aquilo que está para vir virá e não tardará. Quando menos o pensarmos virá. Descuidar um negócio de tanta importância, é o mesmo que declarar-se querer de fato, perdê-lo. Deferir-lhe a liberação equivale o mesmo que expô-lo ao máximo perigo. Tratar-se de uma alma que perdida uma vez estará perdida para sempre. Trata-se de um estado perpetuamente imutável. Trata-se de uma eternidade de glória e de pena. O que mais se espera? Este homem-Deus, nosso Juiz, que verdadeiramente nos ama, qual Pai amoroso, que para não ver perder-se seus filhos eternamente debaixo do flagelo da sua muito justa vingança, nos ameaça, e nos avisa e clama forte, para que nos esquivemos do áspero golpe fatal. Empenha todo seu sangue para lavar nossos pecados; nos exhibe seus merecimentos para que

sejamos revestidos de um direito justo ao seu reino; nos faz participantes das suas satisfações, para aliviar-nos o peso da nossa penitência. "Vinde - clama - vinde a mim todos vós que estais fatigados e carregados" com o peso dos vossos pecados, "e eu vos aliviarei." (Mt 11, 28).

Ó misericordioso e infinitamente benigno, e amoroso Senhor! É bem digno de ter sua parte com os demônios, quem recusa agora ter parte com um Senhor tão bom. É justo que prove todo o furor da vossa inflexível Justiça, aquele que despreza vossa excessiva misericórdia. E muito merece ser fulminado naquele dia com aquele tão amargo "afastai-vos", quem se faz de surdo a um tão doce "vinde".

Referências Bibliográficas:

1. Pregação X: Il Giudizio Universale, 28 de novembro de 1802.

XI - O FRUTO SUAVÍSSIMO DA PENITÊNCIA (1)

Melhor preparação para nossa reconciliação com Deus não se poderá encontrar do que a que nos ensinou aquele que foi mandado por Deus como precursor de Cristo para preparar seus caminhos. Pois veio João "pregando um batismo de penitência" (Mc 1, 4).

1. - Penitência interior e exterior

Eu falo de penitência interior e exterior como é ordenada aos cristãos.

A interior é realmente virtude, e assim se define: uma sincera conversão do nosso coração a Deus com a qual detestamos os pecados cometidos, e os odiamos, deliberando firmemente emendar a má vida e corrigir os costumes depravados, com a esperança de conseguir o perdão da divina misericórdia.

A exterior, elevada por Cristo à dignidade de sacramento, no que se refere a nós, é uma confissão exterior das próprias culpas, acompanhada de um íntimo e verdadeiro arrependimento e da vontade de, ao menos, satisfazer por elas; confissão feita ao sacerdote para a absolvição que ela nos pode dar em virtude das chaves, ou seja pela autoridade divina a ela comunicada. É sacramento enquanto foi instituída por Deus para um significado sensível, e para operar eficazmente a reconciliação com Deus na alma daqueles que depois do batismo se mancharam com o pecado.

Este é o fruto tão doce da penitência que eu quero fazê-los saborear a fim de que resolvais que não se deve aborrecer como uma planta amarga, que se tem raízes um pouco amarga, sabe produzir, porém, frutos tão amáveis e suaves.

2. - A reconciliação com Deus

A reconciliação com Deus é um complexo de todos os maiores e desejáveis bens.

Primeiramente a remissão do pecado, ou melhor, de todos os pecados. Não existe delito tão grande pela malícia, tão multiplicado pelo número, que a penitência não possa apagar, e não somente uma vez, mas de novo e ainda, infinitas vezes. Temos a palavra do próprio Deus.

Toda vez que - diz Ele - o ímpio, arrependido dos seus desvios, se volte para o caminho reto dos meus mandamentos e da virtude, ele viverá a vida espiritual da minha graça, sem andar confuso em o número infeliz dos mortos para sempre. "Se, no entanto, o mau renuncia a todos os seus erros para praticar as minhas leis e seguir a justiça e a equidade, então ele viverá certamente, e não há de perecer". E de todas suas iniquidade, não importa o número, eu as esquecerei, como se jamais

tivessem sido cometidas: "Não lhe será tomada em conta qualquer das faltas cometidas". Estas são as promessas infalíveis do Senhor em Ezequiel (Ez 18, 21-22).

E de novo no mesmo Profeta: Se eu ameaçar o pecador com a morte eterna, e ele vier a fazer penitência do seu pecado fazendo boas obras, imediatamente terá a vida no lugar da morte. "Se eu afirmar ao pecador que ele haveria de morrer, se renunciando ao mal ele pratica a justiça e a honestidade, ele viverá e será preservado da morte". Todos os pecados cometidos já não lhe serão imputados. Agiu bem, portanto viverá. "Nenhum delito que tenha cometido lhe será imputado. Ele viverá porque terá observado a justiça e a honestidade" (Ez 33, 14-16).

Ele nos assegura pela boca de Miquéias de se aplacar em vista da nossa penitência, prometendo esquecer todas as nossas iniquidades, e atirar todos os nossos pecados no fundo do mar, onde permanecerão sepultados no esquecimento. "Que não se ire para sempre porque prefere misericórdia. Uma vez mais tende piedade de nós. Esquecei nossas faltas e jogai os pecados nas profundezas do mar". (Mq 7, 18-19).

E nós duvidaremos ainda das promessas divinas? A verdade não pode faltar consigo mesma.

S. João diz: Se nós confessamos nossos pecados, Deus é fiel e justo para imediatamente nos perdoar tudo. "Se reconhecemos nossos pecados, Deus aí está, fiel e justo para nos perdoar os pecados" (1Jo 1, 9).

Que dizer deste fruto da penitência? Não é ele precioso? Não nos deve ser caríssimo, plenamente desejável?

Apagar num instante todas nossas faltas, quantas houvermos cometido em tantos anos de vida desregrada, lasciva, escandalosa! Obter um inteiro e seguro perdão, mesmo depois de havermos abusado muitas e muitas vezes da divina misericórdia! Purificar-nos tão perfeitamente a alma, que não mais aparece sombra de manchas negras, íntimas e profundas! E também isto é fruto tão próprio da penitência, que a remissão do pecado de ninguém se pode conseguir, e nem mesmo esperar, sem ela. Por isso está escrito no Evangelho: "Se não vos arrependerdes, perecereis todos do mesmo modo" (Lc 13, 3, 5).

3. - O pecado é a morte da alma

Para conhecer melhor a raridade, a suavidade deste bem, atente um pouco, ó homem, a que o reduziram seus pecados, e a que mais ainda o poderiam reduzir. Já despojaram sua alma da verdadeira vida sobrenatural, e fica um cadáver inerte, deformado, malcheiroso. De fato, assim como a alma é a vida do corpo, assim Deus mediante a graça é a vida da alma. "Este é a tua vida" (30, 20), encontramos no Deuteronômio. É assim como o corpo morre se a alma o abandona, assim morre a alma toda vez que, pelo pecado mortal, expulso da alma, Deus se afasta.

Ó miserável, ó infeliz pecador que aqui me escuta, você diz estar vivo, mas na verdade está morto; "és considerado vivo, mas estás morto" (Ap 3, 1). Quer ver sua morte manifestada? A vida mais se manifesta no movimento e na ação. Agora, diga-me: o que você faz de meritório na ordem sobrenatural? Ou como você se dirige para a feliz beatitude? Se lhe foi tirado até mesmo o poder de agir e o direito de merecer? Tudo o que você faz, ou pudesse ou desejasse fazer, tudo é e seria um movimento inútil, uma ação vã, porque feito sem Deus. Porque conforme S. Agostinho "assim como a alma, enquanto está no corpo, lhe dá vigor, beleza, movimento, e as outras ações aos membros, assim enquanto Deus está na alma, lhe dá sabedoria, piedade, justiça, caridade" (2), que é a raiz do merecimento.

Assim dizia também o Apóstolo: "Ainda que eu distribuísse todos os meus bens aos pobres, e ainda que entregasse meu corpo para ser queimado, se não tiver caridade, de nada valeria" (1 Cor 13, 2-3). E não se deve dizer que isto é uma verdadeira e deplorável morte? Está morto!

Todavia, reflita bem, ó irmão, ó irmã, que o pecado devagar, devagar queria levá-lo a uma segunda morte pior, que é perder a vida eterna, à qual você foi criado, sepultando-o em "um lugar onde há fogo inextinguível e ranger de dentes, e o seu verme não morre" (Mt 8, 12; Mc 9, 43).

Ó infelicíssimo, quem quer que seja, que permanece no pecado, você em verdade; pode dizer: "A região dos mortos é a minha morada" (Jó 17, 13). A sentença já foi dada contra mim, apenas cometi a culpa. Nada mais é necessário para que seja executada, senão um sinal do Juiz. Ó infelicíssimo pecador! Sua alma está morta; quem a poderá ressuscitar? Você está condenado à morte eterna: quem poderá livrá-lo? A penitência, somente a penitência.

4. - A penitência é a ressurreição da alma

Se o pecado é a morte da alma, a penitência é a sua ressurreição. Esta realmente o reconcilia com Deus que é sua vida, e assim restitui-lhe a vida. Que coisa mais querida, mais doce que a vida? O que mais precioso, mais estimável desta vida que a penitência lhe dá? Que é uma participação da própria vida de Deus? "Cristo vive em mim" (Gl 2, 20). "A vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Cl 3, 3).

A sentença de morte eterna já lançado contra você, por ela é mudada em direito à vida eterna. Sim: a vida eterna é o fruto suavíssimo da penitência, de uma conversão. Ouvi-o da boca o próprio Deus: "Não me comprazo com a morte do pecador, mas antes com a sua conversão, de modo que tenha a vida" (Ez 33, 11).

O próprio Cristo pela boca do seu Precursor promete o reino dos céus à penitência: "Fazei penitência porque está próximo o reino dos céus" (Mt 3, 2). E certamente a penitência faz o homem "herdeiro, segundo a esperança da vida eterna" (Tt 3, 7); Porque de servo do pecado o faz filho adotivo de Deus. O faz filho,

porque de pecador o transforma em Justo, de inimigo de Deus o traz à sua amizade, o constitui na Sua graça.

Isto nos é muito bem apresentado na parábola do Filho pródigo, como muito vivamente anotou S. Ambrosio (3).

De fato retornando o pecador do seu longo desvio, arrependido, aos pés do seu Deus, e dizendo: Pai, pequei contra o céu e contra vós; aquele pai amoroso o acolhe, dando-lhe no rosto o beijo da paz, e ordena que lhe seja restituída a primeira veste, que é a veste nupcial da caridade e da graça. Coloca em sua mão o anel, que o penhor da fé e o sinal do Espírito Santo; prepara um substancioso banquete celeste: as Carnes puríssimas, o precioso Sangue do seu Unigênito e nosso Salvador, Jesus Cristo, com que o alimenta, o fortifica, o alegra .

5. - Onde abundou a iniquidade aí superabundou a graça

Não é só isso. A penitência faz também que o homem ressurgindo do pecado receba maior graça do que tinha antes dele: daí se confirma freqüentemente que "onde abundou o pecado, superabundou a graça" (Rm 5, 20).

Antes, se pode dizer ainda mais. Pois pela penitência muitas vezes o pecador se dispõe a receber de Deus maior abundância de graças que os próprios inocentes. E assim é, segundo o Evangelista, que os últimos serão os primeiros, e os primeiros os últimos" (Mt 20, 16); que "os publicanos e as meretrizes precederão muitos justos no reino dos céus" (Mt 21, 31) e que "haverá maior júbilo no céu por um só pecador que fizer penitência, do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento" (Lc 5, 7).

Ajuntai às novas aquisições a reintegração das perdas. Tantas boas obras feitas quando estávamos em estado de graça e de inocência, tantos merecimentos acumulados antes, e depois saqueados pela culpa mortal, pela penitência revivem e são restituídos.

Convertam-se a mim de todo coração, diz Deus por Joel: "Convertam-se a mim de todo vosso coração: eu restituir-lhes-ei as colheitas devoradas - durante o tempo em que em vocês reinaram as suas paixões - pelo gafanhoto, pelo roedor, pelo devastador e pela lagarta" (Jl 2, 25).

Que consolação para um pecador arrependido ver-se assim enriquecido, depois de tanta miséria! Que alegria ver-se circundado de tanta glória, depois de tanta ignomínia! Como deve ser-lhe alegre a saúde depois de haver provado o mal da enfermidade! Como querida a vida depois das ânsias, das angústias, das agonias mortais! Não mais remorsos, não mais tristezas, não mais temor. Uma paz suavíssima no coração; uma serenidade imperturbável no ânimo, uma tranqüilidade inefável no espírito.

Este é o fruto da penitência, tão doce só em senti-lo com o pensamento, quanto mais saboreá-lo com a experiência! Experimentemo-lo, ó meus irmãos pecadores, e revemos ainda melhor na prova quanto seja suave reconciliar-se com Deus. "Provai e vede como o Senhor é bom" (Sl 33, 9).

6. - Resolução

Convertamos logo, pois, sinceramente nosso coração a Deus; olhando nossos erros e desvios passados, tenhamos para com eles o mais vivo desprazer, a mais forte abominação, o ódio mais resoluto.

Resolvamos com toda a estabilidade e constância emendar seriamente nossa vida e mudar para melhor nossos costumes. E com uma doce esperança, antes, com segura confiança de obter o perdão, confessemos, aos pés do sagrado ministro, todas as culpas cometidas, prontos a ressarcir a Deus e aos homens a conveniente e devida satisfação. Assim lavadas e de novo alvejadas nossas vestes no sangue do Cordeiro, daquele mesmo cordeiro imaculado, Cristo Jesus, que veio para "tirar o pecado do mundo" (Jo 1, 29): nos tornaremos dignos de sair-lhe ao encontro e de ser admitidos ao seu convívio feliz de todos aqueles bens que traz consigo, e de sua própria herança. "Andarão comigo vestidos de branco, porque o merecem" (Ap 3, 4).

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XXXIII: Il frutto soavissimo della Penitenza: 22 de dezembro de 1805.
2. S. Agostinho, In Joann. tract, 12.
3. Expositio in Lucam, 1. VII, 231s.; De Poenitentia, 1 II, c. III,18.

XII - A COMUNHÃO FREQUENTE (1)

1. - As turbas famintas

Quando considero no S. Evangelho o maravilhoso fervor daquelas turbas famintas que seguiam Jesus descuidando de todo outro cuidado; e a pródiga liberalidade com que o divino Mestre correspondeu-lhes alimentando-as prodigiosamente com a multiplicação dos pães (Jo 6, 1-15); vêm-me à mente agradável confronto a devoção dos verdadeiros fiéis para com o augusto e divino sacramento, e a louvável freqüência com que estes costumam aproximar-se do Sagrado Altar, procurando aí aquele amoroso Mestre e Senhor, que por nosso amor quis permanecer entre nós escondido debaixo das espécies sacramentais, até a consumação do mundo.

Se naquelas turbas portanto, se devia admirar o fervor, nestes fiéis é mais para ser estimada a fé que os faz procurar com toda firmeza aquilo que seus sentidos não vêem. Aqui é maior sem dúvida a graciosa correspondência que Cristo dá aos seus afetos, enquanto não multiplica o pão terreno, mas apresenta como alimento a si mesmo para saciar seus espíritos com superabundância.

Que se o fato das turbas evangélicas foi escrito para o incitamento da nossa fé, o exemplo dos verdadeiros fiéis se manifesta cada dia mais para edificação dos muitos cristãos que agora, tédios e quase frios, muito raramente e quase que à força uma vez por ano, se achegam a Cristo.

Não se deve crer que estes cristãos não tenham prontas suas aparentes razões e sutis desculpas para se dispensarem de freqüentar a sagrada Mesa. São estas justamente que eu julgo dever-se principalmente ter em mira e tirar-lhe das mãos; caso contrario persistindo estas, será vão todo motivo eficaz para persuadi-los.

2. - A primeira desculpa daqueles cristãos que não praticam Comunhão freqüente: "não temos tempo"

a - A Eucaristia é o pão necessário à alma

Uma das mais costumeiras desculpas é que as ocupações do seu estado, o governo da família de que são onerados, não lhes dão tempo nem comodidade como se conviria para se aproximar mais vezes dos sacramentos.

Mas eu perguntarei de boa vontade a esses, se estas obrigações e estes cuidados os impedem de sentar todo dia na mesa terrena; e se pela multiplicidade dos negócios que eles engrandecem, deixam o corpo em jejum mais que um só dia, nem falarei de semanas ou meses. Que se me apresentem a precisão e a indispensável necessidade, eu aceito; e não terá igual precisão e necessidade vossa

alma de freqüente alimento para restaurar as forças perdidas e sustentar-se em vida? Não é talvez a Eucaristia o pão cotidiano da alma? "A minha carne, diz o Senhor, é verdadeiramente comida e meu sangue bebida. Quem come minha carne e bebe meu sangue tem a vida eterna; se vós não comerdes a carne do Filho do Homem, e não beberdes seu sangue, não tereis a vida em vós" (Jo 6, 54-56).

Portanto eles sentem tão bem as necessidades do seu corpo que para satisfazê-las julgam dever muitas vezes ao dia interromper seus cuidados mais interessantes; e são pais insensíveis pela necessidade da alma já lânguida e desfalecida por um jejum tão longo, que não saibam, nem mesmo depois de muitas semanas, encontrar uma breve hora nos dias festivos para alimentá-la com o próprio pão!

b - A Eucaristia é também vantajosa para o bom desempenho dos negócios terrenos

Unindo-se à verdadeira Sabedoria, que é Cristo, sua mente ficaria bem iluminada para dirigir-se prudentemente nos seus interesses. Indo buscar força na própria Fortaleza, estariam preparados para sustentar o peso daqueles cuidados que os agravam, sem ficar oprimidos; antes seriam aliviados e mitigados dizendo o próprio Cristo: "Vinde a mim vós todos que estais sobrecarregados e eu vos aliviarei" (Mt 11, 28).

E talvez não seriam mais ajudados nas suas necessidades?

Eram também simples os próprios discípulos, quando temiam que morressem de fome a numerosa turba que havia abandonado todo seu interesse para seguir Cristo. E vós sabeis como Cristo, pôde multiplicar-lhes o pão de modo que sobraram muitos cestos.

S. Pedro deixando tudo servia Cristo. Ora quando foi abrigado a pagar o imposto, não o providenciou Cristo com dinheiro até boca de um peixe? E uma vez tendo labutado toda a noite no mar sem pegar um só peixe, aparecendo o divino Mestre, trouxe depressa a rede repleta de peixe que sua barca e a de seus companheiros quase afundavam com o peso.

Tanto é verdade que este amoroso Senhor não só se compraz em agraciar as almas, mas toma ainda um cuidado especial pelos interesses daqueles que amorosamente se achegam a Ele.

3. - Segunda desculpa: "o que dirá o mundo?". - "Aquele que se envergonhar de mim, eu me envergonharei dele".

Nós percebemos a utilidade - acrescentam aqueles tíbios e ficamos facilmente convencidos de interromper nossas ocupações e participar mais vezes de tão grande bem. Mas nos perturba a observação do mundo que escarneceria da nossa freqüência e nos dariam apelidos que nos desagradam.

Oh! Desculpa mais digna de ser compadecida que ser combatida! Pois os atuais cristãos se envergonham de seguir Cristo ou de serem chamados cristãos. Estes são semelhantes àqueles principais entre os Hebreus, que acreditavam em Cristo, mas não tinham coragem de aproximar-se dele por respeito aos fariseus e por temor de serem excluídos da Sinagoga.

Fazem mais conta das honras do mundo, que de serem honrados por Cristo. Assim por uma glória vã e caduca perdem uma glória verdadeira e eterna; tendo já Cristo protestado no seu Evangelho: "Quem se envergonhar de mim eu me envergonharei dele; e quem não se envergonhar de confessar meu nome diante dos homens, nem eu me envergonharei de confessar seu nome diante de meu Pai que está nos céus" (Lc 9, 26; 12, 9; Mt 10, 33). E em outro lugar: "Felizes de vós quando rejeitarem como indigno o vosso nome, e disserem todo mal contra vós por causa do meu nome! Alegrai-vos e exultai naqueles dias, porque grande será vossa recompensa no céu" (Mt 5, 2; Lc 6, 22-23).

Certamente se fôssemos convidados cortesmente por um príncipe terreno para sua mesa, e fôssemos aí tratados como amigo e familiar, pouco nos interessaria da crítica vã de um vulgo ignorante, diante da honra que recebemos do príncipe e dos seus cortesãos; nem perderíamos por fúteis cuidados uma graça tão favorável.

4. - Pode-se tornar digno com um sincero arrependimento e uma boa confissão

Mas, nós - aceitamos -, se nos reconhecêssemos dignos nos aproximaríamos do Sacramento de boa vontade; mas somos pecadores, cheios de imperfeições, e distantes daquele fervor em que se encontram tantas almas boas; tememos recebê-lo mais como condenação que como salvação. Eis a última desculpa e o argumento que lhes parece invencível, com o qual acobertam sua tibieza.

Eu quereria, portanto, - já que eles apresentam a palavra do Apóstolo: "Quem come indignamente, come a própria condenação" - refletissem ainda o conselho que imediatamente acrescenta e o seguissem: "que cada um se examine a si mesmo, e assim coma deste pão" (1Cor 11, 28-29). Estas palavras são interpretadas com toda segurança pela prática constante de toda a Igreja, que examinando o homem fiel e sua consciência, e encontrado-a ciente de culpa grave, corra arrependido a purgá-la no Sacramento da Confissão com firme propósito de não mais pecar; "e assim coma deste pão"; e feito isto coma, todavia, isto é, sem nenhum temor, daquele pão do qual diz S. Agostinho: "Recebei-o com segurança, que é pão, não veneno" (2). E se Cristo é vida e vem para dar a vida, como justamente para aqueles que vão recebê-lo para viver, será morte? E se Ele morreu para dar a vida quando nós "éramos inimigos", como agora àqueles que "foram reconciliados" e lavados no seu sangue, dará a morte eterna e a condenação?

Deveriam lembrar da acolhida amorosa que fez o Pai evangélico ao próprio filho: o qual voltando atrás depois de ter consumido seu patrimônio nos vícios mais infames, confessando haver pecado, teve imediatamente os sinais do mais terno afeto, e revestido da primeira estola foi introduzido na casa paterna àquele alegre banquete.

Advirtam, pois, bem que todos estes importunos temores são enganos falaciosos do demônio. "Entendam bem isto - diz S. Cirilo - todos os batizados, tornados participantes da divina graça; que se recusam por longo tempo por uma fingida religião ou por um danoso medo de comungar, privam-se da vida eterna; pois este não querer recebê-lo, embora pareça que venha do temor e da humildade, escandaliza e arma laço para as almas. Conviria ao contrário, que com todo esforço e solicitude se pusessem a limpar a própria alma, e empreender um novo sistema de vida, e portanto se apressassem em participar da Vida. Mas sendo muito variada a arte que o demônio usa para enganar, antes leva o homem a viver licenciosamente; e depois que está bem cheio de vícios e de pecados, induz ao horror ao sacramento do qual poderia ser curado". Até aqui o santo (3).

b - A Eucaristia é um excelente remédio para a alma

S. Ambrósio, S. Agostinho e S. Bernardo também nisto concordam dizendo ser a Eucaristia um excelente remédio contra o pecado (4).

S. Cipriano assim escreve: "O cálice inebriante do Senhor, que leva a mente à sabedoria espiritual, e quem o saboreia, do sabor humano se encaminha para a inteligência e para o gosto de Deus. E como a quem bebe este vinho terreno e comum se esclarece a mente, o ânimo se alegra e se manda para longe a tristeza; assim, experimentada a bebida salutar do Sangue do Senhor, perde-se a memória do homem velho, esquece-se a antiga conversa secular, e o peito oprimido pelos pecados que a angustiavam, agora, para alegria do dom feito a ele por Deus, se resolve das angústias, se alivia das fadigas " (5) .

5. - QUARTA desculpa: "não sentimos fervor". - "Aproximai-vos do fogo"

Quanto aos que não querem comungar e aduzem a falta de fervor, fazem justamente como se as pessoas com frio não quisessem aproximar-se do fogo se antes não se esquentassem; enquanto segundo o Damasceno "A Eucaristia é um carvão aceso que afasta o frio e a tibieza" (6); daí como os que se afastam do fogo se tornam cada vez mais frios, assim estes alienando-se sob diversos coloridos pretextos deste fogo celeste, finalmente ficarão gelados e totalmente endurecidos.

"É coisa salutar e útil ao homem - determina S. Boaventura - que se prepare para tomar muitas vezes este remédio e se esforce por tomá-lo o mais devotamente possível. E embora alguma vez aconteça que se sinta todo árido e sem fervor, embora confiante na divina misericórdia o receba confiantemente; porque, se ele se reputa indigno, pense que é muito mais necessário procurar o médico, quanto mais se sente estar enfermo" (7).

6. - O convite do divino Amante das almas

Eu confesso que depois de haver respondido às objeções destes tímidos, e, quase os desarmado dos argumentos com que se cobriam, agora que só resta impelir seus corações, seria conveniente assim tê-lo eu bem inflamado e ardente para poder fazer isto com eficácia.

Eu sei por outro lado o que devo fazer. Pedirei a eles que dêem uma só olhada para aquele sagrado Cibório, e escutem no coração o doce convite que faz-lhes este divino Amante das almas.

"Vinde e comei". Eis que o banquete eu vos preparo; aquele mesmo alimento de que se nutrem no Céu os Príncipes da minha corte, este mesmo a vós eu apresento, peregrinos e exilados aqui na terra: tomai e comei: "isto é o meu Corpo; isto é meu Sangue" (Mt 26, 26 - 28), com os quais vos redimi dos vossos pecados e da servidão dos vossos inimigos.

Vede quantos padecimentos, que agonias, que morte me custou preparar-vos esta mesa. Poderíeis vós render-me maior gratidão, que fazer-me a vontade de que freqüentemente a useis? Eis que eu estarei todos os dias e todas as noites convosco até o fim, e vós deixareis correr os anos inteiros antes de chegar-vos a mim? Assim tão pouco cuidais do meu Amor? A quem ireis portanto para receber a vida; se não vindes a mim que somente eu a posso dar? Quem saciará os desejos do vosso coração, senão eu que sou vosso "Princípio", assim sou também o vosso "Fim"? Por que temeis em aproximar-vos de mim?

Eu sou vosso Pai, Mestre, Amigo, Irmão; e se vós estais doentes eu sou vosso Médico, sou a vossa salvação, e serei um dia a vossa Felicidade, a vossa Glória.

Se eu aqui morasse em um trono com todo esplendor da minha Majestade, aceitaria talvez a vossa timidez e pusilanimidade; mas como estou no Sacramento escondido e familiarizado tanto com os homens, porque não vos aproximais com toda confiança sabendo que "todas as minhas delicias são estar convosco"? (Pr 8, 31).

Ah! meus irmãos, quem entre vós será de sentimento tão duro que não ouça estas amorosas palavras e estes exigentíssimos convites no mais íntimo do seu coração?

Felizes aqueles que ouviram a divina voz; mais felizes se aguardam para observá-la! Felizes os que ouvem e guardam" (Lc 11, 28).

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XVII: La frequente comunione, 20 de março de 1803.
2. In Joannem tract. 26.
3. S. Cirilo Alexandrino, In Joann. , VI, 35.
4. S. Ambrosio, De Sacramentis, c. III, in Ps. CXVII, Serm. XV, 18; S. Agostinho, In Joann, tract 26: Panis est non venenum, como em S. Tomas, III, q. 79, a, 6c.; S. Bernardo, Serm. in Coena Domini, 3.
5. S. Cipriano, lettera LXIII 2.
6. S. João Damasceno, De fide orthodoxa, 1. 4, c, 13.
7. S. Boaventura, De profectu Religiosorum, 1. 2, c. 77.

XIII - PERSEVERANÇA (1)

Irmãos, vós já estais reconciliados com Deus, reconduzidos à casa do vosso bom Pai celeste, e alimentados na sua divina Mesa. O vosso coração está em paz e vós já começastes a provar "quão suave é o Senhor e quanto é rica sua misericórdia" (Sl 33, 9).

Já estabelecestes de não mais sair dos braços do vosso bom Pai, e de "morar na sua casa todos os dias da vossa vida" (Sl 26, 4).

Eu me alegro com vosso fervor. Mas ouvi aquilo que brevemente meu coração deseja dizer-vos para fortificar vosso ânimo nos seus propósitos, para prevenir qualquer perigo, para animar-vos a uma santa perseverança.

1. - Apresentando-se para o serviço de Deus prepara tua alma para a provação

O Espírito Santo avisa nas escrituras quem "entrar para o serviço de Deus, preparar sua alma para a provação" (Eclo 2,1).

Invejoso o demônio do bem da alma, apenas percebe que alguma se quer colocar-se no caminho certo e dar início com bons propósitos, usa todos os artifícios para fazê-la voltar atrás; e para enredar-lhe e intrincar-lhe o caminho e, colocar-lhe diante dos olhos a dificuldade e o aborrecimento de uma longa e penosa viagem, a fim de que se aborreça e logo perca o ânimo. E como poderás - diz ele a um destes pecadores apenas convertidos a Deus - como poderás tu agüentar trinta, cinqüenta ou sessenta anos de vida que ainda te restam, com esta maneira tão difícil de proceder? Sempre resistir contra tuas paixões, jamais satisfazer um capricho, sempre mortificar teus sentidos, jamais alegrá-los com um entretenimento agradável; sempre velar sobre os movimentos do coração sem jamais ter repouso, nem paz? Assim ele fala; e de tal modo insinua uma das mais fortes tentações difícil de superar-se e até mesmo de conhecer. Cuidai, porém, das sutis astúcias dos seus enganos.

2. "Não pensar no amanhã"

O demônio apresenta como certo e amplia muito um longo espaço de tempo que na verdade é muito incerto, não podendo o homem assegurar nada nem mesmo no dia de hoje; Daí é que no Evangelho somos advertidos de "não pensar no amanhã" (Mt 6, 34). Isto é exatamente no nosso caso o que vós deveis fazer para frustrar suas maquinações: viver cada dia como se não restasse mais tempo de vida. Quem é que facilmente, não agüenta a fadiga de um dia só? Muito mais conhecendo o prêmio que Deus preparou para quem virilmente combate contra seus inimigos, e a "salvação" prometida aos "perseverantes" (Mt 10, 22; 14, 13), e a

"glória eterna", a ser conquistada, à qual "não são condignas todas as tentações" que se possam sofrer "neste mundo " (Rm 8, 18) .

E se vos for concedido de viver também amanhã, amanhã tornareis a estabelecer os vossos propósitos e a agir por aquele dia, como se outros não fossem dados para ganhar o céu. Quem saberá dizer quanto a morte, que é justamente a meta do vosso curso, está distante de vós? Que seria pois de vós, se depois de haver feito o mais, que é pôr-se de viagem, parasse de correr, julgando muito longe o final quando talvez não vos restam senão poucos passos para atingi-lo? E vós perderíeis infelizmente aquela corrida a que fostes chamados em grau superior, e outros conseguiriam pegar aquela coroa que era preparada para vós.

"Ai daqueles - diz o Espírito Santo - que perderam a paciência, que saíram do caminho reto, e se transviaram aos maus caminhos" (Eclo 2, 16). Ai, ai deles! Por poucos dias - que talvez são menos do que se pensa - perder uma eternidade! Que loucura!

Que extravagância! Que loucura!

3. - O caminho da virtude se torna logo fácil e agradável

O engano desta tentação é fazer parecer que a fadiga e a dificuldade que se sentem no princípio quem renuncia aos falsos prazeres do pecado e se põe a servir a Deus, deva durar sempre igual por toda a vida, antes deva crescer tornando-se cada dia mais molesta a privação dos prazeres passados, o que é abertamente falso. Pois a fadiga não dura senão um certo tempo; portanto se torna fácil com o costume o que antes era difícil, ou se faz sumamente agradável e gostoso. Assim de fato está escrito no Eclesiástico: "O homem paciente esperará até um determinado tempo - e depois? - após o qual a alegria lhe será restituída" (Eclo 1, 29).

"Eu te mostrarei - diz o Espírito Santo nos Provérbios - eu te mostrarei o caminho da Sabedoria" (Prov. 4, 2). A Sabedoria segundo a etimologia do nome equivale a "saborosa ciência" de Deus; daí é como se dissesse: Eu te mostrarei o caminho pelo qual tu chegarás a saborear e gostar muito de conhecer, amar, servir Deus, como os Santos fizeram.

Qual é este caminho? "Eu te conduzirei pelo caminho da equidade". Eis no princípio os caminhos estreitos da virtude, que tem difícil ingresso; mas quando entrares nestes caminhos, não mais serão retidos teus passos, e correndo não terás mais tropeços" (Pr 2, 12); e é o que diz o Sábio em outro lugar: "Vede com vossos olhos o pouco que trabalhei, e como adquirir grande paz" (Eclo 51, 35). E no Salmo ainda se lê: "Grande paz têm aqueles que amam vossa lei, não há para ele nada que os perturbe" (Sl 118, 165).

Observai que não diz o Espírito Santo: quando terminardes de passar por este caminho, então encontrarei a estrada fácil e plana; mas "quando entrardes

nele"; porque desde o principio o Senhor começa a dar muitas satisfações e a acariciar aquelas almas que vê resolvidas em aplicar-se ao seu serviço e a combater seus maus hábitos. Porque se não se detêm e não desanimam, Ele continua a favorecê-las até que as tenha colocado "a sentar-se junto com seu povo na beleza da paz" (Is 32, 18), em que suavemente agindo o espírito repousa em Deus.

Por isso diz o Eclesiástico em outro lugar: "nesta obra - isto é, na aquisição da Sabedoria - terás pouco trabalho, mas em breve comerás os seus frutos" (Eclo 6, 20).

E o Apóstolo escrevendo aos Hebreus: "É verdade que toda correção - isto é, nestes princípios - parece, de momento, antes motivo de pesar que de alegria. Mais tarde, porém, granjeia aos que por ela se exercitaram o melhor fruto da justiça e da paz" (Hb 12, 11).

Se vós, porém, corajosamente vos resolverdes e não fizerdes caso destas primeiras dificuldades, vereis quão depressa se voltará o vosso coração pleno de consolação e de alegria para bendizer o Senhor que vos mostrou o caminho para chegar a tanta paz.

4. - No caminho da virtude Deus está sempre conosco

Deus não se contenta somente em mostrar-nos o caminho, mas se apresenta ainda para conduzi-lo nele: "Eu te conduzirei pelo caminho da equidade". Refleti bem nisto, porque deste modo respondo àqueles terrores que vos perturbam o coração e que o inimigo procura excitar em vós a fim de fazer-vos cair dos vossos propósitos.

Seja longo quanto for o caminho que vos resta percorrer; que não cesse mais a fadiga para vos manter; sejam graves os perigos que se encontrem, fortes os inimigos que vos impugnam, perpétuas as insídias que vos são desfraldadas; se o Senhor está convosco: "do que temeis vós"? (Sl 26, 1). "Pois se o Senhor está à minha direita não vacilarei". Como tendes medo de cair? (Sl 15, 8). E "não te assustes por causa deles, porque tens o Senhor, teu Deus, no meio de ti, um Deus grande e temível" (Dt 7, 21-22). Se Ele enfim "cuidar sempre de guardar vossos passos e livrar vossos pés dos laços, como poderão ser presos?" (Pr 3, 26).

"O vosso espírito de bondade, - dizia o Salmista, - me conduza pelo caminho reto" (Sl 142, 10): que maior segurança?

5. - Necessidade de ininterrupta oração para perseverar no bem

Vós vedes muito bem que quando uma alma é guiada pelo Espírito de Deus segue segura. Notai ainda que este espírito Ele prometeu a quem lho pedir.

"Se vós que sois maus - assim fala Cristo no seu Evangelho - sabeis dar a vossos filhos aqueles dons que eles vos pedem e que a vós foram dados por Deus,

quanto mais o vosso Pai que está nos céus dará o Espírito Santo a quem o pedir?" (Lc 11, 13). "Pedi e recebereis; tudo aquilo que rezando pedirdes, crede que o recebereis e vos será feito (Mt 7, 7). Eis a palavra de Deus.

Parecer-vos-á agora que Ele não seja suficientemente poderoso para manter sua palavra? Sabei, "tudo aquilo que Ele quis Ele fez" (Sl 113, 3). Direis que Ele não queira? Responde o Apóstolo que "Deus não pode negar-se a si mesmo" (2 Tm 2, 13). E o divino Verbo já disse de si mesmo: "Eu sou a verdade" (Jo 14, 6). Não pode deixar de ser Deus; portanto não pode deixar de cumprir suas promessas.

Que resta, pois? Nada mais senão que vos coloqueis a condição à que Ele obrigou sua infalível Palavra. Resta que pergunteis: porque Aquele que começou em vós a boa obra da vossa santificação dando-vos a graça para converterdes, o mesmo a cumpra socorrendo-vos com eficazes auxílios até o fim. Não há lugar em que não possais pedir este socorro: "em qualquer lugar" (1Tm 2, 8). Não há tempo em que possais ser impedido: "orai sem cessar" (1 Tes 5, 17). Não é necessário estender-vos em longos discursos: "não multipliqueis as palavras" (Mt 6, 7). Se a língua for impedida, bastam os olhos para interceder, e interceder com toda prontidão: "Para os montes levanto os olhos: de onde me virá socorro" (Sl 120, 1). mesmo calando todo outro sentido, falam os desejos que são ouvidos no seu nascimento antes ainda que o coração se aperceba bem de havê-los formados: "Deus ouviu o desejo dos pobres; a preparação do coração deles teus ouvidos ouviram (Sl 9, 37).

6. - Ação e oração

Coragem, pois, irmãos. Se o tempo é breve, breve será a fadiga; e se o próprio Deus vem em nosso auxílio, estabeleçamos as nossas vontades, confirmemos nossos propósitos, corramos sem parar até que cheguemos e tenhamos aquilo a que devem ser dirigidos todos os pensamentos da nossa mente; todos os desejos do nosso coração. Imitemos aqueles rios rápidos que jamais se detêm no seu violento curso até que cheguem ao mar; ou aquela enorme pedra, que destacando-se da montanha pedregosa dos altos cimos dos montes, desce rapidamente arruinando toda sebe, despedaçando todo embaraço até que repouse, quase no seu centro no vale.

Fixemos com os olhos da nossa mente o nosso fim que é Deus, nem jamais o percamos de vista; trabalhemos constantemente, rezemos sem interrupção, e combatamos com valor sem nos cansar ou sem ceder jamais enquanto não chegarmos a possuí-lo.

Se colocamos a mão no arado, não voltemo-nos para trás, porque quem coloca a mão no arado e volta para trás não é apto para o reino de Deus, diz o Evangelho (Lc 9, 62); mas esqueçamo-nos de fato das passadas fadigas, estendamos sempre para frente os nossos desejos para coisas maiores" (Fl 2, 13).

Se estivermos assim resolvidos desde o princípio, cessará bem depressa todo trabalho e toda dificuldade; pois não existe coisa que mais assustem nossos inimigos quanto um ânimo corajoso. Assim como a quem se mostra tímido e irresoluto eles não cessam de perturbar ou de interromper o caminho com várias tentações molestas assim, assim - como diz um grande santo que o provou em si mesmo (2) - as ousadas resoluções de um coração generoso são suficientes para afugentá-los de modo que não mais ousem voltar para perturbar. Se não conseguíssemos na primeira sair com tanta coragem para romper no primeiro assalto os nossos adversários, não nos impressionemos; e se combatendo acontecer, por nossa fraqueza, de receber alguns ferimentos, não desanimemos; mas sabendo que é rápido e eficaz o remédio, restabeleçamo-nos logo com mais coragem que antes, e confiando muito mais em Deus, prossigamos o nosso curso; e quando menos esperarmos, veremos superadas todas as dificuldades, debelado todo inimigo, e assegurada para nós aquela coroa que é prometida a quem combate "legitimamente", isto é com perseverança até o fim.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XVII: La Perseveranza, 11 de abril de 1803.
2. S. Inácio de Loyola.

XIV - A BELEZA DA GRAÇA (1)

"Vivamos uma vida nova" (Rm 6, 4). A novidade da vida não é outra coisa senão o estado, por si tão desejável, da graça. E embora a graça de Deus para se fazer amar apresente em si muitas qualidades e todas excelentes, eu escolho aqui uma só: a beleza.

1. - Qual seja a beleza da graça

Para manifestar esta beleza - que é toda espiritual e celeste - é necessário que eu tente, por quanto posso, trazê-la próximo dos vossos sentidos, e fazê-la quase descer um pouco para aproximá-la de vós: mas convém a vós também de vos elevar quanto puderdes, e de aguçar bem vossa vista, antes, direi, de abrir outros olhos para poder admirá-la.

Por mais fino que seja o vosso gosto e delicado juízo que tendes formado do belo observando e confrontando estes objetos sensíveis que vos circundam, este gosto e este juízo é muito baixo e grosseiro para aplicá-lo em discernir a beleza do espírito. Apenas vos pode servir de escada, subindo pela qual a mente sobre o barro das aparências corpóreas, encontre-se a ver um objeto excelentemente belo, mas que não cai debaixo dos sentidos, com um olhar mais depurado.

Finjamos, portanto, diante de vós duas pessoas. A primeira que eu vos apresento é um velho já carregado de anos e decaído. Calva a cabeça, rugosa a fronte, encovados os olhos, descarnadas as faces, quase afundada a boca entre o nariz e o queixo, curvo o dorso que já se inclina para o sepulcro, mal se mantendo sobre duas pernas descarnadas, emagrecidas, trêmulas. Observai bem que é privado da graça exterior.

Ao lado dele vede um jovem pela cor, pela proporção, pela graça, pela formosura do porte, o mais belo, o mais bem formado.

Vós contemplastes os dois. Agora saibais que este jovem é verdadeiramente um ladrão, um perjuro, um sacrílego, desonesto, avaro, adúltero, um sicário, um homicida. Este velho, ao contrário, é um homem justo, inocente desde os mais verdes anos, casto, esmolero, manso, benfeitor, repleto em suma de todas virtudes que o possa tornar-se amável diante de Deus e dos homens.

O que quer dizer que vós, depois de um testemunho tão conciso, já retirais com despeito o vosso olhar amargo e desgostado do segundo como se fosse a peste; e o vosso coração ao contrário se apega àquele velho virtuoso sim, mas definhado e espoliado da beleza aparente, e se sente levado a amá-lo para comprazer-se nele? (2).

Vede pois - diria S. Agostinho - vede que há uma beleza escondida e secreta de muito maior força que não a sensível; uma beleza espiritual que, porém, só com a mente pode ser vista (3). Vós a vistes porque o vosso coração foi a ela atraído e com igual violência tomado e vencido. Esta é a beleza da virtude.

2. - A beleza da graça é sobrenatural e totalmente celeste

Vós destes um bom passo para chegar onde eu queria; mas nem aqui devemos nos deter.

A graça é de uma ordem ainda superior que a virtude. Ora se tanta é a beleza da virtude que não obstante uma aparência ingrata, desagradável, atrai tão fortemente o coração que a mais sedutora beleza sensível, em confronto não somente cede, mas torna-se abominável e odiosa - não obstante a virtude que aqui observamos, não é mais que uma perfeição natural da alma -: quanto maior será a beleza, o esplendor, o decoro da graça, que é uma qualidade sobrenatural e realmente celeste?

Se eu, portanto, vos dissesse que uma alma em graça possui uma tão rara beleza, que muito se aproxima, antes se iguala àquela claríssima e puríssima beleza que é própria das espirituais naturezas celestiais, quero dizer dos Anjos, antes daqueles mesmos espíritos entre eles mais elevados e sublimes, que são os Querubins e os Serafins, eu direi ainda pouco; enquanto a verdade é que a Graça é uma "participação da própria natureza de Deus", daí é assim que fala adequadamente S. Tomás: Aquilo que existe substancialmente em Deus, se transforma acidentalmente na alma que participa da Bondade divina" (4). Seria necessário, pois, conhecer a beleza de Deus para ter uma justa idéia da beleza de uma alma em graça. Por isso a própria dificuldade em poder chegar tão alto com nosso pensamento é tê-la de qualquer modo conseguido. Boa idéia daquilo que excede toda idéia material é ter conhecido não poder formar dele uma idéia.

A alma na graça de Deus é como um espelho polido, que em si reflete o fúlgido sol da Divindade. Qual será pois a sua luz? Qual seu candor? Qual sua claridade?

Quereis vê-la? "Aquela glória, ó Pai - diz Cristo - que tu me deste, esta eu lhes dei" (Jo 17, 22). Como o ferro unido ao fogo participa da natureza do fogo, assim a alma unida por graça a Deus participa de um ser divino.

Falo de coisas altas convosco, porque a coisas altas fostes chamados; não só chamados como aqueles a quem foram feitas tão excelsas promessas, mas estais em posse de um dom tão precioso, segundo o que escreve S. Pedro: "maiores e mais preciosas promessas, afim de que por elas vos torneis participantes da natureza divina" (2Pr 1, 4).

Falo de vossas almas irmãos, que tementes a Deus na sua graça viveis. Da tua alma eu falo pobre operário, simples mulherzinha, que no meio das trevas de

uma obscura e vil condição, debaixo da tristeza de ásperas e maltrapilhas vestes, guardai intacta aos olhos do mundo uma gema tão rara de celeste esplendor. Feliz pobreza que defende tão grande riqueza! Amável deformidade sob a qual se esconde uma tão divina beleza!

3. - A beleza da graça nos seus eleitos

Consideremos a beleza da graça descendo aos seus efeitos. A "Justificação" de fato - ou seja a justiça da alma - é um efeito dela. Esta justiça importa numa retidão de ordem na mesma disposição do homem, de maneira que a parte superior que é o espírito, seja submissa a Deus, e as forças inferiores da alma se sujeitem à parte superior (5).

A Beleza conforme a definiu em muitos lugares S. Agostinho, não é outra coisa senão uma grata, harmoniosa, ordenada correspondência, ou seja uma ordem de partes bem proporcionadas (6). E para que melhor a possais ver mesmo com estes vossos olhos, eis que eu tomo da Escritura sagrada as cores para pintá-la sensivelmente em uma alma que a possui.

4. - Retrato da Graça

Começamos da cabeça. Seus cabelos são loiros semelhantes ao ouro e vagamente mesclados; porque estes pensamentos celestes que o Espírito Santo coloca nesta alma inflamam seu coração de amor, e do próprio Espírito em Deus são ordenados, restritos, compostos.

Seus olhos são como de pombas, sumamente claros e luzentes de um seu natural esplendor; brilha neles uma luz viva de ciência pelo que bem conhece a vileza das coisas temporais; e de uma amável sinceridade são ornados, pelos quais não apegando-se às coisas terrenas, quase abjetas, por eles sobe a Deus, em quem como em própria mansão repousa.

As faces coradas e de vermelho tingidas (Ct 5, 13) da modéstia, que provém do interno amor do pudor, e da castidade.

Os lábios quase de coral ou de rubi (Ct 4, 3; 5, 13) isto é pleno da mais fervorosa caridade; pois ou fale ela, esta alma, com Deus ou com o seu próximo, não tanto ela quanto o amor e a própria caridade parece que fale por sua boca. E porque a caridade é sempre alegre - não porém dissoluta - por isso é que seus lábios estão sempre em posição de um doce, modesto sorriso.

O que pode haver de fato de mais cândido do que esta alma que rejeitado de si toda a imundícia exterior, leva sua pureza até o pensamento? O que mais forte que ela, junto de quem a tribulação é tida como alívio; o insulto, honra; a pobreza, abundância? Ela, pois, vivendo na carne esquece a carne, daí dizer o Apóstolo: "Vós, pois, não estais na carne, mas no espírito" (Rm 8, 9), porque não tendo solicitude e muita preocupação dos cuidados mundanos, em paz, em Deus dorme e

repousa. Ela reputa intolerável qualquer impedimento que a afaste ou a separe de Deus; assim ela se cerca ao redor e se defende com o exercício incansável das virtudes mesmo diante da presença dos seus inimigos. Ela suplica e roga por todo o corpo da Igreja, isto é pelos vivos e não menos pelos mortos; e quanto mais avança em anos, mais lhe aumenta o fervor; e com quanto mais rapidez se esforça para correr quanto mais percebe avizinhar-se da sua palma (7). Pois a oração eleva-lhe alta a mente da terra para Deus; e pela oração ela atrai o Espírito de Deus, que refrigera o calor da concupiscência, anima e corrobora a mente, conforme aquelas palavras do Salmo: "Abri a minha boca e atrai o Espírito" (Sl 118, 131).

5. - A graça de Deus deve ser a todo custo conservada e aumentada

Eu acredito, irmãos, que ninguém que se encontra entre vós, que depois de ter contemplado ainda que fugazmente a Beleza da divina Graça, não sinta aceso no peito um vivo fogo de puríssimo amor de fervorosos desejos. Permiti que eu vos fale com toda simplicidade e com o coração - como se costuma dizer - sobre os lábios.

Entrai um pouco dentro de vós. Possuís vós uma beleza tão amável? Estais vós no estado tão desejável da Graça de Deus? Se a graça de Deus está em vós, que resoluções não tomareis para não perdê-la jamais! Como não vos preparareis com sumo fervor a estudar os meios mais necessários e mais úteis para conservá-la? Com quanta franqueza e santo ardor não vos movereis para tirar as ocasiões que tendem, ainda de longe, a destruí-la! Que se a tudo isto e por vós mesmos, e com o conselho de quem vos dirige interiormente, já providenciastes cautelosamente e bem pensado com sabedoria; como não vos esforçareis com o auxílio de Deus para crescê-la e avantajá-la cada dia mais?

Não ouvistes jamais que a estrada dos justos é como a luz esplêndida do sol, que nasce, cresce e avança sempre até que chegue até ao meio dia perfeito (Pr 4, 18). E que o Senhor dispõe no seu coração como que muitos degraus de uma escada, subindo pelos quais não mais pareis de subir, até que vos vejais diante do vosso Deus lá em cima no céu?

6. - Se perdida, a Graça deve ser recuperada o mais rápido possível

Se algum, pois, entre vós talvez entrando em si mesmo, soubesse ter já perdido a graça, tendo em si aceitado o pecado mortal; oh! Deus! Como não se apressará ele a depor uma tão estranha deformidade do seu espírito, propondo desde este momento lavar-se o mais rápido possível nas águas da sacramental Penitência suas imundícies, para revestir-se da perdida primeira beleza? Como poderá diferir mesmo um só momento para limpar com lágrimas de amaríssima contrição aquelas culpas que lhe emporcalham a alma tão vergonhosamente, e lhe maculam vergonhosamente o coração?

"Filhos dos homens, até quando sereis de coração pesado? Porque amais a vaidade e buscais a mentira?" (Sl 4, 3).

Tendes diante de vossos olhos a verdadeira luz, e ainda permaneceis nas trevas? Mostra-vos tão doce e amável a verdade, e ainda vos mantêm entre suas falácias os vossos vãos erros? Descubre-vos uma Beleza que bem merece todos vossos afetos, e vós ainda mantendes vosso coração ligado e aviltado no lodo e na sujeira?

Ai! Se assim estultos e insensatos nos viram os anos passados, nos vejam neste dia, recuperados e renovados. Voltemo-nos para Deus com todo o coração; convertamo-nos verdadeiramente de uma vez, e chorando as faltas cometidas imploremos diante dele a misericórdia: "piedade, piedade".

7. - Cria em mim, ó Deus, um coração puro

Ah! Meu Criador! Meu verdadeiro princípio, - meu Deus! eis que só pela minha língua, todas estas criaturas vossas, diante da vossa presença prostradas, confiantemente, ao mesmo tempo unidas em um só desejo, com nova e forte instância vos pedem: "Dai-nos um coração puro" (Sl 50, 19). Quem mais poderá limpar quem traz a imundície desde a sua origem, se não só vós, meu Deus? Quem mais poderá produzir do nada, e chamar a uma nova existência alguma coisa - não direi coisa tão boa como a vossa Graça, que limpa, purifica, embeleza novamente nossos corações - se não vós, ó meu Deus?

Nada de fato nós bem nos conhecemos ser: nada de merecimentos, abaixo de nada - podemos assim dizer - pelos nossos múltiplos pecados. Mas vós justamente - de um tão horrendo nada, podeis e quereis ainda - o esperamos - constituir o nosso coração em um novo ser segundo a graça: Vós que ao "perdoar e em usar misericórdia costumais manifestar singularmente a vossa onipotência" (8); de modos que começando nós ser quase novas criaturas em vós, possamos "nós caminhar na novidade da vida".

E é por isso que nós, sabendo que vos são agradáveis os nossos bons desejos, ousamos pedir-vos ainda "renovar um espírito reto em nossos corações" (Sl 50, 19).

Renovai nosso espírito, ó meu Deus; muito o envelheceram os diuturnos hábitos e os antigos costumes da iniquidade. Retificai-o, porque os nossos inimigos curvaram nossa alma; e nós mesmos consentindo, curvamos o nosso espírito abaixando-o às terrenas concupiscências.

Fazei, pois, de novo que seja reto com aquela retidão com que o haveis criado antes, elevando-o a esperanças mais elevadas em vós; onde cada um de nós possa provar "Quão bom sois, ó meu Deus, àqueles que têm o coração reto" (Sl 72, 1). E possamos um dia finalmente, não mais debaixo de véus e na sombra escura da fé - como agora Vos adoramos debaixo das Sagradas Espécies - mas a face aberta, segundo prometestes aos limpos de coração, contemplar-vos, amar-vos, possuir-vos por todos os séculos, verdadeiro Centro, único Término, e Fim último

dos nossos corações. "Ó meu Deus, criar em mim um coração puro, e renovar-me o espírito de firmeza".

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XV: La Bellezza della Grazia, 19 de janeiro de 1803.
2. S. Agostinho, in Joann. tract. III, 21.
3. S. Agostinho, idem.
4. S. Tomás, I -II, q. 110, a. 2, ad 2.
5. S. Tomás, -II, q. 113, a. 1, c.
6. S. Agostinho, carta 3^a, 4.
7. Para este trecho, cf S. Bernardo, in Cant. Serm. 63.
8. Liturgia.

XV - OS BENEFÍCIOS DIVINOS (1)

1. O primeiro dom de Deus é a existência

Quem jamais poderá dignamente louvar, não tantos belíssimos dons, mas também somente um dos benefícios divinos?

O fundamento de todos estes certamente é a existência. Quando embora esta humana morada fosse enriquecida de todos os bens, como poderíamos nós gozá-la, se fôssemos todavia envoltos nas trevas do nada?

Este dom da existência - que se pode dizer o principal de todos os benefícios divinos - não penseis havê-lo recebido uma só vez, quando Deus criando a vossa alma e infundindo-a no corpo, deu existência ao vosso composto; mas vos foi renovado a cada hora ao conservá-lo.

E como até este momento Deus giraria em vós o ser que vos deu, também neste momento é como se ele vo-lo desse de novo.

E assim como em todos os dias, em todas as horas, em todos os instantes da vossa vida ele sustentou vossa existência, assim deveis entender que cada dia, cada hora, cada instante vos criou novamente como se jamais tivésseis existido.

Parece-vos que digo coisa nova? Ouvi S. Agostinho: "Não de outro modo sua existência, senão sempre dando novo ser". Não há outro modo com que Deus conserve a criatura no ser que lhe deu criando-a, se não continuando a dar-lhes este ser, dos quais - se Deus tirasse, embora contínua, tão necessária - imediatamente voltariam todas ao primeiro nada; "donde se tirasse sua ação tudo voltaria ao nada" (2).

Aquela onipotência portanto que Deus usou para tirar-vos do seio do nada, aquela mesma ele usou convosco para conservar-vos até este momento, em que abris os olhos para reconhecer um benefício na sua continuação, talvez na verdade desconhecido ou não compreendido tal qual é.

Ele vos trouxe até aqui com a força infinita do seu poder, e vós nem mesmo sentistes os braços poderosos que vos carregavam.

Ó sumo e excelso benfeitor! Eis que dependência reconhece o nosso ser da vossa Bondade! Eis que cuidado mantém a vossa Bondade solícita em torno de nós!

Agora entendereis, irmãos, a força daquelas palavras do Apóstolo: "somos Nele"; nós somos em Deus como naquela que nos conserva na existência dando-a a cada instante; e não só "somos Nele", mas "Nele também vivemos", conservando Ele igualmente em nós aquela vida, que além de simples existência nos deu.

2. - Outro dom é a vida e a operação

Já observastes propositadamente quão múltiplas e ocultas sejam aquelas causas de que depende em nós a vida do nosso corpo? Nada existe que para agir requiera uma mais artificiosa, mais complicada harmonia de peças mais finas e delicadas. Observastes também quão inumeráveis sejam e desconhecidos os acidentes contrários que detêm o movimento vital e causam a morte?

Imaginai pelo pouco que nos é dado conhecer quão assídua e vigilante assistência se exige deste Soberano Artífice para manter esta vida temporal. Se a reconhecei como Dele - esta vida a vós conservada até aqui - sabeis ainda a obrigação que vos estreita ao seu providente e incansável cuidado.

Embora vós não refletindo, Ele cuidava de vós para que livre dentro da garganta se atraísse e respirasse o vital, para que o sangue fizesse seu ordinário curso, e o coração tivesse o seu necessário movimento, e reinasse o devido equilíbrio e temperamento entre os humores, e o alimento distribuído com proporção aos membros se transformasse em substância de carne.

Que maravilha se, não pensando vós, Ele operasse junto de vós com tanta solícitude; quando querendo vós operar com as vossas potências internas e externas, foi sempre necessário que Ele como autor da natureza, vos ajudasse com seu concurso? Sem o qual nem o vosso intelecto teria jamais podido levar-vos ao ato de pensar a mínima coisa, nem a vontade a desejá-la, nem o olho ou o ouvido e todos os outros sentidos a representá-la; e assim jamais teríeis podido mover o pé, levantar o braço, mexer a mão, se Ele junto convosco não os tivesse movido e sustentado e guiado.

Tal é a certíssima, necessária dependência, conhecida ainda pelos filósofos, que têm as causas segundas da Primeira Causa do seu ser em produzir também suas próprias e naturais operações. Por isso bem disse S. Paulo: "nele vivemos, nos movemos e somos" (At 17 28).

3. - Amável Providência de Deus em todas as coisas

Mas bastou talvez a Deus este cuidado dentro de nós e ao redor de nós para conservar a nossa vida até aqui? Não; mas deveis estendê-la também amplamente fora de nós; sobre aqueles campos de onde esperávamos os alimentos, sobre aquelas colinas das quais as vinhas mostravam a abundante vindima, e os verdes olivais amadureciam seus gordos frutos, sobre os montes pelos quais pastavam os rebanhos que alimentados nos alimentam e tosquiados nos vestem: "Assim nem o que planta é alguma coisa, nem quem o rega, mas só Deus, que faz crescer" (1Cor 3, 7).

Deus pois foi até aqui em uma contínua operação dentro e fora de vós; e talvez não acima de vós? Quem fez descer aqueles oportunos orvalhos? Quem deu

ao sol a virtude de fecundar nossas terras? Quem recolheu as nuvens e banhou a terra muitas vezes, e tão a tempo, que pode muito bem com abundância enriquecer-nos com seus produtos? Oh! sumamente admirável, ó sumamente amável Providência do nosso misericordioso Benfeitor!

4. - A nossa indignidade diante dos benefícios de Deus

Agora consideremos um pouco a quem mais Ele concede estes benefícios tão grandes, tão contínuos. Talvez a filhos obedientes? A amigos interessados na sua honra? A súditos tementes às suas Leis?

Se assim fosse, seria ainda grande maravilha que um Rei, tão poderoso e excelso, se abaixasse para cuidar de criaturas tão pobres e tão vis. Mas que ele locuplete de graças e de dons filhos que já afastaram Dele de maneira traidora, inimigos abertos da sua glória, súditos rebeldes às suas leis; isto excede todo assombro.

Não é talvez verdade que nós somos justamente assim? Direis talvez que por nós seja honrado o nosso Pai celeste? Mas como? Se todos os dias, publicamente, em todas as praças, em toda rua, em toda esquina se maltrata "o seu santo e terrível nome?" (Sl 110, 9). Onde está a obediência devida às suas leis? Convém dizer que nos rebelamos de fato contra Ele, e que temos afastado todo freio, toda vassalagem. Que outra coisa é de fato aquele comportamento hoje em dia dos homens e indiferentemente das mulheres a desonestidade quase triunfando contra todas as leis que Deus promulgou nas Sagradas Escrituras? O que é este escândalo público e comum se não uma declarada revolução contra Deus?

E andais devagar ao querer tirar-vos fora do número destes rebeldes. Não pecam só os que fazem o mal; pecam ainda os que consentem, pecam os que não observam a obrigação da correção fraterna, pecam os que devem de qualquer modo, e que podem, impedir o mal, e, todavia, não impedem.

Quando surge alguma facção e arvora estandarte contra o Príncipe, todos os súditos se tornam soldados. Quem de fato não toma armas em defesa da honra divina, não é súdito fiel nestes tempos. Se a muitos faltam outras armas, a todos está preparada a segura arma da oração. Quem é que com fervor de zelo, com empenho de caridade, com incansável perseverança reza pela conversão de tantos nossos irmãos extraviados que caminham, antes, correm para o precipício?

Eis, pois, o que deixou escrito S. Agostinho e depois dele S. Gregório: Quando em uma cidade, em uma nação os pecados se tornam públicos, e o mal se estende com universalidade, dificilmente se encontrarão uns poucos, e talvez mesmo nenhum, que não seja culpado, ou porque ele unido aos outros comete também o mal, ou porque nele consente, ou porque descuida da devida correção, ou porque finalmente não reza como deveria, a fim de que o mal termine, ou ao menos diminua (3).

Reconheçamo-nos pois todos humildemente pecadores e súditos muito infiéis ao nosso Deus, e com nossa confusão saibamos que embora rebeldes, Deus não obstante nos beneficia; e embora merecedores de maiores castigos, Deus nos cumula com seus maiores dons.

5. - O excelso dom da fé

O primeiro destes maiores dons é o excelso dia da fé que Ele não sem prodígio, todavia, conserva entre nós. Não é de fato sem um grande prodígio de gratuita misericórdia, que entre as borrascosas vagas de um mar tão agitado, entre os embates de ventos tão galhardos, no peso tão multiplicado de tantas iniquidades, este excelso dom tenha naufragado entre nós? Que entre trevas tão densas, e entre a fumaça tão opaca de tantas heresias, resplandeça ainda apesar de tudo tão clara esta luz divina? Que entre o lodo de tantas lascívias, entre a imundície de costumes tão depravados, esta rara pérola celeste não tenha ainda perdido sua beleza, nem ofuscado seu esplendor? Leiam-se atentamente os anais eclesiásticos; confrontem-se os costumes daquelas nações que já perderam a fé com os costumes dos nossos tempos; e verificando tanto maior o nosso merecimento de ser privados de uma tal graça, se reconhecerá por outro lado os benefícios de quem no-la conserva.

6. - O dom da divina palavra

O outro dom - também importantíssimo - é a pregação da divina palavra. Basta saber que este é o meio ordinário efficacíssimo para a conversão dos pecadores e para a santificação dos justos. Assim mesmo quanto nós o desmerecemos! Pregaram os ministros de Deus até agora contra as devassidões: quem as abandonou? Contra as más práticas: quem se abstém? Contra as modas: quem as abandonou? Não só não mudaram os costumes, mas pioraram muito. Não só ouviram as admoestações, mas as desprezaram. Oh! que grande motivo tem Deus para castigar-nos com seus mais terríveis castigos: isto é fazer calar os seus ministros! Todavia - oh! sempre exagerado benefício! - dizei vós se não parece ao contrário que Deus tenha duplicado seu espírito aos seus evangélicos arautos? Ah! não abusemos de dons tão singulares! Temamos os próprios dons, porque - se não nos convertermos logo - tanto mais será desesperado o nosso abandono, quanto fomos mais longamente e, com mais paciência, curados.

E se estamos resolvidos a converter-nos inteiramente a Deus, e de fazer o que podemos para que os outros ainda se convertam confiemos de ter a receber dons ainda maiores; enquanto, se tanto Deus nos beneficia agora que somos seus inimigos, quanto mais nos beneficiará depois que reconciliarmos com ele e tornarmo-nos seus amigos!

7. - Agradecimento e oração

Elevemos, no entanto, o nosso coração; elevemos, juntos, nossas vozes para agradecer, bendizer uma tão excelsa, amável, infinita Beneficência. Louvemo-la e confessemos-la: "Te Deum..."

Do excelso trono da vossa glória ouvi Senhor, as nossas preces: "Salvai vosso povo, Senhor". Porque se vós não o ouvís, "quem nos salvará?" Vós sois "o nosso Salvador, a nossa salvação; porque debaixo do céu nenhum outro nome foi dado aos homens pelo qual devemos ser salvos" (At 4, 12). Salvai-o Vós, pois, a quem este povo pertence; salvai-o de todo mal; principalmente do mal futuro, irreparável, eterno, do furor da ira aos vossos juízos; salvai-o do mal passado, isto é das suas iniquidade ajudando-o prontamente a ressurgir e limpar-se; salvai-o do mal presente, do qual é afligido seu ânimo ou atormentado seu corpo, do qual seja por vós liberado de toda sua tribulação, ou em Vós consiga proveito de espiritual lucro e não mais prejuízo, vós o podeis, "porque não é a mão do Senhor que é incapaz de nos salvar" (Is 59, 1) mesmo nestes tempos. Vós o quereis, eu espero, porque este povo já não é estrangeiro, mas vosso povo; "este é de fato comprado pelo grande preço" (1 Cor 6, 20) do vosso Sangue. "Salvai, pois o teu povo, Senhor".

Nem só o salveis do mal, espalhai, além disso, sobre ele grande cópia de muitos bens. Que grande motivo tem este povo de esperar toda bênção de Vós, sendo ele vossa herança! Herança que Vos deve ser muito cara porque oferecida a vós pelo Pai, quando disse: "pede-me; dar-te-ei por herança todas as nações; e abençoa tua herança" (Sl 2, 8).

Porque se a terra dos nossos corações é deserta, árida e solitária, ela é por isso mais digna justamente que outras de ser herdada por vós. Por que só a Vós não falta poder e saber para levá-la à cultura, quando a banhades com aquela "chuva generosa de bênçãos, que fizestes cair sobre a vossa herança" (Sl 67, 10). E a vossa herança transbordante de tantos benefícios vossos, se transformará em um eterno objeto de vosso louvor.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XXI: I Benefici Divini, 31 de dezembro de 1803.
2. S. Tomás, I, q. 9, a. 2, c. A atribuição do texto a S. Agostinho foi sugerida pelas palavras que seguem ao texto: Ut patet per Augustinum (Gen. ad litt, 1. 4, c.12).
3. Citação resumida. Cf S. Agostinho, De Civitate Dei, 1, 1, c. 9.

XVI - A SOBERTA (1)

1. - O que é a soberba

Não existe vício que mais comumente e com maior estrago prevaleça sobre o coração dos homens, nenhum que mais insidioso cubra os seus assaltos, e que mais dificilmente se erradique, que a soberba.

A soberba comumente é definida: Um apetite desordenado da própria excelência. E isto então acontece quando o homem se exalta sobre aquilo que lhe é prescrito pela regra e pela medida divina, como ensina S. Tomás (2).

2. - Ato próprio da soberba é o desprezo de Deus

Deve-se notar aquilo que acrescenta o mesmo angélico Doutor: que isto é, nos outros pecados o homem se afaste de Deus ou por ignorância ou por enfermidade ou por desejo de qualquer outro bem; mas a soberba introduz aquela aversão a Deus por não querer sujeitar-se a Ele e à sua regra. Pelo que o afastar-se de Deus nos outros pecados é como uma conseqüência, pendente por si mesmo à soberba, cujo ato próprio é o desprezo de Deus, só a soberba se opõe a Ele (3).

O soberbo é um rebelde; pois o Eclesiástico já escreve que o princípio da soberba do homem é apostatar-se de Deus (Eclo 10, 14; é um rebelde ousado, que com as armas na mão assalta o seu supremo Soberano no seu próprio trono para expoliá-lo de sua glória. E em tão nefanda rebelião o soberbo não se serve de outras armas, de atirar diante do trono divino as suas coroas (Ap 4, 16) as refere a si mesmo e ao seu próprio merecimento, e quer que os outros lhe tributem toda aquela glória que se deve só a Deus.

3. - Deus resiste aos soberbos

Eu sou o Senhor; este é o meu nome; não darei a outrem a minha glória (Is 42, 8). Parece-me ver Deus como um príncipe irado que despoja das armas honradas, dos privilégios, da dignidade, dos feudos, aquele cavaleiro desleal que se rebelou. Assim Deus se apressa em espoliar de seus grandes dons o seu rebelde até à ignomínia; e destes mesmos reveste em seu lugar os humildes como súditos fiéis que com prontos obséquios prometem usá-los em seu serviço, e dos quais ele espera conseguir a glória da vida. "Derrubou do trono os poderosos e exaltou os humildes" (Lc 1, 52).

4. - A própria misericórdia de Deus solicita o castigo dos soberbos

Não penseis que a misericórdia de Deus tenha neste caso de interpor-se em favor dos filhos rebeldes; pois Deus não somente assegura os direitos do seu

supremo Ser, quando humilha os soberbos; mas provê ao mesmo tempo o nosso bem.

De fato a soberba, considerada como vício especial, é respectivamente o maior de todos os vícios; e considerada pela influência que tem nos outros pecados, é quase a rainha e a mãe de todos: "princípio de todos os pecados a soberba" (Eclo 10, 15).

Ela é ainda a ruína de todas as virtudes; e assim bem depressa o soberbo se verá precipitado no fosso de todo mal; e a alma dele, quase como um campo espoliado e deserto de toda virtude, se transformaria em um covil de todas as mais monstruosas e horríveis feras, se para reparar tantos danos, Deus não acorresse prontamente com a humilhação.

Tanto mais que este vício é difícilimo de conhecer; sim, porque é um pecado espiritual; sim porque cobre toda sua deformidade debaixo de uma especiosa veste imitadora de virtude; antes entre as mesmas virtudes perfeitas gosta de esconder-se, como cobra venenosa entre as flores. Portanto de nenhum outro vício mais temiam os santos, sabendo como este é o primeiro a insinuar-se, assim é o último a deixar e a vencer. Por isso usavam muita diligência para investigar-lhes os sinais no mais secreto do seu espírito; e quanto mais crescia nele a luz, tanto mais temiam de se tornarem soberbos, e como tais humildemente confessando-se, se chamavam de rebeldes e ladrões da honra de Deus.

Oh! Deus! O fato de não se reconhecer soberbos é talvez sinal de maior soberba! Que graça é, pois, sermos humilhados por Deus, enquanto assim chegamos a conhecer e reparar tanto mal! Mas se a coisa é assim, quando a própria misericórdia ao invés de suspender os flagelos de Deus, ela própria os deve estimular, quem poderá mais duvidar do ânimo resolutivo de Deus em humilhar os soberbos?

5. - Poder de Deus em humilhar os soberbos

Talvez se duvidará do poder de Deus? Não terá ele raios tão acesos para abater estas torres tão fortes? Não turbilhões tão violentos para desarraigar estes cedros tão robustos? Não terremotos tão galhardos para fazer abalar estes montes tão altos de presunção?

Basta somente que Ele volta para outro lado a face para que logo a alma, que pouco antes, envaidecida dos dons gratuitos sobrenaturais, insultava as outras caídas, se torne conturbada e confusa com a triste experiência da sua fraqueza.

Uma ligeira febre basta para amansar aquele jovem que como um leão feroz tanto presume das suas forças. Uma pequena doença que murche um pouco a flor daquela graça, basta para fazer inclinar o pescoço orgulhoso àquela senhora soberba. Basta, enfim, que Deus retire, ou não mais cuide de conservar em nós, os seus dons, para que fiquemos humilhados.

Quem és tu, ó homem, que queres resistir a Deus? Não és tu na mão de Deus como um vaso frágil de argila na mão do seu fabricante? Como poderás suportar os pesados golpes de uma vara de ferro com que serás batido por Deus até seres quebrado em miúdos pedaços? Porque tremem todas as nações e os povos meditam louvores? Todos os reis da terra, todos os príncipes conspiram contra Deus com forças reunidas; e que fará Deus? Que fará? "E o Senhor os reduz ao ridículo" (Sl 2, 4); como se um forte armado, antes um gigante, fosse atacado por um grupo de imbecis meninos inermes.

6. - Exemplos da Sagrada Escritura

Eis Lúcifer no céu, chefe de uma estrepitosa revolta cair como um raio no inferno (Is 14, 2, 15); Lc 10, 18).

Eis nossos progenitores que pensam tornar-se como deuses, "conhecedores do bem e do mal"; mas não abrem os olhos sendo para ver sua nudez e para descobrir a diferença que havia entre o bem que tinham gozado e o mal que havia atraído sobre eles a sua soberba (Gn 3, 1-24).

Eis, pouco depois do dilúvio, os homens levantar aquela torre talvez contra os golpes do céu. Deus confunde suas línguas e envergonhados abandonam a empresa (Gn 4, 9).

Quem é este Deus? Pergunta Faraó a Moisés. Poderá ele talvez livrar seu povo de minhas mãos? Deus o humilha com as pragas do Egito e finalmente o sepulta com todo seu exército debaixo dos vórtices do mar Vermelho (Ex 5, 2; 7; 12; 14).

Ao soberbo rei da grande Babilônia intima uma voz do céu: teu reino passará para outras mãos; os homens te enxotarão, habitarás com as feras e comerás feno como um boi (Dn 4, 29-30).

Quanto mais alto vai o homem com sua soberba, tanto mais se deve esperar rápida e ruínosa sua queda.

7. - Humilhemo-nos sob a poderosa mão de Deus

Aquele rei soberbo de que pouco antes eu falava, tendo passado sete anos entre as feras, finalmente tocado por Deus, levantou os olhos ao céu, confessou todo poder, toda grandeza vir de Deus, e se humilhou debaixo da mão do Altíssimo. O sentido e o espírito lhe foram restituídos; e ele foi restabelecido em todo o esplendor da dignidade real tornando-se maior no poder e na glória (Dn 5, 31-34)

Assim levantassem também os olhos ao Céu e caíssem em si tantos soberbos cristãos que bem se olhassem, já estão eles humilhados com uma metamorfose também mais estranha.

Olhai, quereria dizer àquele moçoilo, olhai bem da cabeça aos pés; eu te perguntaria se esta é a imagem de um homem criado por Deus à sua semelhança, adotado por ele como filho, constituído herdeiro do Céu.

Olhai, ó senhora; veja se esta é a figura de uma mulher cristã! Direi ainda menos, de mulher honesta! Antes, direi simplesmente: de mulher racional! De quem é, pois - eu te pergunto - esta imagem? Esta figura? Muito humilhante, eu vejo, é este confronto; porém ele resulta somente do hábito e da aparência exterior.

Mas eu não quero insultar vossa confusão; antes, considerando eu mesmo eu a compadeço. Bem desejo a vossa regeneração e, portanto, me esforço a fim de que vós conheçais que jamais teria acontecido em vós uma desastrosa que dá, se antes o vosso coração não fosse tão loucamente exaltado.

De fato assim aconteceu com os filósofos romanos - como escreve S. Paulo - os quais tendo conhecido Deus, não o quiseram glorificar como se convinha, mas envaideceram em seus pensamentos. Deus os deixou finalmente seguir os sistemas e as invenções do seu coração rebelde e os abandonou ao mais réprobo sentimento (Rm, 21, 28).

Tremamos nós também; e à vista de tão deploráveis quedas temamos ainda de nós mesmos.

Ó Deus, quem sabe se não somos nós, talvez por soberba interna, muito mais abomináveis aos olhos de Deus? Quem sabe se a nós também não esteja iminente e já próxima uma mais grave e lutuosa ruína? Quando também não fôssemos porventura a esta hora, ainda que ocultamente, tanto mais perigosamente caídos!

À terra pois nossas fronteiras, à terra nossos olhares. Longe de nossos trajes, do nosso comportamento, dos lábios, do coração toda soberba.

Fixemo-nos no conhecimento do nosso nada, dos nossos pecados, da nossa fraqueza: não nos deixemos mais, pois, tirar fora nem mesmo um pontinho de qualquer pensamento ou coisa que nos aconteça; certos de que quanto mais nos abaixarmos, tanto mais virá perto de nós Deus com sua graça. A quem perguntasse a razão do nosso agir, respondamos com a simplicidade prudentíssima daquele santo: "Vi muitos que por querer andar muito alto, caíram; eu estou bem firme e apegado à terra para não cair (4).

Referências Bibliográficas:

1. Pregação VII: La Superbia, 26 julho de 1801.
2. S. Tomás, II-II, q. 162, a. 1, ad 1, ad 2; c.
3. S. Tomás, idem, a. 6, c.
4. O Bem-aventurado Egídio.

XVII - A HUMILDADE (1)

1. - Bem-aventurados os pobres em espírito (Mt 5, 3; Lc 6, 20) ou seja os verdadeiros humildes

Entre os dois vícios opostos - a soberba, que eleva o homem acima dos limites da razão, e a desordenada abjeção que o deprime demais - está a humildade; a qual com o verdadeiro conhecimento de si mesmo modera o espírito para que não suba acima de si, e ainda o inclina a abaixar-se sustentando-o, porém, sempre a reta razão para que não caia no outro extremo, isto é a abjeção (2).

2. - A humildade é necessária:

a - porque Cristo a ordena

Esta virtude é tão necessária que Cristo disse: "Se não vos tornardes como crianças, não entrareis no reino dos Céus". E ainda: "Quem se humilhar como esta criança, este será o maior no reino dos céus" (Mt. 18, 3-4).

Nestas palavras, "se vos tornardes como crianças" onde se fala de humildade, observa S. Bernardo um tom de falar diverso daquele deste outro, "quem puder entender entenda" (Mt 19, 12) , onde se fala da virgindade; e conclui concorde com os outros Padres que "esta aconselha, aquela exige" (3); a virgindade é de conselho, mas a humildade é de preceito.

A humildade não é, pois, somente um conselho útil para a perfeição; mas um preceito necessário a todos para se salvar. Como não será pedida a vocês a humildade, quando a todos é ordenada a salvação? E sem humildade, sem se tornar como crianças, não se pode salvar.

b - porque Cristo a ensina

A você também são necessárias as lições de Cristo seu Mestre: "Aprende de mim - diz Ele - que sou manso e humilde de coração" (Mt 11, 29). De mim, que sendo de natureza igual ao Pai, aniquilei-me tomando a natureza de servo, feito humilde não só como uma criança, mas nascido criança chorei sobre o feno, sujeito durante trinta anos àqueles que eu havia criado, para tornar-me obediente ao Pai até a morte de Cruz (Fl 2, 6, 7, 8), onde saturado de opróbrio fui reputado entre os celerados como pecador (Mc 15, 28). Eu lhes dei exemplo de humildade, para que como eu fiz, assim vocês façam. Não é maior o discípulo que o mestre (Jo 13, 15).

Ah! Cristão! Cristo humilde; e você cristão soberbo? Não lhe cabe mais este nome de cristão; se você não resolver imediatamente abraçar a humildade, será conveniente que não só renuncie ao reino dos céus que é o reino dos humildes, mas

que ainda mude de nome. Pensem um pouco. Debaixo de uma cabeça humilde não pode permanecer um membro soberbo.

c - porque é fundamento de toda virtude

Já vejo as pessoas que amam a virtude, todas ocupadas em plantar pedras e alicerces de firmíssima fé; elevar colunas e paredes de invicta esperança; espalhar arcos magníficos de caridade; colocar ornatos das mais belas virtudes; plantar jardins onde a virgindade mais pura ou o amor mais terno convidem o esposo ao prazer, e a repousar ao meio dia nos pacíficos silêncios das avenidas umbrosas. Que belo edifício! Quanto é rico, quanto é ameno!

Mas já pensaram antes em cavar fundamentos profundos para esta construção tão alta, que possa resistir aos ventos furiosos aos quais ficará sujeita? Já pensaram antes em escavar dos seus corações toda a terra movediça da soberba, para torná-lo aberto à graça? Como sábio arquiteto, que lança pedras firmes no fundo sólido da humildade, e suspende o edifício quanto mais gracioso, tanto mais firme. S. Bernardo lhes diz que se não puser bons fundamentos de humildade, o seu edifício rui por terra (4). E acrescenta S. Gregório que se os seus lírios não tiverem raízes de humildade, secarão (5). Porém deixemos de metáforas. As próprias virtudes se tornaram em ruína, porque cuidando de vocês mesmos desprezam os outros com altíssima soberba. Assim enquanto vocês pensam conversar nos céus têm necessidade de uma graça extraordinária que os converta; sendo mais fácil que se converta ao bem um pecador conhecido, que a própria queda humilha, do que aquele pecador oculto, coberto com o manto de aparentes virtudes.

3. - A humildade é útil:

a - aos pecadores

Ouçam as sentenças de S. João Crisóstomo; ouçam os que pensam estar em graça e procurem não cair; ouçam-nos os que caíram e se animem para levantar.

Dêem-me - diz ele - dois carros velozes. Emparelhai generosos cavalos. Façam subir em um todas as virtudes, mas unidas à soberba; no outro todos os vícios acompanhados da humildade. Estalai o chicote, aguilhoai os ginetes para que se lancem na corrida. Verão o carro dos vícios sempre preceder o das virtudes, não por sua própria força, mas pela humildade que está sobre ele. Verão o outro ficar para trás vencido, não pela debilidade das virtudes, mas pelo grande peso da soberba.

Querem ver uma prova? O fariseu ajunta ao mesmo tempo justiça e soberba. "Não sou - diz - como o restante dos homens, ladrões, injustos, como aquele publicano". O publicano une os piores vícios e uma verdadeira humildade. E grita a Deus: "Tende piedade de mim que sou um pecador". Assim em comparação com o fariseu este sai justificado (6).

Existisse qualquer alma a mais pecadora; eu não desanimado nem pelo horror de suas culpas nem pelo peso de suas cadeias, eu quereria dizer suba, suba você também sobre este carro da humildade para provar da sua vantagem diante de qualquer fariseu que a rejeita. Deus acolhe a súplica dos humildes, e lhes dá a mão para subir; Deus saberá tirar bem acima da lama para colocá-los entre os príncipes do seu reino (Sl 112, 8).

b - Nos justos, exemplo de S. Luiz Gonzaga

Mas se a humildade unida ao pecado corre tão bem que ultrapassa a justiça unida com a soberba; se a unirmos com a justiça, onde não chegará? Ao próprio trono de Deus. Assim, por exemplo, a soube unir S. Luiz Gonzaga.

Não sei dizer se a bela humildade, qual veste preciosa, mais o cubra ou o adorne. Essa assenta sobre sua fronte que sempre afastou de si as guirlandas caducas do mundo admirador. Vela-lhe modestamente os olhos que jamais se alçaram para desprezar os defeitos alheios, sempre voltados para procurar em si mesmo manchas que não existem. A humildade lhe colore as faces à simples suspeita de aplausos. Reduz sua língua a um rigoroso silêncio sobre os internos tesouros de que ele é também enriquecido, enquanto lhe empresta fórmulas desconhecidas para confundir-se, para censurar-se, quanto amargas em si mesmas, tanto doces ao seu gosto e alegres aos ouvidos de Deus. A humildade lhe sacode da mão os sinais do domínio já lhe concedido pela natureza; e se nos põe ela mesma tão bem pintada naquele crucifixo que Luiz bem pode almejar e retratar em si mesmo. Ela lhes guia os pés para escolher andar abjetos nos átrios do seu Senhor, antes que pousar alto sobre o trono paterno, e ser reverenciados nos tabernáculos dos pecadores. Assim é que enquanto por dons de engenho e de graça Luiz não via ninguém acima de si, de boa vontade se colocava abaixo de todos, até dos últimos coadjutores da religião; mas aquele Senhor que sempre exalta quem se humilha, o colocou, não direi acima dos homens, não direi só entre os Anjos, mas acima dos Anjos mesmos por aquele grande dom de virginal pureza, da qual a humildade sempre foi mãe e guarda. Assim o jardineiro para fazer subir a água mais alta a faz primeiro descer e a esconde sob a terra. Ó feliz descida para subir! Ó muito útil rebaixamento que nos eleva! Oh! humildade tanto mais a nós necessária, quanto mais ainda vantajosa! Onde escondeste até agora os teus valores que nós não te conhecemos? Ah! se a tivéssemos conhecido antes, antes a teríamos também amado. Agora tarde, é verdade, te encontramos, mas não te perderemos jamais.

Irmãos, procurai esta esposa tão amável, estreitar no coração a humildade. Ela, qual mãe fecunda, lhes gera todos os dons de Deus, lhes conquista todas as virtudes; não só, mas as educa e as conserva, conservadas as aperfeiçoa, perfeitas as coroa; porque o Senhor dá a graça aos humildes; "felizes os pobres em espírito, ou seja os humildes, que deles é o reino dos Céus" (Mt 5, 3). Mas o prêmio é também aqui na terra; porque se aprenderem a ser humildes de coração, encontrareis a paz e o repouso para vossas almas" (Mt 11, 29).

4. - A humildade é de fácil aquisição quando o homem conhece a si mesmo

Eis, pois, um meio que lhes torna a humildade fácil; conhecer a si mesmos. Toda a dificuldade que um homem pode ter para humilhar-se nasce justamente do não conhecimento de si mesmo, e, estimando-se mais do que é, acredita-se superior a todos; mas façam que um homem conheça a si mesmo, ser pó e cinza, nada ter de si, mas tudo de Deus; como não será fácil a ele render o tributo de obsequiosa reverência e de todo louvor que é devido a Deus? Reconhecerá ser pecador digno do Inferno, não certo do perdão, de ser capaz das piores iniquidade, incerto na perseverança; que repugnância poderá ter seu coração em manter-se baixo com seus irmãos?

Mas recomeçai: toda dificuldade consiste em conhecer-se bem.

Porém é fácil conhecer-se a si mesmo. Ouvi-me bem. Para que um objeto se possa dizer fácil de ser conhecido a todos, preciso é que esteja perto. Mas isto não basta; se não ainda sensível. Nem isto ainda é suficiente, se não salta por assim dizer aos olhos até de quem observa.

Ora que coisa é mais próxima de nós que nós mesmos para poder conhecermo-nos facilmente? Que tocar, pois, com mão o nosso nada? "Tua humilhação está dentro de ti (Mq 6, 14). Que coisa mais sensível e mais óbvia até aos olhares mais grosseiros, que os pecados, os defeitos, as tentações? Os pecados, que mesmo querendo você distrair o pensamento a própria consciência lhes atira na face? Os defeitos que nos vem a todo momento desaprovados por todos aqueles com quem conversamos? As tentações, que nos são molestas até tornar-nos amarga a própria paz? É fácil, pois, conhecermo-nos a nós mesmos. Fácil é pois a humildade na sua prática.

5 - Filhos dos homens, até quando tereis o coração endurecido?

Mas se é assim: qual será para nós a desculpa que nos possa cobrir se não nos resolvemos de verdade aqui, agora, a praticar a humildade? Parece-nos ainda difícil ou impossível? Não sabemos humilhar-nos?

Pois bem, ouçamos o Profeta nos sacudir com seu grito: "Filhos dos homens até quando tereis o coração endurecido? (Sl 4, 3). Corações humanos criados para dominar nesta terra, nascidos para o céu, como vos condenais a não olhar, a não amar sendo a lama? Vocês sabem se aviltar; não sabem humilhar-se? Sabem humilhar-se atrás de apetites nefandos, ao aceno tirânico de uma paixão; não saberão humilhar-se pelos exemplos de Cristo, ao comando de um Deus? Sabem humilhar-se para não cair; não sabem humilhar-se para se levantar? Não sabem humilhar-se para se tornarem adornados de dons sobrenaturais, e queridos a um céu inteiro? Sabem colocar-se debaixo dos pés dos próprios jumentos; não sabem ser humildes com seu próximo, com seus semelhantes? Oh! cegueira! Oh! soberba! Oh! Loucura!

6 - Invocação a S. Luiz

A vós, nosso protetor S. Luiz, é reservado o triunfo destes corações. Não me admiro, ó pecadores meus irmãos, nem da vossa, nem da minha culpa. Sei bem que a nossa terra é muito apta para receber a verdadeira humildade, mas não é capaz de produzi-la. Esta é um dom perfeito que desce do Céu.

Ó S. Luiz, obtende-a vós; e vós mesmo, do bem-aventurado terreno onde medra esta planta celeste, transplantai-a com vossa mão ao nosso coração; fortificai-a com vosso exemplo; cercai-a com a vossa proteção; para que ela cresça e se mantenha, e nós possamos cheirar as flores de suave alegria, de paz nesta terra; para saborearmos em seguida os frutos da vida eterna juntamente convosco no céu.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação I. L'Umiltà, 8 de junho de 1800, S. Gaspar era simples diácono.
2. S. Tomás, II -II, q. 161, a. 1, c. e ad 2.
3. S. Bernardo, Super Missus, Serm. I, 5.
4. S. Bernardo, Super Missus, Serm. I, 5.
5. Cf S. Gregório Magno, in Regola Pastorale, c. 28; Morali in Job. 1, 26, c. 35.
6. João Crisóstomo, De incomprehensibili Dei natura, homilia V, 6, 7.: Lc 18, 10-14.

XVIII - O TEMOR DE DEUS (1)

1. - Nada é mais louvável que o temor de Deus

Meus irmãos, não existe coisa mais louvável por vós como mais digna de glória, ou recomendável como mais útil, ou enfim reputada mais necessária, que o santo Temor de Deus.

"Aquele é um homem temente a Deus", dizeis de fato de alguém que desejais louvar; e por todos se honra este título quase como um compêndio de mil encômios; e o respeita até mesmo a língua mais maledicente com um reverente silêncio.

"Temamos a Deus", dizeis como Tobias a vossos filhos (Tb 1, 10); e pensais não poder deixar-lhes documento mais útil também como herança. E não confiais talvez os vossos bens, mais as vossas próprias filhas, seus dotes, na mão de um homem, do qual muitas vezes não podeis assegurar outra coisa, se não que teme a Deus? E dizeis com sinceridade: Onde há temor de Deus, tudo é seguro.

Ao contrário, onde suspeitais que só isto falte, eis vos todos olhos sobre vossas coisas, todo ciúmes sobre vossa honra, todos guardas até sobre a vida. E porque isto? Sem terror de Deus não há justiça, dizeis, nem fé, virtude, nenhum outro bem.

2. - Temor servil e temor filial

Eu falo daquele temor pelo qual o homem se converte a Deus, ou a Deus se une mais estreitamente. É assim de duas maneiras se pode temer a Deus: temendo a pena justíssima temporal ou eterna, com que Deus pode punir nossas culpas; ou temendo a mesma culpa pela qual podemos nos separar dele (2).

Se por temor da pena - como do inferno - recorreremos à misericórdia, arrependendo-nos do nosso pecado, ou do pecado nos obstemos, isto é temor servil, temor que é bom, de acordo com o cânone de Trento e vem do Espírito Santo (3).

Se por terror da culpa nós nos voltamos para Deus ou a Deus mais nos unimos; este é temor filial e é propriamente dom do Espírito Santo (4).

Basta haver esta distinção para vossa instrução. No mais, falando indiferentemente de um e de outro, eu digo em primeiro lugar que o temor de Deus é glorioso; e tal é por sentença do mesmo Deus.

3. - O Temor de Deus é glorioso

Porque duvidar? "O temor do Senhor é uma glória", dizem as Escrituras (Eclo 1, 11). Também outras virtudes, pelas quais os homens se tornam úteis na paz ou fortes da guerra, serão honradas ou dignas de alguma glória. Sim, "o grande, o justo, o poderoso recebe glórias"; mas - continua dizendo o Espírito Santo - mas ninguém é maior do que aquele que teme a Deus" (Eclo 10, 27), e por isso não só o temor de Deus é glorioso, direi que é uma só coisa com a glória, "o temor do Senhor é uma glória".

De fato o Salmista destina uma mesma morada para o temor de Deus e para a glória. "A glória - ele diz - está na casa - isto é, mora na casa - daquele homem feliz que teme a Deus" (Sl 111, 1).

Não vos enganeis mais e, procurar esta glória na casa dos ricos ou príncipes deste século. Aquela que vós vedes reluzindo nos seus átrios, ou sentada majestosa aos pés dos seus tronos, não é a verdadeira glória, é um vão simulacro; uma estátua fingida, colorida para imitar a verdadeira, colocada por eles mesmos depois que com seus votos convidaram em vão para entrar a verdadeira glória, muito amada por eles, mas talvez não merecida. Não, a verdadeira glória não desdenha a pobreza dos moradores, ou a simplicidade dos seus hóspedes. Vai indiferentemente com os aplaudidos e com os desonrados. Sim, "a glória dos ricos, dos honrados e dos pobres é o temor de Deus" (Sl 111, 3). "O temor de Deus é uma glória".

4. - O exemplo de Abraão

Nós vamos aos fatos, que costumam ser mais sensíveis que os argumentos. Levantai os olhos para aquele monte onde Abraão sacrificou o seu filho. Quereis saber qual seja a glória que Deus lhe dedica? "Em ti - diz Deus - serão abençoadas todas as nações da terra" (Gn 22, 16). Ora qual virtude lhe mereceu? Dirão alguns: a fé. Mas este Deus deu um outro prêmio: "Abraão acreditou, e isto lhe foi reputado em conta de justiça" (Rm 4, 3). Outros, a obediência, a fortaleza. Não! Ouvi de Deus mesmo a qual virtude se dá o merecimento desta glória. Abraão levanta a faca para consumir o sacrifício. Eis Deus que julga imediatamente: "Agora sei que temes Deus"; eis a razão de tal merecimento. "Pois não me recusaste teu próprio filho, teu filho único": eis a prova do temor de Deus. "Porque fizeste isto" - porque deste prova tão grande do teu temor; porque temes a Deus - "em ti serão abençoadas todas as nações da terra" (Gn 22, 12, 18). Ó temor de Deus, quanto é glorioso por sentença do próprio Deus! Como poderão os homens louvar-te mais?

5. - Imitemos Abraão

Deixai que falemos um pouco de coração para coração. Irmão tens aquela pequena paixão, aquela amizade? Irmã, tens aqueles amorzinhos não muito pudicos, aquela moda? Eu sei : estas coisas são queridas unicamente ao teu coração. Bem, sobe você também este monte. Sacrifica também isto por teu único afeto. Sim; à vista de todos dá esta prova de temor de Deus e Deus mesmo te

adjudique a glória que tu mereces, e diga diante do céu e da terra: "agora sei que temes a Deus". Que glória para vós será esta! A empresa é árdua, eu confesso; porque é difícil separar a vontade de um afeto que a possui; difícil converter-se de verdade. Mas temei a, Deus; é tudo vos será fácil e suave.

6. - O temor de Deus é fácil e suave

Vede, porém, sobre a fé na Escritura, como o temor de Deus torna fácil, suave, pronta a conversão, dispondo habilmente passo a passo a vontade.

Eis o primeiro passo: por meio de uma apreensão vivíssima - que faz surgir no coração do pecador - de sumos males que estão iminentes nesta vida e mais na outra, o faz entrar em si mesmo recolhendo os pensamentos esparsos e distraídos para refletir sobre o infeliz seu estado. "Aquele que teme a Deus volta ao seu próprio coração" (Eclo 21, 7).

E amargurando com tais terrores os seus deleites, e acenando-lhes claramente o seu pecado com quase única infausta origem de tantos males, o reduz logo como sinal, sob tal aspecto, a aborrecê-lo. "O temor do Senhor é o ódio ao mal" (Pr 8, 13).

Portanto vai destacando e retirando o afeto; e assim o faz afastar do vicioso caminho. "Pelo temor do Senhor evita-se o mal" (Pr 16 , 6) .

Mas as ferocíssimas tentações, acossadas pela paixão desprezada não usa como repulsão, parece que não consentem em afastar se de fato. Não duvidai porém: "Aquele que teme o Senhor não será surpreendido por nenhuma desgraça" (Eclo 33, 1); mas nas tentações terá Deus que o conserva e o livra de todo mal.

O temor de Deus vitorioso das tentações "expulsa o pecado" (Eclo 1, 27). Sentem de fato em seus corações os pecadores depois de alguma vitória como uma voz que do céu lhe diz: "Vós que temeis o Senhor esperai Nele, sua misericórdia vos será uma fonte de alegria" (Eclo 2, 9).

Fundados sobre esta, eis já que "aqueles que temem o Senhor preparam o coração, santificam suas almas na presença dele" (Eclo 2, 20). Então sim que ouvirão ao redor de si vozes de Anjos alegres pela sua conversão repetir: "é sabedoria temer o vosso nome" (Mq 6, 9). E eles no seu coração terão a prova com mil consolações daquela misericórdia que se estende "de geração em geração sobre os que temem o Senhor" (Lc 1, 50).

7. - O temor do Senhor é necessário também aos justos

De fato ouvi: "Aquele que não tem esse temor não poderá tornar-se justo" (Eclo 1, 28). Assim como a justificação e a expulsão do pecado é necessária para salvar-se; assim para salvar-se é necessário o temor de Deus, sem o qual nem se enxota o pecado, nem a alma se justifica. E "se não te aferrares firmemente no temor do Senhor, tua casa em breve será destruída" (Eclo 27, 4).

Sim, cairá, ó justos, este vosso edifício espiritual, que levantastes com tanto custo, com jejuns e mortificações, e com tão longo exercício de árduas virtudes; cairá ainda que tivesse seus fundamentos sobre os montes da santidade mais perfeita. Diz Ezequiel dos maiores Santos: "se alguns chegaram a se refugiar nas montanhas, gemerão como as pombas dos vales, cada qual por causa do seu pecado" (Ez 7, 16).

Direi mais ainda: se vós não vos atemorizais com o temor de Deus, cairá, e cairá logo, a vossa casa ainda que a tivésseis fabricada lá no céu. E de fato aquele que podia dizer: "Nós somos cidadãos dos céus" (Fl 3, 20); e "temos uma casa preparada não por mãos humanas, uma habitação eterna, no céu" (2Cor 5, 1); antes não só "temos" e aí moramos com a contemplação, mas realmente levado até o terceiro céu, já quase temos posse; temia também ele "vir a ser excluído" (1 Cor. 9, 27). E quantos com ele não tremeram, embora parecessem quase estrelas imóveis no céu, caíram. E, oh! Quantos trocaram a luz imortal de suas virtudes em um fogo louco de afetos impuros, que os tornou, não direi somente brincadeira do vulgo ignorante, mas escopo às zombarias e escarnecimentos do próprio inferno? Não insultemos, não, às quedas destes cedros, nós, frágeis abetos; mas choremos atingidos por altíssimo terror sobre as ruínas alheias; e vos exortamos ainda a temer a fim de não cair. Aliás, não mais vos exortamos; Deus, Deus mesmo vos manda a todos. Manda aos justos: "Temei ao Senhor, ó vós todos que sois santos" (Sl 33, 10). "E o que mais quer de ti o teu Deus, ó Israel, se não que tu o temas? o ames e observes os seus mandamentos?" (Dt 6, 2). Manda aos pecadores: "Temei aquele que pode matar o corpo e perder a vossa alma no inferno" (Mt 10, 28).

8. - Sem Temor de Deus não se pode salvar

Quem será, portanto, entre nós aquele servo ousado que recuse obedecer a tão expressos mandamentos do seu soberano Deus? Não aquele que julgando estar em graça está, porém, certo de não poder manter-se nela sem um perpétuo temor. Nem aquele outro que tendo já perdido a graça, sabe não poder recuperá-la por outro meio senão o temor; nem enfim quem já está convencido de que sem terror não poderá salvar-se. Pois quem resolve perder-se para sempre por não querer dirigir-se por um caminho que ele conhece unicamente como seguro, não pode ser senão um louco.

Porque se existe um pecador alucinado, que recusa temer para não amargar seus deleites, eu me lançarei a seus pés, e mais com lágrimas que com a voz, lhe pedirei para ter cuidado, ou ao menos sentir piedade, da sua alma. E se não se rendesse às minhas lágrimas; vamos - quereria dizer-lhe - é necessário que temas. Não queres temer agora? Virá, e já não está longe, o dia em que abrindo os olhos deste seu sono, perceberás estar desesperada a tua salvação. Serás então perturbado por um temor horrível; gemerás pela agonia; do teu espírito, mas inutilmente.

Quanto melhor pois temer agora que o temor te é ainda tão fácil, tão glorioso!

Oh! que o terror de Deus torne louvável a nossa memória aqui na terra, e nos assegure posse eterna da imortal glória no céu.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação II: Timor di Dio, 23 de Outubro de 1800.
2. S. Tomás, II-II, q. 10, a. 2, c.
3. Conc. Trid., sess. VI, de Justificatione, can. 8.
4. S. Tomás, II-II, q. 19, a. 2, c.

XIX - A PUREZA (1)

1. Eminência desta virtude

Todas as virtudes são belas; mas porém desta virtude de que falamos atribui-se por excelência o decoro e a beleza, como já escreveu S. Tomás (2). Eu vos apresento em primeiro lugar a consideração da eminência desta qualidade.

Observai. O homem é um composto de duas substâncias, corpórea uma, a outra espiritual. Está quase no meio dos Anjos, dos quais participa da inteligência, e entre os animais, com os quais tem em comum a vida animal, se o homem se eleva para operar com sua mente, é quase um Anjo; e se se abaixa para obedecer a concupiscência, que milita em seus membros, é quase uma fera.

Por isso a Escritura falando do homem que abandona o sublime lugar a que tinha sido elevado vivendo segundo a razão e o espírito, para condescender com sua carne, assim se exprime: "O homem que não reconhece o estado de honra em que estava, foi comparado com os jumentos insensatos e torna-se quase um deles" (Sl 158,21).

2. Feiúra do vício contrário

Eis a luz diante das trevas. A luz faz quase mais tenebrosa as trevas, e as trevas mais luminosa a luz; porque melhor se conhece uma coisa pelo seu contrário.

De fato jamais se conhecerá melhor, nem com maior evidência, a bela disposição do corpo humano, que depois de haver com hipóteses caprichosas revirado a ordem e derrubado a simetria. Se um homem colocasse a cabeça embaixo dos pés, e os pés enxertasse no pescoço: que monstro horrível! Que deforme espetáculo seria ver uma coisa dessas!

O homem dissoluto exhibe justamente isto e ainda pior, não já em imaginação, mas na verdade. Pois ele tira a razão daquele lugar superior onde Deus há havia colocado para reger e dominar, e a atira debaixo dos pés fazendo-a servir às paixões; estas, pois, que nasceram para receber leis e freios, as substitui no lugar da cabeça para comandar e prevalecer. Que pode ser mais impróprio? E estas são as deformidades que caindo debaixo dos olhos a toda hora ocasionam riscos, zombarias e escárnio do vulgo ignorante, e ocasionam, nos mais sensatos, náuseas, horror, despeito. Se se encontra sem em um espelho justo e verídico certos homens e certas mulheres que usam como objeto de pompa as suas confusões, e de glória suas ignomínias, sei bem eu que espantariam em reconhecer sua monstruosa aparência; e se mudariam em objeto de alta abominação o motivo de seus loucos delírios e vaidades.

3. - A pureza faz os homens semelhantes aos Anjos

Quanto mais bela é esta virtude que conserva a ordem e a dignidade do homem! Esta é que faz reconhecer altamente respeitosa a sua excelência, da qual falou já em sentido tão elevado o salmista voltado para Deus: "Senhor, vós fizeste o homem um pouco inferior aos Anjos". Esta é que lhe mantém aquela soberania sublime com que foi por Deus constituído sobre todas as criaturas visíveis. Próprio dele é - aquele augusto esplendor que, quase como glorioso diadema, distingue o seu principado, do qual: continua dizendo o mesmo salmista: "de glória e de honra o coroastes. Deste-lhes poder sobre as obras de vossas mãos. Vós lhe submetestes todo o universo" (Sl 8, 6, 8).

4. - A pureza faz que o homem seja templo de Deus

Dela vem que se reconheça a nobre imagem da Divindade impressa no homem, podendo-se dizer: "Fazei brilhar sobre nós, Senhor, a luz de vossa face" (Sl 4, 7).

Por obra da pureza no coração do homem se edifica um templo vivo do Espírito santo; antes o próprio corpo do homem se torna instrumento de glória de Deus e mais ainda sua moradia e seu escabelo, segundo quer indicar S. Paulo, quando disse: "o vosso corpo é templo do Espírito Santo, que habita em vós... Glorificai, pois, a Deus no vosso corpo" (1Cor 6, 19-20).

Esta virtude é enfim que torna o homem gracioso diante de Deus, amigo - pela semelhança que se encontram aí - daqueles espíritos imateriais e celestes, querido aos homens, honrado e temido até mesmo pelos seus inimigos.

5. - A tranqüilidade e a paz de um corpo puro

Mas adiantemo-nos ainda mais para descobrir a íntima excelência de uma tão nobre virtude. Pois que a glória, o decoro, a beleza resulta quase externamente pela ordem que ela introduz no homem; mas a tranqüilidade, a paz, a alegria - que é também filha da mesma ordem - está assim no ânimo, que sem sair muito para fora, toda intimamente e por si só a goza. Para tornar patente uma alegria assim pura mas oculta, não deve ser descuidado o confronto com seu doloroso contrário; enquanto, como bem reflete S. Agostinho, provado - ao menos por palavra - o mal da doença, se torna ainda mais evidente a alegria da saúde" (3).

6. A desordem de um coração impuro

Dai-me um homem possuído pelo desregulado amor, e vereis a quantas fadigas, a quantas angústias, a quantas turbulências esteja sujeito o seu coração.

O seu interior é quase como uma cidade em que tudo seja desordem, revolução, tumulto. As paixões, quase como uma facção sediciosa e turbulenta,

assaltam com ímpeto cego e furibundo a razão é a apertam de toda parte para usurparem um indébito violento principado.

O espírito geme entre as correntes do seu mísero cativeiro, e a generosa índole da sua nativa grandeza o excita a reparar suas perdas e a voltar ao seu soberano estado. Acorrem logo todas as virtudes do ânimo para defender sua honra ultrajada; de outro lado as paixões rebeldes, tornadas mas ousadas pela vantagem que conseguiram nos primeiros embates, quase assalariando um infinito povo de afetos licenciosos e de desejos desenfreados, se preparam de modo sempre tumultuado para sustentar-se.

Acende-se já sobre o campo do coração uma luta cruel, tanto mais funesta quando mais pessoal e interior; tanto mais obstinada quanto duas potências externas ajudam com suas forças as partes adversárias. Deus com suas ilustrações não cessa de chamar a vontade a uma guerra animosa para colocar a boa ordem, e promete ainda socorros abundantes. Do outro lado o demônio emprega todas as suas artes para aumentar o fogo da divisão e manter a desordem. Combate-se de dia e de noite; tudo é confusão; tudo horror, tudo insídias, ansiedades, frêmitos de raiva, clamores de ferocidade, gritos de desespero. Aquelas nobres virtudes que asseguravam o repouso do espírito, caem extintas ou moribundas ao feroz assalto do vício já predominante. Ó Deus que carnificina! Que devastação! O templo de Deus feito trono do pecado; daqui este tirano exercita seu prepotente domínio. Ele espolia o espírito das suas armas para tirar-lhe toda confiança de jamais liberar-se. Estas armas segundo o Apóstolo são a "luz" (Rm 13, 12); eis a alma cega por uma escuridão espantosa, infernal, que lhe fecha todo caminho de onde possa esperar socorro. Eis a vontade lacerada por cruel remorso no braço de uma desesperada desolação.

7. - Felizes aqueles cuja vida é pura (Sl 118, 1)

De tão tétrica imagem voltemos o nosso pensamento horrorizado, para consolar-se na alegria de um ânimo casto e temperado. Aqui se vê a verificação daquela palavra do Salmo, que "o Senhor pôs a paz nos seus limites" (Sl 147, 3).

De fato todos os sentidos mesmo exteriores, com sua modesta e virtuosa compostura, explicam fora e quase no ingresso deste reino interior, a tranqüilidade, a segurança que aí mora.

Assenta-se ali a vontade razoável quase como rainha, respeitável no aspecto, mas doce, à qual fazem corte amorosa mil afetos de cândida inocência e de ingênua simplicidade. Vede ali em baixo as paixões que obsequiosas às suas leis, e ordenadas e dirigidas de baixo de forte custódia das virtudes, crescem bem a glória de quem com tanta sabedoria as refreia e governa. Uma harmonia agradável e alegre, de todas as potências enche tudo de suavidade, de alegria, de júbilo.

Não há inimigo que aqui se apresente para perturbar a calma, porque de longe é debelado e repellido. Uma luz muito fúlgida e serena - de que sempre reluz o

céu superior da alma - a torna impenetrável às fraudes maliciosas e às obscuras traições. A segurança e o testemunho fiel da boa consciência, enriquecem os atos de glória e preparam um perpétuo banquete de sólida alegria ao coração; e a esperança certificada pela experiência de abundantes consolações que Deus fez chover como conforto, quase lhe abre a feliz porta do céu, para que possas ver lá colocada a sua coroa e como lugar de sua posse; e lhe atrai uma larga veia daquela imutável felicidade sobre a terra perfumosa e fecunda desta alma imaculada; segundo o que a tais almas o Salmista já disse caber a bem-aventurança ao menos principiada, mesmo em estado de caminho: "Felizes aquele cuja vida é pura."

8. - Exemplo de S. Luiz Gonzaga

O retrato desta virtude vós tendes diante dos olhos, quase vivo no original, em S. Luiz Gonzaga. Não é talvez verdade que o semblante deste angélico jovem é o próprio semblante da pureza?

Já me parece vê-lo este anjinho em carne mostrar-vos o seu belo semblante de Paraíso excessivamente alegre e sereno, e estendendo suas puras e virginais mãos, chamar-vos com doce convite a segui-lo.

Se eu - parece que ele diz - entre as delícias mais lisonjeiras das cortes mais liberais e entre mais manifestos, soube conservar intacto o seu lírio; porque não podeis vós manter-vos puros, protegidos quase à sombra de uma condição privada? Eu era cingido da mesma carne que vós sois; escorria fervente o sangue nas minhas veias, e ao doce abril de meus dias floresciam frescos e vivazes meus membros; se eu conservando sempre uma castidade virginal sobrepujei a própria natureza, porque vós não conservareis a castidade que exige o vosso estado particular? E se meus olhos se abstiveram sempre de boa vontade de olhar mesmo só de passagem belezas terrenas embora castas e inocentes, como não aceitarão vossos olhares um freio discreto que os suspenda, e as retire de fixar-se com muito livre malícia? E se o meu delicado corpo acolheu de tão bom grado um tormento tão rígido de penitências protetoras; como não agüentará o vosso corpo de boa vontade as privações das crápulas glotonarias e das depravadas bebedeiras?

Olhai esta tão numerosa multidão que me circunda de juvenzinhos inocentes, de virgens donzelas. Estes pois e estas puderam tão de perto, e podem ainda pisar os árduos rastros dos meus passos; e vós não podeis, ao menos de longe, seguir o agradável perfume, dos meus exemplos que se expande e se difunde tão amplo em todo lugar?

Assim vos fala, irmãos, este protótipo de inocência; e vós me respondeis aos seus convites? Talvez alguém dirá: Será verdade que São Luiz, e muitos outros que dele se aproximam com a imitação, puderam executar mesmo os mais árduos conselhos; quanto a mim, é impossível observar mesmo os simples preceitos.

A proposição é muito absoluta; como tal já mereceu ser reprovada pela Igreja com manifesta censura de heresia. É preciso limitá-la. Se me for melhor dito com o

Sábio "que ninguém pode ser continente se Deus não o ajuda" (Sb 8, 21), eu o concedo; mas acrescento com as autorizadas palavras do Concílio de Trento, que "o homem deve fazer aquilo que pode e pedir o que não pode" (4). Nem mesmo os Santos puderam com suas forças, mas com o conforto da graça; a qual Deus "não nega a quem a pede retamente com a oração". Ele está sempre prontíssimo a dá-la para tornar-nos bem leve aquele peso e suave jugo da divina lei que unicamente às forças da nossa doentia natureza talvez parecesse estranho e até impossível.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XIX: La purità di S. Luigi Gonzaga, 5 de junho de 1803
2. II-II, 2. 152, a 5, c.
3. De Civitate Dei, 1. XIV, c 17.
4. Sess. VI. Decretum de Iustificatione, c. 2.

XX - O AMOR PARA COM DEUS (1)

1. - O amor se funda sobre a semelhança

Não existe talvez outro nome que com igual dilação chegue a ferir um coração gentil quanto o doce nome do Amor; nem mais agradável espetáculo como ver outros corações feridos igualmente e ligados, seguir o triunfo de um amor vitorioso.

Vós já bem percebestes que vos falo de um amor celeste, sobre-humano e divino.

A todos é conhecida por cotidiana experiência aquela secreta admirável força que usa o ímã para atrair o ferro e uni-lo a si mesmo. Uma força semelhante exerce também o Bem sobre o apetite humano. Porque tão logo ele é proposto pelo intelecto à vontade, imediatamente esta o atrai para si e obriga docemente a unir-se. Este movimento da vontade para o bem é exatamente isto que se chama amor.

Vede que coisa maravilhosa, mas verdadeira. Acontece às vezes que um Bem, embora grande em si mesmo - que tem maior força, pois, para atrair - menos mova a vontade, antes efeito totalmente contrário a afaste de si. De fato também o Sábio apresenta, como principal causa do amor, a proporção, ou seja a semelhança: "Todo ser vivo ama seu semelhante" (Eclo 13, 19). Ora este é justamente o nosso caso. De fato eu vos fiz um doce convite ao amor divino; mas vós, contemplando a Divindade como um bem na sua soberana excelência muito desproporcionado à vossa extrema baixeza e miséria, que maravilha pois se os pensamentos e os vossos afetos retornem para si mesmos tímidos e confundidos?

Descoberta a causa do vosso temor, é-me coisa fácil destruí-la para colocar o vosso coração em plena liberdade.

2. - Semelhança da alma com Deus

Nós somos formados de duas substâncias diferentes entre si; de alma e de corpo. Quanto ao corpo, eu bem concedo que não encontraremos entre Deus e nós senão desproporção e inconveniência. Deus não é de fato - diria aqui S. Agostinho (2) - nem cor para ser natural aos nossos olhos, nem sabor para fazer-se gostar pelo nosso paladar, nem som para ser ouvido pelas nossas orelhas, nem outra qualidade material para ter a mínima conveniência com nossos sentidos. Mas se do exterior sensível nos voltarmos para nossos mais justos reflexos da alma, que é a melhor e a formal parte de nós mesmos, oh! aqui sim há possibilidade de encontrar muita proporção e conveniência.

A nossa alma é espiritual; Deus também é espírito. O ser Dele é simples, imutável, eterno; a essência da alma é simples, incorruptível, imortal. Deus é puro

intelecto, e benigna a sua vontade; a alma também é inteligente e dotada de livre arbítrio. Que adianta ficarmos aqui combinando outras semelhantes particulares correlações? Deus mesmo se manifesta nas Escrituras ter Ele, ao criar a alma, entendido formar sua imagem: "Façamos o homem à nossa imagem e semelhança" (Gn 1, 26); daí como a alma na unidade da sua, substância representa a unidade da Divina Natureza, assim nas suas três distintas potências representa a Trindade augusta das Pessoas, ainda mais perfeitamente: porque Deus conhece a si mesmo e se ama como o mais perfeito Bem, assim alma é capaz de conhecer Deus e de amá-lo. Uma tão grande relação de semelhança não será bastante para despertar nela o mais sensível afeto de complacência e de amor?

3. - A própria indigência da alma atrai a divina liberalidade

Mas já percebo o que alguém quer me opor. Deus é um Bem supremo, nós somos míseros pecadores. Observai, porém, como eu me sirvo desta mesma objeção para concluir a meu favor.

Deus é um bem Sumo, dizeis; portanto, eu prossigo sumamente comunicável; pois entende também o filósofo como o Bem, quanto mais é perfeito, tanto mais comunicável.

Nós somos miseráveis, e também - se quiserdes - miseráveis ao extremo. Portanto necessitados ainda ao extremo de auxílio e de bens. Por outro lado a nossa potência espiritual tem uma maravilhosa capacidade sendo perfectível a um indeterminado sinal, segundo a palavra: "o justo faça a justiça e o santo santifique-se ainda mais". (Ap 22, 11). Ora que coisa mais conveniente, mais consentânea a uma Bondade infinita, que deseja direi quase - comunicar sem fim suas perfeições, que encontrar uma alma quanto capaz tanto necessitada e indigente de todo tipo de bens? Também entre os homens, aqueles que são verdadeiramente liberais não gostam de encontrar quem igual a eles seja rico, mas também os mais pobres e necessitados, para distribuir com alegria no meio deles as suas riquezas. Quanto mais Deus! Tão contente ele de fato de atendê-los ou de encontrá-los, vai a procura dos mais necessitados e os chama gritando forte por meio de Isaías: "Todos vós que estais sedentos, vinde à nascente das águas, vinde comer, vós que não tendes alimento. Vinde comprar trigo sem dinheiro, vinho e leite sem pagar. Por que despender vosso dinheiro naquilo que não alimenta, e o produto de vosso trabalho naquilo que não sacia? Se me ouvís, comereis excelentes manjares, uma succulenta comida fará vossas delícias (Is 55, 1-2). "Não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mt 15, 24), "e para salvar aquilo que já estava perdido (Mt 18, 21) para que tenham a vida, e para que a tenham em abundância, (Jo 10, 10).

4. - O nosso coração é feito somente para Deus

E se tudo isto vos parece ainda pouco, eu acrescentarei mais que nosso coração foi feito de tal modo para Deus, que fora de Deus não existe nada que possa ter proporção com ele. De fato aqueles desejos tão vastos, aquele não saciar-se jamais com algum bem ou prazer, mas sempre acender-se com maior apetite,

outra coisa não quer significar, se não que os bens deste mundo são de fato desproporcionais à grandeza do nosso coração, e que a um coração quase infinito nos seus desejos, outra coisa não convém sendo um bem igualmente infinito.

5. - Exemplo de S. Luiz Gonzaga

Mas concitemo-nos com um exemplo. Bem se pode dizer que S. Luiz Gonzaga apenas começou em seus primeiros momentos de razão a conhecer a Deus, já começou a amá-Lo.

Vós o vereis ainda tenra criança, nos cantos mais escondidos de sua casa, procurar na solidão o seu Deus. E corno Deus está pronto para manifestar-se a quem o procura na simplicidade do coração, assim é Luiz laborioso em fazer que nenhum outro pensamento e afeto lhe distraísse a mente ou lhe ocupasse o coração; portanto cinge de rigorosa custódia todos os sentidos. O seu espírito se levanta pronto para uma altíssima contemplação da divina Beleza, e crescendo o conhecimento, cresce igualmente o amor. Gostaria de poder mostrar-vos aos pés dos altares depois que lhe foi concedido receber em si, debaixo das espécies sacramentais, o seu Deus; do aceso vivo da sua face, ao tépido rio de lágrimas que lhe sai dos olhos, bem podereis conhecer que chama, que fogo arde e inflama no seu peito juvenil. Que rápidos progressos não fez este fogo em Luiz! Fecha, todavia, o mundo com fortes obstáculos todos os caminhos para segurá-lo nas suas cortes; o amor forte e vigoroso lhe abre em breve o caminho pelo qual voará para unir-se mais estreitamente com seu Bem no seguro recinto de um claustro.

Aí seu amor cresceu tão alto que nos poucos anos que sobreviveu não se saberia dizer se fosse Luiz, ou melhor, Deus que vivesse em Luiz. Na sua mente não havia senão Deus; na sua vontade, em seus afetos não havia senão Deus; se ele olhava, em tudo não via senão Deus, nem outra coisa apreciava senão Deus. Enfim todas as suas obras exteriores não somente eram feitas por Deus, mas delas transparecia ainda um não sei que de divino; de em qualquer exercício que fizesse a sua simples visão levava mais para as coisas divinas o coração de muitos que o contemplavam por devoção, que não qualquer outro meio, por quanto eficaz, ele pudesse usar para excitar-se ao fervor. Eis, portanto, a que ponto Luiz levou seu amor.

6. - Amemos Deus, Amemos Deus!

Ah! Irmãos, se conhecêssemos um pouco só quem é Deus! Que grande felicidade seria a nossa de poder amar uma Bondade tão grande! De que imenso bem seria para nós fecundo um amor tão santo! Eu bem sei que olvidaríamos de tudo e de nós mesmos, para que todos os nossos pensamentos e todos os nossos afetos fossem de Deus e em Deus.

Oh! Sacudamos de uma vez estas trevas que se adensam tão espessas ao redor dos nossos olhares, aceitando oportunamente aquele raio tão vivo de luz, que a fé já vibra neste ponto sobre nosso espírito.

Deus nos ordena amá-Lo, e nos ameaça de morte eterna se negamos a Ele este amor; promete vida eterna e a Si mesmo em prêmio a quem o ama.

Ele preveniu nos amando. Antes que nós existíssemos, Ele já nos amou; não podíamos ainda pensar Nele, e Ele já tinha todo o mais terno cuidado para conosco. Lançou grande cópia de bens de natureza e de graça sobre nós, embora não fosse ainda possível a nós reconhecer o benefício e muito menos a mão benéfica de quem nos abençoava. Finalmente o conhecemos, e foi então que a sua Bondade foi paga pela mais negra ingratidão. Ingratos e inimigos, não deixou, porém, de nos amar, antes parece que seu amor mais se reforçou.

Ah! Irmãos! Um olhar só a esta cruz; ela vos dirá como este Homem-Deus já comprou o vosso coração pelo caro preço de todo seu Sangue. A nossa alma é filha adotiva de Deus de quem trás impresso o ilustre semblante e a clara imagem; tornou-se por graça superior à sua natureza, divinizada, deificada, à qual se prestam os Anjos para servir com cobiçado cortejo. Cristo é seu irmão, e a alma tem em comum com Ele a herança e o reino.

Uma alma, portanto, de tão alta origem, ornada de inefáveis qualidades, a quem a daremos nós como esposa? A quem mais, senão ao Amor divino? Amemos a Deus, amemos a Deus!

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XII: L'Amore verso Dio da imitarsi in S. Luigi, de 27 de junho de 1802.
2. S. Agostinho, Le Confessioni, I. X, cc. 6, 10 e outros. Enarratio in Ps. XLI, 7.

XXI - A CARIDADE PARA COM O PRÓXIMO SUGERIDA PELO EXEMPLO DE SÃO LUIZ GONZAGA (1)

1. - A caridade é a coroa de todas as virtudes

Uma virginal pureza toda angelical, um heróico rigor de penitência, uma altíssima e quase imóvel contemplação de espírito, e outras virtudes semelhantes; eis os dons que vos propondes venerar e imitar em S. Luiz Gonzaga como os mais excelsos e mais perfeitos.

Todavia, sustentado, por uma doutrina tão certa quanto clara do Apóstolo, eu venho propor-vos para imitar neste Santo dons maiores e para mostrar-vos uma estrada mais excelente para chegar - quando quiserdes - àquele alto ponto de perfeição a que já mirais, tão felizmente conseguido. Ouvei a palavra do Apóstolo: "Porém a maior delas é a caridade" (1Cor 13, 13). A caridade é de fato a forma, o complemento, a coroa de todas as virtudes.

2. - Definição da caridade

A caridade é uma perfeita amizade que passa entre nós e Deus. Ela, porém, em vista de Deus, se estende ainda ao nosso próximo como coisa toda de Deus, e a Deus pertencente, sendo ele criado por Deus à sua imagem, redimido com seu sangue, e feito por Ele capaz juntamente conosco, da eterna felicidade; em cuja comunhão todo este santo amor é fundado. Desta santa amizade de caridade, em quanto se estende ao nosso próximo, devo eu unicamente falar; e quero antes mostrá-la como um vivo retrato, como exatamente o Apóstolo no-la descreveu.

3. - Descrição da caridade

A caridade - diz S. Paulo - em primeiro lugar é **PACIENTE** para suportar os defeitos do próximo. É **BENIGNA** para ganhar com doçura a Cristo as almas de seus irmãos. Desejando sua eterna salvação, e com esta todo bem, não inveja a sua prosperidade: "Não tem **INVEJA**". Para não dar a eles ocasião de tropeço no caminho da salvação, guarda-se de agir mal: "não é **ORGULHOSA**". Não se orgulha jamais por qualquer dote de alma ou de corpo desprezando os seus irmãos: "não é **ARROGANTE**". "Não é **AMBICIOSA**" em dominar e sobrepujar sobre os outros. Antes para servir piamente a eles, toda solícita pela sua vantagem, "**NÃO BUSCA SEUS PRÓPRIOS INTERESSES**". Provocada pelas injúrias "Não se **IRRITA**" para vingar-se. "**NÃO PENSA MAL** de ninguém," mas interpreta tudo do melhor modo, salva a verdade, procurando somente sua emenda. Chorando os pecados do próximo quase como seus próprios, "**NÃO SE ALEGRA COM A INJUSTIÇA**", mas favorecendo as verdadeiras virtudes do próximo se congratula e se "**REJUBILA COM A VERDADE**". Enfim tudo ela sofre; tudo crê; tudo espera; tudo suporta" (1 Cor 13, 4-7), por amor do seu próximo, quando se trata de procurar a ele o verdadeiro bem; que é principalmente a graça nesta vida e a glória na futura; sabendo com isto

dar grande prazer a Deus por amor de quem ela é suavemente levada a amar seu próximo.

4. - Caráter próprio e especial da caridade

Afora destes caracteres contentai-vos que eu escolha um só; mas - segundo o que me parece - o mais próprio e especial: "a caridade não busca seus próprios interesses". Quem ama com verdadeira amizade deve procurar o útil do amigo; enquanto aquele que procura o útil e o prazer próprio no amigo, esta ama a si mesma, mas não o amigo.

Não podemos desejar prova mais luminosa do que a que Luiz deu quando, ocorreu em Roma aquele tão mortífero contágio, ele mostrou cuidar muito pouco de sua própria vida, expondo-a para conforto de seu próximo aflito onde justamente com maior força aquele mal enfurecia nos hospitais públicos, de maneira que a perdeu em breve tempo, colhido ele mesmo no morticínio comum. "A caridade não busca seus próprios interesses".

Mas que maravilha que ele por amor do seu próximo tenha dado com um ato tão excelso de perfeição naquela vida que ele muito mais de boa vontade desejava trocar com a perfeita união com Cristo? Bem mais é para se admirar que, chamado com extraordinário dom a gozar de uma união toda celestial com Deus também aqui na terra, chegasse até a privar ao menos em parte seu espírito desta doçura por puro zelo da salvação das almas dos seus irmãos.

Não outro motivo de fato o fez abandonar o pensamento já formado - segundo a mais doce inclinação dos seus afetos - de entrar em um claustro de pacífica solitária contemplação, se não a caridade; que ao invés o levou a dar seu nome à companhia de Jesus pouco antes instituída por aquele grande Santo e forte campeão de Cristo, Inácio de Loyola; onde novos guerreiros se adestravam, em um quase perfeito exercício de apostólica disciplina, para sair em campo aberto diante dos vícios, e a sustentar o peso das mais árduas e cansativas expedições. Ó amor! Ó zelo! Ó caridade não indigna do apostólico coração de um Paulo.

5. - A nossa caridade

Diante de tão grande lume eu não vislumbro mais a nossa caridade. Ela me parece apenas como uma lânguida chama.

Quem de fato entre nós que, não direi já esteja disposto a dar também ele deste modo a vida por amor do seu próximo - que é próprio dos perfeitos - mas que dê de boa vontade o supérfluo daquelas riquezas que dissipa, e sustente o seu irmão lânguido pela fome? Não seria senão o simples preceito! Quem é que por zelo de salvação de seus irmãos, não direi renuncie a doçura espiritual e medite extraordinárias empresas; mas que com o uso discreto da correção fraterna, com bom exemplo ao menos e com as orações cuide de "ajudar o próximo conforme suas posses?" (Eclo 29, 27). Não seria também nesta parte - sem ultrapassá-lo - o

preceito tão rigoroso com que Deus "impôs a cada um deveres para com o próximo"(Id, 17,13).

Eia, pois, isto só, a que vos obriga o preceito, só este pouco e não mais quero propor-vos; que possais de algum modo imitar em S. Luiz aquela caridade que principalmente se distingue em não procurar "o que é seu" para procurar o útil do seu próximo.

Mas, oh! Deus! Todos hoje em dia nada procuram fora seus interesses, seus gostos, sua própria utilidade! "Todos procuram sus próprios interesses" (Fl 2, 21). Que farei eu, pois? Desanimarei? Pararei o trabalho? Eis que eu quero prendê-los com suas próprias redes. Vós, pois, nada mais procurais senão vossa utilidade. Pois bem, eu vos digo que jamais podeis ter a vossa utilidade, enquanto não cuideis das do vosso próximo.

6. - Deus ligou todas as nossas vantagens ao cuidado que temos com nosso próximo

Vós deveis conceder-me que todas as vossas vantagens estão na mão de Deus, e dependem de Deus. Das espirituais já está manifesto, quanto às temporais, muito claro falou S. Paulo, quando disse que "nem quem planta, nem quem cultiva é alguma coisa" mas sim "aquele que dá incremento", que é Deus (1Cor 3, 7).

Na mão de Deus estão as estações propícias ou adversas, as chuvas fecundas ou os granizos desoladores, as guerras mais desastrosas ou a paz amiga das artes e do comércio, e tantas outras coisas semelhantes, independentes de fato do trabalho humano, e sujeitas só à livre vontade providencial do céu, que porém concorrem para nossa utilidade ou prejuízo. Agora que direis se Deus tivesse ligado todas as nossas vantagens ao cuidado que devemos ter com nosso próximo?

Mas assim é; e eu recorro às Escrituras, que é o mesmo que dizer ser seus imutáveis decretos.

Encontrarei portanto escrito assim nos Provérbios: "o que dá ao pobre, não padecerá penúria" (28, 27). Para confirmar vede Malaquias: "Fazei a experiência, diz o Senhor dos exércitos, e vereis se não vos abro os reservatórios do céu e se não derramo a minha bênção sobre vós muito além do necessário" (3, 10).

Ao contrário nos mesmos Provérbios está igualmente escrito daquele que despreza as orações do seu próximo necessitado, que ", padecerá penúria" (28, 27) ele próprio.

Vamos agora às vantagens espirituais que são as mais desejáveis. Deus mesmo falando em Isaías do homem benéfico para com seu próximo aflito, diz que a alma dele será como um belo jardim irrigado por uma fonte de água perene (58, 2). E uma outra vez ainda nos Provérbios, "Quem se faz de surdo aos gritos do pobre"

protesta que quando ele mesmo for gritar ao trono das suas misericórdias, "não será ouvido" (21, 1. 3).

Ouvi finalmente a Nova Lei: "Na medida em que medirdes os outros sereis-medidos" (Mt 7, 2); assim nos Evangelhos. E na epístola católica de S. Tiago: "Orai uns pelos outros para serdes curados". E aí depois de haver mostrado de quanta eficácia seja tal oração, conclui com este motivo: "Saibais que aquele que fizer um pecador retroceder do seu erro, salvará sua alma da morte e fará desaparecer uma multidão de pecados" (Tg 5, 16, 20). E notai aqui onde nós lemos: "salvará a alma dele", são muitos os que lêem: "sua alma", admitindo o texto grego ambas as leituras. Assim então vem o sentido: "Salvará sua alma quem converter o outro" ou rezando, ou instruindo, ou arrastando pelo exemplo e com outras indústrias caridosas, como também observam os intérpretes. Notai ainda aquelas palavras: "e fará desaparecer uma multidão de pecados", são explicadas pela Escritura em outro lugar onde diz: "A caridade sobre a multidão dos pecados" (1Pd 4, 8), todos sim todos. "Cobre os do próximo - prossegue um douto expositor (2) - passados os presentes com a penitência, e os futuros com a cautela: isto é os veniais se somos justos, e as penas devidas pelos pecados passados; e faz que se afastem as ocasiões e os perigos de cair no futuro. E se nós formos pecadores, este nosso esforço, esta solicitude e ardor em converter o próximo, provoca, excita, e por assim dizer merece por uma certa conveniência de Deus a graça eficaz com a qual somos nós mesmos excitados a detestar os primeiros pecados e a mudar para uma vida melhor". Daí o Damasceno destas palavras de S. Tiago ensina que "o certíssimo modo de acabar com nossos pecados é o esforço para acabar com os pecados alheios" (3).

Tal é, pois, o sentimento constante de S. João Crisóstomo em muitíssimos lugares (4), e dos intérpretes mais acreditados neste ponto.

Que vos parece agora, irmãos? que podeis vós querer de mais claro, de mais uniforme, de mais expresso? Fixai bem na mente que quem quer a própria utilidade deve procurar a do seu próximo, e que o "não procurar o que é seu", como ensina a caridade, é justamente o verdadeiro, antes o único caminho para conseguí-lo.

7. - Sede solícitos uns com os outros como membros do mesmo corpo

Eia, pois, amantíssimos irmãos em Cristo, eu vos falarei mais com o coração que com os lábios; eis, pois, começai desde agora a tomar aquele cuidado amoroso do vosso próximo que vos é tão altamente recomendado pelo vosso Deus. Resolvi-vos pelo menos por utilidade vossa; embora vós o deveis pelo amor de nosso amabilíssimo Pai comum que vos manda.

Mas vede, porém, assim urge ao seu providencial afeto este cuidado recíproco, que, quando não fosse suficiente a doçura do seu amor, não duvidou de impeli-los com a própria necessidade do vosso interesse. "Vós sois um só corpo, concluirei com S. Paulo, como com suas palavras comecei, e como com sua doutrina conduzi este meu simples falar. "Vós sois um só corpo"; portanto como

membros deveis ser "solícitos" uns aos outros; solícitos pela salvação corporal, e muito mais pela eterna. Vede, no vosso corpo, como um membro ajuda, carrega, suporta, dirige, defende nutre o outro; desta recíproca solícitude nasce a saúde de todo o corpo não menos que de cada um dos membros. Mas fazei que cada membro não procurasse mais que aquilo que é seu; o pé permanecesse em preguiçoso repouso, recusando carregar os outros membros; do mesmo modo a mão não preparasse a comida ao paladar; e este satisfeito com seu sabor, não o enviasse ao estômago; ou muito ávido o ventre guardasse tudo para si, negasse aos outros membros o necessário alimento. Que aconteceria? Pederia o corpo e com ele cada um dos membros. Assim acontecerá também para vós, se não só procurardes unicamente o que é vosso; já que "vós sois um só corpo com Cristo e um de seus membros". Belas palavras! Portanto "sejam solícitos os membros entre si" (1 Cor 12, 25, 27).

8. - oração

Eis nos agora, ó nosso protetor são Luiz, que tendo proposto a caridade como a mais excelente entre todas as virtudes vossas, eu não deixei, quanto dependia de mim, de toda indústria para dispor as almas acenderem-se deste belo fogo de amor. Não resta agora senão acendê-lo, mas a vós está reservada esta que é a empresa mais nobre, por isso a vós me dirijo.

Oh! Caro santo, uma só centelha da vossa acesa caridade ao nosso coração! Oxalá desperte em nós esta chama vivaz, que, dilatando-se a favor do nosso próximo, e, portanto, nutrida, crescida, purificada, mereça depois elevar-se à sua própria desejada esfera, isto é ao Céu; onde unindo-se a Deus, imenso foco de caridade por essência, de onde ela saiu; Nele, como seu centro, encontre feliz descanso por todos os séculos!

Referências Bibliográficas:

1. Pregação VI: La carità verso il prossimo, 21 de junho de 1801.
2. Giacomo Tirino in Jac., V, 19-20.
3. S. João Damasceno (tratado por Tirino) 1. 1, Parall, 48.
4. S. João Crisóstomo, Cf De Sacerdotis, 1. VI, 10; in Math., hon. 59, 6; in Act, Ap. , hom, 20, 4).

XXII - AMOR E RESPEITO AOS MINISTROS DE DEUS (1)

1. - Na dignidade do sacerdote se honra o dom de Deus

Por opinião constante dos homens não menos que por sentença infalível do Evangelho, quem exalta a si mesmo é julgado digno de opróbrio e humilhações: "Quem se exalta será humilhado" (Lc 3, 5). Não porém quem é exaltado por Deus; pois este ao contrário possui um justo e fundado direito àquela honra e àquela glória, que - como sombra do verdadeiro merecimento - o vai sempre seguindo passo a passo. Pois neste caso - se bem se considera - não se honra já o que é do homem, mas sim o que é de Deus no homem; e os dons de Deus merecem sempre toda estima, toda reverência dos homens, onde sejam colocados pela sua altíssima Providência. Ora como de um lado não encontro quem Deus tenha querido exaltar sobre esta terra mais que seus sacerdotes; assim por outro não sei ver como, sem tornar-se culpados de uma presunção insofrível e sem danificar, pois, muito suas consciências, possam tantos e tantas entre os nossos cristãos mostrar conhecer tão pouco e venerar tão menos uma dignidade tão sublime e um caráter tão soberano.

2. - O sacerdote é ministro e embaixador de Cristo

Que vós deveis, meus irmãos, uma obsequiosa sujeição aos sacerdotes, aparece em primeiro lugar da dignidade sobre-humana de que foram investidos pelo Altíssimo Rei do Céu e da terra; "Que os homens nos considerem, pois, como simples operários de Cristo e administradores dos mistérios de Deus" (1Cor 4, 1). Esta é a justa idéia que deve formar o povo cristão dos sacerdotes. Quando vê um deles deveria dizer: eis um ministro de Cristo, um dispensador dos mistérios celestes; eis um embaixador do Supremo Monarca, como em um outro lugar se expressa o Apóstolo, onde disse: "desempenhamos o encargo de embaixadores em nome de Cristo, e é Deus mesmo que exorta por nosso intermédio" (1Cor 5, 20).

Ora se aos ministros de um rei terreno e aos seus embaixadores se atribui tanta honra e respeito por todos os súditos, que obséquio pensais vós, que reverência pode convir a estes ministros tanto mais ilustres de uma corte não terrena, mas celeste? De fato se os príncipes deste mundo são tão solícitos para que aos seus legados seja concedido quase uma honra semelhante à que é devida às suas augustas pessoas, e se punem os ultrajes com a mesma severidade que costumam punir os próprios; não de outro modo fez Deus querido se trata das honras devidas aos seus Ministros.

3. - Deus impõe o respeito aos seus sacerdotes

Atendei à força das palavras com que Ele mesmo cria uma lei no Eclesiástico: "Teme a Deus com toda tua alma, tem um profundo respeito pelos seus sacerdotes. Ama com todas as tuas forças aquele que te criou; não abandones os seus ministros. Honra a Deus com toda a tua alma, respeita os sacerdotes" (7, 31-33).

Três vezes repete o mesmo preceito; e tantas vezes manda que ele seja amado, reverenciado, temido, outras tantas manda que sejam honrados os seus ministros; mostrando assim com evidência que depois de Deus em primeiro lugar se deve honra, reverência, amor àqueles que Ele mesmo o constituiu para fazer suas vezes aqui e representar a nós a sua imagem sobre a terra. Pois se Deus na antiga Lei mandou que os blasfemadores do seu divino nome fossem apedrejados (Lv 24, 16) julgou também que o faltar ao respeito com os sacerdotes fosse caso não menos digno de morte (Dt 17, 12).

4. - O sacerdote tem poder sobre o corpo místico e sobre o corpo real de Cristo

Basta de fato refletir sobre aquela autoridade soberana, ou melhor, divina, que Cristo lhes comunicou, para que fiquemos convencidos ser muito escassa toda reverência que podemos tributar ao tão eminente caráter deles. Quando o divino Redentor curou aquele paralítico de que faz menção o Evangelho, todo aquele povo espectador, quase perdendo de vista um fato por outro tão estrepitoso, ficou admirado ao considerar aquelas honrosas palavras: "Teus pecados te são perdoados", com que o Médico celeste entendeu curar naquele enfermo, antes a alma que o corpo; e começaram a dizer entre si: "E quem é este homem que perdoa também os pecados? Quem pode perdoar os pecados senão somente Deus?" (Lc 9, 20-21). E vede também uma autoridade tão própria só de Deus com igual extensão Ele quis comunicar aos sacerdotes: "Àqueles a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes, ser-lhes-ão retidos" (Jo 20, 23). Que príncipe, que rei sobre a terra tem tanto poder; antes a que santo ou a qual Anjo do céu, a quem tenha sido concedido uma autoridade tão sublime sobre o corpo místico da Igreja?

Aliás que maravilha, que Deus tenha querido sujeitar à autoridade sacerdotal todos os súditos do amplo reino de sua Igreja, quando parece que sujeitou-se Ele mesmo que é seu Soberano?

Oh! Excelsa, oh! Sublime, oh! hefável dignidade dos Sacerdotes! Chamam-no eles do céu à terra o seu Deus, e ele obedece "obedeceu o Senhor à voz de um homem" (Js 10, 14) - e assim quase debaixo deles se inclina até ser manejado e bendito ainda pelas suas mãos.

5. - Os fiéis recebem todo bem em relação à salvação pelas mãos dos sacerdotes

Eu sei, irmãos, que se até agora apresentei-vos valiosos argumentos para submeter-vos de bom grado à autoridade de vossos Sacerdotes e reverenciar neles um tão augusto caráter; com esta última razão que apresentei dei quase a todas as outras coroa e complementação. Não obstante não cessarei de investigar outras ainda pois a vós mesmos muito importa uma sujeição tão devota.

Dizei-me, que bem podereis esperar em relação à vossa salvação sem uma tão justa dependência, quando todo bem que até agora recebestes não vos veio por outras mãos senão pelas dos sacerdotes?

Pois assim argumenta S. João Crisóstomo: "se ninguém pode entrar no Reino dos céus, sem antes ter renascido pela água e pelo Espírito Santo (Jo 3, 5) e se alguém não comer a Carne do Senhor está privado da vida eterna (Jo 6, 53), nem estas coisas se cumprem por outro meio senão por aquelas mãos santas dos sacerdotes; quem mais poderá evitar o fogo inextinguível do inferno sem o auxílio deles? Ou conseguir a inacessível coroa preparada lá em cima? Os sacerdotes portanto, vos regeneraram pelo S. Batismo; e por meio deles vos revestistes de Jesus Cristo, e vos tornastes membro daquela santa Cabeça. Os vossos pais vos geraram para a terra, eles para o céu. Aqueles vos deram uma vida que não podem defender das doenças que assaltam e muito menos, depois, da morte; estes muitas vezes salvaram vossa alma enferma; já moribunda, antes morta de fato, à graça e já às portas do inferno para ser aí eternamente sepultada, a restituíram à vida, arrancando-a das mãos do demônio, fecharam as portas daquele horrendo cárcere, e reabriram as do céu; nuas, esqueléticas, disformes, a revestiram dos primeiros dons e da beleza perdida" (2).

Se vós agora já estais crescidos e cheios de riquezas espirituais, são eles que vos alimentaram e ainda vos nutrem com o alimento salutar da divina Palavra, eles vos preparam cada dia aquele banquete substancial, e pelas suas mãos vos é administrado o pão dos Anjos.

Se vós repousais seguros no seio da paz do vosso coração, se não prevalecem vossos inimigos prejudicando vosso espírito, se entre as ameaças de uma justiça divina irritada se apresenta ao mundo com aparência propícia ainda a Misericórdia; são os sacerdotes que apresentam ao Altíssimo preces cotidianas por ofício, eficacíssimas por instituição, pela paz comum e tranqüilidade; eles que oferecem cada dia sobre os altares aquela Hóstia tão aceita ao divino Pai para aplacá-lo enfurecido com os pecadores, para incliná-Lo favorável aos desejos dos justos, para abrir em suma uma inexaurível mina de graças às necessidades espirituais e temporais de todos; eles enfim que velam - talvez os únicos e sós - sobre o bem mais interessante da salvação de vossa alma, da qual se empenharam para prestar detalhada conta ao severo Juiz, como da própria.

6. - Os sacerdotes têm necessidade de serem mantidos pela oração dos fiéis

Se a evidência das razões por mim aduzidas fez nascer em vós um sentimento de grande veneração pelo caráter e autoridade sacerdotal, isto enfim não se torna senão unicamente em vossa vantagem. Os sacerdotes não tiram lucro disso; porque sejam eles reverenciados ou não pelos homens, isto não lhes acrescenta nem diminui "o louvor de Deus, que somente este os recomenda" (2 Cor 10, 18).

Aliás, direi mais. Tornar-se-lhe-ia favorável - se isto pudesse ser desejado sem vosso prejuízo - ser por vós vilipendiado e menos estimados, enquanto a verdade nos faz saber que "Bem-aventurados sereis quando os homens vos odiarem, vos expulsarem, vos ultrajarem, e quando repelirem o vosso nome como infame por causa do Filho do Homem! Porque então grande é vosso galardão no céu" (Lc 6, 22-23).

A nossa única maior utilidade, antes a única que podemos desejar sabeis qual seja? Eu vos direi: se, ajudando nós o nosso próximo a conseguir a salvação, nós também seremos com recíproco esforço ajudados a consegui-la pelas suas orações.

Porque se nós somos superiores a vós por dignidade e quase anjos pelo ofício, somos homens por condição, iguais a vós por natureza. Nos oprimem por todos os lados as mesmas tribulações; nos assediam os mesmos inimigos; nos ameaçam os mesmos perigos, senão maiores. Sim, irmãos, se a vós é impossível obter graça e salvação sem nós, quanto a mim pelo menos, eu não duvido afirmar temer eu muito que a minha negligência e tepidez, debaixo de um cargo tão excedente, não me perca diante daquele Juiz que se protesta querer ter "um juízo duríssimo com aqueles mesmos que Ele elegeu para ser superior" (Sb 6, 6) por dignidade aos outros; a menos que as orações de muitos não precedam para que ele se torne a mim mais propício e mais aplicado.

Nós, certamente, diante daquele robusto cedro do Líbano - quero dizer o Apóstolo Paulo - não somos senão frágeis abetos (cf Zc 11, 2); contudo ele em tantas cartas não pede outras coisas aos fiéis, quase como recompensa de tantos trabalhos e solitudes, senão que rezem incessantemente por ele, como se tivesse necessidade de ser sustentado pelas orações de todo o mundo ele que a todo mundo havia estendido a feliz sombra do seu mais paterno cuidado.

Animados, portanto, por um tal exemplo, nós também exortamos vossa caridade para não defraudar as nossas - embora elas quase não existam - pequenas fadigas por vós nesta mercê a nós tão necessária. Rezai, sim, rezai ao Senhor por todos os vossos Sacerdotes de modo especial por aqueles que exteriormente ou interiormente presidem os bens do vosso espírito; nem queirais esquecer deste - embora inútil - ministro que vos fala, como o mais necessitado de todos "a fim de não vir eu mesmo a ser excluído depois de eu ter pregado aos outros" (1Cor 9, 27).

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XIII: Rispetto ai sacerdoti, 20 de setembro de 1802.
2. S. João Crisóstomo, De Sacerdotio, 1. III, c. 4, 5.

XXIII - AS ALMAS DO PURGATÓRIO (1)

A causa das almas do Purgatório é por si mesmo recomendada a todos que têm fé e coração. Eu vos proponho a considerar antes o excesso das penas daquelas almas purgantes, depois a facilidade que vós tendes para liberá-las, enfim a utilidade que virá a vós do socorro a elas prestado.

1. Tormentosa prisão das almas padecentes

Eis abertas aos olhos da vossa piedosa consideração aquele cárcere tormentoso onde estão as almas dos nossos irmãos que passaram desta vida embora vestidos da veste nupcial da caridade e da graça, não porém ainda plenamente purificadas e dispostas para subir ao céu. Ó Deus que espetáculo de terna compaixão! Imaginai qualquer prisão, a mais horrorosa, a mais obscura, a mais estreita; finalmente não haverá mais prisão de fogo neste mundo como existe para aquelas almas que estão se purificando. Quem pudesse manter vivo um dia inteiro um condenado dentro de uma fornalha acesa? Que pena se poderia igualar a este? Que direis, pois, daquelas almas que não por um dia, mas por meses, por anos, até por séculos são presas pela Justiça divina naquelas chamas?

Ó justiça divina, quão pouco sois temida pelos homens! Ó grande Deus, porque Vós quase disfarçais nesta vida nossas culpas para dar-nos lugar de penitência, e sois um recompensador paciente e longânime, nós nos confiamos em aumentar diariamente as dívidas com a vossa terrível Justiça sem jamais pensar em satisfazer as já contraídas; contentes por haver obtido no sacramento a remissão das culpas e da pena eterna, pouco nos cuidamos de que nos reste para descontar ainda grande parte da pena temporal; antes por suma negligência continuamos repetindo; porque nos livra do inferno, e nos dá segurança de ir ao Paraíso, se também depois da morte nos permaneceremos no Purgatório até que Deus queira, nós nos contentamos. Ó preguiça! Ó insensibilidade!

2. - A nossa purificação se faz ou pela água ou pelo fogo

Se alguém nos propusesse de nos lavar ou com água ou com fogo, o que escolheríamos? Certamente com água. E enquanto Deus por sua misericórdia se satisfaz que nós nesta vida nos lavemos perfeitamente com a água das nossas lágrimas e de uma voluntária penitência, nós escolheremos todavia de sermos lavados com o fogo da sua Justiça? E se não podemos agüentar a pontinha de um dedo por um breve quarto de hora sobre a ponta de uma lângueta chama doméstica, como poderemos aturar sem gravíssimos espasmos no fogo purificador da outra vida por semanas, meses, anos e mais ainda? Neste fogo se encontram agora mesmo em que estamos pensando tantas almas a nós ligadas pela fé, pela caridade e ainda pelo sangue. E não se presta atenção.

3. - A pena dos sentidos

Eis, portanto, como falam os Santos Doutores e os sereníssimos padres da Igreja daqueles tormentos.

S. Agostinho diz abertamente ser aquele fogo tão acerbo que supera toda pena que os homens no mundo jamais sentiram ou possam sofrer, e que a pena de todos os mártires e de todas as outras pessoas e criaturas são um nada em comparação com a pena do Purgatório (2); e que há tanta diferença entre o nosso fogo natural, e o Purgatório quanto existe entre o fogo na pintura e o fogo verdadeiro. S. Cirilo acrescenta, que se todas as penas que se possam imaginar neste mundo e quanto mais tormentos e aflições se comparem com a menor pena que se sente no Purgatório, ficaríamos imediatamente aliviados. Por isso qualquer dos viventes, se conhecesse por experiência aquelas penas, preferiria ser atormentado ao mesmo tempo por todas as penas que todos os homens sofreram de Adão até hoje sem conforto até o fim do mundo, antes que um só dia ser atormentado no Purgatório pela menor pena que lá se encontra (3).

O próprio S. Gregório confirma, e assim escreve: "Eu julgo que aquele fogo transitório seja mais intolerável que todas as tribulações desta vida" (4).

E o Venerável Beda enfim conclui também ele com toda franqueza que a correção que se fará no Purgatório é muito mais grave que tudo mais que sofreram os condenados pela severa justiça dos homens, ou os santos mártires da bárbara crueldade dos tiranos, e de tudo mais de mais acerbo e desapiedado o homem possa imaginar (5).

4. - A pena da condenação

Contudo segundo aquilo que comumente sentem os Padres e Doutores, a pena da condenação que sofrem estas benditas almas no seu exílio do céu, supera de longe toda a pena do sentido, mesmo assim horríveis.

O que dizeis então, irmãos? Não parece que a miséria extrema destas almas não mereça toda a vossa compaixão? Vós sois tão bem disposto por natureza, que se pela estrada chegasse a ver um jumento que caiu debaixo da carga, procura logo quem o ajude, ou senão correis vós mesmos para ajudá-lo. Agora vendo caído lá naquele fogo o vosso próximo, e gemendo sob o peso de tão excessiva tribulação, duvidarei eu que não vos esforceis para livrá-lo incontinentemente?

5. - Lamento das almas que estão se purificando

Assim pudesse eu fazer ouvir um só daqueles suspiros, um só daqueles gemidos com que estendem a vós suplicantes suas mãos, aquelas almas desconsoladas que confiam em vós e invocam o vosso socorro. É possível - dizem entre si - que tantos nossos amigos que deixamos vivos no mundo, e que alastravam tanto zelo e tanto afeto por nós, esqueçam de nós justamente agora que

temos mais necessidade? Possível - diz aquele pai - que meu filho seja tão ingrato, tão indiferente, que tenha sepultado minha memória juntamente com meus ossos? Porém prometeu no meu leito de morte que jamais se esqueceria de rezar por mim. Possível - diz aquela mãe - que a minha querida filha a quem tanto me recomendei, venha agora deixar-me sofrer ainda mais nestas chamas? Assim vai dizendo aquele marido; aquele irmão, aquela irmã, do outro irmão, da outra irmã; e levantam com piedosos gritos sua voz à semelhança de Jó: "Piedade de mim, piedade de mim, ao menos vós meus amigos". Ai tende piedade, compaixão de nossas penas, ó amigos viventes, "porque a mão do Senhor me atingiu" (Jó 19, 21); porque a mão do Senhor justíssimo nos atingiu com inenarráveis tormentos. Oh! vós desatais estes vínculos que nos mantêm ligados a estes tormentos, e longe da nossa felicidade. Vós, diminuí ao menos o tempo desta nossa penosa demora, acelerai o nosso descanso, a nossa glória, vós que vivendo na terra podeis-merecer e expiar também por nós. Pois, para nós, já expirou junto com a vida o tempo do merecimento; a nós já chegou a noite quando "ninguém pode trabalhar" (Jo 9, 4). Toda nossa confiança está em vós. Está em vossas mãos o aliviar-nos destas penas, o abrir-nos as desejadas portas do Céu.

6 - Exemplos

Ah! Fiéis! Quem de vós terá coração tão duro que resista às orações compassivas destes míseros nossos irmãos? Mas talvez será tão difícil este alívio? Custar-nos-á muito sua libertação?

Conta S. Gregório nos seus Diálogos sobre aquele padre de nome Santolo, e na verdade grande santo, que para libertar um diácono seu amigo da morte cruel que lhe preparavam os Longobardos, encontrou primeiro um meio de tornar-se ele próprio fiador por ele, e, portanto, fazê-lo fugir ficando ele assim exposto, por sua vez aos tormentos e à morte, se Deus com um manifesto milagre não o tivesse tirado no momento (6). Foi este um ato do mais perfeito amor, tendo o próprio Cristo dito "ninguém tem maior amor do que aquele que dá sua vida por seus amigos" (Jo 15, 13).

Devemos nós fazer a mesma coisa? Ah! Muito menos se requer de nós para libertar os nossos amigos do fogo acerbo do Purgatório.

Leiamos ainda S. Paulino de Nola que resgatava com suma profusão de esmolas os escravos cristãos das ferozes cadeias dos Vândalos; e gasto todo o patrimônio e o que tinha no mundo nesta tão excelsa e excelente misericórdia, finalmente para libertar o filho daquela viúva vendeu-se ele mesmo como escravo (7).

Teremos nós que perder a liberdade? Perder todos os nossos bens para tirar as almas dos nossos irmãos daquela terrível prisão? Não. Todas as obras satisfatórias pelos defuntos podem reduzir-se a estes três: sacrifícios, esmolas, orações.

Judas, o Macabeu, mandou a Jerusalém dez mil dracmas de prata para que fossem oferecidos sacrifícios de expiação para os soldados mortos na guerra. E a Sagrada Escritura louva esta ação com aquele famoso epíteto: "É santo e saudável rezar pelos defuntos para que sejam perdoados de seus pecados"(2 Mac 12, 46).

Tanto dinheiro que se joga na jogatina, na gula, na vaidade se se aplicasse em tantas Missas, em tantas esmolas para alívio das almas do Purgatório, oh! quanto se tiraria daquelas angústias, a quantas se diminuiria suas penas!

S. Gregório, no quarto livro do supracitado Diálogo, narra como tendo ele ordenado por trinta dias contínuos uma missa ao dia por alma do monge Justo falecido no seu mosteiro de S. André, foi depois revelado ao irmão do mesmo monge no trigésimo dia, justamente terminada a última Missa, ter sido sua alma, livre de toda pena, voado ao céu (8).

E S. Bernardo refere de S. Malaquias que celebrando este por sua irmã cada vez diminuía as penas, até que, finda toda a dívida foi admitida à glória (9).

7. - Sufrágios

O que, pois, nos pedem de pesado estes mortos, se nos pedem algumas missas, algumas esmolas? Na maioria das vezes não nos pedem nada de nosso, exigem somente os seus próprios. A solução daqueles legados piedosos confiados à nossa fé nos testamentos. Pedem às vezes pequena parte daquele muito que com tantos esforços conseguiram, e com tanta diligência conservaram para nós.

Dirá talvez alguém ser totalmente pobre? Nas quem te proíbe, irmão, de rezar pelos defuntos? A oração é a chave para abrir aquelas felizes portas do Paraíso não só a ti, mas também ao teu próximo. Reza, pois, suplica, esconjura pelo teu próximo, sofrendo no purgatório. Não se exige muito sacrifício, para rezar. Pode-se fazer em qualquer lugar, em qualquer hora, em qualquer circunstância. Não nos custará muito aplicar àquelas almas uma boa obra, uma comunhão, uma indulgência, recitar algum Salmo, algum terço, elevar para eles de quando em quando, o nosso espírito a Deus. Quanta coisa boa tiraremos para nós mesmos!

8. - Vantagens espirituais em sufragar as almas

A própria ação que fazeis rezando pelos defuntos não vos merece imediatamente um aumento de graça e acréscimo de glória se sois justos? Este é de fato um ato de caridade e de misericórdia o mais excelente.

Ouvi S. Agostinho: Um dos mais santos exercícios e um dos cuidados mais piedosos em que se pode o homem exercitar nesta vida, é oferecer sacrifícios, esmolas, e rezar pelos defuntos que estão no Purgatório, dos quais somos irmãos (10).

Discorramos, se vos agradar, por cada uma das obras de misericórdia, coisa boa é alimentar os famintos, dar de beber aos sedentos, vestir os nus. Não será maior merecimento alimentar aquelas almas justas famintas e em jejum, do pão dos Anjos? Abrir-lhes com nossas orações a fonte de água viva da qual têm sede? Vesti-las e coroá-las de glória imortal?

Grande merecimento hospedar os peregrinos, visitar os encarcerados, consolar os enfermos. Não será merecimento muito maior conduzir estas almas todas alegres e felizes para a casa do Senhor? Tirá-las de uma prisão de fogo? Confortar as aflitas e lânguidas de amor divino, mostrando-lhes a desejada face do seu Dileto.

Se é assim também tão meritório sepultar os mortos; de quão mais excelso merecimento não será tirar aquelas almas daquela profunda fossa de cruéis tormentos e colocá-las em paz para repousar no seio de Deus?

Devo dizer ainda mais: somente o pensamento que se forma em nossa mente de libertar, como movido ou seguido de uma piedosa vontade, é de um merecimento singular: "santo e salutar pensamento" diz de fato o próprio Espírito Santo.

Julgai vós pois qual seja o lucro que faz aquele homem, aquela mulher de bem, que com suas, orações, com seus sacrifícios, com suas esmolas chega ao efeito de livrar mesmo uma só daquelas nobres prisioneiras. Ajuntai ao merecimento da ação a recompensa que renderão aquelas santas almas, ao seu benfeitor, quando chegarem ao céu. "Fazei o bem para o justo, e disso terás grande recompensa", diz o Espírito Santo (Eclo 13, 2). Que orações fervorosas não elevarão ao seu Altíssimo Senhor pela salvação daquele que acelerou-lhe a posse daquela glória! De quantos perigos não será ele preservado! De quantos eficazes auxílios e suaves confortos fornecido! Na hora da sua morte, naquela grande jornada campal e decisiva, como será defendido! Naquela amarga agonia, como será consolado! Naquele tremendo juízo, como será patrocinado! Nem certamente permitirão que demore muito naquele fogo de purgação aquele por cujo intermédio foram elas mesmas tiradas antes do tempo. Mas lhe sairão ao encontro porfiando em apresentar-lhe suas mãos, e introduzi-lo e acolhê-lo nos eternos tabernáculos.

Mas onde deixo a recompensa suma que conseguirão do próprio Deus os libertadores misericordiosos das suas filhas mais queridas?

Deus de fato - que pela sua infinita justiça atormenta aquelas almas para purificá-las - pela sua infinita misericórdia porém as ama; procura subtraí-las de todo modo de sua vara de correção, e nada mais deseja que encontrar mediadores, intermediários que satisfaçam, que rezem, que esconjurem por elas. Não se pode mais impelir aquele coração de Pai tão amoroso, que acelerando a tantos exilados seus filhos a entrada em sua casa. Com que olhares de predileção, de amor, de complacência, não deve ele contemplar todos aqueles que se esforçam para cumprir os desejos mais ardentes de sua caridade!

9. - Vantagens temporais em sufragar as almas

Quereis agora que vos fale da utilidade temporal? Parece-me de fato supérfluo descer em pormenores aos menores e simples favores que se devem esperar da beneficentíssima mão do supremo Patrão, aqueles que empenham o seu amoroso coração. Tenham certeza de não serem jamais abandonados em suas necessidades, esquecidos nas suas súplicas, não ouvidos nos seus desejos, aqueles homens piedosos e misericordiosos que com esta caridade usada com seus irmãos falecidos se foram afortunadamente tornando credores do seu Deus. "O que fizerdes a um dos meus mais pequeninos, a mim o fizestes" (Mt, 15, 40).

10. - Propósitos

Eia, pois, conclua cada um de nós com as palavras de São Bernardo: "levantarei em auxílio deles"; "sim, levantarei em auxílio daquelas almas; interpelarei com gemidos, implorarei com suspiros, intercederei com orações, satisfarei com o sacrifício singular, se assim me acontecer - como eu espero - de mover o coração de Deus e olhar suas aflições e a julgar propício em seu favor; a fim de que transforme o trabalho em repouso, a miséria em glória, os flagelos em coroa. De fato com estes e semelhantes ofícios se pode aliviar sua miséria, terminar seu trabalho, tirar as penas" (11). Assim seja.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XXXI: Le Anime Purganti, 1º de novembro de 1805.
2. Enarr. in Ps. XXXVII, 3.
3. S. Cirilo de Jerusalém, texto atribuído a ele.
4. S. Gregório Magno, in Ps. 37, 1.
5. In Ps. 17,1.
6. S. Gregório Magno, Dialoghi, 1. III, c. 37.
7. Baronio, Annali, t. V, an. 431.
8. S. Gregório Magno, Dialoghi, 1. IV, c. 55.
9. S. Bernardo, Vita di S. Malachia, c. V, 2.
10. Cf." Serm., 172, 173.
11. S. Bernardo, Serm. de div. 42.

XXIV - A DEVOÇÃO (1)

1. - Juízo errado da vida devota considerada só externamente

O amável Mestre Jesus Cristo aparece entre seus discípulos para consolá-los com um testemunho real da sua gloriosa ressurreição exibindo-lhes a paz: "A paz esteja convosco"; sou eu, não temais". Todavia a visão tão doce, as palavras de tanto afeto, fugiram todos aterrorizados como por um espírito de horror: "Perturbados e espantados, pensavam estar vendo um espírito" (Lc 14, 36-37).

O caso na verdade é bastante estranho, mas não tão raro também em nossos dias. Quantos não são de fato entre os cristãos modernos, que ao convite para chegar-se mais de perto ao seu Deus, - isto é, de servi-Lo no seu estado com maior perfeição - se afastam amedrontados! Sentem sim em certos tempos luzes vivas e penetrantes na mente, impulsos fortes e suaves no seu coração; mas qual! Os penhores mais evidentes e as ofertas mais seguras de paz tornam-se para eles quase outros tantos argumentos de aviltação e de consternação, observam em suma a vida devota como um objeto de tristeza, de angústia e de horror. Assim mostram claro com suas ações a quantos erros e quantos enganões está sujeito quem quer julgar as coisas espirituais com olho terreno, antes, carnal.

Eu me empenho em fazê-los ver a devoção debaixo de um aspecto tão doce, tão alegre, tão amável, que eles mesmos devem correr para abraçá-la avidamente.

E, para que procedamos com melhor ordem, eu acredito ser bom não expor aos seus olhos a verdade nua, se antes não desembaraçarem aquelas trevas que lhes impedem de admirá-la.

A devoção, portanto, segundo como a pintam vossos sentidos, é pálida e accidental no rosto, severa no olhar, horrorosa no semblante. Emagrece a carne por perpétuos jejuns, lacera o dorso com pesados flagelos, cobre debaixo de ásperos mantos hirsutos cilícios. Foge cortesmente das doces amizades; e inimiga de toda delícia, insensível a todo prazer, corre entocar-se entre negras solidões, onde ajoelhados imóveis no chão, parece que se alimente de lágrimas e não vive senão suspirando. Que se alguma vez aparece em público, não o faz quase senão para mendigar insultos, e voltar saciada de opróbrios.

2. - Não faltam almas generosas que abraçam a vida devota

Porém vejo com maravilha toda idade, todo sexo, toda condição, todo estado enviar seguidores atrás dela a porfia. Quantos não se viram e não se vêem ainda jovens generosos na mais bela flor da idade e da esperança desprezar ricas e esplêndidas núpcias para oferecer a mão a ele sozinha! Quantas nobres e delicadas donzelas, desprezando as delícias e as comodidades, não voarem para fechar-se em claustro solitário para fazer-lhe tranqüila companhia! Quem se despoja

inteiramente das riquezas abundantes pelo seu estado para correr mais ágil e mais livre nas pegadas desejadas para segui-la; quem se chama feliz por haver trocado as grandes honras e as dignidade mais excelsas pela mais obscura e abandonada abjeção e isto para agradar a ela somente; quem finalmente chega a depor os antepassados cetros e gloriosos diademas para inscrever-se entre seus fiéis súditos e servir obedientes suas leis. Já não são raros no mundo estes fatos tão ilustres e luminosos, mas também não abundam incomensuradamente as histórias de todos os séculos.

É necessário, portanto, concluir, que se encontra na devoção uma beleza, uma doçura, uma riqueza, uma alegria, uma glória, que não sabemos no primeiro momento descobrir; embora tantos a tenham amado a tal ponto de preferi-la às belezas, às delícias, aos tesouros, às honras todas do mundo. E tanto mais convém dizer que ela seja amável, enquanto que todo aquele seu exterior tão terrível não vale nem mesmo ele para deter tantos fervorosos amantes de segui-la por um caminho assim tão áspero.

3. - A vida devota é abundante em íntimas consolações

Eis aqui, portanto, o engano. A maior parte não vê senão o exterior da devoção; mas não considera a interior consolação de que são ricos os servos de Deus, tanto mais doce, quanto mais secreta. Esta é "aquele maná escondido que ninguém conhece senão aquele que o receber" (Ap 2, 17). Esta é aquele "perpétuo banquete" (Pr 15, 15), de que goza uma alma na "segurança" e na "paz" do coração. Esta é aquela "convivência" tão doce com a não criada "Sabedoria da qual é excluído todo tédio, toda amargura" (Sb 8,16). Oh! como Deus é bom para os corações retos" (Sl 72, 1): exclama o Salmista. E em outro lugar: "Oh! quão grande é Senhor, vossa bondade, que reservastes para os que vos amam" (Sl 30, 20), para com os vossos servos!

4. - Outro juízo errado sobre a vida devota é de fazer comum que é próprio de poucos

Quanto seja grande este erro, se poderá facilmente perceber se se quiser prestar atenção a uma definição mais exata que nos propõe com S. Tomás todos os mais doutos e iluminados mestres: isto é, que a verdadeira devoção consiste essencialmente em uma vontade pronta de entregar-se a Deus e dedicar-se àquelas coisas que mais pertencem ao seu serviço (2). Ora, embora seja verdadeiro que Deus chame todos para servi-Lo, entes possam todos, e a todos convém, desejar santificar-se em seu estado; é falso, porém que Deus queira ser servido por todos de um só modo, atendida a diferença dos estados em que são constituídos os homens pela mesma Providência. Por isso de outro modo deve ser praticada devoção por um religioso em um claustro e por um secular no coração do mundo; de outro modo porém por um Ministro sagrado nos ofícios de sua Igreja e por um pai de família no governo de sua casa; diversamente por uma Virgem que se dedica a Deus, e por uma casada que se vincula a um homem. A devoção não prejudica

nenhuma sorte de vocação, antes não seria verdadeira devoção se impedisse em parte somente os deveres do próprio estado.

5. - Verdadeiro conceito de devoção

A devoção tem igualmente asas para voar ao céu, e pés para caminhar sobre a terra; e enquanto tem as mãos continuamente em movimento para trabalhar, sabe porém repousar tranqüilamente com seu coração em Deus. Tem olhos para velar, para presidir, para dirigir-se nos negócios temporais; e tem também um outro olhar mais agudo na sua mente com que jamais perde de vista o seu último fim, para conciliar-se com o divino beneplácito em toda sua ação, e para endereçar tudo à sua glória. Tem língua para falar com os homens; porém secretamente no ânimo abre suas potências interiores para jamais cessar de louvar e bendizer seu Deus. Assim trata com o mundo e conversa com seu espírito no céu; e atraindo para si por amor o seu Deus o encontra em si, o possui na abundância da paz, e goza ainda aqui na terra um outro Paraíso. Daí aquela suavidade com que esparge todas as suas ações; daqui a invariável uniformidade do seu espírito. Nada vê nela o mundo fora de comum, nada que a distinga nos usos, nos atos nos ofícios convenientes à sua condição; e por isso se espante de ter abrigado a amar nela um não sei que de singular e de divino que não conhece. Na prosperidade não se exalta sobre os miseráveis; na adversidade não cede à tristeza. Goza da felicidade alheia como da sua própria. Despoja-se de todo seu gosto particular, tem uma condescendência discreta ao gênio alheio, com quanto seja honesto, comunica de bom grado suas consolações a quem está em aflição de espírito. Liberal com seus amigos, benéfica geralmente com todos, sem pretensões, espera a recompensa somente do seu Deus, em quem unicamente se compraz em servir. Eu não terminaria mais de falar desta virtude.

Onde estão aquelas dificuldades pavorosas que vós me apresentastes? Não vos parece que seja totalmente diferente daquela que juntastes até agora? Toda feliz, toda doce, toda amável?

6. - Deixemo-nos dirigir pelo instinto do Espírito Santo

Agora, pois, ó amantíssimos irmãos em Cristo, que já forem tiradas, como espero, aquelas dificuldades que somente afastavam o vosso ânimo da vida devota, que mais vos resta fazer? Seguir com toda prontidão o impulso do Espírito Santo; oferecer desde este momento o vosso coração a Jesus que vô-lo pede; resolver eficazmente servir daqui para diante todos os dias de vossa vida aquele Deus que merece tão bem os vossos obséquios.

Providos de ser e de vida pela sua mão criadora, fostes introduzidos no mundo unicamente para este fim; para conhecer, amar, louvar, servir o Autor de todo bem, e promover a sua glória nesta terra para merecer assim uma gloriosa recompensa e uma perfeita felicidade no Céu, gozando e possuindo o vosso Deus por todos os séculos. Vós resgatados com o sangue de um Deus; vós adotados como filhos do Rei do céu; vós feitos participantes da natureza divina pelo hábito da

graça; vós não sois mais de vós mesmos, mas de Deus, para servir só a Ele; não sois mais devedores da carne ou do sangue para ter de comprazer os maus desejos, mas ao espírito, para deixar vos dirigir docilmente ao seu instinto e aos seus ditames; já não sois mais terrenos, para que tenhais que servir ao mundo, mas celestes para agir e viver como santos.

O tempo é breve; a figura deste mundo logo terminará. Nós no entanto a grandes passos cada dia nos aproximamos de uma estável eternidade. Tudo aquilo, pois que devemos fazer, convém fazê-lo logo e com grande pressa. Esperamos talvez que nos colha a noite, para, começar a agir? Esperamos que chegue o Esposo, para suprir de óleo nossas lâmpadas já quase apagadas? Esperamos que nos chamem para as núpcias, para tecer então o pano para a veste nupcial?

"Eis que venho logo" nos faz saber o Patrão e o Esposo; "Eu estou aqui perto de vós, e comigo trago minha recompensa" (Ap 22, 12). Feliz será aquela alma que estiver bem enfeitada e disposta para acolhê-lo. "Vem, ela ouvirá, vem, minha esposa, recebe a coroa que o teu Senhor te preparou desde toda a eternidade" (3). "Muito bem, Ihe dirá pois, servo bom e fiel, já que foste fiel no pouco, eu te confiarei muito; vem regozijar-te com teu Senhor" (Mt 25, 21, 23).

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XI: La Divozione: 20 de abril de 1801.
2. S. Tomás, II-II, q. 82, a. 1, c.
3. Liturgia.

XXV - O CULTO EXTERIOR (1)

Junto de certos espíritos educados nas trevas deste século as práticas externas de religião tornaram-se uma pedra de ofensa e de escândalo. Mas ninguém pode dar à Igreja de Deus outro fundamento que aquele que lhe deu o seu divino Fundador. Eis as bases firmíssimas sobre as quais foi plantada a verdadeira religião; culto interno espiritual, culto externo e sensível.

Os adversários reprovam os exercícios do culto externo, negando-lhe a razão e a utilidade.

Nós agora assumimos justamente provar a eles, um e outro, com evidência e com brevidade.

1. - A virtude da religião

A religião é uma virtude pela qual se rende a Deus, como soberano Patrão e Princípio de todas as coisas, um culto devido e supremo. Este culto é um testemunho da excelência divina, e uma submissão de todos nós mesmos a Deus.

Não somos puros espíritos; somos compostos de alma e corpo. Deus como criou a alma, assim também formou este corpo. Se pois o meu espírito conhece o seu Criador, os meus sentidos não testemunharão a sua grandeza? Se a minha alma sente a sua dependência daquela Primeira Causa de todo ser, porque não deverá inclinar-se também o meu corpo para adorar o seu Criador? Se a minha mente é feliz em descobrir tantas perfeições naquela feliz incompreensível Natureza, quem poderá reter a minha língua de cantar seus louvores, de relatar suas glórias, de bendizer seu nome?

Sobe para o alto, eleva a mente a seu Deus. Se elevam ainda os olhos àqueles felizes montes dos quais me virão o auxílio; (Sl 70, 1); e sem que eu perceba encontro-me com as mãos suplicantes elevadas em oração. Superabunda de consolação o meu coração em oferecer a Deus sacrifício de suave odor; exulta também de santo prazer a minha carne em exhibir seus membros como hóstia viva para servir o seu Deus. "Meu coração e minha carne exultam pelo Deus vivo" (Sl 83, 3).

2. - A alma da devoção é o coração

Deus é puro espírito; portanto a Ele convém um culto puramente espiritual, dizem os adversários do culto externo, abusando das palavras de Cristo à Samaritana: "Deus é espírito, e os seus seguidores devem adorá-lo em espírito e verdade" (Jo 4, 23).

Mas isto não quer" dizer outra coisa senão que o interior em a principal razão, e é aquilo que se deve entender por si no culto de religião. Uma devoção externa esquecida pelo coração é um cadáver de devoção; a alma da devoção é o coração. Não quer senão que Deus principalmente e por si busca em nós o obséquio do nosso coração; e se este falha ele recusa nossas extrínsecas adorações e louvores. "Este povo" dizia Deus queixando-se muito pela boca de um profeta, "este povo honra-me com os lábios, mas no entanto seu coração está longe de mim" (Mt 15, 8). Não quer dizer outra coisa senão que Deus abomina a hipocrisia; fingir de devoção exterior, e dentro amar o pecado; freqüentar práticas de piedade e manter ao mesmo tempo alguma amizade culpável; gastar seus bens em grandes esmolas aos pobres ou em ricas ofertas ao Templo, sem expulsar do coração aquele ídolo profano que em lugar de Deus se adora; bater no peito, enfraquecer-se com jejuns, fazer calos nos joelhos, manter a cabeça inclinada e prostrá-la em terra, sem preocupar-se em combater e sem jamais acabar com aquela paixão que nos domina; e guardando-nos com escrúpulo do mais leve defeito em público, incorrer sem a menor aversão nos maiores delitos ocultamente.

Ama a Deus que primeiro nós retificamos e ordenamos a Ele o nosso coração. Procura Deus que corresponda aos atos externos, e em todos se conforme o coração. Isto é o que entendeu Cristo e não mais, quando disse: "Deus é espírito e procura tais adoradores que o adorem em espírito e verdade. "

3. - Os atos externos são meios ordenados aos internos

Vamos à razão intrínseca da coisa, se nós prestamos a Deus reverência e honra, não é porque Deus tenha necessidade dos nossos obséquios, ou lhe sejam úteis as nossas adorações. "Tu és meu Deus, por isso não precisas dos meus bens" (Sl 15, 2). Sim, ó meu Senhor, ó meu Deus vós sois perfeito em Vós mesmo, sois todo bem, o Sumo Bem. Não tendes necessidade dos meus bens, das minhas virtudes, das minhas homenagens. Vós sois essencialmente feliz em Vós e cheio de glória, à qual nenhuma criatura no mundo pode acrescentar nada de seu de modo nenhum, e nem mesmo diminuir. E desta imutável felicidade do amabilíssimo e altíssimo Criador nosso nós devemos gozar Nele sempre; e de novo eu digo que nós devemos gozar, se verdadeiramente O amamos; alegrando-nos ainda que se nós O honramos e amamos, tudo isto é para nossa utilidade e pela necessidade que temos Dele. Os nossos obséquios, as nossas adorações tendem a isto: sujeitar nosso espírito a Deus. Nesta sujeição consiste todo nosso bem, toda nossa perfeição. De fato toda coisa de aperfeiçoa quando se submete ao seu superior. Assim se aperfeiçoa o aluno porque é instruído pelo mestre; assim o corpo porque é vivificado pela alma; assim o ar porque é iluminado pelo sol .

Ora a mente humana para unir-se com Deus precisa da orientação das coisas sensíveis. Conduzida por esta e por esta levada devagar, poderá quase como por escadas subir e unir-se a Deus, conforme o que foi dito pelo Apóstolo: "As coisas invisíveis, tornam-se visíveis, por suas obras" (Rm 1, 20). Portanto há a necessidade de servir-se do culto divino de algumas coisas externas sensíveis e materiais, a fim

de que por estas, quase por certos sinais, chegue à mente do homem excitada pelos atos espirituais próprios da alma, com que a Deus se una.

Por isso os atos internos e espirituais no culto da religião, tem o principal lugar e pertencem ao culto divino por si; os atos externos têm lugar secundário e de meios ordenados aos internos. Este raciocínio, esta conclusão é do angélico doutor S. Tomás.(2).

4. - Deus mesmo com a obra da encarnação veio ao encontro desta exigência da natureza humana

Eis a causa porque Deus mesmo em Cristo, descendo à terra para reconciliar o mundo consigo, quis tornar-se visível na carne; para insinuar-se com o favor dos sentidos mais rapidamente em nossos corações.

Institui os sacramentos, os quais debaixo dos sinais materiais e sensíveis difunde a graça e a caridade em nosso espírito, perdida a repara, possuída, a aumenta e a confirma.

Cancelados os antigos sacrifícios, constitui um novo e perpétuo, e este também sensível, pelas espécies sacramentais, que, enquanto cobrem por um, lado o grande mistério, pelo outro o enriquece convenientemente.

Forma toda uma lei de espírito e de amor, a qual essencialmente consiste na graça do Espírito Santo. Mas não obstante ordena que aos internos afetos e movimentos do coração se unam os externos obséquios da língua e as obras ainda mais solene das mãos.

Clama de fato o pregoeiro do Evangelho Paulo Apóstolo: "com o coração se crê para ser justificados, com a boca se deve confessar esta fé para obter a salvação" (Rm 10, 10).

O próprio Legislador vai dizendo pessoalmente: "Se alguém se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do homem se envergonhará dele, quando vier na sua glória" (Lc 9, 26). Aquele que não se envergonhar de confessar o meu nome diante dos homens, eu o reconhecerei também diante da face do meu Pai.

Que coisa mais clara que esta lei e da mente do Legislador pela necessidade de unir o exterior ao interior culto de religião?

5. - O culto externo convém à glória de Deus

Passo a indagar brevemente a utilidade

Primeiramente pela glória de Deus. Levando de fato e em público as minhas adorações, manifesto a todo o mundo que Deus só merece os obséquios e as

homenagens da nossa dependência e servidão. Para este fim é mandado a nós no Evangelho: "Assim brilhe vossa luz diante dos homens, para que vejam vossas boas obras, e glorifiquem vosso Pai que está nos céus" (Mt 5, 16).

Eu fui beneficiado ocultamente pelo meu Deus. Não devo eu cobrir com um ingrato silêncio os seus favores secretos: "Bendirei continuamente o Senhor, seu louvor não deixará meus lábios" (Sl 33, 2). E porque os meus louvores não poderão mais adequar o seu merecimento, procurarei ao menos multiplicar-lhe porquanto eu possa, convidando também meus próximos e exaltá-lo e agradecê-lo: "Glorificai comigo o Senhor, juntos exaltemos o seu nome" (Sl 33, 4).

E porque eu creio, por isto também falo (Sl 115, 10; 2Cor 4, 13) nem mantenho prisioneira a verdade por mim conhecida em uma injusta dissimulação, em um tímido e humilhante silêncio, indigno daquele Patrão altíssimo a quem sirvo e a quem servir é reinar, a quem seguir é glória, glória verdadeira, grande glória. "Cumprirei os meus votos para com o Senhor, na presença de todo o seu povo" (Sl 115, 14, 18).

6. - O culto externo convém à utilidade em nossos irmãos

Em segundo lugar à glória de Deus se une a utilidade de nossos irmãos. A cada um de nós encarregou o Senhor o cuidado de nosso próximo (Eclo 17, 12). Temos ouvido as vozes suavíssimas da Sabedoria eterna que nos asseguram de buscar nele a verdadeira e perfeita beatitude nossa; como poderemos nós abatermo-nos de bradar por todos os caminhos, por toda praça, e chamar e congregar os nossos semelhantes dos erros, das fadigas, das vãs dispersões do seu coração, ao forte lugar munido da paz, da alegria, da vida, verdadeira vida, vida eterna?

Para fazer isto temos um preciso mandamento: "Aquele que ouve diga: "vem " (Ap 22, 17). Tomarão coragem os fracos às vozes do nosso exemplo que os precede, se nós pudermos dizer com Paulo: "Irmãos, sede meus imitadores, como eu sou de Cristo" (1Cor 4, 16). Permanecerão sustentados, confirmados pela nossa constância contra as irrisões e as ironias que do mundo se fazem á piedade. Por este motivo Cristo mesmo sofreu vilania e opróbrio.

Mas os justos, os perfeitos, os santos, encontram na amostra exterior das nossas virtudes, e da nossa conversação um doce espetáculo de gáudio e de alegria, que os leva a bendizer e a agradecer o Senhor. "Visto que fomos entregues - dizia S. Paulo, antes perseguidor, antes blasfemador, depois apóstolo do evangelho - em espetáculo ao mundo, aos Anjos e aos homens" (1Cor 4, 9). E Davi também cantava: "Aqueles que vos temem alegrem-se ao me ver" (Sl 118, 74).

7. - O culto externo convém ao nosso próprio interesse

Por último se acrescenta o interesse nosso próprio em procurar com a vida externa a glória de Deus e a utilidade dos nossos próximos: "Eu glorificarei - diz o Senhor - a quem me glorificar" (1Rs 2, 30).

E quem fizer que se converta dos erros de sua vida um pecador, salvará sua alma e cobrirá a multidão dos pecados (Tg 5, 20). Mas se nós tivéssemos com os maus costumes de nossa vida passada, escandalizado alguém, seria tão mais necessário que, como fomos odor de morte, fôssemos agora odor de vida, para atrair Cristo, atrás da fragrância dos nossos exemplos aqueles que nós injustamente desviamos, ou ao mesmo tempo que reparem sua perda e nossa culpa. Assim é certamente; e por isso vós vedes, irmãos, quanto convém unir, na religião ao culto interior também o externo.

8. - Externemos sem temor a nossa devoção

Se as práticas externas de culto não só convém, mas são intrínsecas à natureza da Religião, e ordenadas ainda, no próprio Evangelho; quem ousará mais de tomá-las como inúteis, como vãs, como supersticiosas? Certamente ninguém que ao mesmo tempo não queira declarar-se inimigo da Religião e do Evangelho.

E se porém nestes dias infelizes não faltam homens ousados que se declaram contra; deveremos nós sermos tímidos ainda para declararmo-nos a seu favor?

É necessário de certo modo, diz S. Paulo que hajam heresias, a fim de que aqueles que em vós são provados se manifestem (1Cor 19, 19). Sim, meus irmãos, manifestemos a nossa religião, confessemos nossa fé, externemos a nossa devoção. Este é o momento. A glória do nosso Senhor nos exige; a utilidade do nosso próximo nos manda; o nosso próprio interesse nos empenha. Trata-se de defender a honra do nosso Pai; trata-se de sustentar a debilidade de nossos irmãos; trata-se de crescer em nós um grande tesouro de Graça; e de cobrir com novos merecimentos de glórias as manchas passadas de nossos erros. Cedam os vãos respeitos aos justos deveres. Não temamos os homens! Não temamos as irrisões dos homens! Temamos antes aquele que nossa alma e nosso corpo pode perder no inferno.

Sustentemos na terra a causa dAquele que do alto dos céus deve vir a julgar a nossa causa, sirvamos àquele que por tantos títulos é nosso Patrão, e que bem comprou a nossa servidão servindo Ele mesmo, antes, a nós com tantas fadigas, com tantas humilhações, com tantas penas, e que enfim nos promete remunerar a nossa servidão fazendo-nos sentar junto com Ele sobre o próprio trono da sua glória.

Confundem-se os ímpios vendo crescer em nós a religião debaixo de seus olhos; e sejam obrigados a confessar, ao menos em segredo, que toda maquinação é impotente para remover aquela religião que Deus fundou.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XXXVI: Il culto esterno, 3 de outubro de 1806.
2. S. Tomás, II -II, q. 81, a. 7, c.

XXVI - AS BEM-AVENTURANÇAS (1)

O Evangelho de S. Mateus no capítulo 5 excita em nossos corações os mais vivos desejos da bem-aventurança. Ele ensina em sete ou oito sentenças gravíssimas, da própria boca do Cristo, a maneira mais certa e mais breve para as alcançarmos. Ninguém me acuse de audácia ou de temeridade, se eu me preparo ainda para explicá-las. Sigo em tudo a doutrina de santíssimos e claríssimos Mestres, em particular e mais de perto o Anjo das Escolas.

Não procuro mais que uma sólida e cômoda instrução para cada um de vós vos tornardes santos, e em consequência verdadeiramente felizes: que quer dizer: felizes pela esperança aqui na terra, felizes perfeitamente no Céu.

1. - O que são as Bem-aventuranças

Estas sentenças evangélicas - cada uma das quais divididas em duas partes - na primeira parte contêm obras as mais excelentes de virtudes, e propriamente de dons do Espírito Santo, como merecimentos e causas mais próximas de verdadeira Bem-aventurança; e na outra contêm prêmios e Bem-aventuranças correspondentes a estes merecimentos e a estas causas: e por isto justamente se dizem Bem-aventuranças.

2. - Quais são

Deus mesmo abre sua boca para enunciá-las. Ouçam as almas das meus irmãos que são filhas de Deus; reflitam-nas com toda a visão mais aguda do seu espírito, atentem dócil o ouvido do seu coração.

Bem-aventurados os que têm coração de pobre, porque deles é o reino dos céus. Bem-aventurados os mansos porque possuirão a terra. Bem-aventurados os que choram porque serão consolados. Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados. Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia. Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus. Bem-aventurados os pacíficos, porque serão chamados filhos de Deus. Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus. (Mt 5, 2-12). Esta última, não tanto um novo grau de perfeição, quando uma confirmação e um sinal dos sete precedentes, que formam como que uma escada para colocar a felicidade, justo prêmio aos verdadeiros merecimentos. Explicaremos agora brevemente: primeiro a natureza destes prêmios; depois a ordem dos méritos de que são causa; enfim a correspondência entre estes prêmios e estes merecimentos.

3. - A natureza dos prêmios (2)

Quanto aos prêmios, S. Agostinho (3) faz saber que não só dizem respeito à vida futura, onde constituirão uma perfeita bem-aventurança, mas que podem

pertencer também à vida presente onde o justo começa de qualquer modo a participar da Bem-aventurança. De fato Reino dos Céus - "porque deles é o reino dos céus" - pode significar também um princípio de perfeita Sabedoria segundo o qual nos justos começa a reinar o espírito. Possuir a terra - "possuirão a terra" - significa o bom afeto de uma alma que se repousa com o desejo na estabilidade da herança perpétua compreendida pela "terra". São além disso os Justos consolados - "serão consolados" - ainda nesta vida, participando o Espírito Santo que é chamado Paráclito - isto é Consolador. Serão ainda nesta vida saciados "serão saciados" - por aquele alimento do qual diz o Senhor: "Meu alimento é fazer a vontade do meu Pai" (Jo 4, 34). Nesta vida ainda conseguem misericórdia: "alcançarão misericórdia". Também nesta vida com olho purificado pelo dom da inteligência pode-se de alguma maneira ver Deus: "verão a Deus". Igualmente nesta vida aqueles que pacificam os movimentos do seu ânimo aproximando-se assim da semelhança com Deus, são chamados "filhos de Deus". Esta é verdadeira, a mais sólida, a mais perfeita felicidade, ou seja bem-aventurança a que possa aspirar o homem racional e cristão sobre esta terra. Se todos gostam naturalmente de ser felizes, quem não gostará agora de sentir explicada a ordem das causas e dos merecimentos desta verdadeira bem-aventurança?

4. - A ordem dos merecimentos que são causa dos prêmios (4)

Primeiro é preciso, porém, saber com S. Tomás, ter sido constituída por alguns a Bem-aventurança principalmente em três coisas. Por muitos no prazer; por alguns no agir; por outros, enfim, no contemplar. Estas três bem-aventuranças têm um relacionamento muito diverso em relação à Bem-aventurança futuro, de cuja esperança nós agora somos chamados bem-aventurados. A felicidade dos prazeres, como é falsa e contrária à razão, é impedimento à futura, verdadeira, substancial felicidade, à Bem-aventurança que está em agir serve de disposição à futura bem-aventurança. A felicidade da vida contemplativa, se for perfeita, é substancialmente a bem-aventurança futura; se imperfeito, é um certo início e princípio daquela.

5. - A ordem dos merecimentos nas Bem-aventuranças em particular

a - As três primeiras Bem-aventuranças

Cristo Senhor colocou antes algumas bem-aventuranças que tirassem o impedimento da falsa bem-aventurança dos prazeres.

A vida agradável resulta de duas coisas: primeiro da afluência dos bens externos, sejam estes riquezas ou honras. Daí como primeira bem-aventurança S. Mateus coloca a pobreza em espírito: "Bem-aventurados os que têm coração de pobre"; o que se pode entender assim do desprezo de toda riqueza, como do desprezo das honras que nascem da humildade.

A vida agradável em segundo lugar consiste em seguir as próprias paixões, ou sejam do irascível, ou do concupiscível. De seguir o irascível Cristo nos quer tirar por meio da mansidão: "Bem-aventurados os mansos" querendo com isso tornar o

homem, não só moderado no seu irascível segundo as regras da razão, mas ainda, segundo a vontade divina, totalmente tranqüilo destas paixões.

Do seguir pois as paixões do concupiscível Cristo nos retrai com ensinar-nos não só a moderá-las pela virtude e a rejeitá-las mesmo com a força, mas até mesmo assumir, quando necessário fosse, uma tristeza voluntária para extinguir de fato toda sua doçura: Bem-aventurados os que choram", que é a terceira bem-aventurança.

b - Quarta e quinta Bem-aventuranças

A vida ativa está particularmente naquelas coisas, que nós fazemos ao próximo sob a razão do dever ou do benefício espontâneo.

A cerca do dever de justiça é a quarta Bem-aventurança, que nos persuade não só a não recusar dar ao próximo o que devemos, mas ainda nos induz a fazer isto com tal desejo e fervor que procuremos cumprir todas as obras de justiça, como um faminto e um sedento procura e deseja com ferventes desejos o alimento e a bebida: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça".

Quanto pois aos benefícios espontâneos da caridade, a quinta Bem-aventurança nos ensina não só a ser liberais - que é dar àqueles aos quais a reta razão inclina a dar, como aos amigos e parentes; - mas além disso a ser misericordiosos, que é considerar naqueles que beneficiamos só a necessidade em vista de Deus, conforme o que diz S. Lucas: "Quando estiverdes para fazer um banquete, não convideis só vossos amigos ou irmãos, mas convidai os pobres" (13, 12-13) e isto é misericórdia: "Bem-aventurados os misericordiosos".

c - Sexta e sétima Bem-aventuranças

Aquelas coisas, pois, que pertencem á vida contemplativa, ou são a própria bem-aventurança final, ou são um princípio dela. Por isso nas Bem-aventuranças seguintes não existe lugar para méritos, mas para prêmios. São bem postos como merecimentos os efeitos da vida ativa com que o homem se dispõe à contemplativa. Quanto às virtudes e dons que aperfeiçoam o homem em si mesmo, efeito da vida ativa é a "pureza do coração", assim que não será contaminado pelas paixões; daí a sexta Bem-aventurança: "Bem-aventurados os corações puros".

Quanto pois às virtudes e dons que aperfeiçoam o homem em relação ao próximo, efeito da vida ativa é a paz, segundo o que disse Isaías: "A justiça produzirá a paz" (32, 17). E por isso a sétima Bem-aventurança se coloca: "Bem-aventurados os pacíficos".

Admirável na verdade é a ordem destes merecimentos. Não o é porém menor a correspondência do prêmio com estes merecimentos.

6. - A correspondência dos prêmios com os merecimentos (5)

a - As três primeiras Bem-aventuranças

Portanto, foi visto como os merecimentos das três primeiras Bem-aventuranças foram postos por Cristo em contradição à falsa bem-aventurança, para afastar os homens daquelas coisas em que consiste a vida voluptuosa do prazer que o homem deseja procurando o que naturalmente ele deseja não onde se deve procurar, isto é em Deus, mas nas coisas temporais caducas; e por isso também os prêmios das três primeiras Bem-aventuranças são colocados segundo aquilo que na felicidade terrena os homens procuram.

Procuram de fato nas coisas exteriores, nas riquezas e nas honras, uma certa excelência e abundância. Ora, importa justamente o Reino dos céus, pelo qual o homem consegue excelência e abundância dos bens em Deus. E assim o reino dos céus é prometido aos pobres pelo espírito: "Bem-aventurados os que têm coração de pobre, porque deles é o Reino dos céus".

Procuram os homens descomedidos na ira, nas contendas e nas guerras, adquirir segurança e repouso para si, destruindo seus inimigos. Daí o Senhor prometeu aos mansos uma segura e tranqüila posse da terra dos vivos, pelo que é significado a solidez dos bens eternos: "Bem-aventurados os mansos porque possuirão a terra".

Procuram, além disso, os homens nas concupiscências e nos prazeres do mundo uma consolação contra as fadigas e os tédios da vida presente. E por isso o Senhor promete esta consolação àqueles que chorem: "Bem-aventurados os que choram porque serão consolados."

b - Quarta e quinta Bem-aventuranças

As outras duas Bem-aventuranças pertencem às obras da vida ativa, que são obras de virtude nascidas para ordenar o homem acerca do seu próximo. Destas obras os homens se abstêm por amor desordenado do próprio bem. Por isso o Senhor atribui como prêmios a estas Bem-aventuranças aquelas coisas pelas quais os homens se abstêm de praticá-las.

Alguns se abstêm das obras de justiça negando dar o devido, e tirando também dos outros para enriquecer-se de bens temporais. E por isso o Senhor a quem tem fome de justiça promete a saciedade: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque serão saciados".

Outros se abstêm das obras de misericórdia para não imiscuir-se com as misérias alheias. E o Senhor aos misericordiosos promete a misericórdia para serem livres de toda miséria: "Bem-aventurados os misericordiosos, porque alcançarão misericórdia".

c - Sexta e sétima Bem-aventuranças

As duas últimas Bem-aventuranças são da vida contemplativa. E por isso segundo a conveniência das disposições que estão colocadas no merecimento, se tornam também o prêmio.

A pureza dos alhos predispõe a ver bem. Eis aos corações puros prometida a visão de Deus: "Bem-aventurados os corações puros, porque verão a Deus".

Constituir a paz em si mesmo e nos outros manifesta um homem que se faz imitador de Deus, que é o Deus da humildade e da paz. E por isso torna-se a ele como prêmio a glória da filiação divina, que está em uma perfeita conjunção com Deus por meio de uma sabedoria consumada: "Bem-aventurados os pacíficos porque serão chamados filhos de Deus".

Eis, muito amados, a verdadeira Bem-aventurança que vós aspirais. Eis a escada para subir. Não vos resta senão subir.

7. - As Bem-aventuranças são a escada que conduz à felicidade eterna nos céus

Não, meus irmãos, não basta amar as Bem-aventuranças para possuí-las; todos as amam e poucos chegam a possuí-las. É preciso subir por esta escada que vos mostrei, que Cristo propôs, pela qual subiram os Santos.

Não vos deixeis aterrorizar pelo difícil. Os grandes prêmios e as grandes honras não se dão senão às maiores empresas, filhas de um espírito grande e magnânimo. Colocadas as escadas nos muros sobe corajoso o soldado mesmo debaixo da chuva dos golpes inimigos, só para obter uma coroa de honra que em breve lhe deve apodrecer na cabeça, e afronta por isto intrépido os perigos e a morte.

Que deveremos nós fazer por uma eterna Bem-aventurança? Eia, pois, soldados de Cristo; olhos para o alto. Vedes lá sobre os muros da feliz Jerusalém aquela multidão triunfal de Santos com áureas coroas na cabeça, revestidos de estolas brancas ou vermelhas, com cândidos lírios ou palmas na mão? São vossos amigos, são vossos irmãos, para ajudar com a voz dos; seus exemplos, e com o socorro de suas orações, o vosso acesso ao seu Reino. Oh! como vos desejam eles! Como esperam! Como vos chamam! Entre eles o vosso glorioso capitão Jesus, oh! como está impaciente para dividir convosco os espólios de seu triunfo! De repartir convosco a glória do seu reino, as riquezas inestimáveis e a felicíssima posse da sua perpétua herança! Ele mesmo vos colocou esta escada. Ele vos exorta para subir; vos promete toda a força da sua graça que vos conforta à subida; ele vos estende a direita... Eis, pois, e porque a demora? Um bom passo que se dê no início de um empreendimento decide finalmente a tudo. Despojemos o nosso coração de todo apego à terra. Renunciemos ao menos com o espírito! Freemos as nossas iras; aprendamos com Ele a ser mansos e humildes de coração.

Abandonemos a vã alegria, do mundo; nossa parte seja chorar nossas culpas, as penas do nosso exílio; certo de que em breve o nosso luto se converterá em alegria que ninguém poderá jamais tirar de nós. No entanto não tenhamos sede senão da justiça, nem sejamos inclinados senão à misericórdia. Assim purificado o nosso espírito, bem depressa verá os primeiros raios da sua felicidade nascente, que difundirão a paz em nosso coração. E enquanto os olhos dirão: o Paraíso é belo; o coração franco dirá: o Paraíso é meu.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XXXVII: Le Beatitudini: 1º de novembro de 1806.
2. Este número é de S. Tomás, I-II, q. 69, a. 2, ad 3.
3. De Sermonibus Domini in Monte, 1, 1, c. 4.
4. Os números 4 e 5 são da I-II, q. 69, a. 3, c.
5. O número 6 é da I-II, q. 69, n. 4, c.

SEGUNDA PARTE

I - O ADVENTO DE NOSSO SENHOR JESUS CRISTO (1)

1. - A alegria da vinda do Salvador

Cristo vem. O Salvador está para nascer. A Igreja nesses dias o espera, o deseja, o suspira.

O que quer dizer, meus queridos, que estejamos aqui frios em nossos afetos? Que passemos por esses dias de um advento tão alegre, de expectativa tão doce, numa preguiçosa indiferença? Nada solícitos em unirmo-nos em espírito à S. Igreja, nos contentemos somente em não discordar exteriormente com superficial e lânguida harmonia?

Infelizmente o amor por estas coisas terrenas e visíveis mantém preocupado o nosso ânimo; e o gosto dos sentidos arrastaram atrás de si em uma ignominiosa escravidão o nosso coração. Cremos, sim, nas coisas celestes: mas não as amamos. Confessam-se exteriormente, mas não as apreciamos intimamente que maravilha, pois, se não as desejamos? Se nos interessamos tão pouco?

Oh Deus! Irmãos, já é tempo de que nós sacudamos este gelo, que elevemos nosso espírito, como nos convida o Profeta para ver a alegria que nos vem do nosso Deus; "Jerusalém, volta o teu olhar para o Oriente, vê a alegria que te vem de Deus" (Br, 4, 36). Este é o objeto que eu gostaria que vocês atentassem bem comigo.

Sei que alguns já sabem por experiência quanto é doce e agradável esperar a vinda do Salvador, como os que já têm o coração aquecido pelo amor divino. Estes não precisam das minhas palavras. Quem precisa muito sou eu, que sou frio, e outros como eu. Que esses rezem muito para que cheguemos a nos persuadir que até os mais miseráveis e desesperados pecadores podem participar com os justos e com os santos nessa espera de tão puro e sublime deleite. Isto à primeira vista parece muito estranho, mas eu procurarei demonstrar.

2. - O que e por quem se espera.

Se nós atentarmos à primeira aparência destes dois termos, isto é QUEM é que se espera, e por QUE se espera, são na verdade mais aptos a gerar em nós um sentimento de desesperadora tristeza que de confortadora alegria.

Quem se espera, realmente é Deus. Aqueles que o esperam somos nós, vermes vis que nos arrastamos sobre a terra, e, o que é pior, cheios de vícios.

Que tipo de afinidade podemos encontrar entre o pecado e a Santidade? Entre a iniquidade e a Justiça? Entre a suma miséria e "Suprema Beatitude? Daí parece que somente os Santos, os justos, os inocentes estão preparados para sentir a alegria da vinda de Cristo: excluídos realmente os pecadores, como os que têm em si muita deformidade e dessemelhança.

Mas não é assim. Antes, eu quase diria, que de um certo modo deveria alegrar-se mais os pecadores que os próprios justos.

3. - Os pecadores têm um direito especial de gozar da vinda do Salvador

De fato o Filho de Deus desceu do céu para salvar o que estava perdido; "O Filho de Deus desceu do Céu para salvar o que estava perdido" (Mt 18, 11). Ele mesmo disse que veio para procurar os pecadores e não os justos: "Eu não vim chamar os justos, mas os pecadores" (Mt. 9, 13).

O próprio nome que assumiu tornando-se homem - nome anunciado pelo Anjo e solenemente explicado - é Jesus, isto é, Salvador do seu povo dos pecados: "porque ele salvará o seu povo de seus pecados" (Mt 1, 21).

Se pois um Rei terreno empreendesse uma longa viagem à mais remota e mísera região do seu domínio, e enviasse aí embaixadores ao homem mais pobre e infeliz dizendo que o Soberano já caminha para honrá-lo com sua visita; se este estivesse também na prisão condenado à morte, e o Rei se locomovesse até o cárcere para visitá-lo pessoalmente, agraciá-lo, abrir com suas mãos as algemas e mudar em glória sua ignomínia e seus grandes males em grandes bens; qual não seria sua alegria nessa tão doce expectativa? Nenhum, nobre, nenhum grande, nenhum rico teria maior alegria que aquele pobre prisioneiro. Assim é o nosso caso.

A nós pecadores, oprimidos pela miséria de nossas culpas e presos ignominiosamente na escravidão dos nossos vícios, é dirigida e anunciada uma iminente visita tão afortunada do Rei supremo dos céus: Ele nos quer livrar com sua graça e nos enriquecer com seus preciosos dons. Devemos pois sentir com maior alegria a aproximação daquele dia tão venturoso, daquele momento tão alegre e, acima de toda imaginação, feliz e faustoso para nós.

Digamos, pois, cada um de nós: Eia, meu pobre coração, alegra-te com a misericórdia do teu Senhor, e ele satisfará teus desejos: "Põe tuas delícias no Senhor, e os desejos do teu coração ele atenderá" (36, 4). E ti, ó Senhor, pus minhas esperanças: "para vós, Senhor, elevo minha alma". Eu confio em ti, que eu não seja desapontado por ter esperado em ti: "Meu Deus em vos confio, não seja eu decepcionado!" Mas cumprido o que tu queres que eu espere de ti, meus inimigos deixarão de rir-se de mim e dos meus anseios: "Não escarneçam de mim meus inimigos!" Pois nenhum dos que esperam em ti, ó Senhor, será confundido e escarnecido: "todos os que esperam em ti não serão confundidos" (Sl 24, 1-3).

4. - A nossa miséria é motivo de grandes esperanças

Se bem que de um lado não se pode em verdade negar a deformidade e desigualdade enormes que existem entre nós e Deus, também por outro lado eu quero mostrar que a mesma considerada, mais intimamente, mostra a mais próxima conveniência para unir dois extremos tão disparatados.

De fato, uma suma Bondade, como Deus, inclinado por isso excessivamente a comunicar-se, não pode ter maior proporção que a uma criatura necessitada ao extremo de todos os bens. Para uma imensa misericórdia não há maior adaptação que a uma tão grande miséria. Para uma riquíssima liberalidade não há encontro mais agradável que a uma abjeta e absoluta desolada pobreza. Uma santidade perfeita, que ordena toda suas operações à sua glória como no fim da mais nobre existência, encontra a mais manifesta conveniência para agir, sobre todos os outros, naqueles que não tendo em si senão motivos de confusão e de desprezo, deixam, sem parar um momento, que toda glória retorne ao ponto de partida: segundo o que foi dito: "Todos os rios se dirigem para o mar" (Si 1, 7).

Que doce pensamento, e de quanto conforto deve servir para nós! Aquela nossa mesma miséria que tanto nos confundia antes, e quase nos desesperava, agora a vemos transformar em motivo de grandes esperanças.

E certamente que se tu, ó Senhor, nos quiser graciosamente enriquecer-nos dos teus preciosos dons, se nos quiser também elevar-nos às honras dos teus mais favorecidos e mais íntimos, não teremos nós de que gloriar-nos em nossos merecimentos e nossas boas disposições; lembrando-nos sempre do nosso pó e do esterco das nossas iniquidades passadas. Se quisermos nos gloriar, não queremos e não podemos senão em ti. E todos aqueles a quem era conhecida a nossa miséria todos admirarão tua Sabedoria e teu poder, que sabe atrair o que não existe como o que existe (Rm 4, 17), e escolher as coisas mais abjetas e desprezíveis do mundo para confundir os fortes (1Cor 1, 27).

5. - Diferença entre nosso amor e o de Deus

Quero aqui que advirtais bem uma coisa. Assim como não estamos acostumados a amar senão as coisas em que vemos alguma aparência de beleza ou de bondade, assim vendo não haver em nós senão maldade e feiúra, parece-nos impossível que Deus possa nos amar; e nos parece exagero que o verbo divino, como enamorado apaixonado de nossas almas, desça com os convites mais ternos e afetuosos a chamá-las às suas castas e espirituais núpcias.

Mas toda dificuldade desaparece quando se conhece a diferença que existe entre nosso amor e o de Deus. Nosso amor é causado pelo bem que encontra no objeto que ama: por isso não amamos senão o bem que existe em alguém. O amor de Deus não é causado pelo bem que existe em nós. Por isso Deus ama também aquilo que não é, para que sejam; ama as almas feias e deformadas pela culpa, para embelezá-las e reformá-las com sua graça.

6. O argumento dos fatos

Mas vamos aos fatos que é um argumento ao qual não se pode responder. Dizei-me: quem foram aqueles grandes santos e receberam as primícias do Espírito na primeira idade da Igreja nascente? Quem eram aqueles mártires invictos, aqueles confessores tão ilustres, aqueles primeiros fervorosos cristãos? Eram gentios, isto é, grandes pecadores, vis escravos das potestades infernais. Adoravam as pedras, os metais, as madeiras: suas vidas e seus costumes eram repletos de confusão. Disse deles o Santo Apóstolo: "Outrora éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor" (Ef 5, 8): éreis trevas pelos vícios e superstições, e agora sois luz no Senhor.

Como passaram, pois, dos abismos tão profundos do pecado aos cumes tão luminosos da santidade? Veio o Verbo de Deus fazendo-se homem, para fazer da humanidade cega e imunda pelos vícios, uma esposa bela, adornada de virtudes e sem mancha. Foi-lhes anunciada e apareceu-lhes a Graça e a benignidade do nosso Salvador, Cristo. E eis uma mudança prodigiosa digna da direita do Altíssimo.

O que será de nós de vida tão desesperada que ao ouvir isto não retome grandes e sumas esperanças de subir, pela graça do Salvador, ainda mais alto que havia profundamente caído pelas suas culpas, se, como aparece do fato daqueles primeiros cristãos "onde abundou o pecado, superabundou a Graça" (Rm 5, 20).

7. - Como receber o Redentor

"Agora é o tempo favorável, agora é o dia da salvação que se aproxima" (2 Cor 6, 2). Eu percebo irmãos, que uma doce e alegre esperança já nasceu em seus corações, e agradáveis afetos de satisfação, amor e desejo já comovem seus espíritos. Vocês me deixam perceber que falei suficientemente sobre o propósito por você aprovado "de esperar a feliz chegada do Salvador." Chegou o momento de ver como isso deve ser feito. Eu o farei com uma figura que me oferece a História sagrada.

Abraão queria dar uma esposa ao seu filho Isaac. Para isso enviou, um criado à Mesopotâmia. Este querendo resolver satisfatoriamente a obrigação para com seu patrão, e instruído por sinais divinos a respeito do plano de Deus para com Rebeca deu-lhe alguns presentes. Com a anuência da parentela, e depois de mais presentes em ouro e prata, levou consigo a noiva, na volta, ao seu patrão. Ao cair da tarde Isaac saíra para meditar um pouco no campo, quando levantando os olhos viu que chegavam camelos conduzindo Rebeca. Ela também, vendo Isaac, desceu do camelo e sabendo do criado que aquele era seu noivo, imediatamente cobriu seu rosto com o véu, e depois se aproximou dele. Informado de todo o acontecido, Isaac introduziu-a em casa. Aí ratificaram e concluíram as núpcias; e Isaac, depois dispensou à esposa as mais ternas afeições (Gn, 24).

Isaac é a figura do Filho unigênito de Deus, que é o esposo das almas fiéis. O criado enviado para buscar a noite representa os pregadores, que enviados para levar a Palavra de Deus aos povos tornam-se os intermediários dessas felizes

núpcias. Por alguns sinais predeterminados por Deus, os pregadores reconhecem ora essa, ora aquela alma escolhida, e representada por Rebeca. A elas insinuam suaves desejos de converter-se a Cristo e unir-se a Ele por meio da Graça; e dão ricos presentes de misericórdia e de amor em Seu nome, até que ela consinta plenamente, seguindo a pregação, de ir até Cristo. Então, conduzem a esposa com alegria ao seu Senhor.

Mas o que quer dizer: Isaac saiu para meditar à tarde, e que foi ao encontro de Rebeca? Que o Filho de Deus veio ao mundo, como disse o Profeta: Saíste ao encontro do teu povo para salvá-lo (Hab 3, 13); como também o Salmista: minhas mãos estendidas sejam como a oferenda da tarde (Sl 140, 2). Pois não satisfeito de enviar profetas e pregadores. Ele mesmo veio pessoalmente ao encontro daquelas almas que consentem em unir-se a Ele pela graça.

8. - Vamos com alegria ao encontro de Cristo

Espero, ou melhor, tenho certeza, de que tudo isto hoje se tenha completado em nós. Pois já vejo suas almas, não somente desejosas, mas resolvidas a atender o convite da minha pregação e prontas a irem comigo, com alegria, ao encontro de Cristo, que nesses dias, por sua vez vem ao nosso encontro. Agora somente resta que se concretize em vocês também os últimos pormenores dessa alegoria.

De fato, apenas Rebeca viu Isaac, desceu do seu camelo. E isto significa que a alma, sequiosa corre para Cristo quando Ele se aproxima. Aumentando seu conhecimento, deve unir aos bons desejos o propósito, ou melhor, a ação eficaz de abandonar realmente sua vida irregular e os soberbos pensamentos mundanos, que é o descer do camelo.

Além disso, como Rebeca cobriu seu rosto diante de Isaac, assim a alma diante de Cristo deve envergonhar-se de sua vida passada, dos seus pecados, confessando-os humilde e dolorosamente. Que o Senhor nosso Jesus Cristo nos dê a graça, a mim e a vocês, de que isto realmente se realize. E assim recolhidas nossas almas por esse novo Isaac em sua casa, digne-se Ele juntá-las e uni-las a si, pela graça nesta vida e pela glória na outra. Possamos aqui na terra e lá no céu ser felizes e, juntos, louvar a misericórdia daquele que com o Pai e o Espírito Santo é amor desde toda a eternidade.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XXV: L'Avvento di N.S.G.C., 9 de dezembro de 1804.

II - O SS. NOME DE JESUS (1)

1. O nome de Jesus é o retrato de um amante o mais amável

Embora seja verdade que um objeto, por mais amável em si mesmo não chega a aquecer com seu amor os peitos dos outros se antes não se deixa ver e contemplar bem de perto; nem menos acontece alguma vez que uma rara beleza soube atrair os corações dos outros somente figurada sobre tela morta de um sábio pincel. Que se é assim, a mim já não dói muito se aos nossos olhos mortais é negado ver pessoalmente um objeto o mais amável como é Jesus, para acender no meu e nos vossos corações um vasto incêndio de amor; enquanto eu posso mostrar-vos o retrato de sua beleza, retrato o mais vivo; já que a nós trazido do Céu pelas mãos daqueles mesmos Anjos que diariamente o enamoram.

Eia pois, devotos irmãos, preparai o vosso coração não já para amar, mas para arder. Aliás, direi melhor, preparai vossos olhos para ver, que certamente o coração o seguirá bem depressa com os mais fervorosos afetos.

O Nome de Jesus de fato é um retrato de um amante o mais amável.

Antes de tudo creio tornar bem patente o fundamento em que me apoio. E é S. Bernardo. Ele de fato diz: "Quando eu nomeio Jesus, eu me proponho um homem o mais perfeito, o mais santo, adornado de toda beleza e virtude; e este mesmo eu o proponho Deus, onipotente, justo, clemente, misericordioso. Sumo Bem, infinito: "tudo isto me soa quando soa Jesus; e é por isso que este nome é mel em meus lábios, melodia aos meus ouvidos, suavidade ao meu coração" (2).

É próprio dos verdadeiros retratos apresentar aos olhos o objeto por ele figurado - mesmo distante e desconhecido - de modo que a idéia que formo ao contemplar a imagem, seja em tudo adequada, ou ao menos semelhante, ao que me poderia formar a visto do objeto em si mesmo.

Posto isto, quando, pois, eu chegar a demonstrar que neste nome de Jesus se manifestam todas as qualidades que tendem a constituir Jesus por amante o mais amável; eu creio então que terei provado o meu assunto.

2. Jesus é Deus e homem

Eis, pois, expliquemos este nome.

O Anjo que o trouxe do Céu disse: "Lhe porás o nome de Jesus, porque Ele salvará o seu povo de seus pecados" (Mt 1, 21). Agora me parece ver muito neste nome; ver, isto é, um Salvador, um "Mediador entre Deus e os homens, que satisfaz a justiça divina pelos pecados de todo mundo. Porém eu vejo tudo isto ainda em enigma e confuso.

Eis que S. Cirilo começa esclarecer neste ponto perguntando: Como pode este chamar-se Salvador do mundo, se não é Deus? De fato se Jesus não é de dignidade infinita, igual àquela infinita de Deus que foi ofendido pelos nossos pecados; não se pode entender como ele tenha dado uma satisfação igual à ofensa; portanto Jesus é Deus (3).

Mas se Ele é somente Deus, acrescenta S. Agostinho, como poderá ser mediador entre Deus e os homens? De outro modo Deus haveria dado satisfação a si mesmo, e não o homem pecador a Deus ofendido como toda razão requer (4).

O nome de Jesus, pois - enquanto nos mostra um Salvador dos pecados de todo mundo - nos apresenta um homem que é ao mesmo tempo Deus, com todas as perfeições que poderá convir tanto à natureza humana como à divina.

3. - Convite a contemplar Jesus.

Já foi tirado o véu deste retrato, fixemos devotamente o olhar contemplador para notar as amáveis qualidades.

Amais a beleza? Eis um homem, o mais perfeito, cuja beleza vista mesmo de longe, em espírito, pelo Profeta, o fez exclamar maravilhado que Ele era "o mais belo entre todos os filhos dos homens", e que a "graça", não já espalhada, mas total "estava difundida sobre aqueles lábios" (Sl 44, 3).

Amais o espírito rico de ciência, fornecido de virtude? Eis uma mente, "na qual foram colocados todos os tesouros da ciência e da sabedoria de Deus" (Col 2, 3); uma santidade tão perfeita que desafia os próprios êmulos a opor-lhe sombra de culpa.

Amais a doçura, cortesia, e bondade de coração? Ah! Coração amável do meu Jesus, doce, benigno, afável, clemente, misericordioso. Quem o provou tarde demais para sentir piedade de sua miséria? Ou duro para receber seus pedidos? ou severo para dar-lhe o perdão de suas culpas?

Oh! Jesus amável! Agora sim que eu não me admiro, se ao fixar o olhar em vós, tenha a Madalena esquecido todos os amores e amantes por não poder amar outros senão Vós ver outros senão Vós, ouvir outros senão Vós viver com outros senão Convosco e só por Vós. Oh! Marta, Marta, não a perturbe naqueles doces colóquios com seu Bem, no qual toda sozinha aos pés do seu Jesus funde todos os afetos mais ternos do seu enamorado coração. Ela sim escolheu a melhor parte, que não se lhe será tirada. (Lc 10, 42). E que outra coisa fará ela no Céu?

Que outra coisa faremos nós também, senão ver Deus, vendo-o amável, amando-o ser felizes? Mas vendo Jesus não vejo também o meu Deus? Amando Jesus não amo também o meu Deus? Aquele Deus tão perfeito em todo gênero de perfeição, que somente Ele basta para forçar a si mesmo uma eterna Beatitude, e a

tornar felizes com sua visão também todos os Santos? Ah! e que outra coisa será pois digno objeto do seu amor senão Jesus?

4. - Jesus é o amante mais terno e apaixonado

Se vimos neste nome o que pode tornar-nos Jesus o objeto mais amável, nos resta ainda ver o que o qualifica como amante mais terno.

De fato neste nome de Jesus vós vedes um Salvador, um Deus, isto é, que por nós homens, e pela nossa salvação desceu do Céu, se fez homem (5) e deu sua preciosa vida em redenção pelos pecados que haviam tornado nossa alma escrava do demônio, condenada ao inferno; lavou-a com seu Sangue, adornou-a com sua graça para coroá-la enfim com sua glória. E que é ver tudo isto se não ver um amante o mais apaixonado?

É próprio dos amantes apaixonados amar tão fortemente, que nem dificuldades os retardam, nem perigo os abate, nem a própria morte consegue atemorizá-los. Mas esquecidos de si mesmos, tudo fazem, tudo sofrem, tudo ousam para agradar e unir-se aos que amam. Acontece também muitas vezes que o amor os cega a ponto de não ver mais aqueles próprios defeitos que viciando indecentemente o objeto por eles amado, o tornam desprezíveis aos olhos de todos fora eles. Antes, ainda mais, a própria ingratidão, com que muitas vezes vem retribuindo seu amor, ao invés de enfraquecer suas chamas, mais as reacende. E tal amante é justamente Jesus.

Deus, como Ele é, amava tua alma, ó homem, porque nela via a sua imagem. Mas esta imagem era deturpada pelo pecado; mas esta alma por Ele criada vendeu-se como escrava ao inferno; mas esta alma era também inimiga de Deus. A Justiça divina, que não pode tolerar que se ame o pecado, se opunha fortemente ao seu Amor. Mas encontrou-se modo de satisfazer a justiça e de contentar o Amor. Convém, portanto, aviltar, direi quase, a divina Majestade; convém, isto é, sujeitá-la, na natureza humana já assumida, a uma morte a mais ignominiosa.

Mas nem mesmo a morte, e tal morte, é capaz de deter o amor; já que este - como diz o Sábio - "é forte como a morte" (Ct 8, 6) . E eis que este amante para recuperar sua amada não desembolsa "ouro corruptível ou prata, mas todo seu precioso sangue" (1Pd 1, 18). E se ela tornar de novo a cair nas mãos do inimigo infernal brutalizando-se com o pecado, Jesus tornará cada dia mais a oferecer a mesma Vítima sobre os altares, lavará a alma com seu Sangue, do qual abre uma fonte perene no seio da sua Igreja.

5. - A espera de Jesus

Que pretendeis Vós, meu Jesus, com tanto amor?

Ouvi, ouvi, palavras, ou melhor, transportes de amor: Só que ela me ame, e consinta às minhas castas núpcias. Já fiz falar por meus amigos, e lhe foi dito da

minha parte: 'Ouve ó filha, e vê, inclina teus ouvidos; esquece tua casa e teu povo, e o Rei do Céu se enamorará da tua beleza' (Sl 44, 11-12). Mas ele foi um pouco esquiva a esta minha voz. "Eu mesmo então resolvi ir até ela em pessoa, e para que o fulgor dos meus raios não retraíssem a sua timidez de falar-me, encontrei ainda um modo de esconder-me sob o véu sacramental e de entrar quase furtivamente em seu coração, onde eu possa falar domesticamente. Estou aqui esperando que ela consinta os meus votos, uma só palavra, como basta para fazê-la feliz eternamente, assim basta também para tornar contente meu coração".

6. - Conservemos sempre em nosso peito o retrato de Jesus

Então este nome dulcíssimo, ó almas amantes de Jesus, o retrato do vosso amante mais amável, como já o propus a contemplar desde o princípio, onde não satisfeitas de havê-lo contemplado com amor hoje, levai-o como preciosa gema pendurada ao peito convosco a vossas casas. Aqui no silêncio dos quartos domésticos, em algum momento de solidão amiga dos suspiros dos amantes, tirará alimento a vossa chama, consolação vosso espírito, conforto vosso coração. Já que nada é mais querido a um coração amante que mantém há muito tempo a esperança de ver e possuir bem seu amado, quanto ter diante dos olhos um precioso retrato.

7. - Apelo à alma relutante

Que se entre as muitas almas devotas que formam esta piedosa audiência, houvesse uma tão preocupada com afetos estranhos que com maior gosto teria querido ouvir falar de outros amores, ou teria apreciado desejar outros retratos; uma alma que diante de tanta amabilidade não pôde ainda esquecer os primeiros amores, como eu facilmente me persuadia; que outra coisa deverei eu fazer se não culpar-me de não ter sabido levar senão uma muito débil chama a este retrato tão vago e chorar por ter perdido a mais bela porção do fruto cuja ilusão me animava a falar?

Mas, oh! Ouça um pouco quem quer que sejas, mísera alma infeliz: reflète como já te persuade o Apóstolo, dever "passar brevemente a figura e a aparência deste mundo" (1Cor 7, 31). Qual, portanto, será teu desespero, quando, escapados de tuas mãos e de teus olhares estes bens aparentes, abrires estes olhos para admirar a verdadeira Beleza e a imutável Bondade deste Jesus, mas só para poderes arrepender de havê-la tão mal trocada, e chorar por havê-la eternamente perdida? Que inveja ver-se privado de todo bem, enquanto outras almas serão chamadas às núpcias deste Esposo tão amável, que também a ti estende agora tão docemente a mão? Possível que teu coração - por outro lado tão fácil de acender-se a qualquer brilho mais leve de beleza mísera e fugidia, tão terno para não saber negar largas recompensas de afeto a quem lhe proporciona escassez e enganadores convites - permaneça frio diante de um sol de Beleza, se endureça à vista de um transporte tão vivo de Amor?

Não está dispensado teu coração da obrigação de corresponder a tanto afeto só com dizer que não é digno dele. Jesus insiste em pedir; nem seu amor cede diante da tua miséria, ainda que ela fosse mil vezes maior. Em vão, pois, te defendes. Muito bem; e que faço eu agora? Não mais farei violência ao teu coração; mas se deixo em paz o teu, não posso mais deter o meu.

8. - Oração

Eis-me a vossos pés, ó meu Jesus, sim, eis uma alma que para correr atrás de muitas curiosas vaidades Vos abandonou. Sumo Bem, muito digno objeto de meu amor. Tarde vos conheci, antiga beleza, tarde vos amei (6), eterna Bondade; mas agora não posso mais vos conhecer, não posso mais não vos amar. E se a minha fealdade não m retraísse, teria já oferecido nesta hora todo meu coração a Vós que com tanto amor mo pede. Que digo eu? Voa não nos amais porque em nós existe bondade, mas nos amais só para nos encher de bens. Eis, pois, o meu coração. É toda obra vossa esta alma; lavai para Vós, limpai-a, enfeitai-a para fazê-la digne esposa vossa; sim, é toda vossa. Nem sou eu só a vos oferecer meu coração; agora que se vê preparar tantos bens oferecendo a vossa mão a uma alma tão pecadora como eu sou, também a última alma cede ao meu exemplo.

Avante, pois; eis que juntos damos um adeus às vãs belezas e aos bens caducos desta terra, para não amar outrem senão Vós, viva Jesus, nosso amor, viva Jesus! Faremos soar muitas vezes em nosso lábio este nome dulcíssimo, para que vendo nele o retrato do nosso amor tão amável, nos recordemos a quem demos o nosso coração hoje, para negá-lo com toda força para o futuro a qualquer objeto menos digno que no-lo pedisse.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação III : Il Nome di Gesu: 2º domingo da Epifania de 1801.
2. S. Bernardo, Serm. XV in Cant.
3. S. Cirilo Alexandrino, De Trinitate, 1. 4.
4. S. Agostinho, As confissões, 1. X, c. 43; De Civitate Dei, 1. 9, c. 15.
5. Símbolo Niceno-Constantinopolitano
6. S. Agostinho, As confissões, 1. X, c. 27.

III - O SS. NOME DE JESUS (1)

1. Teu nome é como um perfume derramado (Ct 1, 2)

Que o sagrado Nome de Jesus seja como o óleo derramado de que fala a Esposa dos Sagrados Cânticos, seria fácil para mim demonstrá-lo, se para testemunhas desta verdade eu quisesse aqui demonstrar certas almas amantes às quais não apenas este nome dulcíssimo tocou seus ouvidos, que já penetra no coração, e aí dentro se espalha, se difunde com uma delicadíssima unção de afetos delicadíssimos. Mas porém neste dia eu quero fazer uma prova da virtude deste nome sobre o coração de um pecador o mais obstinado, a fim de - se possível - medicá-lo docemente com este mesmo óleo; enquanto por outro lado eu satisfaço com você o dever do meu assunto.

1. Efeitos do nome de Jesus

Então, portanto, será manifestado que o nome de Jesus se chama com toda razão "óleo derramado", quando espargido neste coração, aí produza efeitos em tudo semelhante àqueles que o óleo sensível costuma produzir em relação aos membros do corpo e ao uso humano.

A - O nome de Jesus amolece o coração endurecido do pecador

Ora entre os muitos efeitos eu considero em primeiro lugar o amolecer; e isto para opô-lo àquela dureza que um coração obstinado apresenta em primeiro lugar como forte obstáculo à sua cura. Vejamos pois se este nome valha por si para enternecê-lo e comovê-lo. O que quer dizer Jesus, senão Salvador? Isto é um Deus que para manifestar ao homem o excessivo amor com que Ele o ama "desde sempre", desce do Céu, para que o homem possa subir; enfim morre, para doar-nos a vida, e vida eterna. E um amor tão benéfico não servirá para tornar agradável, e penetrar mesmo o coração mais duro? Antes à medida que este óleo, com uma mais distinta consideração, for se espalhando e dilatando, veremos aquele coração todo amolecido arrepender-se por não ter até agora retribuído o amor, e ter compensado uma bondade tão benéfica só com injúrias e ofensas.

B - O nome de Jesus conforta e corrobora o coração desalentado do pecador

Para assegurar-nos da perfeita sanidade de um coração tão enfermo, não basta vê-lo diluir-se quase liquefeito em afetos de uma terna compunção; porque bem depressa se apresenta a segunda oposição em seu restabelecimento, que é a pusilanimidade, ou se já a desconfiança. O pecador de fato tornado insensível aos próprios males, vendo-se prostrado por terra pelo peso de tantas iniquidade que o oneram, desconfia de poder jamais ressuscitar. O conhecimento, que sempre mais cresce, pelo excessivo numero e pela deformidade monstruosa de suas culpas parece que se debilita e sempre mais vai enfraquecendo a esperança de obter o

perdão. Donde se vê clara a necessidade de re-valorizar o ânimo já quase extraviado ou perdido.

Este é justamente um outro efeito do óleo; fortificar os membros; enquanto se sabe pelas histórias daqueles famosos gladiadores, que antes de descer ao circo e dar provas de suas forças, ungiam os musculosos braços e os duros membros, para adquirir novo vigor e redobrado alento para o novo perigo. Mas quem mais estará de ânimo tão abatido, que não sinta imediatamente erguer-se mais vigorosa no seio a esperança só ao ouvir este nome, Jesus? Pois ele significa um Salvador, não já particular de poucos, mas universal de todos: "Cristo, de fato, morreu por todos", escreve S. Paulo (2Cor 14, 15); não é circunscrito pelo tempo; "porque vive para sempre, possui um sacerdócio eterno. É por isso que lhe é possível levar a termo a salvação daqueles que por ele vão a Deus, porque vive sempre para interceder em seu favor" (Hb 7, 24-25); não é limitado pelo numero de culpas, encontrando-se junto Dele misericórdia sem nenhum anexo que a determine ou restrinja, "a misericórdia está em Deus"; e uma redenção superabundante e sem medida, "e uma copiosa redenção superabundante e sem medida, "e uma copiosa redenção junto dele" (Sl 129, 7); daí se pode sempre verificar que "onde abundou a iniquidade superabunda ainda mais a graça" (Rm 5, 20).

Portanto, "por este nome sereis, ó Senhor, propício ao meu pecado, que é muito grande" (Sl 24, 11), assim gritava Davi, mostrando de que confiança possa corroborar um coração desconfiado à admirável união deste nome divino.

C - O nome de Jesus é defesa para as insídias interiores e exteriores

E eis já confortado o pecador para ressuscitar. Mas nem por isto ele está perfeitamente curado, embora se possa crer que sua saúde está muito perto. Pois que ele, quase como um enfermo que veja debilitado sua natureza por longa e grave enfermidade e lânguida as forças, embora ainda confie com o auxílio de outros levantar-se de pé, teme porém e quase se desespera de poder por si mesmo manter-se por algum tempo, sem uma lutuosa e fácil recaída. Portanto ele está suspenso ainda se possa uma vez levantar-se resolutamente.

Para fazer, além disso, que ele proceda a uma deliberação tão importante é preciso prever todas as causas de onde ele possa racionalmente temer uma nova queda, preveni-las, e assegurá-lo de todas estas com um remédio eficaz que as impeça inteiramente de qualquer ação, de qualquer efeito.

Algumas, portanto, destas causas são internas, outras externas. As internas são a ignorância, a malícia as paixões. As externas são o demônio, e as ocasiões, as seduções, os escândalos do mundo.

Ora nós temos para opor, quanto às primeiras, uma clara luz contra as trevas do intelecto; um alimento verdadeiro contra os alimentos desregulados da vontade; e um remédio salutar contra as desordens dos sentidos. Tudo isto se verá agir por este nome santíssimo, que como um óleo derramado, deve servir de luz, de

nutrição, de remédio, sendo estas justamente as propriedades do óleo sensível, como muito bem notou S. Bernardo (2).

a - O nome de Jesus é luz

Realmente antes que se espalhasse este nome, todo o mundo estava em densa treva. Mas apenas o Apóstolo o elege para ser levado quase como chama acesa na mão "diante do Rei das nações" (At 9, 15), ele já começa a gritar: "despojemo-nos das obras das trevas e vistamo-nos das armas da luz. Comportemo-nos honestamente como em pleno dia" (Rm 13, 12, 13).

b - O nome de Jesus é alimento

Não somente luz é o nome de Jesus, é também alimento. Quando mais - prossegue o mesmo S. Bernardo - que tu te recordaste dele sem sentir subitamente um grande conforto? Que outro objeto enriquece de igual modo a mente de quem o considera? Que coisa mais valha para reparar os sentidos fatigados, para robustecer a virtude, para nutrir os bons e honestos costumes, para fomentar castas afeições? Muito árido e sem sabor é para a alma qualquer alimento, se não for aspergido e condimentado por este óleo (3).

c - O nome de Jesus é remédio

Este é, além disso, remédio contra as desregradas paixões. De fato ao pronunciar este nome, se apresenta logo ao nosso espírito um Homem o mais perfeito e ao mesmo tempo Deus; o qual por isso, como espelho de toda virtude e fonte de toda graça, não só convida com doce exemplo, mas muito mais anima com eficaz auxílio e reprimi-las e moderá-las.

d - O nome de Jesus nos defende das insídias do mundo e do inferno

Tente agora o mundo de perverter com as máximas de seus dogmas mentirosos, seduzir com agradáveis ilusões, de corromper com falsas amizades; será vã qualquer arte, qualquer maquinação, todo esforço para entreter um coração que já está unguido por este nome resolva denodadamente fugir-lhe das mãos.

De fato aqueles gladiadores, dos quais falamos pouco antes, que combatiam nus, se ungiam não só para fortalecer-se, mas para tornar ainda mais difícil ao adversário prendê-los e segurá-los no ardor da peleja.

Assim como em um pergaminho liso e unguido de óleo por quanto uma estulta mão se obstine em escrever não conseguirá mais imprimir nem sombra de tinta, assim igualmente e muito mais impossível se torna - por tudo quanto bi dito até agora - que em um coração no qual foi espalhada a unção deste nome admirável, se prenda ou fixe alguma impressão que lhe venha de fora para seu prejuízo.

Ruja, pois, o inferno, arme-se, coloque-se em ordem de batalha e ponha para fora todas suas forças para a última prova. Já o Salmista nos anima a desprezar todo assalto dizendo que este nome não só é santo, mas que é também terrível: "Santo e terrível é seu nome" (Sl 110, 9); quase querendo dizer que como este nome de Jesus é um óleo todo suave que se difunde sobre o coração de quem o invoca com fé, assim também é óleo fervente e abrasador que se derrama sobre seus inimigos para colocá-los em fuga vergonhosa e exterminá-lo.

3. - A obstinação do pecador não pode ser vencida senão com a intervenção da graça

Eis-me, portando, ó meus irmãos pecadores, qual óleo precioso seja pela minha mão derramado sobre vossas chagas a fim de curá-las sem dor, com toda doçura. Estais melhorando? Amoleceu-se o vosso coração tão duro? Mas onde está uma só lágrima? Onde um suspiro, um gemido? Onde um sinal por pequeno que seja da vossa emenda? Diremos ser ineficaz o remédio que eu vos trago? As Escrituras divinas são claras; antes passam muito além chegando a dizer não haver outra salvação a esperar-se, salvo neste nome.

Avante, pois, andai! Tenha-se porém ao invés este vosso coração impressos ou esculpidos outros nomes, infames nomes daqueles ídolos impuros que vós amais.

Existem estes mais doces; formam também aos poucos vossas mais caras delícias. Virá o dia, - e não está talvez distante - quando estendidos sobre um leito de morte, se transformem em amargo absinto para vós, estes nomes, não mais vos sejam agradáveis estes ídolos. Sim, virá este dia; e recolhendo então sobre os lábios moribundos, já frios, todo o espírito angustiado, vos esforçareis de chamar mais vezes com voz rouca trêmula: Jesus, Jesus! E oh! Felizes de vós se assim vos acontecer de invocá-lo com fé também naquele momento! Eu certamente vos animaria a esperar muito, a esperar tudo. Mas o que seria se ao invés naquela hora a tantos males vossos transbordasse o mais grave, o sumo de todos que é o desespero? Infelizmente aconteceu a muitos iguais a vós e acontece todo dia e poderá acontecer também a vós por sugestão do Demônio e muito mais pela malícia do vosso coração que se endurece cada dia mais; poderia acontecer que recusando tomar um remédio tão salutar, morrêsseis impenitentes obstinados.

Não mais óleo de suavidade para vós este nome, que tão ingratamente recusastes vivendo, mas aceso então no furor da justiça já próxima e ameaçadora, ardendo horrivelmente em fogo, esperando quase à passagem", da alma celerada para investi-la com suas chamas, vingando assim a injúria e a afronta já recebida. Infelizes de vós! Que rio de lágrimas poderá extinguir um incêndio tão forte?

Que confusão encontrar lá vosso Juiz severo, aquele que vós antes negastes como salvador benigno! Que horror ver sair contra rugindo qual leão feroz e cheio de ira, aquele Cordeiro tão manso que se deixou matar por vosso amor? Que

desespero ver sacramentada a vossa eterna condenação por aquele mesmo Sangue que já foi derramado pela vossa salvação?

Mas eu não quero terminar com dureza um argumento por sua natureza tão doce; nem devo sofrer que por causa de só alguns se perturbem ainda mais estas almas tão devotas que neste dia têm um motivo para consolar-se. Que mais vos direi? Sede pois cruéis contra vós mesmos; eu não cessarei por isto de amar-vos e de desejar ardentemente a vossa salvação. Nem deixarei jamais de chorar sobre vosso extremo perigo, sem, porém, perder a esperança de reconquistar-vos até o último momento. Atirar-me-ei aos vossos pés para banhá-los com minhas lágrimas, pedindo-vos e esconjurando-vos para ter piedade de vós mesmos. Que se nada conseguir ganhar de vós este meu pranto, eu me voltarei a este mesmo Jesus, a este amor crucificado.

4. - Oração

"Não a nós, Senhor"; não às nossas palavras, não às nossas lágrimas, não ao nosso zelo, "mas ao vosso nome dai glória" (Sl 113, 9). Vós que sabeis abrir o caminho ao coração humano mesmo quando o homem insensato vos fecha toda entrada, oh! vós, pela vossa infinita clemência infundi qual óleo este vosso nome no coração daqueles obstinados, para que amoleça; amolecido se fortaleça para confiar-se a vós em tudo, para que jamais não desesperem de ressuscitar; ressuscitados sejam iluminados, alimentados, preservados, e sintam todos os outros efeitos que para produzi-los o vosso nome, amável nome de Jesus, descido do céu já se espalhou como óleo derramado por todo o mundo. Ao vosso nome, ó Jesus, seja honra louvor, bênção e ação de graças por todos os séculos.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação IX: Il Santo Nome di Gesù, 2º domingo depois da epifania de 1802.
2. S. Bernardo, Serm. XV in Cant.
3. S. Bernardo, Serm. XV in Cant.

IV – EPIFANIA - A REGRA DO NOSSO PENSAR E AGIR (1)

1. - Eu sou o caminho, a verdade e a vida (Jo 14, 6)

A festa que hoje decorre fornece matéria e ocasião para uma minha instrução não somente útil mas necessária.

Os Magos tendem a Cristo; procuram Cristo em Jerusalém, morada de um Herodes, grande político. Mas Cristo nasceu fora de Jerusalém. E a estrela, que guia seguramente a Cristo não aparece aos Magos senão fora de Jerusalém, longe da Corte.

Que quer dizer isto? Senão que também nós tendamos a Cristo, isto é à verdade, à vida? "Eu sou a verdade e vida". Mas esta verdade, esta vida, último fim dos nossos desejos, está fora, isto é sobre todo humano intelecto. "Nenhum olho viu, senão tu, o que Deus preparou para os que esperam nele" (Is 64, 4).

Convém, pois, sair das opiniões, dos juízos da sabedoria terrena, se queremos encontrar esta meta feliz; antes de queremos encontrar a estrela, isto é uma regra infalível que nos guie a esta meta. Esta estrela de fato é o próprio Cristo, o qual, como é verdade e vida, assim também, é caminho para alcançar a verdade eterna" e a vida a que aspiramos. "Eu sou o caminho, a verdade e a vida".

Em outro lugar o santo Evangelista nos diz ser ele, Cristo, a luz verdadeira que ilumina todo homem que vem a este mundo. Ele é a sabedoria não criada, o Verbo de Deus, e por isso tem palavras de vida eterna: "Senhor a quem iremos? Tu tens palavras de vida eterna" (Jo 1, 9; 6. 69).

Mas esta palavra do Verbo é dura à razão humana, "Isso é muito duro" (Jo 6, 61), porque não a pode compreender. É preciso, pois, sair e afastar-se dos humanos raciocínios para crê-la. A estrela não aparece senão fora de Jerusalém e fora das cortes mundanas e políticas. E assim é justamente que não a humana razão, não as opiniões aos homens, não as máximas do mundo presente, não os dogmas da moderna experiência, mas a palavra de Deus é a regra única e infalível do nosso pensamento, da nossa ação, para atingir o fim sobrenatural e divino ao qual somos chamados.

2. - A razão sozinha não poderá jamais guiar o cristão uma felicidade sobrenatural

Nenhuma faculdade pode, no seu operar, ultrapassar o limite de sua natureza. Se a razão, porém, é uma faculdade diretora do homem, poderá dirigi-lo muito bem a uma felicidade natural - se todavia for esta razão depurada dos erros e da ignorância, não ofuscada pêlos vícios, não prevenida pelas paixões -; jamais

porém poderá servir sozinha de guia ao cristão a uma felicidade sobrenatural à qual é destinado pela sua vocação.

O homem de fato - diz S. Tomás - é ordenado a Deus como a um fim que supera a compreensão da razão. Mas este fim deve ser previsto aos homens, se a ele devem ordenar suas intenções e suas ações. Portanto só Deus pode instruir o homem desta verdade que supera e excede toda humana, razão, e é por outro lado tão necessária que nela consiste toda a salvação do homem, a qual está em Deus (2) e era Cristo. "Ora, a vida eterna consiste em que te conheçam a ti, um só Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo que enviaste" (Jo 17, 3).

3. O único mestre da salvação da alma é Deus

Onde se trate da alma, da salvação da alma - diz a propósito Tertuliano - volte-se o homem para Deus e se dirija segundo as regras de Deus. Não se pode encontrar melhor mestre de salvação, senão o próprio autor da salvação (3).

Quem poderá ensinar e revelar o que Deus tem ocultado e guardado? Os mais sábios do mundo, os mais prudentes são justamente aqueles a quem Deus mais escondeu a sua verdade. "Eu te bendigo Pai, que escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelastes aos pequenos" (Mt. 11, 25). Assim é: os pequenos, os pobres em espírito, os humildes sabem mais, porque Deus os ensina, e seu espírito repousa sobre eles.

Pela voz de Deus somos ensinados ao conhecimento da verdade como diz S. Clemente Alexandrino; "Se os homens dizem alguma coisa sem prová-la, não podemos prestar-lhes fé, porque os homens podem dizer coisas falsas. E se há necessidade de prova, não aceitemos como confirmação os testemunhos dos homens, mas com a palavra de Deus provemos o que se procura. Pois a palavra de Deus é mais digna de fé que qualquer demonstração, antes ela nesta matéria é a única demonstração" (4).

5. - Deus falou

Ora Deus falou: "uma vez Deus falou" (Sl 111, 12). Falou de muitos modos pelos Profetas aos antigos pais, e ultimamente por seu Filho falou aos Apóstolos, antes a muitos mais plenamente ainda falou o Espírito Santo, instruindo-os sobre toda verdade pertinente à salvação: "Mas não as podeis suportar agora. Quando vier o Paráclito, o Espírito da verdade, ensinar-vos-á toda a verdade" (Jo 16, 12, 13). Temos os livros dos Profetas, temos os livros evangélicos dos Apóstolos. Eis a palavra de Deus revelada nas Escrituras.

Os Apóstolos, além disso, muitas destas verdades a eles reveladas comunicaram de viva voz a seus discípulos e deixaram em depósito à Igreja.

Estas verdades se revelam no comum consenso dos Santos Padres, nas autênticas definições dos Sagrados Concílios Gerais, ou dos Sumos Pontífices, no consenso universal e no costume de toda a Igreja.

Eis a palavra de Deus revelada na Tradição. Deus falou, que mais procuramos nós? Deus nos ensina por sua boca a verdade, a salvação; porque procuramos outros mestres? Porque nos tornamos discípulos dos homens, se temos Deus por Mestre? Porque cuidamos nós das doutrinas da terra, se temos os ensinamentos do céu? Temos a verdade eterna que nos dirige, e nos deixaremos enganar pelas opiniões falares dos homens?

5. - Deus fala nas Sagradas Escrituras

Temos as Escrituras em que Deus fala: que temos nós com os livros do mundo? Nas Escrituras santas temos não só o que é necessário, mas o que é mais útil para conhecer o que é bom, para discernir o que é mal, para corrigir os nossos costumes, justificar o nosso espírito; que mais? Para fazer-nos santos e instruídos em toda "boa obra: "Toda a Escritura é inspirada por Deus, e útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para formar na justiça. Por ela o homem de Deus se torna perfeito, capacitado para toda boa obra" (2Tm 3, 16).

A Palavra de Deus nas Escrituras deve ser a regra do nosso pensar, do nosso agir, se queremos conhecer a verdade, chegar à salvação; não os sistemas peregrinos que variam sempre, espalhados nos livros perniciosos do nosso tempo. Não vos deixeis desviar do caminho, ó irmãos, pelas doutrinas variadas e peregrinas, nos adverte o próprio Apóstolo S. Paulo: não vos deixeis desviar pela diversidade de doutrinas estranhas (Hb 13, 9).

6. - Deus fala na tradição

Aquele Deus que fala nas Escrituras, fala também na Tradição que se encontra nos livros dos antigos e venerandos Padres por doutrina e santidade. A estes devemos seguir, não os modernos sábios. Estes Padres santíssimos e igualmente sapientíssimos. Deus mesmo nos deu por pastores e doutores para aperfeiçoar seus eleitos, a cumprir a grande obra da salvação, para edificar o corpo místico que é sua Igreja, a fim de que não sejamos como meninos flutuantes, e não sejamos jogados para lá e para cá por qualquer vento de doutrina introduzida pela malícia dos homens e pela astúcia para emaranhar-nos nos erros (Ef 4, 11-12, 14).

Quem é verdadeiramente sábio, ou quer tornar-se sábio, procurará a sabedoria de todos os antigos, diz o Espírito Santo (Eclo 31, 10, 1). Dos antigos e não dos modernos é a verdadeira sabedoria; nos antigos e não nos modernos está a verdadeira prudência (Jó 12, 12). O falar dos modernos não aguilha, antes agrada muito quem lê e ouve, e por isso este não é o falar do sábio. Porque segundo o Espírito Santo, "as palavras dos sábios são semelhantes a agulhões; - que provocam os pecadores à conversão - as sentenças reunidas em coleção são parecidas a estacas plantadas, inspiradas por um só pastor" (Ecl 12, 11). São firmes

e bem fundadas, como cravos pregados no alto, aquelas doutrinas que emanam do conselho aos santos e se proferem pelo unânime consenso de todos os mestres e doutores de um só pastor que é Cristo, que é Deus. Porque embora sejam muitíssimos os que ensinam, o autor da doutrina é um só, isto é o Senhor. "De resto, meu filho, nada mais procures" (Ecl 12, 12)

Ó meu filho, fora destas coisas nada mais procures, nada faças, nada presumas. Segue o caminho dos maiores, não te afastes da sua autoridade: "a multiplicação dos livros não é o fim" (Ecl 12, 12). Se tu procurares muitas coisas te virão às mãos um infinito número de livrecos que te levarão ao erro. Até aqui o Espírito Santo que fala e Jerônimo comenta (5).

7. - A palavra de Deus é proposta de modo infalível pela Igreja católica

É confirmada, portanto, a palavra de Deus revelada nas Escrituras e na Tradição ser a única infalível regra da nossa fé, esperança e ação, se queremos encontrar a verdade e conseguir a salvação. Que será portando de nós pobre gente ignorante que não sabemos ler as Escrituras? Não é necessário ao ignorante ler as Escrituras. Bastará pois a nós doutos ler as escrituras? Não basta aos doutos ler as Escrituras. E aos doutos e aos ignorantes é necessário o magistério da Igreja. A Igreja tem a autoridade de propor a palavra de Deus, de explicá-la, de determiná-la no seu legítimo sentido. O ignorante não desespere; tem um mestre vivo, visível, universal: a Igreja católica. O douto não presuma; tem sobre si um juiz vivo, infalível, supremo: a Igreja Apostólica Romana. Acreditará alguém ser douto suficientemente, que lhe baste a agudeza do seu raciocínio? "Nós - diz S. Agostinho - cremos para conhecer, não conhecemos para crer" (6); e o que é a fé se não crer aquilo que não vê? Pensará alguém ser tão santo que lhe baste sua luz particular?

Guardemo-nos grita, em outro lugar o mesmo Padre, guarde-nos destas tentações soberbas por demais, e melhor pensemos que o mesmo Apóstolo Paulo, embora instruído pela voz de Deus e pelo Espírito de Deus, foi, porém, enviado a um homem para aprender o que deveria fazer: "Te será dito o que deves fazer" (At 9, 7); e pensemos que Cornélio embora assegurado pelo Anjo que suas orações eram ouvidas e as esmolas aceitas, foi porém enviado para ser instruído por São Pedro, de cuja boca aprendeu o que deveria ele crer, esperar e amar" (7). Ó, meus irmãos, a palavra de Deus é a regra da nossa fé, esperança e ação, mas é preciso ouvir a palavra de Deus pela Igreja. Quem não ouve a Igreja é declarado pelo próprio Cristo como infiel, e gentio: "E se recusar ouvir também a Igreja, seja ele para ti como um pagão" e um publicano" (Mt 18, 17).

8. - A Igreja católica exerce seu magistério seja de modo ordinário com o ensinamento comum, seja extraordinariamente com solene julgamento

O Espírito Santo em Malaquias diz muito claro: "Os lábios dos sacerdotes guardam a ciência" (M 1 2, 7). Certamente que a Igreja tornou-se depositária e guarda por Deus mesmo de sua palavra: "Ó Timóteo, guarda o bem que te foi

confiado" (1Tm 6, 20), assim S. Paulo; daí é que os lábios do sacerdote da Igreja guardam "a ciência.

"E é de sua boca que se espera a doutrina" (M 1 2, 7). Notai bem irmãos e os povos procurarão a lei, isto é a regra, não da lei, não da própria regra, mas aos lábios da Igreja que a propõe: "de sua boca".

E de fato na famosa controvérsia entre Paulo e os de Antioquia sobre matéria de fé, não apelaram às Escrituras para defini-la, mas sim aos apóstolos e aos anciãos em Jerusalém; nem os Apóstolos e os anciãos puseram juizes da Escritura, mas eles mesmos e o Espírito Santo; "pareceu bem ao Espírito Santo e a nós" (At 15, 29). O Espírito Santo não mora na letra, mas no espírito, não nas sílabas, mas nos corações. Egrégia reflexão daquele ilustre teólogo Merquior Cano (8). A Igreja é em suma "a coluna e o fundamento da verdade" (1Tm 3, 5).

Com o nome de Igreja não são entendidos os membros mais ínfimos do Corpo místico de Cristo; mas os Bispos e os sumos Pastores do rebanho de Cristo. Os Bispos de fato na Igreja são os únicos juizes autorizados por Deus. O costume da Igreja confirma isto. Além disso, não todos são doutores, segundo S. Paulo (1Cor 12, 29). Além disso, apascentar na ciência e na doutrina é próprio dos pastores, isto é dos Bispos. Finalmente uma certa doutrina contrária a esta não se pode nem se deve nestes tempos ignorar já ter sido condenada com autêntica censura (9).

Destes pastores, pois, que o Espírito Santo colocou para reger a Igreja de Deus, que Cristo conquistou com seu Sangue; destes pastores legítimos nós devemos depender e deles esperar que venha proposta, explicada e no seu verdadeiro sentido, aclarada a palavra de Deus, revelada ou nas Escrituras, ou na Tradição, como regra única infalível do nosso pensar e agir; e então esta nós devemos seguir fiel e constantemente, se queremos chegar ao conhecimento da verdade e à posse da beatitude sobrenatural, eterna, que esperamos em Deus e com Deus: "a todos que seguirem esta regra, a paz sobre e eles" (Gl 6, 16).

9. - A Estrela que nós devemos seguir

Esta é a regra, esta é a estrela que nós devemos seguir. Caminhemos agora, caminhemos dignamente à meta a que fomos chamados. "Exorto-vos pois - é S. Paulo que nos esconjura por aquelas mesmas correntes com que foi preso no seu apostolado - que leveis uma vida digna da vocação à qual fostes chamados, com toda a humildade e amabilidade, com grandeza de alma, suportando-vos mutuamente com caridade" (Gl 6, 16).

Caminha-se dignamente nesta vocação submetendo o nosso intelecto com humilde obséquio para crer a palavra divina: "com toda a humildade". Não resistindo com obstinada contradição os juízos autorizados daqueles legítimos pastores, que têm o direito de Deus mesmo de no-las propor e explicá-las no seu verdadeiro sentido: "com amabilidade". Superando com invicta paciência as calúnias, as zombarias, as oposições que nos vêm dos inimigos da fé e da paz e da Igreja: "com

grandeza de alma". E ajudando-nos com recíproco amor a caminhar levando um o peso dos outros, todos nós que caminhamos juntos na mesma vocação: "suportando-vos mutuamente com caridade". "Solícitos em conservar a unidade do Espírito". Graças a Deus esta unidade de fé, a possuímos: basta-nos conservá-la: "Conservar". Exige-nos, porém, vigilância, zelo, diligência para conservá-la: "solícitos em conservar". Conserva-se no vínculo da paz, da caridade, se estivermos bem unidos e coligados entre nós com amor, e todos nós coligados e unidos teremos grande apego aos Pastores da Igreja que devemos seguir, especialmente o supremo Pastor, o Romano Pontífice, centro da unidade: "solícitos em conservar a unidade do Espírito no vínculo da paz" (Ef 4, 4-6),

"Um só corpo"; nós somos um só corpo, do qual Cristo é a cabeça e nós somos os membros. Entre os membros deste corpo alguns têm o ofício de presidir e guiar, como os olhos e a língua, outros só de obedecer e de seguir, como as mãos e os pés. "Um só corpo, um só espírito"; não haja entre nós diversidade de sentenças, divisões de partidos; mas um só espírito de fé nos anime a todos, como somos um só corpo. Um só é o fim sobrenatural a que todos tendemos; "como fostes chamados em uma só esperança da vossa vocação". Um só é o autor deste fim e o diretor a este fim; se muitos pastores nos regem, não nos regem senão por sua autoridade, em seu nome; "Um só Senhor". uma só é a regra, uma só a estrela que nos mostra o caminho; a palavra divina, objeto da nossa fé: "Uma fé". Um só é o nosso oriente em que aparece esta estrela e à qual todos igualmente devemos nos dirigir, que é o nosso batismo, chamado por isso sacramento de iluminação e de fé: "um só batismo". um só Deus, objeto da nossa beatitude: "um só Deus"; e Pai de todos que a esta felicidade nos convida: "e pai de todos"; que está acima de todos com sua verdade, para iluminar-nos a fim de conhecê-la; "que está acima de todos"; e está por todas as coisas com sua Providência para dirigir-nos a encontrá-la: "e por todas as coisas"; e finalmente em todos nós que estamos com sua graça como Princípio íntimo para mover-nos a procurá-la: "e em todos nós". A Ele seja dada glória por todos os séculos.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XXXV: La Regola del mio pensare ed operare, 6 de janeiro de 1806.
2. S. Tomás, I, q. 1. a. 1, c.
3. Tertuliano. De Anima, 1.
4. Clemente Alexandrino, Stromata, 1 VII, c. 15.
5. S. Jerônimo, in Ecclesiasten.
6. In Joann, Ev. Tract. 49.
7. Id X. S. Agostinho, De Doctrina Christiana, in Prólogo, 6.
8. Melchior Cano, De locis Theologicis, 1. II, c. 7.
9. Denzinger, 1510.

V – PREPARAÇÃO À SANTA PÁSCOA - O JEJUM QUARESIMAL DEVE SER ENCARADO COM ALEGRIA (1)

Vê-los irmãos, recolhidos nesta igreja com tanta piedade, num tempo em que o mundo lhes apresenta enganadores convites e sedutores prazeres para afastá-los do recolhimento cristão, é uma grande satisfação que não pode deixar de atingir muito ternamente e comover um coração que ama sinceramente o bem de vossas almas, como eu confesso que é o meu. É fácil pois, conjecturar qual seja o amor de suas almas, a fome da divina palavra, o fervor do divino obséquio que prevalece em vocês, em confronto com as mais fortes, enganadoras e convidativas atrações ao mundo.

Animado por disposições tão boas, eis-me expondo-lhes simplesmente e sem mais preâmbulos, o que não acharia oportuno fazer, serão com muita cautela. Desejo, e pretendo dispor seus ânimos para acolher com alegria o já próximo jejum quaresmal. Talvez lhes seja inesperada a minha proposição. Mas, eu bem sei quanto lhes importa o que deve ser feito por vocês, por necessidade, se faça com presteza, quase por escolha,

1. - Os exercícios da penitência cristã conservam ou restituem a saúde da alma

Só lhes peço uma coisa, irmãos: que ao julgar não se deixem jamais prevenir pela primeira aparência, e muito menos por imprudente e prejudicial costume; mas pesem com a mente bem tranqüila toda a razão. Assim fazendo descobrirão facilmente como os prazeres lascivos e as excessivas devassidões foram sempre a causa funesta de onde provêm as piores doenças e a morte fatal das almas. Por isso o jejum quaresmal, com todos os outros exercícios de penitência cristã que o acompanham, é o remédio mais seguro e válido para reparar a saúde perdida ou conservá-la, como algo que corta o mal por sua verdadeira e principal raiz.

2. - Exemplos da História Sagrada

Nos tempos de Abraão várias cidades eram dominadas por um mal tão espantoso e pestilento, que o próprio Deus julgando-o incurável, resolveu consumir com fogo os numerosos habitantes de cinco cidades inteiras, ao invés de sepultá-las - como fez outras vezes sob a ruína de suas casas, para que pelo contagioso mau cheiro não fosse prejudicado o resto do mundo (Gn 19, 24-2). Perguntem a Ezequiel qual a verdadeira causa de tão grande mal. Ele responderá que não foi outra, senão terem eles, entre o luxo e o ócio e a abundância, saciado exageradamente o próprio ventre (Ez 16, 49-50).

Do povo hebreu - tirado do Egito, nutrido e criado com solicitude pela Providência de Deus em um deserto, estando já nas fraldas do Sinai, espectadores

de celestes prodígios e aguardando a Lei - afirma a História sagrada que sentando-se para comer e para beber, levantou-se depois para se divertir. Debaixo desse nome honesto de diversão estão escondidas as mais velhacas e infames desonestidades (Ex 32, 6).

O homem depois do pecado original ficou com a natureza tão fraca e debilitada, quase, como um enfermo que qualquer pequeno distúrbio é suficiente para levá-lo à morte. Deus havia providenciado antecipadamente tão grande dano exigindo desde o paraíso terrestre um rigoroso preceito de abstinência e jejum (Gn 2, 17). Felizes de nós, se nossos pais o tivessem observado! Embora em nossa miséria, nós ainda poderemos ser felizes, se alertados pelo seu erro e pela nossa ruína, soubermos nos servir de tal remédio, tão necessário quão eficaz.

O caso de Nínive é uma prova muito convincente do valor e da força desse remédio. A salvação daquela desventurada cidade havia chegado a ponto de desespero, que um profeta especialmente enviado por Deus, já lhe havia vaticinado absolutamente sua sepultura debaixo de suas ruínas após um breve período de quarenta dias. Porém, logo que aqueles condenados cidadãos, levados pelo temor a procurar no jejum o último remédio a seus males, começaram resolutamente tentar a prova, as coisas mudaram de aspecto. Deus foi aplacado. Eles com toda facilidade obtiveram o perdão e até foi mudado o decreto, que pelo seu anúncio parecia inalterável (Jn 3). Vejam vocês agora com quanta força e presteza o jejum consegue operar curas tão prodigiosas mesmo nos casos mais desesperados.

3. - Exemplo do Santo Evangelho

Observem novamente sua eficácia, tanto quanto sua necessidade, em um outro acontecimento referido no Evangelho. Voltavam um dia os discípulos, tristes para o divino Mestre, depois de haver tentado em vão muitas vezes expulsar o demônio de um possesso. Tentaram com o poder que Ele lhes havia comunicado e do qual haviam experimentado até então inúmeras e infalíveis vezes. Mas ficaram espantados quando ouviram dele esta bela resposta: "Esta espécie de demônios só se pode expulsar à força de oração e jejum" (Mt 17, 21).

Era realmente daquela raça mais imunda e mais suja, aquele demônio. Aliás o mesmo que em nossos dias se apossou do coração da maior parte dos nossos cristãos, tanto que pode ser chamado de "deus deste século". Para combater, pois, um mal tão dominador, o jejum se torna tão necessário, que a própria oração - que também é exigida para a cura - ela mesma tira dele sua força para agir. O Espírito Santo diz em outro lugar que a oração é coisa boa, mas unida ao jejum: "boa coisa é a oração acompanhada de jejum" (Tb 12, 8). É de fato o jejum que torna a mente leve, rápida, livre, e que lhe empresta asas para subir até Deus. Cessem, pois, suas queixas, cristãos, que suas orações se tornam vazias, que crescem cada dia mais as tentações a serem vencidas, que jamais encontram meios para se livrarem de suas enfermidades. Prestem bem atenção que aquilo ao qual os maiores exorcismos são inúteis, só o pode conseguir e de fato se consegue com o remédio eficaz e adaptado: o jejum.

4. - O jejum faz bem também para o corpo

Não pensem, porém, irmãos, que toda utilidade do jejum fique só na alma, não restando para o pobre corpo senão aquele pouco de amargo e desagradável que quase todos os bons remédios produzem. Eu queria que me ouvissem bem todos aqueles que, ou por malícia, para desacreditar as leis - mesmo tão discretas e suaves - da santa Igreja católica, ou por falsa preocupação da mente, exageram - com grande escândalo dos fracos - os incômodos do jejum. E gostaria ainda que me ouvissem os mais tímidos e delicados cristãos, levados por um falso amor próprio, que vêem a quaresma com horror, quase como um lento martírio ou uma carnificina. Não sabem eles como o jejum é um remédio útil e necessário para manter saudável aquele corpo pelo qual temem tanto; aliás para prolongar a vida de que tanto se penalizam. Se não acreditam em mim, acreditem no Espírito Santo, que diz no Eclesiástico: "Muitos morreram por causa de sua intemperança, o homem sóbrio, porém, prolonga sua vida" (Eclo 37, 34). Pelas devassidões, muitos, logo e antes do tempo, terminaram sua vida; a abstinência pelo contrário é o meio mais certo para prolongar a vida. Assim é. Aquele prazer, aquele deliciar-se entre banquetes e taças, aquele não saber mais negar satisfações à gula, com o que presumem manter o corpo mais vigoroso e mais longamente, é o que mais o prejudica, o corrompe, o suicida. E a mortificação, a sobriedade, a abstinência que eles odeiam como inimigo capital da saúde do muito amado corpo, é o que o melhora, o confirma, o conserva.

5. - Exemplo dos anacoretas e dos religiosos mais austeros

Os rígidos penitentes das desérticas solidões, lutavam até a tarde contra a fome e a sede; e quando o sol estava no ocaso, ervas amargas e insípidos frutos das plantas selvagens eram seu alimento quotidiano; as águas frescas das fontes vizinhas, sua simples e costumeira bebida. E com alimentação assim tão magra viviam muito bem por cem anos.

Finalmente em nossos tempos observem aqueles religiosos que vivem fechados no claustro mais austero e praticam a maior penitência. Eles observam um jejum quase diário, e uma quaresma perpétua, sem olhar outros exercícios que afligem seus corpos; pois pisam, com os pés descalços a neve e o gelo no inverno mais áspero, e caminham com a cabeça descoberta debaixo dos raios ardentes do sol de verão, dormem sobre tábuas nuas ou sobre rala palha, e interrompem o breve sono com longas salmodias. E contudo entre eles se encontram a santidade mais robusta e a velhice mais avançada e feliz que em vão se procura nas casas ricas, repletas, dos mais delicados e bem alimentados mundanos. Portanto é verdadeira a sentença do Espírito Santo que a arte de prolongar a vida é a abstinência.

6. - Disponhamo-nos para ir com muita alegria ao encontro do jejum quaresmal

Se as coisas são assim, e o jejum quaresmal é um remédio não somente útil, mas necessário para a salvação da alma, porque não irmos ao seu encontro alegres e cheios de júbilo? Deixemos, pois, que os mundanos se aflijam com o término

próximo dos seus divertimentos. Nós, ao contrário, exultemos com a aproximação desse tempo, para nós tão felizes, de penitência. Chamem eles de festa e alegres esses dias de tumulto, de festança, de pecado; nós com mais razão faremos festas nos dias em que afastados dos escândalos e perigos de perder a alma, gozaremos de paz, felicidade, tranqüilidade na segurança da boa consciência.

No entanto o Evangelho brada: "Ai de vós que agora rides, porque gemereis e chorareis" (Lc 6, 25); "Mesmo no sorrir, o coração pode estar triste, a alegria pode findar na aflição" (Pr 14, 13). Quão triste é amar as presentes consolações do mundo que logo passam, e descuidar a eterna felicidade que jamais se perde? Que adiantará àqueles infelizes, no momento da morte, haver gozado? Ai! - diz um Profeta - daqueles que chegam àquela hora extrema dormindo em leitos cômodos, e que luxuriosamente vivem entre comodidades e delícias, preparam as mesas com os mais gordos e delicados alimentos, bebem o vinho mais fino, e perfumam o ambiente com os mais preciosos odores, julgando todas essas coisas como duráveis e não como fugazes e passageiras" (Am 6, 1, 3-6). Ai deles! Felizes, ao contrário, aqueles que choram porque serão consolados" (Mt 5, 4). Ó quanto se apreciará naquele dia feliz a penitência! Quão afortunada a solidão! Quão preciosos os sofrimentos! "O mundo se há de alegrar, dizia Cristo, e haveis de estar tristes, mas a vossa tristeza se transformará em alegria e ninguém a poderá tirar" (Jo 16, 20, 22).

Amemos, pois, o que dura e desprezemos com energia o que logo termina. Cuidemos da alma. Pensemos em purificá-la, curá-la, se enferma? Conservar-lhe a saúde que goza atualmente e também para o futuro. Não imitemos as crianças que recusam os remédios mais saudáveis porque deixam-lhe um pouco de amargo na língua. Olhemos os santos, o que fizeram, sofreram, suportaram pela salvação da própria alma. Somos cristãos. Cristo, com seu exemplo, incentivou-nos a tomar de boa vontade esse remédio, enquanto Ele próprio, por quarenta dias, observou um apertado jejum. E nós procuraremos exceções, encontraremos alguma desculpa para nos dispensar, nós que temos tanta necessidade? E nos parecerá muito um pouco de jejum para conseguir o paraíso, onde seremos eternamente saciados por uma imensa felicidade? E nos parecerá muito quarenta dias de uma penitência tão suave, para fugir de um fogo interminável, e de uma eternidade de tormentos que talvez nos estejam preparados por causa dos nossos graves pecados?

Pensemos assim. E com tais pensamentos disponhamos nosso ânimo para entrar com muita alegria na santa Quaresma, onde bem purificados de nossas culpas, pelo jejum, e ornado de santas virtudes, nos tomemos dignos de participar com fruto da mesa Eucarística aqui na terra, para sermos depois introduzidos no eterno banquete no Céu.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XVI: II Quaresimale Digiuno da incontrarsi com alerezza: 22 de fevereiro de 1803.

VI - A PAIXÃO (1)

1. - Convite a considerar de perto a Paixão de Jesus Cristo

"O justo perece sem que ninguém se aperceba" (Is 57, 1). Morre Jesus; o justo morre afogado em um mar de penas. Mas os rostos não empalidecem; não se despedaçam os corações; não se comovem as vísceras. Ninguém chora.

As mulheres que tanto choraram a morte dos seus filhos, dos seus maridos, dos seus amantes; os homens tão compadecidos nas desventuras dos seus amigos, dos seus concidadãos; não terão uma só lágrima, um só suspiro para o seu Jesus? Ele mesmo se queixa convosco: "Procurei quem me confortasse em minhas penas, e não encontrei; quem ao menos se compadecesse de mim, e não houve ninguém" (Sl 68; 21).

Ignorais quanto Ele sofreu? Mas o sabeis pela fé que definhou sobre a cruz. Nem ignorais que tudo quanto ele sofreu foi "tudo por nós homens e pela nossa salvação" (2).

Era preciso encontrar-se lá sobre aquele monte, quando entre angústias de morte Jesus estava próximo de expirar, para ver como souberam sentir piedade de seus males a própria natureza insensata: o sol que escureceu sua face, as rochas que se partiram, a terra que tremeu toda nos seus eixos. Onde pois tem origem tanta insensibilidade vossa no coração?

Vos diz o Espírito Santo: "O justo perece sem que ninguém se aperceba". Não se reflete, por isso não se tem compaixão; eis o verdadeiro motivo. Também o filósofo ensina que para que um objeto, em si mesmo compassível excite a compaixão de outros, é preciso que esteja próximo. Assim, observamos que as misérias alheias, distantes de nós no espaço e no tempo, que nada ou só ligeiramente tocam nosso coração. Por isso nada mais terei que fazer senão trazer a Paixão de Jesus tão próxima, não só do vosso pensamento, mas dos próprios olhos, que de objeto - como ele, é em si mesma - entre todos o mais compassível torne para vós objeto de compaixão a mais terna e atual.

2. - Invocações à Cruz

Ó santa cruz ainda quente e fumegante do Sangue deste Justo, ó Cruz que eu devo adorar como somente tu foste digna de carregar a augusta Vítima que em ti foi sacrificada pelas nossas culpas; sei bem que muitos e vários afetos podes trazer ao coração dos fiéis cristãos, tu que te tornaste o estandarte da sua fé, o guia seguro da sua vida, o fundamento das suas esperanças, o conforto dos míseros, o desejo dos justos, o terror do Inferno. Mas eu rogo que tua visão traga aos nossos corações uma tristeza e uma dor a mais viva daquelas penas que tu ocasionaste ao nosso Jesus, quando a ti, por nosso amor se estreitou. Mostra, pois, às almas que devotamente te fitam, aquelas fendas cruéis que em ti fizeram aqueles mesmos

cravos que antes laceraram os pés e as mãos de Jesus. Mostra o local onde inclinou a cabeça expirando aquele Pai amoroso, antes, Amigo fiel, o mais terno Irmão. O Esposo mais gentil e mais amável. Mostre enfim aquele Sangue espalhado por seu suor, de que tu ainda em longas estrias avermelhas e gotejas. Faze que, à impressão que neles pode ocasionar a tua vista, unam-se também as vozes deste Sangue eloqüente - como o chama o Apóstolo (Hb 12 24) - onde por ti se consiga no coração de todos nós aquela comoção tão grande, que eu confio muito bem de ver, mas não se produzir com minhas palavras.

3. – A Traição de Judas

a. A mais pérfida traição

Ao mundo não é novidade que um inocente, um virtuoso, benfeitor, seja traído por um amigo, muitas vezes o mais beneficiado; todavia jamais se ouviu , nem se ouvirá jamais traição mais pérfida que a de Judas.

Quem é de fato Jesus? É aquele Deus ao qual por título de criação, de conservação, de fim último, os homens são devedores de tudo quanto têm, do que são, do que esperam.

Quem teria pensado que entre eles se achasse um tão desleal, tão cruel, tão ingrato, que pensasse em traí-lo? Judas não só pensou, não só tratou, mas chegou ao ponto de trair este Deus tão benéfico, que para mostrar aos homens um amor maior, abandonada sua habitação tão feliz, e assumindo a nossa carne, alegrava-se - como um Rei disfarçado - em viver familiarmente com os homens seus servos e em particular com Judas. Nem este podia não conhecê-lo por aquelas feições todas amáveis, todas divinas; enquanto o mesmo Jesus, tinha muitas vezes revelado - na presença de Judas - a nobreza da própria origem; enquanto Judas tinha sido testemunha dos milagres que Jesus todos os dias operava; aliás ele mesmo tinha operado os mesmos prodígios com toda a autoridade divina que Jesus lhe havia comunicado.

A tal honra o havia Jesus elevado da plebe mais vil; e - como se isto fosse ainda pouco - lhe havia preparado um assento digno entre aqueles doze tronos sobre os quais havia prometido fazer sentar os Apóstolos, quando voltasse para seu Reino, a fim de julgar com Ele o mundo inteiro. Entrementes tratava com ele como com o mais familiar ministro, ou direi melhor, amigo ou irmão; com ele comia, com ele vivia sem jamais afastá-lo do seu lado.

b - A última ceia

Judas, na mesma tarde em que havia determinado trair Jesus, sentava-se à mesa com Ele.

Jesus vê o ímpio coração; mas não o rejeita, não o reprova, antes lhe endereça todas as demonstrações de amor. Ele lava os pés dos discípulos e também os pés de Judas. Com Judas quis ter em comum não somente os alimentos, mas o mesmo prato. E se fala de sua morte como próxima, aliás se mostra indício da sua traição, o faz para agitar aquele coração tão duro; mas com ânimo tão pacato, que dá ao mesmo tempo confiança e perdão.

Já a ceia estava no fim; e abençoado o pão e o vinho, Jesus disse aos seus Apóstolos: "Tomai, isto é o meu Corpo, bebei, isto é o meu Sangue que por vós será derramado" (Mc 14, 22, 24). Este é o penhor que vos deixo do meu amor. "Todas as vezes que isto fizerdes, recordareis de mim" (1Cor 11, 25).

Tu mesmo, ó Judas, toma este Pão, que não é mais pão, mas é o meu próprio corpo; encosta tu mesmo teus lábios neste cálice; bebe este meu Sangue... e depois vai trair-me...

Eu tremo, eu palpito, eu estremeço. Prepara-se também Judas para receber seu Mestre neste novo modo inaudito ao qual o reduziu sua ardente caridade; o acolhe naquele coração...

c - O pacto de Judas

Judas saiu para trair seu Mestre nas mãos dos seus inimigos. "Que me dareis - disse-lhes - e eu o entregarei em suas mãos?" (Mt 26, 15). Eis a causa que pôde levar o miserável a tal excesso: o sórdido lucro. Os inimigos de Jesus apresentaram-lhe portanto trinta dinheiros. Ele aceita sem discutir o mísero preço, e acerta o modo com eles.

Que golpe deve ter sido ao coração de Jesus? Não vos comove isto para com Ele tão bom, tão benéfico, tão amável, e tão ingratamente traído?

d - No Getsêmani

Mas voltemos a Jesus. Não o encontraremos mais no Cenáculo; mas longe dali, no Getsêmani. Eis que ao separar-se dos seus para entrar sozinho naquele horto em que costumava rezar à noite, Jesus não pode mais conter a angústia do seu peito, e diz aos discípulos: "Minha alma está triste até a morte" (Mt 26, 38).

Via Jesus - ó amarga visão! - todo o horrível aparato da sua dolorosa paixão; penava pela horrenda visão dos pecados de todo mundo que Ele estava destinado a levar; penava vendo que tantas almas pelas quais Ele morria, se separariam dele com uma separação cruel. Mas visão mais horrível lhe parecia o enorme delito de Judas: "Por isso quem me entregou a ti tem pecado maior" (Jo 19, 11). Se um meu inimigo tivesse urdido contra mim, eu teria suportado em paz; mas um homem que me é tão querido, ao qual sei ter feito tanto bem... isto me transpassa o coração.

Vede agora a Jesus - o forte antes invencível - que de livre vontade, para satisfazer nossas culpas, se sujeita como homem a sustentar o peso daquelas aflições que provamos também nós; e tanto mais quanto pelo maior conhecimento da sua mente e maior sensibilidade do seu coração, Ele era mais disposto a senti-las; vede - digo - como já é obrigado a ceder livremente todo o coração à tristeza, e como cai de braços ao solo; enquanto a resistência fortíssima com que se opõe aos assaltos daquela dor e nada mais vale senão a apertar-lhe o sangue de todas as veias até fazê-lo transpirar e ensopar a erva e as pedras ao redor. Extraordinário sinal de uma dor totalmente nova, de uma dor suma.

Mas Judas se apressa; caminha diante de um bando de esbirros; aproxima-se com ar de paz. Jesus não o rejeita, o acolhe; "Amigo, a que vieste? (Mt 24, 50). E se deixa beijar: "Com um beijo tu me traís?" (Lc 22. 48).

Ao sinal combinado os esbirros se arremessam contra Jesus, o amarram, o arrastam, o empurram com os punhos, com bastões, com pontapés; e para onde o levam?

4. - A sentença mais injusta

a - Jesus diante do Sinédrio

Não podereis admirar sem uma profunda comoção do coração de Jesus inocente, abandonado até mesmo pelos seus, diante daqueles juizes que são seus próprios inimigos; a ira que arde em seus rostos, o irrequieto empenho com que desejam sua morte. Procuram as testemunhas, aliás as pagam, para que deponham falsamente; interrogam a Jesus e ao mesmo tempo lhe negam a possibilidade de falar. Se ele se cala, tomam o silêncio como confissão; se Ele fala, com uma terrível bofetada lhes fecham a boca; tribunais onde a justiça está emborcada e onde só domina a ira, o furor, o tumulto.

b - Jesus diante de Pilatos

Mas dirijamo-nos a um juiz mais racional e imparcial; no tribunal do Governador romano. Pilatos tendo examinado Jesus sobre as acusações a ele feitas, e esclarecida a inocência, descobre que só por inveja os Judeus o queriam morto. Sai, pois, fora e o declara inocente. Mas os primeiros juizes do Sinédrio, acusadores, insistem em pedir sua morte e apresentam novas acusações; é um sedicioso que quer tornar-se Rei. Jesus confessa ser Rei, mas não deste mundo. E diz: "Se eu fosse tal, meus soldados teriam combatido por mim" (Jo 18, 36). Muito menos se pôde convencer de sedição: mas onde estão as armas escondidas? Conjurações secretas? Porém suas ações, suas pregações demonstram o contrário. O juiz volta outra vez para fora e protesta de novo que não encontra nenhuma culpa nele; tanto mais que o próprio Herodes ao qual o havia enviado, o havia também dispensado. Por isso declara que punido com pancadas, o teria colocado em liberdade. Mas como? Se Cristo foi declarado inocente, se quer antes bater-lhe e depois libertá-lo?

c - Jesus é preterido por Barrabás

Na Páscoa era costume libertar, a pedido do povo, um condenado à morte. Pilatos oferece à escolha um destes dois: Ou Barrabás - celerado, sedicioso, homicida - ou Jesus. "Quem quereis que vos solte? Barrabás ou Jesus" (Mt 27, 17).

A multidão daqueles cegos aos quais Ele restituíra a vista, daqueles coxos aos quais restituiu os membros, daqueles mudos a quem restituiu a fala, daquelas turbas famintas que por Ele foram saciadas em abundância, o procuraram para fazê-lo Rei, destes, numerosos enfermos que Ele curou certamente escolherá Jesus. Oh! este mesmo povo pede reiteradamente com altíssimos gritos; "Barrabás, Barrabás" (Mt 27, 17).

Que se fará, pois, com este inocente? "Seja crucificado, seja crucificado!" (Mt 27).

d - A flagelação de Jesus.

E Pilatos que conhece sua inocência, no entanto o faz flagelar.

Mas seria pouco ter negado justiça a Jesus como inocente em condená-lo; o pior é que se nega ainda como réu a condená-lo. A todos os outros réus os particulares da flagelação se definem antes" pelo juiz; Jesus se deixa de fato à discrição dos bandidos. Nem estes param porque o sangue já escorre em rios, mas se sucedem com nova força e reduplica o furor, deixando-o com vida só por passatempo de crueldade.

Não gosta o meu espírito de referir a feroz gozação que fizeram com aquele inocente; como puseram sobre sua cabeça uma coroa de espinhos calcando-a com golpes de varas; colocando na mão uma cana como cetro, e um farrapo vermelho como manto; como rei de zombaria, o escarneciam com fingidas adorações. Não se sabe se é maior a dor ou a ignomínia; já que enquanto Jesus é angustiado pelo espasmo, eles riem, o escarnecem, e lhe batem no rosto, e sobre aquela face celestial lançam os escarros mais nauseantes. Tudo isto se faz no átrio do próprio Pretório, debaixo dos olhares do juiz; e o juiz não o impede. Que outro juízo jamais permitiria que os carrascos abusassem dos réus? Mas o povo não se contenta senão com sua morte. Em vão Pilatos grita do seu balcão: "Eis o homem!" (Jo 19, 5) mostrando-o tão desfigurado, tão dilacerado. E o povo recomeça ainda mais forte que Jesus seja condenado.

e - A condenação

Muitos outros, eu sei, foram condenados inocentes. Mas onde jamais se encontrou um juiz que antes defina não haver no acusado causa de morte, e assim mesmo o condene à morte?

Pilatos leva ao público seu tribunal: "Não achei nele nada que mereça a morte" (Lc 23, 22). Portanto Jesus será solto, será salvo!

Não: seja condenado, morra, seja crucificado!

Agora vós. Hebreus furibundos! Que mais falta? Já ouvistes a sentença. Jesus está em vossas mãos.

5. - O suplício de Jesus foi o mais atormentado (3)

a - Todos contra Jesus

Cristo é arrastado ao suplício fora de Jerusalém entre um frêmito de um mar de povo. Não basta um carrasco. Contra este inocente conspiram todos de toda ordem, de toda classe, de todas as condições; príncipes e ministros, juizes e soldados, leigos e sacerdotes, nobres e plebeus, literatos e ignorantes, cidadãos e forasteiros, judeus, gentios, romanos e bárbaro; todos correm para dar-lhe o mais tormentoso suplício. Quem não pode atormentar com as próprias mãos, vai para atihar os carrascos, para insultá-lo ao menos de longe com gritos, para comprazer-se olhando seus espasmos e sua morte. "Fremem as turbas. Erguem-se juntos" (Sl 2, 1-2). "Mais numerosos que os cabelos de minha cabeça os que me detestam sem razão" (Sl 68, 5). Retribuem-me o mal pelo bem, ódio por amor.

Vede: a passos lânguidos Jesus avança qual vítima inocente conduzida ao matadouro, rodeado de cães raivosos, assediado por touros furibundos. Alquebrado, como ele está pela longa , flagelação, lhe impuseram nos ombros as grossas traves do seu patíbulo. A cada passo desfalece, vacila, cai; ei-lo por terra! "É o opróbrio dos homens, a abjeção da plebe" (Sl 21, 7); não mais um homem, mas como um verme debaixo dos pés vilões que a força de pontapés e empurrões o querem em vão forçar a subida ao Calvário. Mas de onde tanto furor? O demônio entrando nos corações transforma os homens em fúrias e ministros do seu antigo rancor contra este Homem-Deus. Aí está todo o inferno: "Este é o poder das trevas" (Lc 22, 53).

Se vós vedes aliviar Cristo da sua Cruz e conseguir um homem que a carregue em seu lugar, não senão para conservá-lo vivo para mais cruéis e mais longos tormentos. Onde estão seus amigos? Porque não se oferecem espontaneamente para ajudá-lo?

b - Jesus não só deve padecer por todos, mas em tudo o que possa um homem padecer.

O tormento de Jesus deve ser universal. Não só deve padecer por todos, mas ainda em tudo o que possa um homem padecer. Não só nos amigos, mas na fama. Arrastam com ele dois ladrões, para que colocado entre os celerados e os iníquos, seja reputado como um deles (Is 53, 12; Mc 25, 28). Com a fama, na honra e na glória. A cruz era o suplício de maior ignomínia: "É amaldiçoado pela lei quem pende do lenho" (Dt 21, 23). Não há nenhuma dúvida - por testemunho dos próprios escritores gentios - que a mais acerba de todas as mortes não fosse a morte de cruz. Nesta o mísero réu mais sobre aquelas partes do corpo que por serem mais

nervosas, são também as mais sensíveis, isto é nas mãos e nos pés. Aí o peso do corpo aumenta continuamente a dor; e a continuidade desta dor torna a morte, tanto mais acerba, quanto é por si mesma mais lenta. Aqui as convulsões e os espasmos de uma dor vivíssima; como fogo que arde as vísceras, cozinha os membros, e tardiamente consome. Aqui todos os outros suplícios não somente são superados, mas todos se encontram compreendidos e agregados em um só.

c - A crucifixão

Jesus, já despojado de tudo, despoja-se ainda de suas vestes. Jesus nu! Diante de um povo inumerável! Ao meio dia claríssimo, sobre a eminência de uma colina. Ah! isto é bem ser "saciado de opróbrios e estar coberto de confusão!" (4). A sua vergonha o magoa mais vivamente que todas as feridas e pontadas que tem no corpo. Onde está a beleza, o decoro, o candor puríssimo daqueles membros? É tudo uma lividez, tudo uma chaga.

A cabeça coroada de espinhos; os cabelos emplastrados de sangue; os olhos empastados de terra, de poeira e de cusparadas; as faces lívidas e inchadas pelas bofetadas, pelos socos; o pescoço esfolado pelas cordas com que o arrastaram pela terra como um jumento; as costas, a coluna, os lados, as pernas, lacerados pelos flagelos, e, oh! Deus sobre que leito penoso de morte se deitam e se estendem! Os braços e os pulsos, ó Deus! Amarrados e apertado, e de cruéis ligaduras todo o corpo é estirado sobre aquela cruz! Já se levantam os pesados martelos! Ó Deus! Parece que aqueles golpes caem sobre meu coração!...

O suplício de Jesus excede e, por assim dizer, transcende todos os suplícios. Não só das mãos e dos pés, mas de todas as partes do corpo - todas chagadas - ele recebe ao mesmo tempo dores agudíssimas, tanto mais dolorosas, quanto estas feridas foram furiosamente reabertas ao despojá-lo de suas vestes, que depois da flagelação, estavam todas grudadas; mais, foram encrudelecidas, quando, estirado o corpo com toda força sobre a cruz para levar os braços ao lugar preparado para pregá-los, foi um estiramento tão feroz, que tiveram todos os ossos deslocados; e muito mais ainda quando levantado ao alto a cruz em que Jesus estava pregado e deixada cair no profundo buraco escavado, todo o corpo ficou horrivelmente arruinado.

d - As dores do corpo e do espírito

Os algozes de Jesus, que não havia deixado nenhum só membro que não fosse ferido, não quiseram que nenhum sentido ficasse sem o próprio tormento. Haviam-lhe amargurado o gosto com fel. Para atormentar-lhe o olfato o haviam crucificado em um lugar fétido de cadáveres. Feriam-lhe continuamente o ouvido com os gritos mais horríveis, com as injúrias e os motejos mais mordazes, com as blasfêmias maiores. À vista preparavam um particular tormento que eu acredito o tormento dos tormentos. Enquanto ele tão cruelmente se esvaia, eles diante de seus olhos, insultavam sua desgraça, zombavam de seus gemidos, riam-se da sua dor.

E se insinuam por este caminho a ferir muito mais profundamente o espírito. Que ferida mais acerba para um coração amante, que ver-se não só procurada a morte, mas sentir-se até na morte insultado por aqueles mesmos por cuja salvação ele morre? Que chaga profunda naquele coração já compungido e ferido pelos pecados de todos os homens que existiram e que existirão até o fim! Em um coração que se compadecia de todos e de cada um em particular, mas em especial do horrendo deicídio! Que todos se anotava, como se fossem delitos seus próprios, com amaríssima contrição: "Palavras dos meus delitos!" (Sl 21, 2).

e - As sete palavras

Apesar disso Jesus reza pelos que os crucificam, e também os desculpa: "Pai, perdoai-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lc 23, 34). Porém para blasfemá-lo, o sabem muito bem. "Salvou os outros salve-se agora a si mesmo" (Lc 35); são os chefes do povo, são entre os levitas e os mais doutos que assim falam. Quanto à plebe, até os ladrões que estão crucificados a seu lado o insultam: "Se tu é o Cristo, salva-te a ti mesmo;" (Lc 29). E Jesus? Se um deles se retrata e reconhece seu erro, está pronto para dizer-lhe: Hoje estarás comigo no Paraíso! (Jo 43).

Mas isto mesmo lhe agrava as dores. O ladrão se salva, e o meu povo, a minha nação eleita, o meu caro discípulo Judas se condena! Só um se arrepende, e será seguido por poucos. Qual a utilidade de tanto sangue que eu derramo? A muitos este sangue servirá de julgamento e esta cruz de escândalo! Suspira por assim dizer ao céu; depois abaixa aflito o olhar, e oh! Vê a Mãe!

Àquela vista as águas amargas de compaixão amorosa que haviam inundado o coração da Mãe retornam em toda sua cheia daquele amaríssimo mar ao coração do Filho, que já está cheio, e já transborda. Não se pede à Mãe de comutar suas penas e acrescentá-las ao Filho. Só lhe é negado de dar a Ele o conforto de um véu à confusão da sua nudez, de uma gota de água à sua garganta seca e moribunda. Ah! "Mulher - Jesus diz, não Mãe - eis quem daqui para diante será por mim vosso Filho". E voltando-se ao discípulo: "Esta será vossa Mãe" (Jo 19, 20-27).

Já do peito inchado sai arfante a respiração que lhe fecha a garganta. Ao trepidar das fibras convulsas os membros tremem, os olhos erram revirados; é o horror natural da morte e o amor à vida - de uma vida tão preciosa e tão cara a ele - que com atendo entre si afligem a natureza. Um dilúvio de penas que jorram e chovem de toda parte do corpo e da alma, fazem naufragar o coração. E tanto estas penas sobrepujam toda a humana experiência ou juízo, quanto os sentidos de Jesus são mais perfeitos e por isso capazes de sofrer. O seu corpo - formado imediatamente por milagre do Espírito Santo do sangue puro da Virgem - era o mais delicado e sensível; enquanto a alma, por excelência da sua mente, pela imensa amplidão do coração, era - como ensina S. Tomás - com muita disposição a entristecer-se em sumo grau por todas as ocasiões de tristezas que com toda eficácia aprendia.

Ora esta humanidade que agoniza entre tristezas e dores, tivesse ao menos algum conforto da divindade, que lhe é conjunta e inseparável. Mas o que são estas palavras: "Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste? (Mt 27, 46). É o mesmo que dizer: Para aliviar a natureza humana de suas penas, a divindade se comporta com ela como se não lhe fosse unida de modo algum. Essa entretém, com um dique prodigioso a cheia de sua glória na parte superior da minha alma; mas esta mesma glória - imóvel em mim - do gozo feliz, trabalha em mim para maior pena. Antes se nos outros pacientes a tristeza do ânimo ou a dor do corpo se mitiga muitas vezes com alguma reflexão que faz a razão por uma certa redundância das forças superiores nas inferiores, é fechado para mim este caminho da consolação; daí "assim como é livre todo tormento de agir no meu corpo e no meu ânimo com toda sua natural eficácia, assim todo senso ou potência é ao padecimento em toda a intensidade e pureza daquela tristeza e daquela dor que lhe é própria".

Ó vós todos, pois, que com uma compassiva meditação passais hoje sobre a via marcada pelas minhas penas, ficai em mim o olhar da vossa contemplação, e vede "se há dor no mundo semelhante à minha dor" (5). Ó meu Jesus!

Mas a força do vosso amor não diminui vossas dores, ou menos vossas internas tristezas? Aquele amor tão forte que vos faz dizer: "Tenho sede" (Jo 19, 28): sede da salvação das almas, sede de sofrer mais pela sua salvação?

Ah! irmãos! Antes aumentam incomensuradamente as suas penas. Pois se ele as assume voluntariamente para nos libertar do pecado, as assume também em tanta quantidade que fosse proporcionada à grandeza do fruto que ele pretendia. Mas esta quantidade e proporção ele não a espera somente da virtude e do valor que às suas penas e à sua dor dava a divindade sempre unida - pelo qual uma só gota de sangue era superabundante para descontar os pecados de todo mundo; - mas da suficiência que segundo também à humana natureza deviam ter suas penas e sua dor a tanta satisfação; porque esvaziou suas veias de todo sangue espremendo-o debaixo da prensa de um suplício o mais tormentoso.

Eterno Pai, o vosso querer e decreto já está cumprido por mim. O Gênero humano está liberado da culpa não só com poder, como à vossa onipotência era possível, mas também com justiça e com rigor de justiça, como vossa honra violada exigia de mim. "Tudo está consumado" (Jo 19, 30). A vossa justiça está satisfeita. Máximo era o débito do pecado dos homens. Máximas são também as dores" que minha vontade - conforme à vossa - assumiram neste suplício; entre os quais a minha própria vida agora se perde e é antes consumida: "Tudo está consumado". "Em vossas mãos entrego o meu espírito" (Lc 24, 46). E aqui Jesus inclina a cabeça e morre.

Assim morre o justo em um suplício o mais tormentoso, condenado pela sentença mais injusta, por uma traição, a mais pérfida. Assim Jesus termina de padecer. Mas os seus inimigos se enfurecem contra seu próprio cadáver. Abrem com uma lança no lado direito uma larga ferida que através o coração sai do outro lado das costas. Ó Jesus, nosso amor! Quem nos desse aquele cadáver

sanguinolento para reparar com justo obséquio de nossas lágrimas a injúria atrocíssima daqueles cruéis!

6. - O pranto das almas redimidas

Desafogai vosso coração; deixai livre o freio para as lágrimas. Vós estais sozinhos para compadecer-se deste Inocente traído, deste Justo condenado, deste Amor crucificado. Chorai pois; é vosso Pai, é o vosso Redentor; por vós, por vós quis morrer. Pede-vos este tributo de lágrimas quem por vós deu todo seu sangue.

Mas vós ouvistes as vozes deste sangue? Aquilo que aos nossos prantos responderam aquelas chagas? "Não choreis sobre mim; não sobre mim; sobre vós mesmos chorai..." (Lc 13, 28).

Ó Deus! Eu vos entendo, vos entendo. As nossas culpas, a única origem do vosso sofrimento.

Choremos, ó irmãos, choremos todos. Lamente-se pois Jesus, mas lamente-se ao mesmo tempo o nosso coração. Nós, causa da morte deste Justo. Nós o traímos. Ah; quantas vezes? E a que vil preço? Por um sórdido lucro, por um sujo prazer. Infiéis às promessas, ingratos aos dons, ingratos ao seu amor, mais pérfidos que um Judas traidor. Ó traição! Ó perfídia! Ó pecado! Perdão, meu Jesus, perdão; chorar sempre; pecados nunca mais, nunca mais pecados!

Ó Deus! Que fizemos de fato pecando? Que injúria a Jesus! Temos postergado o Rei do Céu ao barro no nosso corpo. Aquela paixão infame devia morrer em nós; e o nosso iníquo querer ao invés gritou: morra Jesus, seja crucificado; mas viva, viva em nós a paixão. Ó perversidade de juízo! Ó injustiça de eleição! Ó desordem do pecado! Perdão, ó Jesus, perdão! Nunca mais pecado, pecado nunca mais! Morte, morte ao pecado! A nossa iníqua vontade se condene a uma perpétua contrição. Enquanto durar a vida, chorem estes olhos, arrependam-se este coração, sofram estes membros.

A nós, Senhor, a nós estes espinhos que vos transpassaram as têmporas, terrível fruto de nossos réus pensamentos. A nós estes cravos, obras funestas de nossas mãos e pés livres e lascivos. A nós esta cruz, fatura infame do nosso pecado. A nossa soberba, a nossa ira, a nossa gula, a nossa lascívia foi a vossa cruz. Nós o matamos; nós o crucificamos. Ó crueldade! Ó barbárie!

E mesmo morto, os nossos escândalos continuam a lacerar este corpo, a ferir este lado, a abrir este coração para daí tirar as almas a vós tão caras e arrebatá-las do seio paterno. E, esgotadas as vossas veias, pisa-se por nós este Sangue. Pisa-se em todas as esquinas, em todas as ruas, em todas as praças com tantas blasfêmias. Pisa-se nestes tempos, aos pés destes altares com tantas sacrílegas profanações. Pisa-se em todos os lugares, em todas as horas por todos nós, que tantas vezes lavados neste Sangue, do pecado, ainda pecamos e continuamos a pecar. Ó sumo furor! Ó auge de crueldade! Ó excesso do pecado!

Quem não sabe o que seja o pecado, venha a esta cruz e o aprenda. Eu venho, eu mesmo, colocá-la debaixo dos olhos, estendê-la a vossos pés. E quem não tem pecado eu me contento que não chore.

Mas nós pecadores, que temos crucificado tantas vezes em nós mesmos este Filho de Deus; nós que temos colocado debaixo dos pés o Sangue do Testamento, nós choramos, choramos todos, choramos ainda mais. Muito convém a nós; a nós que mereceríamos chorar eternamente sepultos aos pés do pérfido Judas, dos iníquos Hebreus, dos próprios demônios; que todos superamos em perfídia, em injúria, em crueldade.

Talvez o último flagelo nos espera ainda por poucos instantes. Choremos todos, ó irmãos, antes que decline este dia de redenção copiosa e de salvação; antes que decline para dar lugar ao dia da ira e da vingança. Choremos aos pés de Cristo morto que estende a nós os braços, antes que volte na sua majestade e no seu furor para julgar a nossa culpa. Choremos, irmãos, choremos ainda mais. É-nos muito útil que choremos neste dia; dia em que se dá o perdão aos que o crucificaram; dia em que também a nós Jesus apresenta a misericórdia e dá em penhor a bênção (6).

Referências Bibliográficas:

1. Pregação IV: La passione, 3 de abril de 1801; retomada e um pouco modificada aos 4 de abril de 1806.
2. Símbolo Niceno-Constantinopolitano.
3. Em todo o número 5, o Servo de Deus utiliza Santo Tomás, III, q. 46, a. 5c.; a. 6c.
4. Treni, III, 20.
5. Treni I, 12.
6. Em 1802 o Venerável concluía a pregação convidando os fiéis a voltar-se para o Crucifixo, e afirmava: “Eis, eis o Homem! Contemplai este Corpo, dilacerado por tantas feridas. Elas não somente lhe tiraram a beleza, a graça, mas até mesmo o aspecto humano! Contemplai esta fronte, perfurada por tantos espinhos; as mãos e os pés completamente ensangüentados; o lado, aberto! Fixai aí o olhar. Com a dor que vos provocará tal visão chorai, ao menos, com o coração se não podeis derramar lágrimas em grande quantidade. E vós, Senhor Jesus, aceitai a solidariedade que vos mostram estas almas piedosas. A Vós cabe inspirar-lhes o que possa consolar vosso Coração traspassado... E agora, que irão beijar vossos Chagas e misturar suas lágrimas com vosso Sangue, possam compreender e realizar o que pedireis a seus corações para vosso consolo.

VII - A SANTA PÁSCOA - VIDA ESPIRITUAL (1)

1. - A alegria pascal

Só Deus sabe com que desejo em os vejo sempre, ó meus queridos irmãos, toda vez que chego a este lugar para falar; e com quanto prazer lhes falo. Hoje porém, não sei dissimular a alegria, não sei conter a abundância do prazer.

Terminados nos dias passados os lamentos da penitência, consumada neste dia a justificação, celebrada hoje - acredito - por todos vocês a Páscoa: eu pois os vejo ressuscitados em Cristo, caminhar alegres na novidade da vida, apressar solícitos com os discípulos para ver Cristo na Galiléia. Falo pois, com homens, que do temor e da contrição, ascendem seguros à confiança da Divina Misericórdia; que da alegria do século e da consolação do mundo - pela compunção e pela tristeza que é conforme Deus - passaram a uma santa e devota exultação, a um vivo prazer espiritual no Espírito Santo: homens a quem não perturba a lembrança das culpas passadas, quanto os alegra a memória e lhes inflame o desejo dos prêmios eternos.

Felizes de vocês, e eu também hoje estou feliz, porque participo do seu jubilo. Está livre, pois, minha língua, para servir às disposições mais felizes do seu e do meu coração. Vocês correram muito bem. Eu mesmo me alegro: devo congratular-me com vocês.

Não posso senão exortá-los a seguir adiante sua caminhada ao Céu, até atingir a feliz meta que pretendem; sem retroceder, nem um passo, nem um olhar que seja a esta mísera terra, da qual, quase como fim triste e amargurado, vocês estão tão distantes.

"Se, portanto, ressuscitastes com Cristo - coloco em meus lábios a voz sonora de Paulo - se ressuscitastes com Cristo, buscai as coisas lá de cima, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Afeiçoai-vos às coisas lá de cima e não às da terra. Porque estais mortos e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus" (Col 3, 1-3). Eis, pois, os dois motivos mais fortes. Eu nada mais farei que explicá-los.

2. - Vocês estão mortos para o pecado

Vocês primeiramente estão mortos. Existem vários gêneros de morte. Morte do corpo. Segundo esta, Abraão, tendo morrido, não estava morto; "porque Deus - diz o Evangelho - não é Deus dos mortos, mas dos vivos" (Mt 13, 32).

Morte da alma. Cristo fazia alusão a isto com estas palavras: "Deixa que os mortos enterrem seus mortos" (Mt. 8, 22).

Uma ou outra louvável morte procede da virtude, de quem escreve no mesmo lugar o Doutor das Gentes: "Mortificai, pois, os vossos membros no que têm de terreno" (Col 3, 5).

Uma outra ainda, causa da anterior, está no Batismo (2) ou na Penitência, que é um "oneroso Batismo". Desta é que S. Paulo quer agora fazê-los entender como vocês estão mortos.

Ele se explica muito bem por si mesmo na carta aos Romanos. Nós que já morremos ao pecado, como poderíamos ainda viver nele?" (Rm 6, 2). Eis o sujeito desta morte. E que quer dizer estar morto ao pecado? Em nada depois servir ao pecado. Isto já foi feito uma vez pelo Batismo. Foi renovado pela Penitência. Nos tornou mortos ao pecado. É preciso portanto que nos atualizemos agora tudo isto com nossa solícitude: isto é, que qualquer coisa o pecado nos ordene, a má paixão, o afeto perverso, nós fiquemos surdos a tudo, não obedeçamos, e perseveremos imóveis como mortos.

"Um morto - dizia um santo - não fala de ninguém, a ninguém injuria ou faz violência, não calunia, nem oprime ninguém; não inveja os bons, não insulta os maus; não serve à luxúria da carne, não arde na chama do ódio; não adula os poderosos e os ricos do século, não é enganado por uma curiosidade inquieta, não procura os aplausos do mundo que o circunda, não se deixa levar pelo ouro, pela prata, ou por ricas vestes faustosas; não se importa com as honras, as injúrias não o atingem. A soberba não o envaidece, a ambição não o aflige, a vanglória não o agita; as falsas riquezas desta vida não o eleva, o furor insano da ira não o perturba, a beleza frágil de um rosto não o arrasta" (3).

Isto quer dizer estar mortos, mortos para o pecado, não apreciar mais as coisas do século e da carne.

3. - Vocês ressuscitaram com Cristo

O Apóstolo continua: "Ignoram talvez que todos os que fomos balizados em Jesus Cristo - ou, ajuntem você, lavados no Sangue de Cristo na Penitência, - fomos balizados na Sua morte?" (Rm 6, 3).

Eis como é essa morte. O Batismo, a Penitência, foram a nossa cruz: isto também o nosso sepulcro. "Fomos, pois, sepultados com Ele - diz - pelo Batismo na sua morte" (Rm 6, 4): para que cada um de nós morra como Ele morreu, embora não do mesmo modo. Ele na sua carne foi morto e sepultado. Nós fomos do mesmo modo, no pecado. A morte da carne é de Cristo, a nossa é do pecado; como aquela também esta é verdadeira morte. Mas, embora seja morte verdadeira, a nós convém trazer para a nossa ressurreição tudo aquilo que nos cabe. Daí acrescenta: "Porque se nos tornamos uma só coisa com Ele por uma morte semelhante à sua, seremos uma só coisa com ele também por uma ressurreição semelhante à sua" (Rm 6, 5).

Apresentada a futura ressurreição, S. Paulo exige de nós uma outra ressurreição: isto é um novo estilo de vida na vida presente, pela mudança de costume.

Quando de fato um pecador se torna casto, um avarento caridoso, um irascível tranqüilo, acontece então uma ressurreição que é início da futura. E como é a ressurreição? Se morto o pecado, e ressuscitando a justiça; se, tirada a vida presente, e quase refluindo esta vida nova e angelical, se possa dizer com S. Anselmo: morreu naquele homem a intemperança, ressuscitou a sobriedade; naquele jovem morreu a impureza, a pureza ressuscitou; naquela mulher morreu a impudicícia, ressuscitou o pudor (4).

Ao ouvir vida nova, cada um procure em si muita diferença, grande mudança. Mas nos faz chorar o pensamento de quanta virtude o Apóstolo exija de nós. E ver quão fracos nos tornamos quando, depois do Batismo, nos tornamos envelhecer nos vícios; quando depois do Maná celeste voltamos a procurar os alimentos vis do Egito; quando tantas vezes rejuvenescidos pela penitência e libertados da escravidão, recaímos na triste velhice do pecado e deliberadamente oferecemos nossas mãos para as infames algemas.

4. - Perseverança no bem

Agora, se nesta Páscoa ressuscitamos de novo pela graça e morremos ao pecado, como queremos abusar de tanta misericórdia? Como não queremos perseverar com todo esforço? Que as culpas passadas - repito, e nunca será repetido suficientemente quanto é necessário - que nossas culpas passadas sejam agora sepultadas pelo dom da graça. Que depois da Penitência nos tenhamos por mortos, esta deve ser obra do nosso esforço; embora vejamos também nisto que" a graça muito nos ajuda. A Penitência não vale só para apagar os pecados passados, mas para fortalecer-nos mais contra os futuros. Como no sacramento fizemos nossa parte - isto é a contrição, a acusação e a vontade de satisfazer - assim em seguida empenhamo-nos cuidadosamente para não sermos novamente contaminados. Este é o conselho do nosso Apóstolo: "Se fomos feitos o mesmo ser que ele por uma morte semelhante à sua, sê-lo-emos igualmente por uma comum ressurreição" (Rm 6, 5).

No entanto "nossa vida é escondida em Deus com Cristo". Podemos ainda falar muito desta planta da morte; mas já sem apercebermo-nos, tendo atingido a um alegre motivo do fruto da vida, e encerrando ele, à primeira vista certa dificuldade para entendê-lo, assim cortando por amor à brevidade qualquer palavra sobre o primeiro, passemos rapidamente para o segundo.

5. - Como nossa vida de Graça esteja escondida com Cristo em Deus

E logo vejamos como se explica este modo de esconder nossa vida com Cristo em Deus. A nossa vida é vida de graça que possuímos, é vida de glória que esperamos. Uma ou outra está escondida está aos olhos do mundo. O mundo

desconhece este novo gênero de vida interior, espiritual, e santa. A aborrece e a tem em conta de melancolia e morte. Além do mais ela é escondida a seus olhos debaixo do humilde véu de mortificação e de tristeza aparentes, e de tribulações físicas. A Graça, a virtude, os dons - que são como que a alma desta vida - estão intimamente recolhidos no espírito e na mente. Diz o santo padre Agostinho: "Os bons estão escondidos por que seus bens são ocultos; e não é visível nem corporal o que eles amam; assim seus merecimentos são colocados em segredo como seus prêmios" (5). S. Gregório Magno explica ainda como esses homens virtuosos estão escondidos em Deus: Quem ama a mortificação, alegra-se muito no repouso encontrado na contemplação, daí quase morto oculta-se do mundo, e de todas as perturbações das coisas humanas se esconde no seio do interior (6).

Para citar um exemplo, ao santo conde Elzeário, tranqüilo na sua solidão alpina, Delfina, sua mulher, mas virgem - pois viviam em estado de celibato - escreveu para saber como estava. Ele respondeu: "Estou são e salvo de corpo. Se você quiser me ver, procure-me na chaga do lado de Cristo. Eu estou aí, e aí será fácil encontrar-me. Em outro lugar você procurará em vão" (7).

Vejam, agora, irmãos, a verdadeira idéia de um homem ressuscitado em Cristo. Poderá ele jamais saborear as coisas baixas da terra? Poderá ele procurar outra coisa nesta vida se não as coisas sobrenaturais e celestes entre as quais deverá viver eternamente?

6. - Como nossa vida de glória esteja escondida com Cristo em Deus

Mas justamente esta vida de glória, em cuja esperança agora nos gloriamos, é ainda mais desconhecida e vista pelo mundo; assim como ele não vê a vida gloriosa com que Cristo ressuscitou e com a qual vive em Deus, isto é, junto de seu Pai. Eis porque S. Paulo dizia "que nossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, vossa vida - isto é, causa da vossa vida - aparecer, então também vós aparecereis com ele na glória" (Cl 3, 4). Exatamente como a pérola - diz S. João Crisóstomo - que fica escondida enquanto está dentro de sua concha (8). Mais amena ainda é a semelhança que S. Agostinho usa para elucidar esse trecho. Na crueza do inverno aquela árvore, embora verde, parece seca à vista. Aproxima-se o verão e raiz viva refloresce os galhos e os reveste de frutos. Assim é a nossa vida que se assemelha ao inverno quando o nosso sol que é Cristo está longe de nós e entre nuvens escuras fica fora dos nossos olhares. Nós somos como plantas áridas por fora, sem folhagem, sem honra, sem aparência ou brilho de beleza; mas por dentro, no entanto, temos viva a raiz, a caridade, em Deus, como terra vital, fixa e fértil. Aparecerá o verão ao aproximar-se da glória de Cristo. Verão então reviver ressurgindo, e dar folhas e frutos - que são os dons gloriosos da felicidade - tanto no espírito como na carne, em nós.

"Eia, pois, - exclama aqui S. Agostinho - Eia, pois, meu, dulcíssimo Jesus, esteja firme para mim este acordo contigo: morra eu totalmente para mim e só tu viva em mim; eu todo recolhido me calarei, para que somente tu fale em mim; eu descansarei totalmente, para que somente tu aja por mim" (9) .

"Eu vivo, mas já não sou eu, é Cristo que vive em mim" (Gl 2, 20.) E em outro lugar: "A nossa cidade está nos céus" (Fl 3, 20). "E vós não viveis segundo a carne" (Rm 8, 9). E de novo: "Desejo desprender-me deste corpo para estar com Cristo" (Fl 1, 23). Eis os sublimes efeitos de um homem morto ao pecado, que não mais aprecia as coisas terrenas. Eis os sublimes sentimentos que vive escondido juntamente com Cristo em Deus, que não busca senão o que é superior e celestial, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Eis os suaves transportes de um coração arrebatado à doce alegria destes santos pensamentos.

É, pois, totalmente conveniente, irmãos, perseverar com toda diligência em seu santo propósito, e tender vivamente ao Céu sem jamais voltar os olhos à terra, "Se pois ressuscitastes com Cristo, procurai as coisas do alto, onde Cristo está sentado à direita de Deus. Apreciai as coisas celestes, não as terrenas.

7. - Ao Céu, ao Céu!

Ao Céu, pois, seus pensamentos, ao Céu seus afetos, ao Céu seus corações, onde está seu tesouro, sua vida. Lisonjeiem as riquezas, atraiam os prazeres, encantem as honras que lhes oferece a terra: não é esta sua vida. Quando aparecer a nossa vida, buscaremos então os prazeres, o descanso e o repouso. Encontraremos então as delícias, mas sem espinhos, os prazeres, mas sem tristezas, as honras, mas sem invejas. Seremos inebriados pelas torrentes das divinas satisfações. Encontraremos as delícias da tranqüila ordem da paz. E no próprio seio de Deus teremos descanso para nossas fadigas, sem necessidades que nos perturbem, sem adversidades que nos aflijam, sem moléstias que nos inquietem.

Referências Bibliográficas:

1. XXXVIII Pregação: Vila spirituale, 5 de abril de 1807.
2. S. João Crisóstomo, in Ep. ad Rom, omelia XI, c. VI.
3. Citado por Cornélio a Lapide, in ad Col., III, 3.
4. Citado por Cornélio a Lapide, in ad Col., III, 3.
5. In sententiis n. 101, citado por A Lápide, c.s.
6. Morali, l. 8. c. 19, citado por A Lápide, c. s.
7. A Lápide, c. s.
8. Citado por A Lápide, ad Col., III, 3.
9. Citado por A Lápide, ad Col., III, 4. Serm. 112, de Tempore.

TERCEIRA PARTE

I - FESTA DA TRANSLADAÇÃO DA S. CASA DE LORETO - GRAÇAS À NOSSA MÃE MARIA, O NOSSO CORAÇÃO TORNOU-SE TEMPLO DE DEUS. (1)

1. - Motivo da festa

Eu não sei, meus irmãos, se estes jovens devotos, empenhados neste dia em honrar Maria, para nutrir em si e difundir ainda em todos nós a mais terna devoção, não sei, digo, se pudessem melhor satisfazer seus cálidos fervores senão apresentando nesta sua solenidade ao nosso espírito a memória daquele aventurado prodígio pelo qual a santa casa de Maria, tirada de Nazaré das mãos dos bárbaros, viu-se um dia voar por longas extensões de terras e mares, sobre as asas dos Anjos, até nossas praias da Itália, e finalmente pousar entre nós estavelmente em Loreto.

Que é isto senão um doce convite feito ao nosso coração a fim de que voe veloz a visitar em espírito aquelas sagradas paredes, enquanto para vê-las e beijá-las devotos peregrinos partem das mais remotas partes da Europa?

Felizes paredes! Felizes um tempo guardas daquele belo lírio dos jardins celestes, que brotou dentro do vosso recinto, cresceu e difundiu dali seu odor precioso que foi suficiente para encher de fragrância o mundo inteiro! Vós, mais esplêndida que os palácios soberanos, acolhestes a Rainha dos Céus, a Esposa de Deus. Vós, testemunhas da embaixada do Anjo! E o que é mais, testemunhas do augusto mistério da Encarnação. Bem-aventuradas paredes! Ó casa consagrada pelos divinos Mistérios! Palácio de Deus, Porta do Céu! Que efeitos sublimes e dulcíssimos despertastes em nós!

Bem disse eu, portanto, irmãos, que não podiam estes jovens apresentar objeto mais doce à nossa devoção, nem melhor podiam, satisfazer a própria.

2. - O nosso coração templo de Deus

Parece-me que a própria Maria queira compensar neste dia e com esta ocasião própria, um tão grande obséquio. Pois é verdade que toda nossa suficiência vem de Deus, e que por nós somos incapazes de produzir um único bom pensamento; eu não sei de onde reclamar a origem de um santo pensamento que me formou na mente e que durou sempre com grande constância para poder comunicá-lo neste dia a toda esta minha devota audiência.

Parece-me irmãos, que Deus neste dia peça a cada um de nós o nosso coração; porque, como a Casa de Loreto, assim este coração Deus o quer

consagrar fazendo-o um templo onde Ele mesmo resida. Eu não farei senão preparar ao Senhor o caminho dispondo-vos a dar-lho com a maior boa vontade; se por acaso há alguém entre vós tão abatido de ânimo, que recusasse, por exagerada timidez, uma tão grande ventura.

E a fim de que ninguém pense que eu talvez exceda em propor coisas muito mais bonitas para imaginar-se, que fundadas para crer, ou práticas para poder verificar; ouvi sobre isto o que fala o Apóstolo: "Não sabeis que sois templos de Deus, e que o Espírito de Deus habita em vós" (1Cor 3,16). De fato, se bem que se possa dizer que Deus pela imensidão está em todo lugar, Ele habita porém de modo especial nos corações dos justos, aos quais não só a graça com todos seus dons, mas o próprio Espírito autor de toda graça e de todo dom. Agora a fim de enamorar-vos mais de um tal estado, vos peço para considerar um pouco comigo a felicidade de uma alma que por sua grande ventura já o possui.

3. - Deus se delicia conversando com os filhos dos homens

Eis, portanto, esta alma que Deus mesmo elegeu para si como um ameno e delicioso templo ou palácio para residir e deliciar-se.

Nós vemos que todos os príncipes têm um lugar de delícias onde divertir-se e aí aplicam toda sua magnificência; embelezando-o de pórticos esplêndidos, de esplêndidas salas, de amenos jardins.

O lugar de delícias do Rei do Céu, sabeis onde é? Eis: "As minhas delícias é estar com os filhos dos homens" (Pr 8, 31), isto é, conversar com eles no mais íntimo dos seus corações, e aí falar com muita paz com seus servos. Aqui é onde ele nos chama com doce convite: "Vinde libertai-vos de todos os ansiosos cuidados; esvaziai-vos dos afetos impertinentes do século, e provareis quanto é bom, quanto é suave o vosso Senhor, o vosso Deus".

4. - Felicidade da alma que em si mesma encontrou Deus

Afortunada esta alma! Ela não precisa mais andar vagando pelos caminhos ou pelas praças da cidade em busca de seu Dileto; mas já tendo-o encontrado, o Seu Amor, dentro do seu coração, pode ela ainda bem dizer: "O meu bem-Amado é para mim e eu para Ele; segurei-o e não o largarei" (Ct 2, 16; 3, 4). Que paz portanto, que serenidade, cremos nós, irmãos, deverá gozar esta alma! Já o predisse S. Paulo de todos os justos, que serão possuidores de uma grande paz. Não só goza do presente, mas antecipadamente do futuro, esperando a glória dos filhos de Deus, como prossegue o Apóstolo (Rm 5, 1-2).

Bem disse, pois Davi, que não a gotas, mas como rios e com grande ímpeto fluiria a alegria na alma que Deus santifica (Sl 45, 5).

5. - Mesmo nas tribulações da vida o justo superabunda de alegria

Embora as tribulações desta vida pareçam colocar obstáculos ao livre curso das celestes consolações, eles não fazem na verdade senão reuni-las em maior cópia, multiplicam a impetuosa cheia a fim de que superabundando vençam; daí á que "nós nos gloriamos - assim o mesmo Santo Doutor nas pessoas de todos os justos - até das tribulações. Pois sabemos que a tribulação produz a paciência, a paciência prova a fidelidade, a fidelidade comprovada produz a esperança. Oh! Deus belas palavras! - E a esperança não engana. Porque o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Rm 5, 3-5).

O Espírito de Deus de fato, fazendo a alma partícipe do seu amor, a santifica; e, portanto, dela como dulcíssima esposa se aproxima, nela habita, opera, e se delícia.

6. - Que felicidade ter Deus dentro de nós!

Que felicidade, meus irmãos, ter Deus dentro de nós! Ele é o sumo bem que pode preencher perfeitamente todas as nossas potências, porque nele são recolhidas todas as perfeições e se encontram todos os gostos para satisfazer cada coração segundo sua particular inclinação. Por isso ele em um lugar da Escritura se chama "maná escondido" (Ap 2, 17); e em um outro lugar fala: "Põe tuas delícias" no Senhor", ó coração humano; "e os desejos do teu coração ele atenderá" (SI 36, 4).

Amamos nós os bens, os prazeres? Mas quando mais os teremos senão quando possuirmos aquele que é todo bem, toda suavidade?

Alegramo-nos com as amizades? Qual amigo, mais querido que Deus? Os amigos nos amam porque em nós existe algum bem; o amor de Deus causa em nós este bem; daí Deus nos ama mais para fazer-nos bons com sua própria bondade, nos ama de forma para embelezar-nos com sua própria glória.

E quem poderá desconfiar do seu amor? "Depõe no Senhor os teus cuidados, diz o Profeta; porque ele será teu sustentáculo" (SI 54, 23). Deus é liberal em nossas necessidades; luz em nossas dúvidas, consolo em nossos trabalhos, refrigério em nossas penas, repouso nas fadigas, nosso sustentáculo, nossa fortaleza, e nossa paz.

Amamos as honras? Mas que maior honra que ser templo de Deus? E segundo a frase do Apóstolo, "glorificar e levar Deus ao nosso corpo mortal?" (1 Cor 6, 20).

Pois se tanta honra se deve às Igrejas porque são templos materiais da majestade de Deus; como não será honrado pelos Anjos e pelos homens um templo vivo, todo esplêndido, interior, em que se realizam castas e sublimes núpcias entre Deus e a alma? "Desposar-te-ei - já ele o fizera saber desde os seus Profetas - com

fidelidade e conhecerás o Senhor" (Os 11, 21), na justiça, na caridade, que estas são justamente as três gemas preciosas com que a adorna.

Se quiserdes ver também o vestido desta esposa celeste, S. Paulo o fará ver: oh! Deus! quanto esplêndido! "Vesti-vos" - ele diz - e do que? "Vesti-vos do Senhor nosso Jesus Cristo" (Rm 13, 14).

Que beleza poderá ser comparada à de uma alma que Deus adornou para fazê-la sua esposa? A mim falta-me cores para pintá-la; vos direi somente, cheio de assombro com o mesmo Apóstolo, que quem se une a Deus com uma adesão tão estreita, se torna com uma transformação amorosa um mesmo espírito com Ele (1 Cor 6, 17).

7. - Deus quer entrar no coração do pecador

Que vos parece, irmãos? Eu bem vejo que não podia neste dia tocar cordas mais suaves ao coração de uma tão piedosa e devota audiência. Porém vejo ainda que alguma coisa entre vós, por exagerada timidez, foge de um tão doce convite, e vai talvez dizendo no seu coração: Ó Deus estas coisas são tão bonitas, mas não para mim. Eu te entendo, te entendo. Tu temes talvez teus graves pecados, e tua bem conhecida miséria. Mas o que! Se diante de tudo isto eu te fizesse ver com teus próprios olhos o mesmo Cristo à porta do teu coração? E ouvisse com teus ouvidos pedindo para entrar? Abre pois as divinas Escrituras, e vê no Apocalipse o que está escrito; ouça as próprias palavras de Cristo: "Eis que estou à porta e bato". Porque duvidar mais? Agora que tua fé te dá a maior certeza acima de qualquer outro sentido? Sim, eu estou à porta do coração, e de que coração, senão do teu, ó pecador? Enquanto nos justos ele já está dentro bem acolhido e como pacífico posseiro.

Bate no teu coração neste ponto também com tantas luzes, com tantos impulsos, pondo-te diante dos olhos a felicidade suma a que tu podes chegar com os mesmos afetos que em ti desperta por ventura esta pregação. Sim, eu bato: "se alguém me abrir eu entrarei até ele". Ele fala como um hóspede que vem de noite; e significa que ele, esquecido de toda injúria e de toda repulsa, quer viver contigo com muita familiaridade de amizade e receber teus obséquios.

Nem somente diz: "eu entrarei"; mas também "cearei com ele e ele comigo" (Ap 3, 20); isto é familiarizarei, e me deixarei tratar com muita confiança deliciando-me familiarmente com ele com muita alegria, como costumam os amigos. E ele reciprocamente comigo, nesta cela deliciosa de celestes prazeres, no uso dos meus sacramentos e na comunicação suave dos mais doces e amorosos segredos; não desdenharei recebê-lo em minha casa. Onde se vê que Cristo fala sempre como um hóspede, mas muito rico e abastado, que entrando na casa dos outros beneficia muito mais e leva mais dons, que daí recebe.

Vós espantais de tais coisas feitas aos pecadores? Eu me espantarei muito mais em ver que Ele não contente em nos haver feito falar do seu amor pelos seus

servos e Profetas, desceu ele mesmo do céu, tomou-se homem para correr atrás de nós em pessoa, como um rei - diria aqui S. João Crisóstomo - como um rei que enamorado de uma simples pastorinha, disposto a tirá-la da cabana para seu palácio para torná-la sua esposa, não se contenta de expedir-lhe ilustres embaixadores; mas desce ele mesmo do seu trono e deposta toda glória, - quase temendo atemorizá-la e confundi-la com seu grande esplendor, sua simplicidade - se reveste de pastorzinho, a procura pelos bosques, e simulando maneiras rudes e simples para insinuar-se, trata por si mesmo com ela sobre seu amor (2).

Oh! Deus! Espantaremos nós com os transportes dos amantes? Eis senão que o nosso Rei Amante foi assim transportado além pelo seu amor chegando a dar a vida por nós. Oh! Amor! Vós vencestes. Não há mais escusa da nossa insensibilidade para negar a entrada do nosso coração a um Amante tão terno que pede; que nos pede só para fazê-lo feliz.

8. Cristo espera, e Maria chama, também a alma mais miserável

Aquele insólito júbilo que no vosso rosto irmãos, a toda hora se manifesta hoje, como creio firmemente que vós já abristes ao amoroso Hóspede o vosso coração, assim eu não sei bem dizer-vos que alegria sinto.

Mas ai, porém! Se entre vós tivesse uma única alma que ainda não tivesse tido um tão amoroso convite; como poderia ser perfeita a minha alegria, ao ver-me tirada a mais bela porção daquele fruto que eu já esperava quase certo? Embora eu ainda o espero.

Eis, pois, cheio daquele ardor, animado daquela fé dirijo-me a ti, mísera alma infeliz, - se aqui a houvesse - estas minhas últimas palavras: sim. Deus te quer; Deus continua a pedir-te o coração. Que fazes? Que pensas? Que duvidas ainda? Vede-o este teu coração, como triste e de muito tempo, sob o bárbaro jugo de um afeto tirano que o oprime, angustiado pela impaciência, alimentado só pela dor, fechado entre as sombras da tristeza e de temores. Ele é feito para Deus, porque o obrigas a servir ao pecado? Quantas vezes ele não te pedia - depois de tantas provas infelizes - que tu deixasses que ele se abrisse a um sacerdote, que o levasses para Deus, e tu cruel o negaste? E não é talvez isto verdadeiro? Daí é que o próprio Deus agora se move de compaixão para com ele, o procura, o atrai. Ah! quem quer que sejais, irmãos, a quem Deus toca tão fortemente o coração neste dia, atende-lhe compaixão vós também, aquietai-o uma vez este pobre coração, fazei quando vos pede, que não pede senão o que é útil para vós. Que alegria não provareis, então! Como vos parecerá coisa nova sentir-se todos de Deus, entre tantas delícias, passadas apenas tantas moléstias! Que conforto ver vossa alma como um magnífico templo! E conversar com Deus na paz da boa consciência, onde antes era um covil de demônios de maus afetos que vos angustiam e vos punham a todo momento! Encontrar dentro de vós toda consolação; não mais afligir-vos pelo passado; mas doce alegria do bem presente, e alegre esperança do futuro! E demorais um só momento para procurar-vos uma tão grande felicidade? Já Cristo vos espera, Maria vos chama. Ela, sim Ela quer abrir vosso coração ao seu

Filho. Se resististe até agora às minhas palavras, não resistireis mais às suas mãos amorosas.

9. - Maria triunfa sobre o pecador

Virgem Santa, eis-me a vossos pés. A Vós todos os nossos olhares se voltam, a Vós toda a nossa confiança, a Vós todas as nossas súplicas. Sim, a Vós se deve a honra desta vitória pois Vós haveis inspirado o conselho. Eis que já começa a despontar sobre os olhos alguma, lágrima, precursora de um largo pranto que lavarás as culpas passadas. A Vós se volta o pecador, já resolve, já propõe. O triunfo é completo. Viva, pois, o Amor! Viva a Mãe do belo Amor, Maria; exultemos todos, irmãos, louvemos Deus, louvemos Maria. E vós mais que todos louvai-a, castos jovens, aos quais a Virgem nossa Senhora tão bem compensou vosso obséquio. Vós honrastes sua casa; Ela fez do vosso coração templo de seu Filho. Nem só isto; mas por vossa causa veio-nos tão grande felicidade, pelo que esperamos que depois de haver acolhido o nosso Rei amantíssimo, como hóspede, em nosso coração, nos dará Ele lugar no seu reino, onde com Ele viveremos por todos os séculos.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação VII: La S. Casa trasferita nel nostro cuore, ossia il nostro cuore fatto tempio di Dio; 13 de dezembro de 1801: à solenidade da transladação da S. Casa, celebrada pelas jovens da paróquia de S. Paulo i n Campo Marzio.
2. Cf Expositio in Ps. V, 2.

II - O NOME DE MARIA (1)

1. - Os sentidos do nome de Maria

A santa Igreja ao propor hoje à nossa veneração o SS. Nome de Maria, entende certamente que nós nos esforcemos com nossa inteligência, por quanto podemos, entrar nos misteriosos sentidos da sua sagrada interpretação. Pois como se poderá respeitosamente reverenciar o que se ignora totalmente, ou se conhece apenas confusamente? Por isso eu acredito ser necessário senão útil ao máximo explicar de verdade e ao mesmo tempo com clareza os segredos admiráveis encerrados neste augusto Nome. Nisto nada há a temer de audácia ou de perigo. Os Santos Padres, os Santos Doutores nos precederão sempre por caminho seguro. Embora eles já tenham tratado com eloquência e com abundância, como porém seus tratados não estão nas mãos de todos, os mais simples e ignorantes não compreenderiam em si tal maravilhosa cheia de sabedoria e de doutrina que redunda nos seus escritos; assim eu me farei quase um que retribui, estreito sim, mas mais proporcionado, para prover até as mentes mais humildes das águas oportunas que lhes irriguem e as saciem a sede na necessidade e na medida, sem afogá-las ou maltratá-las com o pé só e o ímpeto.

Muitas são as interpretações deste Nome santíssimo, que todas valem para demonstrá-lo sumamente admirável e venerando.

Segundo alguns doutores, Maria quer dizer o mesmo que "exaltada". Segundo S. Jerônimo, significa "iluminadora", "Mirra", ou seja "amargura do Mar", ou também "Estrela do Mar". Segundo porém a mais própria etimologia se interpreta "Dona do Mar" (2). A esta interpretação eu me apego por que ela supõe ou compreende na sua vastíssima idéia todas as outras, como se tornará conhecido por si mesmo ao explicá-lo.

2. - Maria teve autoridade de domínio sobre seu divino Filho

Que quer dizer portanto "Maria Dona do Mar?" "Senhora do Mar"? Ó Deus! Quantos mistérios estão contidos nestas palavras! Que objetos da nossa mais profunda veneração! Vejamos um pouco o que seja este "Mar" de que Maria é declarada Senhora desde o seu nome. Mar cheio, imenso, altíssimo de sabedoria, de perfeição, de graças, é, na Divina Escritura, o Filho unigênito de Deus, Verbo encarnado, a Sabedoria não criada.

No Eclesiástico de fato lemos assim: "O meu pensamento é mais vasto do que o mar, e seu conselho mais profundo do que o grande abismo" (Eclo 24, 39). Não vos maravilheis, amados, que a Bem-aventurada Virgem seja Senhora deste Mar, quando na verdade á também mais: Mãe. Sim, Maria com toda propriedade deve dizer-se Mãe de Deus; isto é dogma de fé definida pelo Concílio Constantinopolitano II, porque desde o primeiro instante da concepção tendo sido a

natureza humana assumida pela pessoa divina, pode-se verdadeiramente dizer que Deus é concebido e nascido da Virgem Maria. Assim S. Tomás (3).

Parece que o Espírito Santo nos Provérbios pensasse em Maria, quando disse que Deus no princípio tinha circundado o mar em seus limites; "quando pôs regras ao mar" (Pr 8, 29); porque ela devia conceber em semelhante modo em seu seio e encerrar o Verbo de Deus, que é o Mar e o abismo de Sabedoria, de Poder, de Virtude, e de todo ser e bondade.

E não se deverá chamar Maria "Senhora daquele Mar" que embora imenso, ela pôde conter em seu imaculado seio? (4). O douto A Lápide sobre aquelas palavras de S. Mateus "de quem nasceu Jesus", assim escreveu: "A Virgem Mãe de Deus tinha um direito e uma autoridade materna sobre Cristo, como têm as outras mães sobre os filhos que geraram; aliás mais que as outras mães, porque ela foi mais mãe de Cristo que não as outras mães dos seus filhos. De fato Cristo nasceu só da mãe; portanto segue que a Bem-aventurada Virgem teve mais direito em Cristo que não têm as outras mães em seus filhos; e que o amor que nos outros filhos é dividido entre pai e mãe, em Cristo foi unido e todo se concentrava na Mãe" (5).

Mas que dificuldade vos pode haver em reconhecer em Maria este domínio tão excelso sobre a divina pessoa de Cristo, quando o próprio Cristo não desprezou de fazer-se e reconhecer seu súdito, dizendo o Evangelho: "E era-lhes submisso?" (Lc 2, 51).

Por isto o ilustre Bispo e Mártir Metódio dizia que só a Bem-aventurada Virgem tem como devedor Aquele que é credor de todos. Pois todos nós devemos a Deus; só a Maria Ele deve piedade e sujeição (6).

Porém se nós queremos dizer que este débito em Cristo não fosse rigoroso e que por razão da divindade ele fosse emancipado da sujeição paterna, devemos porém confessar que Cristo portou-se sempre para com sua Mãe como se estreitamente fosse sujeito; daí Ela sempre foi amada como Mãe e reverenciada como Senhora. Ouvi S. Bernardo: "Aquele Deus ao qual os Anjos são submissos, a quem obedecem" os Principados e as Potestades, eram submisso a Maria. Admire-se pois um e outro, e se eleja qual dos dois seja mais admirável: ou a benigna dignidade do Filho, ou a excelentíssima dignidade da Mãe. Um e outro é estupendo e prodigioso; que um Deus obedeça a uma mulher, esta é humildade sem exemplo; que uma mulher seja senhora de um Deus, esta é sublimidade sem confronto" (7).

Ó venerável Nome de Maria! Com que profundo obséquio não deverá ser daqui por diante nomeado por nós, miseráveis pecadores. Com que confiança invocado! Pois, se Maria teve tal autoridade de domínio sobre a pessoa do seu Filho; se Ela pode dispor com facilidade e com segurança do coração do Rei, seu soberano sim, mas também seu Filho; como não será senhora de todos os seus tesouros, daquele mar imenso de graças e de misericórdia? Eu deixo este ponto, como mais fácil de ser entendido à vossa consideração; enquanto por amor à

brevidade apresso-me em fazer correr os olhos sobre a amplidão admirável deste místico Nome.

3. - Maria tem autoridade sobre o Reino de Cristo

Nos encaminhará o Abade Ruperto: "Sendo Maria mãe do Rei coroado que Deus constituiu sobre todas as obras de suas mãos; por isso, constituída ela também como Rainha, possui com direito todo o Reino do Filho. Como não possuirá o Reino do Filho aquela que todo possui o próprio Filho? (8).

Ora quem não sabe que o Reino universal de Cristo é dividido em três grandes reinos, isto é, celeste, terrestre e infernal? Segundo o que diz S. Paulo: "para que ao nome de Jesus se dobre todo o joelho no céu, na terra e nos infernos" (Fl 2, 10). E eis em um outro sentido Maria, "Senhora do Mar".

4. Maria Rainha dos Anjos

Primeiramente pelo nome de Mar no Apocalipse é significado a multidão imensa daqueles Espíritos Celestes, em que quase como um mar lícido tranquilo se espalha e resplende a beleza do divino semblante: "Havia ainda diante do trono um mar límpido como cristal" (Ap 4. 6).

Que Maria seja senhora dos Anjos - como canta a Igreja "Rainha dos Anjos" - não por excelência ou prioridade, nem só por eminência de graças e de virtude, mas por autoridade e jurisdição; manifestasse ainda pela reverência que lhe mostraram os Anjos mesmo declarando-se sujeitos a Ela. Esta reverência - como nota Fulberto Carnotense - aparece bem claro no fato do Arcanjo Gabriel, o qual, mesmo antes que Ela fosse feita Mãe de Deus, porque sabia que deveria sê-lo, a saudou com tanta veneração e respeito (9).

O próprio Fulberto continua a provar a jurisdição de Maria sobre os Anjos, pela obediência que sempre lhe prestaram; e confirma tudo com ilustres e memoráveis exemplos (10). Mas eu devo passar logo a mostrar-vos o domínio de Maria sobre outro reino, o terrestre; quer dizer sobre todos os homens.

5. - Maria Senhora deste século

Na verdade no uso comum da Escritura o mar é assumido para representar o século presente: "Eis o mar, imenso e vasto" (Sl 103, 25).

S. Agostinho comentando este trecho do Salmo, mostra muito distinta a semelhança que tem este mundo com o mar: pela natural inconstância, pelas freqüentes tempestades, pela amargura das suas águas, e por muitos outros egrégios confrontos (11). Agora Maria é Senhora deste século. A jurisdição patenteia-se singularmente pelos seus próprios atos, que vão comandar, fazer leis, punir e semelhantes. Ela diz de si mesma: Por mim os Príncipes reinam e os legisladores decretam a justiça. Estas são justamente as palavras que os Doutores da Igreja dirigem a ela: "Por mim reinam os reis e os legisladores decretam a

justiça"* (Pr 8, 15). Se alguém quisesse insistir no sentido literal deste texto tirado dos Provérbios dizendo que se deve entender da Sabedoria não criada; eu pergunto: Quem é esta Sabedoria não criada se não o Verbo de Deus, senão o Filho de Maria?

"Mas da dominação - conclui, por mim Arnaldo Camotense, - mas da potestade do Filho não pode ser separada de modo nenhum a Mãe. Uma é a carne de Maria e de Cristo, um o espírito, uma a caridade; e do momento em que lhe foi dito: "O Senhor está contigo", perseverou inseparavelmente e a promessa e o dom". E depois resolve assim: "Portanto eu julgo que a glória do Filho não só seja comum com a Mãe, como seja a mesma" (12).

Quanto a punir, eu seria muito longo se quisesse citar todos os fatos autênticos da história. Apresentarei somente dois: um antigo, o outro mais recente, em uma só espécie de blasfemadores.

Nestório, que no século V foi ousado com sua heresia de blasfemar o nome da grande Senhora, não teve talvez que morrer com a língua sacrílega devorada pelos vermes? (13)

Poucos anos faz em uma cidade da Itália não muito distante, um blasfemador do Nome Santíssimo de Maria foi visto por uma infinidade de povo horrivelmente punido naquela mesma língua que vomitando palavras sacrílegas lhe saiu de forma disforme crescida fora da boca. O fato é certíssimo e igualmente famoso.

Aprendamos todos a respeitar o Nome de nossa Senhora e Soberana dominadora.

6. - Maria é estrela e guia deste século

Agora, porém, eu vos mostro um outro sentido ainda - não menos admirável - em que Ela se diz Senhora do Mar deste século.

Segundo o uso dos Hebreus e dos Sírios, Senhora significa também Mestra, Diretora, Guia. E esta idéia de Mestra, Diretora, Guia ou Estrela do Mar, bem se adapta a Maria que pelo mar deste século nos guia salvos à terra da promessa que é o Céu (14).

E assim - segundo S. Ambrósio - a Bem-aventurada Virgem foi muito bem figurada por aquela outra Maria irmã de Moisés, da qual os Hebreus referem esta tradição. Quando esta menina nasceu, começava justamente a amarga tirania do Faraó que fazia afogar os meninos hebreus, e assim foi dita então Maria, quase amargura do mar. Mas este nome se lhe mudou depois com melhor augúrio e por divino conselho em uma outra mais excelsa significação, quando passado o mar Vermelho e submerso o Faraó, foi chamada Maria, quase mestra e diretora do mar. Porque como Moisés esteve à frente dos homens, assim sua irmã esteve à testa das mulheres na passagem do mar; daí entoou o Cântico de Louvor a Deus (15).

Oh! Que belo campo se me abre para mostrar-vos a vontade, o amor de Maria de salvar nossas almas! Se, porém, a estreiteza do tempo não me permite apresentar-vos com minhas palavras, tenho o prazer de haver indicado às vossas reflexões. Não há necessidade de abrir-vos o caminho com os argumentos. É aberto a todos, é patente. Eia pois, devotos de Maria, entrai com vossas considerações para descobrir a grandeza, para gozar a amenidade, para alimentar-vos com seus preciosos e salutareos frutos.

7. - Maria tem domínio sobre o Demônio

Falta ainda ver como este Nome de Maria - ou seja Senhora do Mar - apresente o domínio e poder soberano que Ela tem sobre o inferno.

S. Hilário explicando as palavras do Salmo: "Quem conturbas o profundo do mar e o som dos seus fluxos", por fundo do mar entende-se o demônio; e por fluxos tempestuosos deste mar se entendem os homens perversos que seguem o demônio, tanto na malícia como na condenação (16). Daí se pode bem interpretar o SS. Nome de Maria, como Senhora também deste mar volumoso e proceloso; e se pode dizer que quando os fiéis servos de Maria invoquem devotamente este Nome admirável, fique conturbado o fundo deste mar com todo o fragor de suas vagas; "Conturbas o profundo do mar e o som dos seu fluxos".

Cresce a conveniência desta exposição dizendo ela de si, segundo os Santos Doutores que aplicam estas palavras: "Penetrei na profundidade dos abismos, andei sobre as ondas do mar" (Eclo 24, 8). E isto para mostrar que Ela domina com grande poder e virtude sobre o reino tenebroso do inferno, como S. Bemardino de Sena glosa em um seu sermão (17).

Querei assustar todo o inferno? Nomeai Maria com confiança.

Ó nome terrível aos demônios! Ó nome admirável aos Anjos! Ó nome venerável a todos os servos e filhos desta tão grande e poderosíssima Senhora do Céu, Senhora da Terra, Senhora do inferno, Senhora por isso do mar, "Senhora do Mar". E o fundamento e a razão do domínio que ela goza sobre o mar altíssimo é o seu bendito Filho, a quem seja dada honra por todos os séculos.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XXIX: II Nome di Maria; 15 de setembro de 1805.
2. Cornélio a Lápide, Commentaria in Lucam, I, v. 27. A citação de S. Jerônimo é tirada do Liber de Nominibus Hebraicis.
3. III, q. 35, a. 4, c.
4. Liturgia.
5. Commentaria in Matthaeum, I, v. 16.

6. Sermo de purificatione.
7. Sermo I super Missus.
8. In Cantica, L. III.
9. Sermo IV, De Nativitate Beatissimae Virginis.
10. Idem
11. Enarr. in Ps. CIII, Sermo IV, 4.
12. De Laudibus Virginis.
13. Baronio, Annali. T.V., an. 436.
14. A Lapide, Commentaria in Lucam, 1, v. 27.
15. Idem, Exhortatio Virginitatis, c. VII, 47, 48
16. Tractatus in Ps. LXIX, v. 9.
17. Opera omnia. Tomo IV, Serm. III.

III - A PUREZA DE MARIA (1)

1. - Tornei-me insipiente

Nesta festa solene à vossa piedade, ouvintes religiosos, devendo eu falar da pureza, e da pureza da SS. Virgem, Rainha dos Anjos, Grande Mãe de Deus; debaixo do fulgor de tão soberana excelência, não sabe resolver-me o meu abatido e venerador espírito.

Virgem santa quem é que deve aqui falar de Vós? Quem quer tecer o elogio do candor inacessível da vossa pureza? Um pecador, um homenzinho o mais miserável. Como elevar os olhos e dirigi-lo a tanta luz se o temor os aterra, e a vergonha os fecha.

Mas, porém, devemos falar, antes enfeitar a vossa oração de vestes mais solenes de gáudio e de alegria. Vós, irmãos, o quereis de todo modo; nem consentis que de outra coisa hoje se fale senão em louvor da pureza de Maria. Muito bem eu direi alguma coisa na minha insipiência. Mas recordai-vos que me haveis forçado: "Tenho-me tomado insensato! Vós a isto me obrigastes" (2Cor 12, 2).

2. - O que é a pureza

A pureza de uma coisa - segundo que tiro da doutrina do Angélico Mestre - consiste em não haver mistura com coisas inferiores a si. Assim a água se diz pura quanto mantém à sua natural clareza e esplendor, separada de qualquer partícula de matéria menos nobre e mais obscura e terrena. Assim pois como a criatura racional que é o homem, naturalmente é superior a todas as substâncias temporais e corpóreas, assim a pureza moral está nisto, que o espírito humano não se incline e não se misture por afeto desordenado a coisas baixas da terra e tanto mais inferior a si. Entre estas os prazeres sensuais, a voluptuosidade de lama, que tomam comum às bestas e aos jumentos, são as mais vis e reprováveis. Por isso aquele coração que se submete aos prazeres brutais se chama por antonomásia impuro. Pelo contrário aquela virtude - chamada castidade, de castigar, que faz a concupiscência e refreá-la para que não a sobrepuje a cavalgar a razão e a submeter o espírito - se atribui também por excelência o belo nome de pureza (2).

3. - A beleza da pureza

A beleza, o decoro desta virtude se revela da feiúra e sujidade do vício contrário. Mas para vê-la mais intimamente, basta - segundo a definição do belo que dá S. Agostinho - considerar a proporção, a harmonia, em que ela constitui as partes do homem, isto é a inferior e a superior, ordenando-as segundo a clareza espiritual da razão (3). E devemos ainda nós exclamar: "Ó quão bela é a geração casta com claridade!" (Sb 4, 1). Ó bela virtude! Ó bela pureza! Convém aliás dizer que esta virtude é em si perfeita e simplesmente bela; pois, como vemos que o belo agrada absolutamente a todos, assim a pureza em quem quer que se encontre e se veja,

atrai com doce violência ao seu amor também aqueles corações que não a possuem e são além disso deformados pelos vícios e quase desnaturados. "Ó quão bela é a casta geração com claridade!"

4. - Virgem singular

Não se deve, porém, crer que a pureza de Maria se possa louvar só pelo seu gênero. Isto seria logo - a quem bem entende - um desvirtuá-la, como se faz com todas as coisas singulares, quando dela se fala como coisas comuns. Muito mais excelente, além de todo juízo mais bela, sabemos ser nesta Virgem, Virgem singular, a pureza. "Virgem singular" (4).

Era, todavia, necessário procurar fundamento sobre o qual levantar uma escada onde nossas pequenas mentes subam a tal altura, ou subam - melhor dizendo - até onde possam, já que aquela meta beatíssima é inacessível. Talvez quem costuma voar com seu espírito, e - melhor ainda - que for cortesmente atraído, poderá aproximar-se mais, poderá entrar, poderá compreender: "O Espírito sopra onde quer" (Jo 3, 8); e "o Espírito penetra tudo, mesmo as profundezas de Deus" (1 Cor 2, 10).

Nós que não presumimos de tão grandes favores, nem podemos usar asas, mas somente pés, e pés enfermos, tentaremos a subida por degraus, e pequenos degraus. "Me empenho em conquistá-la (a meta), consciente de não ter ainda conquistado" (Fl 3, 12).

5. - A pureza conjugal

O primeiro grau comum a muitos membros da Igreja católica - o mais baixo na verdade, mas que porém merece altíssimos louvores do S. Apóstolo - pertence à pureza conjugal. "Vós todos, considerai o matrimônio com respeito" (Hb 13, 4); tanto é estimável mesmo o ínfimo grau de beleza nesta virtude. Estes são os que usam deste mundo, como se dele não usassem. Porque a figura deste mundo passa" (1 Cor 7, 21). E mantendo-se dentro dos limites do lícito e do honesto segundo as regras da razão, se abstêm mesmo com o desejo daquilo que seja lícito e não honesto: "tudo que é puro, tudo que é amável, tudo que é justo, tudo o que é de boa fama... isto deve ocupar vossos pensamentos" (Fl 4, 13).

6. - A continência da viuvez

A continência da viuvez forma um grau mais elevado de pureza. As viúvas - segundo S. Paulo - merecem particular louvor e honra, quando são verdadeiramente viúvas; isto é não só com o corpo, mas com o coração, afastada dos homens. São estas que governam a paz das famílias, que insistem noite e dia na oração, mestras de castidade e prudência, cheias de obras boas e virtuosas; "Isto é aceito diante de Deus".

7. - A pureza virginal

O terceiro grau, muito mais alto e excelente, o constituem as virgens; nas quais aparece sobremaneira clara a beleza e a luz da pureza; "ser conveniente ao homem ficar assim como é" (1Cor 7, 26). Muitas, porém, são virgens de corpo, mas não são virgens de mente. Estas são chamadas virgens apenas materialmente, pois nelas falta a forma descrita a nós pelo mesmo Mestre da virgindade o Doutor das Gentes com estas palavras: "santa no corpo e no espírito" (1Cor 7, 34).

Muitas são verdadeiramente virgens, que, porém, não sem a perfeição desta virtude, não tendo a resolução firme e constante de abster-se em perpétuo das núpcias terrenas: "Não estabeleceu firmemente" no seu coração" (1Cor 7, 37).

Algumas são também perfeitas neste eminente grau de pureza, e merecem todo o louvor da virgindade diante dos homens, mas não junto de Deus; porque satisfeitas e quase se gloriando de si mesmas de haver desprezado as núpcias terrenas, pouco ou nada cuidam de aspirar às núpcias celestes unindo-se a Deus com a oração incessante e com a amorosa contemplação, que de acordo com a mente de S. Paulo, é o fim a que é ordenada a virgindade: "Quisera ver-vos livres de toda preocupação. O solteiro cuida das coisas que são do Senhor, de como agradar ao Senhor... digo isto para vosso proveito ... para vos ensinar o que melhor convém, o que vos poderá unir ao Senhor sem partilha" (1Cor 7, 32-35).

Outras ainda mesmo oferecendo a Deus os frutos mais suaves, as flores mais belas, conservam todavia para si a posse da planta, daí podendo sempre mudar o propósito. Estas são aquelas virgens que não consagraram a Deus a sua vontade com voto.

Algumas, porém, ajuntaram também isto; "são os que acompanham o Cordeiro por onde quer que vá" (Ap 14, 4); e parece que atingiram o último limite desta virtude. De fato a que meta mais alta podem aspirar homens vivendo em carne, que vivendo não mais segundo a carne, mas em tudo segundo o espírito? "Vós, porém, não viveis segundo a carne" (Rom 8, 9). Isto supera todo o esforço da natureza; é obra só da graça. "Nem todos são capazes de entender o sentido destas palavras... escondestes aos sábios e prudentes, revelastes aos pequenos" (Mt 19, 2).

8. - A pureza de Maria é de fato preeminente

Estamos no fim da escada que tínhamos colocado. Mas quanto estamos longe ainda de tocar com o olhar a pureza de Maria! Ela sim é virgem, virgem santa de corpo e de mente, virgem perpétua, templo de Deus por união, por adesão, ao seu Esposo divino, Sacrário do Espírito Santo pela sua consagração e dedicação que fez toda de si à sua divina Majestade. Mas com quanta maior excelência são todas estas coisas na Rainha das Virgens! "Só tu sem exemplo, ó grande Virgem, agradas-te ao Senhor nosso Jesus Cristo" (5). E se muitas almas filhas da Igreja ajuntaram riquezas sobre-humanas e celestes de pureza, tu as vencestes por larga margem e sobressaístes a todas. Estas filhas de Sião viram a beleza da tua virtude,

e sem contraste de salvação te declararam felicíssima e bem-aventurada entre elas. Aquelas mesmas que vestidas de glória do seu Dileto, quase rainhas, são convidadas à ceia das núpcias do Cordeiro, levantam todas concordes as suas vozes para louvar-te, para exaltar-te, e oferecem obsequiosas seus brancos lírios e os depõem aos pés do trono da tua grandeza.

9. - Em que consiste a excelência da pureza de Maria

Mas em que consiste esta excelência de pureza? Eu desconfio de conseguí-la. Todavia eu tento acrescentar algum pequeno degrau novo a esta escada.

Comumente a pureza das virgens, mesmo as mais santas, deve combater contra as sugestões importunas do mundo e do demônio, contra as rebeliões insolentes da própria carne. Eu sei o que diz o Apóstolo que "a virtude se aperfeiçoa na enfermidade;" sei porém que "quando me sinto fraco então é que sou forte pela graça daquele que me conforta" (2Cor 7, 9). Com a morte eu me paro imóvel na complacência da lei de Deus, de cujo amor nenhuma coisa pode me separar; mas porém "sinto em meus membros uma outra lei, que repugna à lei da minha mente" (Fl 4, 13). E o espírito na verdade está pronto, mas a carne é fraca, daí sou constrangido a clamar: "Homem infeliz que sou! Quem me livrará deste corpo que me acarreta a morte (Rm 7, 23-24). Este é o estado dos justos mesmo os mais puros, viventes na terra, cujo espírito se "renova dia a dia" (2Cor 4, 16) pela graça do nosso Salvador Jesus; mas a carne geme enquanto esperando a revelação dos filhos de Deus, quando aparecerá Cristo, nossa glória, na sua glória; então também ela será mudada na ressurreição e liberada da corrupção, e a morte ficará absorvida em uma vitória completa.

Alguns, porém, entre estes, muitos eu reconheço, nos quais depois de longos combates e prolixas agonias, a graça de Cristo começou já esta vitória; e gozam antecipadamente alguns bens ou preliminares daquela paz, mesmo no meio de um campo de guerra formidável a todos. A voz de Deus que chamando-os da multidão e da confusão, os conduziu a uma solitária conversação com a Sabedoria, exigiu silêncio de suas paixões. E eis "em paz tornou-se o lugar deles" (Sl 75, 3). Este é um grau na verdade mais sublime, mas de poucos, e de fato extraordinário, e talvez não de todo estável e permanente, ao menos em todos aqueles que o alcançam. Parece que este silêncio não se faça gozar sempre, mas a intervalos segundo aquelas palavras: "Fez-se silêncio no céu - isto é na alma deste justo prevenido pelas bênçãos da doçura de Deus - fez-se silêncio cerca de meia hora" (Ap 8, 1); podendo-se nesta vida sim, começar de algum modo, mas não terminar de gozar a perfeição e felicidade da outra.

Que diremos, pois, desta Santíssima Virgem, cujo seio fúlgido de pureza não foi jamais nublado nem mesmo de vestígio de paixão contrária? O seu espírito a Deus elevado, nenhuma coisa terrena o impedia ou o perturbava. Esta é bem aquela única que se pode dizer toda bela diante dos olhos de Deus, e sem mancha: "Toda bela és, e não existe mancha em ti" (Ct 4, 7). Aliás não só não provou jamais em atos ou movimentos desregrados da natureza desordenada em suas forças

inferiores, mas a própria desordem da natureza foi dela tirada perfeitamente. Se bem que disse foi tirado? " Não reinou jamais o pecado no seu corpo mortal, prevenindo a graça na sua imaculada concepção o vício comum da natureza. Quem poderá pois compreender com as costumeiras e muito escassas medidas dos nossos juízos a excelência da pureza da grande Mãe de Deus?

Ó Deus! Esta divina maternidade, que grau de sobre-humana pureza não requeria em Maria! Muito superior à própria pureza dos Anjos! Quanto de fato pela dignidade de Mãe de Deus foi exaltada sobre todos os coros dos Anjos, tanto convinha que sua pureza excedesse com indizível vantagem aquela tão excelsa daqueles purísimos Espíritos.

10. - Os fundamentos dela nos montes santos

Eis-me, devotos irmãos, a que altura chegamos dispendo as ascensões em nosso coração, acomodadas aos breves passos dos seus tímidos pensamentos. Indo de virtude para virtude passamos toda a perfeição humana; portanto nos elevamos acima da própria perfeição dos Anjos, chegamos ao cimo destes montes tão santos; e aqui é onde se deveria começar a falar da pureza de Maria; porque somente agora chegamos onde ela tem o seu fundamento: "Os fundamentos dela estão nos montes santos" (SI 86, 1).

Mas aqui, porém, é onde eu paro, antes retiro obsequioso meu espírito, que já vacila em tanta altura e teme quase uma ruína ao mirar do alto tão profunda a sua baixeza.

Almas puras, almas amantes, continuai, pois, à alta inacessível meta; desdobrando o vôo que só se pode seguir com asas de pomba. Aqui não se trata mais de subir por virtude humanas ou entendidas pelos homens, como fizemos até agora: "Seu vigor aumenta à medida que avançam"; trata-se só de contemplar perfeições divinas; "porque logo verão o Deus dos deuses em Sião" (SI 83, 8). Sim, é preciso ver perfeições divinas. Esta Virgem é Mãe de Deus. Pensai que parto tenha sido conveniente a esta pureza; e que pureza tenha sido conveniente a este parto. Vinde, ó virgens castas, ó cândidas pombas, repousar entre estes lírios entre os quais se alimenta o vosso Dileto. "Tivesse eu asas como a pomba, voaria para um lugar de repouso" (SI 54, 7).

Vinde, ó amantes devotos de Maria e imitadores fiéis da sua pureza, sentai à sombra felicíssima desta planta de paraíso, e o seu fruto será doce ao vosso paladar. E porque ela estende amplamente, e abaixa antes cortesmente os ramos da sua proteção sobre todos, mesmo os ínfimos ante os seus servos, quem quer que tu sejas, ó irmão, ó irmã, que caminhas pelo árido deserto deste mundo, batido pelos ardores veementes de tuas concupiscências, recolhe-te com confiança tu também à sombra suave desta planta benéfica, e aí terás refrigério, repouso, salvação, ao ardido, ao afadigado, teu extraviado coração.

Referências Bibliográficas:

1. Pregação XXX: La Purità di Maria, 21 de outubro de 1805.
2. S. Tomás, II -II, q. 7, a.1, c.; Q. 151, a. 1, c.
3. Santo Agostinho, Carta III, 4 (a Nebridio).
4. Inno "Ave Maris Stella".
5. Liturgia.